UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

PELAS FALAS DO CANTO: UMA ETNOGRAFIA

Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa

Este exemplar é a redação final da tese defendida por Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa e aprovada pela Comissão Julgadora em 01/06/89.

Luiz Carlos Cagliari

Prof. Dr. LUIZ CARLOS CAGLIARI
ORIENTADOR

Campinas, março de 1988.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

PELAS FALAS DO CANTO: UMA ETNOGRAFIA

Tese apresentada por Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, do Instituto de Estudos da Linguagem - Universidade Estadual de Campinas - como requisito para a obtenção do grau de Doutor em Linguística.

Campinas, março de 1988

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

D E D I C A T Ó R I A

Dedico este trabalho à Comunidade do Canto

A G R A D E C I M E N T O S

Para a realização deste trabalho obtivemos a cooperação de inúmeras pessoas e instituições, às quais queremos registrar aqui os nossos agradecimentos.

À Universidade Federal do Piauí, através do Prô-reitor de Extensão, José Wilson Campos Batista, dos médicos Jesumar Rocha e Clélia Cunha e Silva, da enfermeira Socorro Baldoino e do motorista Francisco Moura, pelo apoio dedicado às atividades de extensão na área de saúde, desenvolvidas no Canto; através dos Pró - reitores de Pesquisa e Pós-Graduação, Deocleciano Guedes Ferreira, e posteriormente, Marlene Eulálio, pelo apoio institucional.

À Legião Brasileira de Assistência, através de Ana Maria Ferreira, pelo significativo esforço no desenvolvimento de projetos de produção na área de artesanato.

Ao CNPq, pelo auxílio financeiro à pesquisa.

À Secretaria de Educação do Estado do Piauí, através do seu Assessor de Planejamento, Luis Soares de Araújo Filho, pelo apoio na realização de eventos através dos quais se criou oportunidades de discussão e enfrentamento de problemas linguísticos do Piauí.

Aos colegas do Departamento de Letras da Universidade Federal do Piauí, os quais me incentivaram e me deram ânimo para a

realização deste trabalho, especialmente Zélia Reis, Maria Solange, Patrícia Vaughan e José Reis Pereira.

Ao orientador Luís Carlos Cagliari, pela orientação segura e pelo incentivo constante.

Aos amigos da cidade de Angical do Piauí, e de forma penhorada a Benedito e Gercinda Leal, pela acolhida sempre afetuosa e hospitaleira.

Aos amigos do Canto, indistintamente, pela acolhida fraterna, pela confiança que nos permitiram desfrutar e, principalmente, pelos laços da amizade que hoje cultivamos; em especial agradecemos ao Compadre Ilário e à madrinha Leôncia, que praticamente nos adotaram como seus.

Finalmente, agradeço ao meu marido José Inácio da Costa, antes de tudo pelo companheirismo e apoio afetivo, e também pela ajuda substancial como motorista, fotógrafo, cinegrafista, datilógrafo e, principalmente, pelas discussões que, como antropólogo, possibilitaram maior segurança às análises e conclusões deste trabalho. Agradeço aos filhos Tião e Carina pela capacidade que tiveram de suportar a falta de atenção e, em muitos casos, até de cuidados, pelo que, também, peço desculpas.

R E S U M O

Este trabalho descreve e analisa a situação sociolinguística do Povoado Canto, uma comunidade rural do interior do Piauí, cujos membros falam uma variedade de português diferente daquela falada na região. Os regionais consideram essa variedade de fala, ou como dizem, "a fala do Canto", a marca de identificação da pertinência de um indivíduo àquela comunidade.

A investigação sociolinguística dessa fala permitiu descrevê-la e analisá-la, além de identificar e caracterizar seis falares distintos utilizados na comunidade. Cada um desses falares se caracteriza por variações fonéticas em torno de uma fala genérica, ao tempo em que se constitui em marca de pertinência de um indivíduo a seu grupo de parentesco específico, do qual um dado falar é próprio. Uma perspectiva etnográfica permitiu não apenas a construção de modelos explicativos da situação linguística, mas também de importantes aspectos da organização social, da qual a fala faz parte.

A conclusão mais importante deste trabalho é a de que o grupo do Canto vive uma situação interna de multidialetalismo, onde cada falar assinala para os seus falantes a pertinência a um dado grupo de parentesco específico, prescrevendo para cada indivíduo uma série de direitos que tal pertinência implica. Dentre esses direitos destacam-se o de acesso, uso e posse da terra; direito diferenciado para os usuários dos distintos falares. Assim como cada falar marca a identidade social dos indivíduos, com base nas diferenciações e hierarquizações internas, a fala genérica marca a pertinência de cada indivíduo ao grupo do Canto como um todo, tendo por base as relações com o grupo dos regionais.

A B S T R A C T

This work describes and analizes the sociolinguistic situation of the Village of Canto, a rural community in the State of Piauí, whose population speaks a portuguese speach variety uncommom in the region. The people of this region, 'the regionals' consider this variety of speech, or as they say, 'the speech of Canto', as the identifying mark of the individuals who belong to that community.

A sociolinguistic investigation of this speech variety permits us to describe and analize it, as well as to identify and characterize six distinct internal speech varieties in the community. Each of these speech variety is characterized by phonetic variation of the generic speech variety, and at the same time constitutes the mark by which an individual is identified as belonging to a specific kinship group, of which a internal speech variety is inherent. An ethnografic perspective permits not only the construction of explicit models of the linguistic organization of this group, but also reveals important aspects of its social organization of that speech is an relevant part.

The most important conclusion at which one arrives is that the population of Canto has an internal situation of multidialetalism, in which each internal speech variety identifies the speaker as belonging to an specific kinship group, which prescribe for him certain righs implicit in such a relationship. One can point out, among these rights, the access to and use of land, a right which is different among the speakers of other internal speech variety. Thus, as each internal speech variety is a mark of internal social identity for the individuals of this community, based on differenciation and internal hierarquies, the generic speech variety is the mark of belonging for all the individuals who make up the population of Canto, having as its bases the relatioship of this population to the region.

Í N D I C E

INTRODUÇÃO 1

CAPÍTULO I

ASPECTOS SOCIOCULTURAIS GERAIS DO POVOADO CANTO 19

O Canto na Visão dos Regionais 20

O Canto na Visão Nativa 28

O Canto na Visão do Pesquisador 36

CAPÍTULO II

DESCRIÇÃO FONÉTICA DA FALA DO CANTO E DA FALA DE ANGICAL 49

Descrição Fonética dos Traços Prosódicos da Fala do Canto 57

Significado dos Tons 71

Descrição Fonética dos Traços Segmentais da fala do Canto 78

Descrição Fonética dos Traços Prosódicos da Fala de Angical 89

Significado dos Tons 94

Descrição Fonética dos Traços Segmentais da Fala de Angical 99

Traços Fonéticos Característicos da Fala do Canto e da Fala de Angical 103

Conclusão 107

CAPÍTULO III

OS DIVERSOS "JEITOS DE FALAR" DOS HABITANTES DO CANTO 111

Descrição dos "jeitos de falar" das "famílias" do Canto 113

Descrição do "jeito de falar" da "família" Da Fé 113

Descrição do "jeito de falar" da "família" Pereira 122
Descrição do "jeito de falar" da "família" Machado 128
Descrição do "jeito de falar" da "família" Gomes 132
Descrição do "jeito de falar" da "família" Paulo 140
Descrição do "jeito de falar" da "família" Araújo 144
Descrição dos "jeitos de falar" das localidades do Canto 151
Conclusão 152

CAPÍTULO IV
O PAPEL DA FALA NO POVOADO CANTO 158
A Organização Social do Canto: uma Visão Inicial 162
Os "Jeitos de Falar" do Canto: uma abordagem etnográfica 168
"Jeito de Falar" e "Família" 170
"Jeito de Falar" e Localidade 172
"Família" e Localidade: uma reconstiuição histórica 173
A Organização Social do Canto: Reformulação de um Modelo 186
O Multidialetalismo do Canto 197
Notas 212

BIBLIOGRAFIA 214
ANEXOS
Mapas do Canto 219
Símbolos Fonéticos Utilizados 225
Corpus Linguístico 227

I N T R O D U Ç Ã O

O pressuposto básico da sociolinguística é a existência de relações entre fatos linguísticos e fatos sociais. Dessa forma, a sociolinguística se contrapõe a uma tendência tradicional na linguística que não considera como relevantes as relações entre língua e sociedade, entre fatos linguísticos e fatos sociais. A abordagem sociolinguística não só traz à tona um novo tipo de fenômeno, o fato sociolinguístico, como também reconsidera o próprio objeto da linguística, a língua, alterando-lhe a natureza: um fato antes homogêneo é agora um fato heterogêneo; a língua não é apenas um fato uniforme mas, principalmente, um fenômeno de caráter multivariável.

São muitas as abordagens de estudo definidas como sociolinguísticas. Entretanto, o uso geral do termo sociolinguística não reflete acordo entre os seus usuários acerca de problemas comuns, fontes de dados, ou métodos de análise (cf. Gumperz e Hymes 1972). Assim, sob o termo se incluem tanto estudos sobre a corre-

lação entre categorias sociais e comportamento linguístico quanto de avaliação de atitudes do falante em relação à língua, análise do uso da língua e até estudos de planejamento e desenvolvimento linguístico. Apesar da diversidade de temas designados pelo termo parece que todos esses tipos de estudo se apoiam em dados diretamente observáveis no falante. Tal procedimento decorre da própria natureza dos fatos envolvidos na relação investigada pela socio - linguística: fatos linguísticos e fatos sociais. Quanto ao modo de abordagem dessa relação entre fatos linguísticos e fatos sociais, mais uma vez o desacordo se instala. De fato, a falta de consenso também se verifica com respeito aos métodos de investi - gação utilizados. Segundo Gumperz e Hymes, as publicações recentes (até 1972) revelam pelo menos que tantos são os métodos utilizados quantos são os investigadores em campo (cf. Gumperz e Hymes 1972).

A partir do pressuposto básico de que a sociolinguística estuda a relação entre fatos linguísticos e fatos sociais, duas tendências gerais são identificadas com respeito às considerações dessa relação: uma que enfatiza a preponderância da língua sobre sociedade; outra que enfatiza a preponderância da sociedade sobre língua. No primeiro caso está implicado o aspecto funcional da língua no sentido em que, conforme tal enfoque, a língua promove a interação social, estabelecendo as relações sociais que tornam possível pensar uma estrutura social, uma sociedade. No segundo caso está implicado o papel que a língua desempenha nesse processo de interação, tornando possível a reprodução das relações so - ciais (cf. Trudgill, 1974). Assim, a preponderância da língua sobre a sociedade se daria na medida em que promoveria as relações sociais e de outro lado, a preponderância da sociedade sobre a lín

gua se daria na medida em que a língua, com base nas próprias relações sociais as reproduziriam.

O que se percebe na análise dos estudos socilinguísticos são inúmeras tentativas de classificação desses estudos com o objetivo de dar-lhes sistematicidade e conferir-lhes um crescente status de cientificidade. Os trabalhos mais amplos nesse sentido constituem tentativas de identificação de tendências teóricas e metodológicas. A este respeito, Dittmar (1976) amplia essas duas tendências anteriores para quatro possibilidades de relações entre fatos sociais e fatos linguísticos.

A primeira possibilidade é a de que os fatos linguísticos refletem os fatos sociais, de modo que os fatos linguísticos seriam dependentes dos fatos sociais e neste sentido os refletiriam. Essa possibilidade, observada nos trabalhos de Labov (1972) toma os fatos linguísticos como objeto privilegiado de pesquisa e análise, atendo-se preponderantemente a esses fatos e fazendo deles o material quase exclusivo das considerações. Essa quase exclusividade reside no fato de o comportamento linguístico ser aí considerado uma variável dependente em relação a categorias sociais, tais como sexo, idade, classe social, etnia, etc., e estas sendo consideradas variáveis independentes em relação àquelas. As categorias sociais são consideradas portanto como realidades já dadas, estabelecidas e imutáveis em sua natureza e na sua relação com os fatos linguísticos. Nessa possibilidade se incluem também estudos conforme a teoria da variação linguística, onde os fatos linguísticos em variação também são condicionados por fatores não linguísticos ou externos; ou seja, fatores de natureza social diversa (cf. Tarallo, 1985). O condicionamento do comportamento linguístico pelo comportamento social é que conferiria sistematicida-

de aos fatos linguísticos:

> "a sistematização do 'caos' linguístico demonstra em seus resultados, que a cada variante correspondem certos contextos que a favorecem. A esses contextos daremos o nome de 'fatores condicionantes'". (Tarallo, 1985:36).

Os estudos e pesquisas na perspectiva dessa tendência se incluem também, numa abordagem chamada de 'correlativa' onde se situam também trabalhos de Labov, por exemplo, sobre a pronúncia de (r) na cidade de New York, onde (r) é usado como uma variável indicando status social. Com respeito à correlação entre comportamento linguístico e categoria social, diz Labov:

> "...se quaisquer dois subgrupos de falantes de New York City estão dispostos em uma escala de estratificação social, então eles estarão dispostos na mesma ordem através de seu uso diferencial de (r)". (Labov, 1972:44).

Dessa forma, consideramos que a existência e descoberta de um dado fato ou comportamento linguístico estaria na dependência da relação existente com um fato ou comportamento social correspondente e a sua sistematicidade estaria também na dependência do seu correspondente social. Se essa tendência, por um lado, amplia a dimensão do fato linguístico ao relacioná-lo a categorias sociais, por outro lado, não explora essa nova dimensão, deixando de explicar a dimensão social de que o fato linguístico se reveste. Aliás, segundo Gumperz, referido por Dittmar,

> "... correlações podem somente fornecer explicações inadequadas para variações em comportamento de fala. Em primeiro lugar, elas não explicam porque comportamento de fala varia em diferentes sociedades com categorias sociais que estão fundadas em critérios muito diferentes, e segundo (e esta é a principal objeção)

> correlação não habilita a entender as diferentes normas e regras sociais subjacentes ao comportamento comunicativo real dos sujeitos, ou a conhecer as diferenças em suas percepções das relações sociais". (Dittmar, 1976:190).

Uma segunda possibilidade é de que os fatos sociais são condicionados por fatos linguísticos, ou seja, o comportamento de fala pode condicionar o comportamento social. À semelhança da possibilidade anterior, esta tendência toma metodologicamente os fatos linguísticos como objeto privilegiado de estudo e análise, atendo-se preponderantemente a eles e fazendo deles o material quase exclusivo de estudo e considerando os fatos e comportamentos sociais como algo já dado, e podendo apenas ser modificado pelos indivíduos, na dependência do comportamento linguístico. Como exemplo desse tipo de abordagem se pode mencionar os trabalhos desenvolvidos segundo a hipótese conhecida como de Sapir-Whorf, sobre parentesco, cores e outras categorizações que demonstram a diversidade das culturas, dependentes ou condicionados por fatos linguísticos. Se pode também mencionar a teoria de Bernstein, segundo a qual há uma estreita relação entre comportamento linguístico e comportamento social, especificamente entre código linguístico e classe social. Bernstein define dois tipos de código: código restrito, e código elaborado. Os indivíduos de classe social de baixo status sócio-econômico têm acesso a apenas um código, o restrito, e constitui sua única chance linguística, ao passo que os indivíduos da classe de status sócio-econômico mais alto têm acesso ao código elaborado. Num e noutro caso, os códigos situam os indivíduos em seus lugares na estrutura social, definem seus status e produzem sua identidade social embora, no fundo, os códigos dependam das

formas das relações sociais a que os indivíduos estão submetidos. (cf. Marcuschi, 1975). Segundo Dittmar, a hipótese de Bernstein postula que o sucesso social dos membros de uma sociedade e seu acesso a privilégios sociais dependem do grau de organização de suas mensagens linguísticas, vale dizer, depende do fato de ser utilizado um código restrito ou um código elaborado. Assim, as diferenças linguísticas entre as duas categorias sociais acima aludidas, classe de baixo e de alto status sócio-econômico, definidas por Bernstein (a primeira excluída do sucesso e dos privilégios sociais e a segunda bem sucedida e privilegiada) são interpretadas em termos de um déficit (no caso, da classe de baixo status) definido em função de uma escala normativa de valores definida a priori (cf. Dittmar, 1976).

O caráter limitador essencial dessas duas possibilidades e tendências é a sua consideração de que os fatos linguísticos são de uma natureza diversa da dos fatos sociais e que mantêm com estes apenas relações ora reflexivas (no sentido de que um reflete o outro) ora condicionantes (no sentido de que um condiciona o outro) em um sentido unidirecional de reflexo ou condicionamento de uns fatos sobre os outros. Neste aspecto, as tendências em questão pouco acrescentam ao entendimento e à compreensão do social, uma vez que, privilegiando apenas os fatos linguísticos e a eles se atendo preponderantemente, o entendimento e a compreensão do social se estende para pouco além do já dado e de uma vez por todas estabelecido. Assim, por um lado, os fatos sociais teriam sempre um sentido em si mesmos, ao passo que os fatos linguísticos ora teriam um sentido em si mesmos, ora teriam um sentido dependente da relação com os fatos sociais. Isso decorre do fato de essas tendências considerarem os fatos sociais como sendo constitutivos de u-

ma estrutura social concreta, empiricamente existente, já dada e estabelecida conforme determinações próprias, como o atesta, por exemplo, o conceito de classe social utilizado por Bernstein (cf. Dittmar, 1976). Por outro lado, fato social, ou como em geral se diz, comportamento social, é considerado nessas abordagens como sendo os comportamentos manifestos, ou quando muito, normas, regras e valores explicitamente manifestados ou observados na sua operacionalidade via comportamento manifesto.

Abordagens desse tipo, embora possam dar conta de fenômenos linguísticos manifestos específicos, não explicam o seu fundamento, não penetram o seu sentido mais profundo, pois dissociam o dado empírico do seu sentido social, dissociando, em geral, as relações sociais e a interação linguística de sua percepção pelos falantes.

A terceira possibilidade é a de que os fatos linguísticos sejam determinados pelos fatos sociais. Assim, diferentemente da primeira possibilidade, nesta o comportamento linguístico não seria um simples reflexo da chamada estrutura social mas, antes, por esta determinado. Ao contrário da segunda possibilidade, nesta, a relação entre o social e o linguístico é de determinação deste por aquele. Nessa tendência predomina um tipo de abordagem ainda na perspectiva funcional, especialmente aqueles procedimentos conforme a etnometodologia, a qual considera os fatores sociais como os mais importantes determinantes do comportamento linguístico. Incluem-se nessa tendência os trabalhos sobre variação linguística , onde a variação quer interpessoal, quer intrapessoal (variação de estilo) é vista como o meio através do qual são simbolizadas as diferentes relações sociais entre os falantes. Outro tipo de investigação nessa tendência são os estudos de mudanças de códigos

em falantes bilíngues, conduzidas por Ervin-Tripp, entre outros trabalhos. A tônica dominante nas investigações e estudos dessa tendência além, naturalmente, da postulação da determinação do linguístico pelo social, é uma postura metodológica e teórica em considerar na análise do social categorias e sistemas bastante relevantes da organização social; categorias e sistemas definidos mais em termos de normas e valores sociais do que em termos socioeconômicos. Centrados preferencialmente em pequenas comunidades ou setores sociais bem específicos de sociedades com população de grande magnitude, essa tendência conduz-se metodologicamente dentro de uma tradição antropológica da qual resulta a maioria dos seus estudos e investigações. Ainda na 3ª tendência se incluem um conjunto de procedimentos teóricos e metodológicos de pesquisa denominados de etnografia da fala. A etnografia da fala é, nesta tendência, uma abordagem teórica e metodológica que resulta do reconhecimento da necessidade de os fatos sociolinguísticos serem tratados de forma interdisciplinar. (cf. Hymes, 1974).

A maioria dos trabalhos realizados na perspectiva da etnografia da fala se incluem nessa terceira tendência, que considera o comportamento linguístico determinado pela estrutura social. (cf. Sherzer, 1972; Barth, 1972).

Outros trabalhos etnográficos, porém, apontam para uma direção que consideraríamos uma quarta tendência na sociolinguística, qual seja, a de considerar os fatos linguísticos e os fatos sociais como interdependentes, ao que acrescentaríamos, mutuamente determinantes.

Na maioria dos trabalhos etnográficos da terceira tendência ainda permanece, a exemplo das duas outras tendências acima esboçadas, uma noção de estrutura social como sendo constituída de

grupos sociais concretos, estabelecendo relações sociais concre - tas, ordenados e governadas por regras e normas sociais perceptí - veis na sua aperacionalidade empírica. Nos trabalhos etnográficos da quarta tendência a noção de estrutura social é, em geral, ainda muito vaga, apontando ora para entidades concretas à maneira de categorias sociais da organização social de uma dada comunidade ou grupo social, ora também para formas de pensamento e consciência , ou seja, o modo como categorias e relações sociais são pensadas pelos membros da comunidade, incluindo-se aí conjuntos de representações que constituem o corpo ideológico da comunidade (cf. Jackson, 1974). Em nenhum caso, porém, há incompatibilidade com os pressu - postos teóricos e procedimentos metodológicos da etnografia da fala.

Esta quarta tendência é apenas apontada como plausível por Dittmar (1976), admitindo uma interdependência dialética entre comportamento linguístico e estrutura social e uma certa relação com certas condições materiais de existência. Afirma, entretanto , que não existe nenhuma trabalho que tenha sido capaz de demonstrar sistematicamente esse fato.

Na perspectiva dessa quarta tendência, a etnografia da fala, no sentido de Hymes (Hymes, 1974) é de enorme utilidade, na medida em que, para se compreender e explicar a fala de um dado grupo social é necessário que se compreenda acima de tudo o que ela representa e que visão de mundo ela conduz. Diríamos em acréscimo que para se compreender e explicar a fala de um dado grupo social é necessário que se compreenda acima de tudo o que ela representa, que visão de mundo ela conduz e produz, de que mundo real ou imaginário ela resulta e ajuda a construir.

A língua ou fala não é apenas um meio de conduzir mensa-

gens referenciais e nem um meio que apenas reflete as relações sociais, mas que as possibilita e estabelece. Assim, uma língua ou fala comporta não apenas aspectos exclusivamente linguísticos mas, também, aspectos socioculturais, de modo que língua e sociedade não estão numa mera relação de causa e efeito de direção única, mas numa relação de mútua determinação. Os aspectos socioculturais de um dado grupo são aqui entendidos não apenas como relações sociais concretamente observáveis na sua operação mas também como o sentido dessas mesmas relações, percebido ou não pelos agentes; relações que se refletem na língua, influenciando-a, condicionando-a, determinando-a, assim como esta produz seus reflexos, influências, condicionamentos e determinações naquelas. A rigor, língua ou fala é um fato social e é essa condição que constitui a unidade dialética dos fatos linguísticos e socioculturais. Dar conta dessa interdependência, dessa unidade é uma tarefa etnográfica.

A etnografia é, na origem, um procedimento da antropologia, mas a etnografia da fala não se restringe a um procedimento, quer metodológico, quer técnico, pois implica concepções teóricas importantes para a sociolinguística e para o estudo do social. Na etnografia da fala, como a entendemos, teoria e método se determinam mutuamente a fim de dar conta dos fenômenos que investiga; fenômenos transformados em objeto de estudo cujo status científico depende justamente do enfoque teórico e dos procedimento metodológicos sob os quais são tratados. Esta é uma consideração tautológica e, por isso mesmo, rigorosa. A etnografia da fala é o procedimento de pesquisa e análise que tem se mostrado mais eficaz para o entendimento, não apenas de uma situação sociolinguística específica, mas da situação social no seu conjunto. Isso porque essa a-

bordagem possibilita a consideração de aspectos socioculturais globais de um dado grupo social, tanto de forma descritiva quanto de modo analítico, essenciais para o exame dos aspectos mais relevantes da fala enquanto um sistema social. Permite, por outro lado, o exame dos aspectos mais relevantes dos demais sistemas sociais enquanto, em conjunto com o sistema da fala, constituem um amplo e global sistema de comunicação. Quando se diz que essa abordagem é também descritiva, se que dizer que neste aspecto ela não difere de grande parte das descrições etnográficas empregadas pela antropologia. Entretanto, vai além da pura descrição, de modo a permitir elucidar as interrelações dos elementos e dos sistemas.

Com a etnografia da fala, o enfoque teórico e o procedimento metodológico acerca da língua ou fala passa a ter sua dimensão interdisciplinar ampliada em razão da própria natureza do objeto que investiga, fatos sociais globais, de modo que assim se evitam os enfoques parciais de aspectos socioculturais, como geralmente feitos por linguistas, bem como os aspectos parciais de aspectos linguísticos, como geralmente feitos por pesquisadores de outras ciências sociais.

Conforme a etnografia da fala, como definida por Hymes, (1974), fala é entendida como uma atividade, portanto empiricamente observável, movida por um conjunto de conhecimentos implícitos ao nível do falante, mas que são objetiváveis e manifestados à observação do investigador a partir da própria fala. Essa abordagem permite compreender os diversos usos de fala e a normatização desses usos ao tempo em que permite também descobrir a organização dos diferentes meios linguísticos de uma sociedade ou grupo social na relação com seus demais sistemas sociais. Possibilita in-

clusive elucidações estruturais, na medida em que fala também é entendida como se relacionando mais com a conduta comunicativa do que com o comportamento linguístico manifesto, vale dizer, relaciona-se mais com a ordem do pensamento do que com a ordem da ação. É essa concepção de etnografia da fala que pode

> "nos capacitar a compreender a organização de fala na vida social e os aspectos relevantes da fala como um sistema cultural" (Baumam and Sherzer, 1973:6).

A unidade privilegiada de pesquisa, conforme a etnografia da fala, é a comunidade de fala, definida em termos de um conjunto de conhecimentos compartilhados para a conduta e interpretação de fala e ainda para a interpretação de pelo menos uma unidade de uma variedade linguística (cf. Gumperz & Hymes, 1972). Definir comunidade em termos de elementos cognitivos, mais da ordem da inteligibilidade do que da ordem da empiria (tais como conhecimentos, habilidades, regras compartilhadas, etc.) parece remeter a uma noção de estrutura enquanto pensamento, enquanto conhecimentos implícitos. Por essa razão, para ser membro de uma comunidade de fala não basta dominar as regras gramaticais de pelo menos uma língua dessa comunidade, mas dominar também todas as mensagens, no sentido de ser capaz de interpretá-las, para o que concorrem, evidentemente, todas as relações sociais, efetivas ou não, estabelecidas entre seus falantes e entre estes e a comunidade como um todo sistêmico e de cuja organização tais mensagens resultam, são parte e ao mesmo tempo condição necessária dessa organização.

Comunidade de fala é distinta de comunidade de língua. A noção de comunidade, definida apenas em termos de língua ou variedade linguística é teoricamente equivocada e metodologicamente até impossível, uma vez que, a rigor, jamais se terá uma comunida

de falante apenas de uma única língua ou variedade linguística, na medida em que língua e fala se interpenetram mas não se confundem. Comunidade de fala diz respeito a um conjunto de indivíduos concretos, ordenados numa organização concreta, sob circunstâncias específicas de interação social, governados por regras e normas sociais constantes de um elenco de determinações estruturais, explícitas, implícitas e inconscientes. Desse modo, o conceito de comunidade de fala não envolve apenas comportamento verbal, mas

> "todas as formas de língua, incluindo a escrita, sons e assobios, tambor, corneta, etc.. derivados de fala" (Gumperz and Hymes, 1972:53 54).

determinadas, cremos, e determinantes em relação àquele elenco de elementos estruturais. Dessa forma, numa mesma comunidade de fala podem coexistir línguas diferentes submetidas a uma e mesma organização de fala, e vice-versa. (cf. Hymes, 1974).

As diversas formas de fala existentes em uma dada comunidade constituem uma diversidade de fala e, num sentido adicional, comunidade de fala é definida como

"a organização da diversidade" (Hymes, 1974:433).

A organização da diversidade de fala em uma dada comunidade implica, pois, a organização dos meios linguísticos e é através dessa organização que se reflete o caráter criativo do uso da língua, uma vez que essa organização dos meios linguísticos está em relação de mútua determinação com os fatos sociais do sistema social específico do qual é parte. Ou seja, está em relação de mútua determinação com outros sistemas da organização e da estrutura social. Inversamente, poderíamos dizer em acréscimo que a organização da diversidade social de uma dada comunidade implica a organização dos meios socioculturais e que é através dessa or -

ganização que se reflete o uso criativo dos meios sociais (normas regras, etc.), uma vez que essa organização está em relação de mútua determinação com os fatos linguísticos do sistema social do qual é parte.

Essa distinção que até aqui ainda estamos fazendo entre fatos linguísticos e fatos sociais é apenas analítica, pois, os consideramos da mesma natureza, distintos e opostos mas, ao mesmo tempo, dialeticamente idênticos na unidade do social. Considera - mos que a fala, por exemplo, é para a sociolinguística o mesmo que o sonho é para a psicanálise, os sistemas de parentesco são para a antropologia, ou seja, objetos privilegiados de estudo na investigação do social. Mas a etnografia da fala, que considera a fala como um dado, um traço do sistema cultural e, assim, parte da diversidade, ainda não possui um corpo de conhecimentos e teoria sistemáticos. Como se sabe, a teoria linguística tem, na maioria das vezes, desenvolvido uma abstração dos contextos de usos e das fontes de diversidade. Por outro lado, a fala, embora considerada algumas vezes nas etnografias, o tem sido apenas como

> "mera descrição, não sendo ela própria uma tarefa teórica". (Hymes, 1974:89).

A sociolinguística de um modo geral, como já visto, investiga fenômenos que têm como domínio áreas distintas de conhecimento, especialmente a linguística, a sociologia, a antropologia. O falar ou a fala, enquanto um comportamento e para cuja investigação se dirigem todos os esforços da etnografia da fala não foi ainda investigado nem pela linguística nem pela antropologia, por exemplo. Hymes, portanto, propõe a tarefa da descrição da interação de língua e vida social numa abordagem capaz de construir essa descrição a partir das práticas ordinárias das disciplinas em cuja dimensão se inclui o falar ou a fala. Esta seria uma abor

dagem geral da sociolinguística, mas com certeza um modo seguro e eficaz para se desenvolver modelos e teorias dessa interação. A sociolinguística assim concebida é

> "uma tentativa de repensar categorias e supo - sições como bases para o trabalho linguístico e como o lugar da língua na vida humana" (Hymes 1974:VIII).

Com efeito, uma abordagem teórica e metodológica conforme a da etnografia da fala tem sido satisfatória na descrição de muitas comunidades de fala, cujos resultados têm levado a um conhecimento mais profundo não só da língua ou fala mas da própria estrutura social dos grupos estudados. Dentre inúmeros exemplos, podemos citar o caso dos índios da região do rio Uaupés, na fronteira Brasil-Colômbia (cf. Jackson, 1974), uma comunidade plurilíngue em que língua, além de constituir traço diacrítico de pertinência sociocultural a um agregado de fala, determina, entre outras coisas relações de casamento, descendência e filiação, nessa área cultural. Tal conhecimento e descrição só se tornaram possíveis através de uma abordagem etnográfica daquela comunidade de fala.

Metodologicamente, a situação social do Canto será melhor entendida através do que chamaremos aqui de aproximações sucessivas da realidade, que consiste em abordagens sequenciais em níveis de profundidade crescente. Significa que partiremos de observações as mais superficiais em termos do poder de explicabilidade da situação real, da ordem das representações, até as mais profundas e essenciais, de natureza propriamente científica. As conclusões científicas resultam da análise de materiais não só da

esfera das representações, mas também dos dados cientificamente construídos. Chamamos aqui, de representações aqueles conteúdos de pensamento manifestados explicitamente pelos sujeitos para quem esses conteúdos correspondem à realidade, mas que do ponto de vista científico do analista essa correspondência é mais acidental do que necessária. Os dados cientificamente construídos são aqueles dados brutos, objetivos, captados da realidade observada e submetidos a um tratamento teórico de enquadramento científico. Dentre tais dados brutos se incluem as próprias representações.

A conduta propriamente humana, na sua dimensão social e fundamental, é informada e dirigida em grande proporção por orientações de natureza ideológica, por representações, que têm, por isso mesmo, que ser socialmente compartilhadas. Desse modo, representações não significam uniformidade de pensamento, mas consenso quanto a crenças, valores e atitudes. Não se pode esquecer, entretanto, que as relações sociais dentro de um mesmo grupo ou entre grupos distintos se estabelecem por força dos mais diferentes condicionamentos, sejam de natureza social, cultural, econômica, etc.; mas cuja determinação é, em última instância, de natureza concreta, dependente das condições materiais de existência do grupo. Essas relações com o concreto, por sua vez, engendram formas de pensamento e consciência das quais as próprias relações sociais concretas são o substrato, isto é, geram formas e modos de pensar essas mesmas relações. Pensamentos cujos conteúdos são representações, ou seja, uma re-apresentação do que se apresenta: as relações sociais concretas. O que se apresenta é, pois, concreto na origem, mas que promove uma re-elaboração num nível teórico-ideológico com o objetivo de explicar o concreto, mas que, de fato, apenas o justifica.

Conforme o que chamamos aqui de aproximações sucessivas da realidade observada é que estruturamos o trabalho. O primeiro capítulo trata dos aspectos sócio-culturais gerais do Povoado Canto, a partir de considerações superficiais, de visões e impressões dos regionais, dos nativos e da própria investigadora. Essas visões, tanto dos regionais quanto dos próprios nativos, constituem representações acerca de um mesmo objeto: o Canto. O seu caráter de representação está no fato de só corresponder à realidade concreta apenas por acidente. Isso será demonstrado nos capítulos subsequentes.

O segundo capítulo é uma descrição fonética comparativa das falas do Canto e de Angical, uma cidade da região, representativa das relações entre o Canto com sua área de contato. Neste capítulo são descritos e analisados os traços característicos de ambas as falas, na tentativa de averiguar as "diferenças" linguísticas que, na visão dos regionais, fundamentam a "diferença" social entre os dois grupos.

O terceiro capítulo descreve e analisa os diversos "jeitos de falar" dos habitantes do Canto, a partir da visão que os próprios nativos têm da sua fala. A visão nativa do Canto sobre o seu sistema linguístico constitui um modelo de explicação não só do sistema linguístico mas da sociedade do qual é parte. Esse modelo nativo estabelece uma ligação estreita entre fala "família", e localidade, deixando transparecer o modo como os habitantes do Canto pensam sua própria situação social.

O quarto e último capítulo trata do papel da fala na comunidade do Canto. Ali se descreve a organização social do grupo, ainda numa abordagem inicial baseada no modelo nativo, após o que se faz uma etnografia dos "jeitos de falar". Com a etnografia, o

modelo nativo é reformulado, fazendo,surgir um modelo construído pelo investigador, na tentativa de fornecer uma explicação melhor da situação social do Canto. Finalmente, conclui-se pela existência de uma situação de multidialetalismo que opera acima e além de qualquer sobreposição de variedades linguísticas, estabelecendo critérios de pertinência ao grupo e às suas unidades constitutivas. E ao mesmo tempo em que os vários "jeitos de falar" operam como mecanismos de estebelecimento de relações entre indivíduos e grupos dentro da comunidade, serve também como sinal diacrítico de identidade social dentro e fora da comunidade, na relação com os regionais.

CAPÍTULO I

ASPECTOS SÓCIO-CULTURAIS GERAIS DO POVOADO CANTO

"As famílias são muitas,
mas o sangue é um só".

O Povoado Canto está situado em meio a uma região formada por oito municípios, a qual constitui o que chamamos aqui de área de contato. Essa área de contato compõe-se tanto de cidades, as sedes municipais, quanto de pequenas povoações rurais, com as quais os habitantes do Canto estabelecem algum tipo de relação. A intensidade desse relacionamento não é a mesma com todas as cidades e povoações, mas com todas elas as relações são da mesma natureza, ou seja, são relações bastante assimétricas, nas quais os indivíduos do Canto ocupam sempre a posição de subordinação e submissão. Neste sentido, os habitantes das cidades e povoados da área de contato com as quais os habitantes do Canto mantêm um relacionamemto mais frequente, compartilham a mesma visão sobre o Canto. Essa visão reflete as relações concretas de uma forma que tenta muito mais justificá-la do que exprimi-la conforme seu ver-

dadeiro sentido. Enfim, tal visão se afirma como justificativa e como desculpa para a manutenção das relações assimétricas, assinalando sempre a posição subordinada do sistema social representado pelo Canto.

A cidade de Angical do Piauí é aquela com a qual os habitantes do Canto se relacionam mais intensamente, e é nessa cidade onde se encontram maiores informações acerca do povoado e da vida de seus habitantes, sendo, pois, em Angical, onde melhor se observa a visão que os regionais têm sobre o Canto.

O Canto na visão dos regionais

Para os habitantes da área de contato a população do Canto é constituída de indivíduos que formam "um povo diferente"; uma diferença que os regionais estabelecem em relação a eles próprios, colocando-se como o parâmetro a partir do qual toda semelhança e toda diferença é avaliada. O argumento dos regionais para justificar a noção de que os habitantes do Canto formam "um povo diferente" é tal que, se esses indivíduos são diferentes, então têm uma origem diferente daquela dos regionais. E concluem que a origem dos habitantes do Canto é indígena. Com base na visão que têm sobre o que é ser índio constróem a visão que possuem acerca do Canto. Como a visão que têm dos índios é estereotipada, igualmente estereotipada é a visão que têm dos habitantes do Canto.

Essa origem genericamente indígena e a diferença específica do povo do Canto em relação aos regionais teria como traço denunciador mais característico aquilo que os regionais chamam

de "jeito de falar"; jeito de falar que, historicamente, tem sido visto como marca dessa diferença genérica e que atualmente é tido pelos regionais como marca inequívoca de pertinência de um indivíduo à comunidade do Canto. Hoje, o tal jeito de falar não se liga diretamente a uma origem indígena; esta é atribuída aos indivíduos do Canto com base em outros "indicadores", estereótipos que os regionais acreditam ser atributos concretos dos habitantes do Canto.

Segundo os regionais, nem todas as pessoas da região eram capazes de entender a fala do Canto. Hoje, eles admitem que os habitantes do Canto falam o português, embora de um modo que consideram "esquisito", "diferente" do mesmo português falado pelos regionais. Alguns dentre os regionais mais idosos chegam a afirmar que antigamente a fala do Canto era bem diferente da fala da região: "essa fala do Canto era tão diferente que nem todos aqui de Angical entendia a fala deles". Ninguém na região, entretanto, conhece qualquer dado dessa fala, seja um item lexical, seu um som qualquer que tenha sido peculiar.

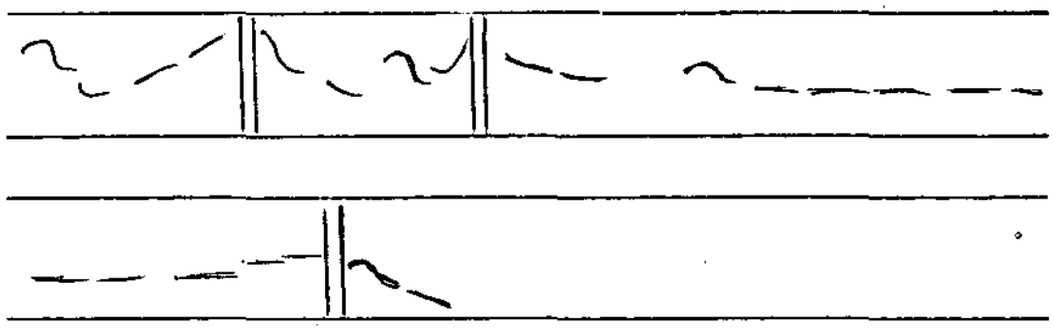
"Fala cantada", "fala engolindo as palavras", são exemplos das poucas descrições que os regionais conseguem fazer acerca da fala do Canto, sendo o atributo "esquisita" o mais genericamente enfatizado. Por outro lado, quando se pergunta acerca da fala dos habitantes de outras cidades e povoações rurais da área de contato, eles afirmam que as falas são todas parecidas, e que são uma e a mesma fala, mas a "fala do Canto é diferente, e todo mundo sabe disso".

Ao lado da fala, os regionais destacam outros traços que seriam característicos dos habitantes do Canto, tais como "jeito de andar", "jeito de vestir", etc. Para os regionais, os habitan-

tes do Canto têm um andar desajeitato, desengonçado, vestem-se de uma forma peculiar, sendo que as mulheres exageram no vertir-se , usando roupas que chamam a atenção pelas cores e padrões, além de geralmente estarem fora de moda. Como acréscimo aos traços de aparência pessoal feminina, os regionais dizem que as mulheres do Canto usam muita maquiagem, de uma maneira até exagerada. Até determinados atributos físicos são mencionados, tais como a forma do rosto, a qual seria acentuadamente triangular. Todos esses indicadores seriam, para os regionais, marcas da identificação da pertinência de um indivíduo à comunidade do Canto. O "jeito de falar", entretanto, seria a marca por excelência. Mesmo que, por ventura, algum indivíduo fuja às determinações do jeito de andar, da apresentação pessoal, do tipo físico, não escaparia à determinação da fala. Segundo os regionais, "basta abrir a boca prá saber que é do Canto".

O jeito de falar dos habitantes do Canto é tão marcante para os regionais que toda vez que a ele se referem, quase sempre o fazem tentando imitar a fala que acreditam ser própria dos habitantes do Canto. Nas imitações intentadas pelos regionais percebe-se uma fala de velocidade lenta com a característica de um rítmo silábico em que se salienta a realização de cada sílaba, tendo todas elas praticamente a mesma duração. O padrão entoacional é diferente do padrão do português regional, com contornos ascendentes-descendentes ou descendentes-ascendentes logo no início do enunciado, seguindo-se por um tom nivelado meio-baixo, mas que, no final do enunciado, há novamente tom de contorno ascendente-descendente e descendente-ascendente estreito e largo. Este último tom, que é característico de cada enunciado, incide, ou sobre o último item lexical, ou sobre o penúltimo, ou até mesmo

sobre os dois. A sílaba tônica proeminente é sempre a mais longa, e a mais intensa do enunciado, mas dificilmente é a de altura melódica mais alta, sendo normalmente descendente, média ou baixa. A sílaba de altura melódica mais alta no enunciado é quase sempre a sílaba que antecede a tônica proeminente. Exemplo:



//'Vamo, seu/Nena, corte o/pano//que a mulher está nuínha e o padre está em/cima'//

Outro aspecto característico dessa fala imitada são as pausas. Nessa fala imitada, as pausas, dentro de um enunciado,ou seja, elocuções compreendidas entre pausas, são muito breves,mas em períodos longos elas ocorrem com mais frequência na parte inicial desses períodos. Porém, na parte final, as pausas não ocorrem e, devido à sua ausência, tem-se a sensação de que o falante (aquele que está imitando a fala do Canto) vai perdendo o fôlego e se cansando cada vez mais à medida que se aproxima do final do período. O tom ascendente-descendente, característico dessa fala imitada, vai caindo cada vez mais em nível de altura melódica relativamente mais baixo do que os anteriores. Observe-se o final do perído no exemplo acima e note-se a ausência de pausas na sua parte final.

As pausas têm implicações sintáticas marcantes. Por esta razão são amplamente retratadas no anedotário regional . Inúmeros casos, histórias, são contados, como a anedota seguinte,

bastante difundida em Angical, é contada como tendo sido um evento ocorrido num baile no Canto, durante as festas do padroeiro:

> "Uma mulher do Canto dançava já a algum tempo com um homem da região, um estranho. Como o calor era muito forte, e o homem suava bastante, a mulher lhe diz em tom de exclamação:
>
> [mosɑ-kõmɑ so sɑ̃d]
>
> 'Moço, como o senhor sua!'
>
> O homem, esperançoso e satisfeito, respondeu: 'Também sou seu, meu bem'. Só depois de alguma discussão é que o mal entendido entre os dois interlocutores pôde ser esclarecido".

Vejamos em que consistem as implicações sintáticas:

1. a ausência de uma pausa em um contexto marcado do português regional torna os enunciados às vezes incompletos ou ambíguos. No exemplo acima, a falta de uma pausa entre [so] e [sɑ̃d], mais evidentemente a monotongação do ditongo [ɑ̃] em [o], como aparece no enunciado da fala imitada por um regional, estabeleceu a ambiguidade e ensejou a resposta do homem : "Também sou seu, meu bem".
2. A pausa, como já se viu, não é tão marcante no enunciado como o é no português regional. Certos equívocos semânticos em enunciados dessa fala imitada se devem em parte à ordem diferente de algumas categorias gramaticais em relação à ordem sintática correspondente no português regional, mas também se devem ao fato de a pausa não ser suficiente para marcar tal ordem sintática diferente. Por exemplo, na frase
   [eɑ̃ kɛrɑ tõmatɨ i sɛbola muɨ ɛ-freskɑ̃]
   'Eu quero tomate e cebola mulher, fresca'

> Esta frase é também uma peça do anedotário regional sobre o Canto. Observe-se que o adjetivo 'fresca' que deveria se referir ao adjetivo 'cebola' e não ao substantivo 'mulher', foi deslocado para o final da frase; assim, em vez de qualificar 'cebola' (como se pressupõe, conforme as regras gramaticais da fala da região) está qualificando o substantivo 'mulher' que está imediatamente à sua esquerda. Apesar da existência de uma pequena pausa entre 'mulher' e 'fresca' , esta não é suficiente para se remeter o adjetivo ao termo ao qual realmente deveria se referir, no caso, 'cebola'. Nesse equívoco semântico, o significado do adjetivo 'fresca', sendo remetido ao substantivo 'mulher', resulta em uma significação reprovável na região, uma vez que o termo 'fresca' tem sentido pejorativo bastante depreciável quando aplicado a pessoas.

Além dos aspectos fonéticos não-segmentais característicos dessa fala imitada há ainda alguns aspectos fonéticos segmentais também característicos, tais como a grande ocorrência de sons fricativos glotais com valores de [h] e [ɦ] substituindo sistematicamente os sons do protuguês regional com valores de [v, ʃ, ʒ] e [s] quando no final de palavra.

Deve-se observar aqui que alguns desses "traços fonéticos" mencionados como típicos da fala do Canto, embora não ocorram comumente na área de contato do povoado, ocorrem em outras regiões do Piauí, como nos municípios de São João do Piauí e São Raimundo Nonato, nos limites com o Estado da Bahia, e em outras regiões do Nordeste. Mas deve-se ressaltar que no Canto tais traços "fonéti-

cos", possivelmente devido à combinação com outros traços não-segmentais, como qualidade de voz sussurrada, etc., passam a ter um destaque maior, sendo percebidos com mais nitidez. Aliás, a influência de traços não-segmentais na percepção de segmentos é marcante. Por exemplo, a sílaba final de palavra dificilmente é percebida, devido ao sussurro produzido na cadeia sonora dessa fala imitada

O léxico da fala do Canto é praticamente o mesmo que o do português regional, mas com a supressão de sílabas, especialmente no final de palavras, ou melhor, de sílabas pós-tônicas. Por exemplo:

[tɛt] 'térmica' (garrafa)

[kõmpad̥] 'compadre'

Normalmente esse processo de queda de sílabas finais de palavra ocorre com mais frequência no final de enunciações.

Quanto aos aspectos sintáticos, os mais pertinentes da fala imitada em oposição ao falar regional é a ordem sintática diferente de algumas categorias gramaticais, principalmente advérbios e adjetivos, os quais tendem a vir geralmente no final das frases, como ocorre no exemplo dado anteriormente (pág. 9).

Cumpre esclarecer que a fala do Canto, imitada pelos regionais, é produzida de tal modo a representar aquilo que os regionais acreditam ser fato concreto na fala real do Canto. Essa imitação não deixa de ser caricatural, mas mesmo assim tem o objetivo de marcar os fatos fonológicos e fonéticos, principalmente segmentais, pensados pelos imitadores como sendo os mais marcantes da fala do Canto. Desse modo os regionais estabelecem em relação aos habitantes do Canto aquelas diferenças consideradas mais importantes: as diferenças de fala, representadas pelos

equívocos semânticos do pitoresco anedotário, enfaticamente destacados através da alteração da ordem sintática de algumas categorias gramaticais na fala imitada, em relação às mesmas categorias do falar da região. Embora os regionais, de um modo geral, consigam imitar caricaturalmente a fala do Canto e apesar de alguns imitadores especializados darem conta mesmo de alguns mecanismos pertinentes à fala real do Canto, eles não conseguem destacar explicitamente esses mecanismos. A única descrição que dão da fala do Canto é que ela é "esquisita", "arrastada", "uma fala engolindo as palavras", "falam cantando assim dum jeito".

Essa visão que os regionais têm do Canto é demonstrada com ênfase; uma ênfase que não se percebe em relação à visão que têm de outras populações da área de contato do Canto, se é que se pode dizer que os regionais têm sobre outras povoações uma visão que seja diferente daquela que têm de si próprios. Isso demonstra que os regionais mantêm com o Canto uma relação especial; uma relação que difere daquelas que mantêm com as populações de outras localidades da região. E assim procedendo, os regionais estabelecem uma diferença entre eles e os habitantes do Canto. Assim, podemos afirmar que, de fato, tal diferença existe, enquanto estabelecida pelos regionais, mesmo que nada exista que possa assegurar sua realidade concreta. O simples fato de tal diferença ser construída pelos regionais e, dentro dessa construção, a elaboração de estereótipos exemplificados no anedotário, são razão suficiente para se postular a existência de uma conjunção intercultural entre dois grupos sociais que se opõem. E desde que "jeito de falar" é um meio condutor de informações acerca do mundo do falante e os regionais denunciam a diferença do jeito de falar dos habitantes do Canto, então, isso decorre do fato de o falante do Canto con-

duzir na sua fala informações acerca de um mundo diferente daquele dos regionais.

O Canto na visão nativa

Consideramos que uma representação só pode ser considerada como tal após ter sido confrontada com a realidade à qual se refere. A priori, uma informação obtida dos regionais não pode ser considerada uma representação: é um conhecimento tido como verdadeiro pelo grupo social que o produziu e, desse modo, respeitado pelo pesquisador, desde que não seja contraditório em seus próprios termos ou que contrarie frontalmente conhecimentos já estabelecidos. Para quem enuncia uma representação, ela é um conhecimento verdadeiro sobre o real. Quando o investigador confronta essa informação com a realidade à qual ela se refere e descobre que ela é o resultado das relações dos indivíduos que a constróem com a realidade à qual ela se refere, ou seja, que ela significa aquilo que é pensado dessa relação, só então poderá ser chamada legitimamente de representação. Assim é que, para uma pessoa que não é da região e que não conhece o Canto, aquilo que dizem os regionais acerca dos habitantes daquele povoado é algo que corresponde à realidade.

Como a nossa abordagem do Canto se deu em aproximações sucessivas, as primeiras informações que o investigador obteve foram aquelas fornecidas pelos regionais. O meio de aferir o valor de verdade dessas informações foi através da obtenção da visão que os habitantes do Canto têm de si próprios. Também aí, as informações não são de uma natureza diferente daquelas obtidas dos regio-

nais, ou seja, são conhecimentos tidos como verdadeiros acerca da realidade à qual se referem. A análise é que dirá depois se se trata ou não de representações e em que medida o são.

A visão inicial que os habitantes do Canto fornecem acerca de si próprios é, a princípio, diametralmente oposta àquela que os regionais têm deles. Destacam inicialmente e positivamente aqueles aspectos que os regionais destacam de forma negativa. Afinal, estão diante de um estranho que, se não é um regional, com certeza é alguém que já tomou informações sobre o Canto com os habitantes da região. Desse modo, a "diferença", a "indianidade", os traços físicos e outras características destacadas no anedotário regional são os aspectos mais veementemente negados pelos nativos. A rigor, é até bastante ofensivo um estranho abordar tais aspectos da visão dos regionais entre as pessoas do Canto; e em certos casos é até perigoso. Mas, desde que se tenha obtido dos nativos alguma confiança que autorize a abordagem de tais temas pelo investigador, os discursos dos nativos se transformam em verdadeiras apologias da vida social do grupo. Conforme essas apologias, os habitantes do Canto são antes de tudo, um povo unido, ordeiro, pacato, inteligente, trabalhador ... e fala igual a todo mundo da região.

Após algum tempo, entretanto, é possível colher informações sobre o que realmente pensam de si próprios, as quais são complementadas pelos dados observados diretamente. Neste particular, a observação da fala é especialmente esclarecedora. Nesta direção, há dois aspectos principais da visão dos habitantes do Canto acerca de sua própria fala.

Em primeiro lugar, eles dizem falar igual aos regionais mas admitem que "eles", "os antigos", primeiros habitantes do

território, falavam mesmo diferente, "chamavam qualquer objeto era outro" ('chamavam um objeto por um nome diferente daquele pelo qual era conhecido'). Argumentam entretanto que não se tratava de uma outra língua, diferente do português; é que os "antigos" simplesmente "não sabiam falar". Tanto isso é verdade, para eles, que o primeiro professor do Canto, segundo dizem, começou a dar aulas em 1936, e sua primeira tarefa foi "ensinar o povo a falar". Enfim o que fica estabelecido como o ponto comum de todos os discursos é que "todos falam bem" o português regional, uma visão que é coerente com aquela segundo a qual eles são "um povo só", e que ali "tudo é um sangue só".

Em segundo lugar, há uma visão mais especializada, formulada por nativos, melhores conhecedores da vida social do grupo ; pessoas já adultas ou velhas, algumas das quais com destacada importância social de liderança entre seus parentes e até mesmo entre não-parentes. Segundo essa visão, cada "família", um grupo extenso constituído de várias famílias nucleares, tem seu "jeito de falar". Esses jeitos de falar seriam hierarquizados em termos de "beleza": uns são bonitos, outros são feios, variando a avaliação em uma escala que vai do mais feio ao mais bonito. A distribuição dos jeitos de falar concretos nessa escala varia conforme a pertinência familiar de quem faz essa distribuição. Em geral, um falante coloca o seu próprio jeito de falar entre os mais bonitos.

Em situações sociais onde o que se observa não é primordialmente os jeitos de falar, nota-se que um indivíduo sente-se constrangido e até indignado ao ser confundida a sua pertinência familiar. Geralmente tal indignação se manifesta quando alguém toma uma pessoa residente em uma determinada localidade A dentro do território como sendo parente dos habitantes de uma determinada

localidade B. O indivíduo em questão alega imediatamente que na sua localidade de origem não se fala tão feio como na localidade B. A partir daí obtem-se uma certeza e surge uma dúvida. A certeza refere-se a uma declaração obtida de uma pessoa do Canto: Nóis aqui sabe quem é de uma família e quem é de outra". E isso significa que um indivíduo deve conhecer pessoalmente as relações de parentesco da totalidade da população do povoado, cerca de 1.500 a 1.600 pessoas. Não é impossível que isso ocorra, mas é muito pouco provável. A esse enunciado se junta um outro, proferido por uma velha, líder na localidade onde reside e bastante respeitada em todo o povoado: "cada um tem um jeito de falar, num vê, muié, que cada um é dum lugar!". A dúvida é quanto ao fato de "jeito de falar" estar associado a "família", como os próprios nativos dizem , ou a localidade, como se nota também nos enunciados. Nenhuma família, entretanto, ocupa isoladamente e com exclusividade uma única localidade. Mas trataremos disso mais tarde.

Essa segunda visão, mais especializada e profunda, não é conhecida dos regionais, como também não o é a situação que ela pretende retratar, ou pelo menos os regionais não abordaram em momento algum essa visão especializada acerca do Canto.Entretanto, ela é bastante elucidativa de outros dados obtidos através de observação direta, os quais apontam uma contradição daquela visão inicial que os habitantes do Canto têm de si próprios. Certa vez presenciei um conflito ocorrido entre membros de uma das famílias do Canto, residente em uma localidade próxima ao núcleo central do povoado. Era uma discussão bastante acalorada sobre a conveniência do casamento de uma mulher dessa família com um rapaz pertencente a uma outra família, sendo, portanto, pertencente a um grupo de parentesco diferente daquele da mulher, e residente em uma locali-

dade diferente daquela onde residia a mulher. Os parentes da mulher afirmavam que o casamento não seria permitido porque os parentes do rapaz, ele inclusive, "são gente de sangue ruim". Como sangue ruim? Oposto a sangue bom, certamente. Então, se este é um "povo só", "as famílias são muitas, mas o sangue é um só", como explicar que em um único sangue existe uma parte boa e outra ruim? Mas que sangue ruim seria este? Estávamos diante de uma manifestação clara de divisão interna no grupo; e essa hipótese era corroborada por inúmeros exemplos citados na ocasião daquela discussão, de casamentos entre membros de famílias diferentes que resultaram em fracasso. Mas que divisão seria essa? Ela era sugerida por uma diferença de fala e por uma diferença de sangue. E fala ruim, feia, etc., corresponde a sangue ruim?

Para os habitantes do Canto, ter sangue ruim significa possuir características sociais diferenciais atribuídas em última instância a uma determinação genética onde o sangue desempenharia uma função fundamental. Esse caráter "ruim" do sangue se manifestaria na conduta geral dos seus portadores. O sangue seria responsável ainda, segundo eles, por determinados atributos físicos considerados peculiares de determinados grupos de parentesco. Assim, uma família ou grupo de parentesco possuiria membros caracteristicamente com "cintura baixa", "bunda baixa", "ombros largos", "cara redonda", "cara chata", "perna comprida", etc., e algumas combinações desses tipos, os quais existiriam de um modo geral em todas as famílias e grupos de parentesco mas que seriam predominantes em alguns grupos. Dessa forma, os nativos atribuem-se mutuamente uma ou mais dessas características, sem contudo haver consenso acerca de quais características são peculiares de cada família ou grupo em particular, ou seja, os informantes em

geral atribuem as mesmas características, especialmente físicas, a famílias e grupos diferentes. Só em um caso, a maioria dos informantes atribuem as mesmas característifas a uma mesma família. Esse tipo de caracterização é, entretanto, negativa, uma vez que na totalidade dos casos, as características apontadas comc próprias de determinado grupo não são desejáveis por nenhum habitante; os aspectos físicos, por exemplo, são considerados mais e menos como defeitos, como fuga visível em relação a um padrão idealizado como próprio do grupo do Canto como um todo ou próprio de famílias de prestígio. Esse padrão ideal não é descrito por ninguém, a não ser como um padrão genericamente vago, um físico "como o de todo mundo", "como o de qualquer pessoa". Com respeito à valorização do aspecto físico e por extensão, do sangue, havia, como vimos, consenso apenas acerca de qual família tinha as características menos apreciadas. Segundo os informantes, excetuando-se evidentemente aqueles pertencentes à família em questão, acreditavam que essa família de "sangue ruim" seria inclusive propensa a doenças graves tais como tuberculose, doenças cardíacas e derrames cerebrais.

As informações colhidas acerca da fala já apontavam em direção a dados sobre as relações sociais que se estabelecem ao nível interno do grupo e, principalmente, em direção ao modo como os nativos pensam essas relações. Com efeito, as informações sobre a fala ou falas das famílias apresentaram certa homologia de sentido com aquelas acerca da diferenciação social por sangue e responsável por características físicas e de conduta social. Assim como, com respeito à fala, não havia um consenso a respeito de qual fala ou falas eram consideradas mais feias, desprestigiadas, exceto o caso da família já referido, o mesmo ocorria com as caracte - rísticas físicas e de sangue ruim. Em todos os casos, uma das fa-

mílias era sempre apontada como a detentora das características, as mais desprestigiadas tanto em termos de físico, sangue ou fala.

Especificamente com respeito à fala, os informantes conseguiam descrever apenas uns poucos traços linguísticos, mesmo assim de uma forma vaga e imprecisa. Essas descrições eram caracterizações genéricas de um determinado jeito de falar, o qual era descrito como "fala ligeira", "fala tata" (de quem fala tateando, tropeçando nas palavras; com sons glotais), "fala de gente que tem a língua pregada atrás", "fala baixa", "fala arrastada", etc.. Parece,pois, que as relações entre fala e sociedade, no Canto, ficam evidenciadas a partir da visão que os habitantes do povoado têm sobre seu próprio grupo social. No Canto, com efeito, fala é item sempre presente na consideração de qualquer aspecto social desse grupo. Assim, com base nessa visão inicial que os próprios habitantes fornecem, podemos estabelecer o seguinte para o Canto:

1. O grupo do Canto é "um povo só"; uma sociedade homogênea, com normas e regras sociais compartilhadas. É um grupo social que tem na consanguineidade, como ela é pensada pelos nativos, um fator importante da organização social;
2. Mesmo em se constituindo "um povo só", existem diferenciações internas, pensadasser por conta de diferenças de qualidade dentro do mesmo sangue; se o mesmo sangue estabelece a unidade do grupo como um todo, as diferenças de qualidade dentro do mesmo sangue estabelecem diferenciações internas, mas de uma forma tal que a unidade no nível mais amplo não é comprometida.
3. A divisão interna está por conta da existência de pe-

quenos grupos, constitutivos do grupo total os quais são denominados de "famílias";

4. Cada "família" tem um jeito de falar próprio, como também existe um jeito de falar que é próprio de uma determinada localidade;
5. Nas relações entre "famílias" toma lugar considerações de prestígio para o qual não há um consenso amplo de valorização; nessas relações leva-se em conta também sinais ou marcas de pertinência dos indivíduos a cada uma dessas "famílias", onde aspecto físico, conduta social e fala estão envolvidos;
6. Cada "família" ocupa uma localidade determinada ou está de alguma forma associada a essa localidade à qual corresponde também um "jeito de falar".

Esses seis pontos acima considerados constituem os aspectos mais relevantes da visão que os nativos do Canto têm sobre sua própria sociedade, com respeito aos aspectos que aqui nos interessam diretamente, quais sejam, as relações entre fala e sociedade.

Como foi dito no início, um dado discurso, uma asserção em que se afirma ou se nega algo de alguma coisa, só pode ter o seu caráter de representação definido após a análise da realidade a que se refere. Até aqui, o que se pode afirmar sobre o Canto, a sua organização social e a sua fala e da relação entre esses dois aspectos é que tal relação existe e que é pensada pelos seus componentes. Mesmo estando este trabalho afeto à ciência da linguagem, não devemos esquecer que a língua ou fala não é apenas um meio de comunicação de informações referenciais entre os indivíduos. Mais que isso, a fala é algo que justifica ou marca a exis-

tência de um indivíduo no grupo social do qual é membro integrante de pleno direito. Assim sendo, a investigação da fala do grupo do Canto não pode se desenvolver de uma forma isolada dos aspectos sócio-culturais, mas como um dado a mais, se bem que muito importante; um dado cujo lugar e valor no sistema cultural do qual é parte só poderá ser definido a partir da análise de sua relação com os demais aspectos culturais e sociais do grupo.

O Canto na visão do pesquisador

Mas quem são, afinal, os habitantes do Canto? Alguns deles me foram apontados na cidade de Angical. Era um domingo, dia de feira. Eles estavam num dos lados do mercado público, numa área que usam preferencialmente, vendendo frutas, cereais, e animais de pequeno porte, como cabras, porcos e galinhas. Não consegui distingui-los dos demais feirantes; não apresentavam nenhum aspecto ou característica especial que os diferenciasse dos demais. Aproximei-me e demonstrei interesse em comprar alguma coisa. Acerquei-me daqueles que me foram indicados como sendo do Canto. Tentei conversar. A conversa não ia além do tema-objeto, ou seja, sobre preços, peso e qualidade daquilo que vendiam. Evitei abordar outro assunto que não fosse aquele que eu dava a entender estar interessada.

O preço dos produtos que vendem geralmente é a princípio, o dobro do padrão, de mercado, no dia da feira. Pensei que a cobrança desse preço tão alto era só em relação a mim, visivelmente uma estranha, como o denunciava meu jeito de vestir, de falar,

e a conduta geral que eu desempenhava no evento de fazer compras na feira. Desinteressei-me das compras e passei a observar como ocorriam as transações comerciais entre eles e os regionais. Os preços solicitados por eles continuavam altos em relação aos vigentes na feira. Percebi então que aquele preço exagerado que pediam era uma manobra elaborada pelos feirantes do Canto para estabelecerem uma grande margem de pechincha na negociação com os regionais. Ao final da transação, o negócio era concluído de modo tal que o produto era vendido em torno do preço de mercado, quase sempre abaixo deste, e mais baixo ainda no final da feira. Contaram-me depois que a pechincha é uma prática normal e bastante utilizada pelas pessoas do Canto em suas transações comerciais com os regionais. Embora tal esquema de comercialização não seja tão difundido entre os regionais, eles o adotam largamente nas relações comerciais com os habitantes do Canto, adotando o mesmo mecanismo de elevação exagerada dos preços para, ao venderem seus produtos a pessoas do Canto, estabelecerem, por sua vez, uma ampla margem de negociação em torno do preço real dos produtos. Só que nos casos em que os regionais são os vendedores, terminam por efetuarem suas vendas para pessoas do Canto por um preço acima do preço de mercado, apesar da pechincha dos habitantes do Canto.

Somente após uma observação cuidadosa do processo de interação linguística entre os feirantes do Canto e os regionais, prestando atenção cuidadosa à fala dos indivíduos dos dois grupos, é que pude perceber que realmente as falas diferem. Essa diferença, entretanto, não foi notada quando apenas eu conversava e observava apenas a fala deles. Não que tal fala específica dos nativos do Canto se manifestasse somente ao conversarem com os regionais; é que a diferença só se torna perfeitamente perceptível

quando contrastada com a fala dos regionais. Percebi a presença de alguns traços linguísticos apontados na fala imitada pelos regionais, mas não pude estabelecer numa observação passageira a regularidade com que ocorriam, e nem pude avaliar em que medida se aproximavam ou se afastavam daquela imitação feita pelos especialistas regionais.

Após essa visão inicial das características linguísticas dos habitantes do Canto, decidi fazer uma visita ao povoado, para avaliar melhor a situação. Essa primeira visita foi feita em outubro de 1976.

Acompanhada de três pessoas de Angical, que conheciam o povoado e alguns de seus habitantes, fiz uma visita ao grupo com a desculpa de comprar laranjas e limões. Queria vê-los no seu próprio ambiente. A minha expectativa era como a de quem vai entrar em contato com algo extraordinário. Tudo que ouvira dos regionais sobre o Canto e seus habitantes geravam em mim curiosidade e temor. Já me haviam falado do perigo que o povoado representava para os estranhos; as pessoas eram violentas, brigavam por qualquer motivo; eram desconfiadas, sutis e traiçoeiras. Enfim, o território do Canto era quase proibido. Alentava-me apenas um ou outro depoimento dos regionais que diziam que "o Canto agora está mais civilizado", "o Canto não é mais como antigamente", etc..

O território do Povoado Canto é de fácil acesso. Fica a 3 km da cidade de Angical, seguindo-se pela rodovia PI-4 até o limite oeste; ali se toma uma estrada carroçável e, após 2 km, chega-se à localidade central, o Canto, que dá a denominação geral a todo o território, incluindo mais seis outras localidades. Quem passa pela estrada que liga a PI-4 à sede municipal de São Gonçalo quase nem percebe aquela estreita estrada carroçável, surgida não

não se sabe de onde e indo não se sabe para que lugar; provavelmente irá dar em qualquer povoado miserável igual a inúmeros daquela região. No começo dessa estrada nada há que sugira a existência próxima de qualquer povoação, a não ser duas ou três casas nas proximidades de suas margens. Na paisagem, nada que possa diferir daquela que se observa em todo o percurso desde Angical. Mas depois de percorridos cerca de 500 metros há uma mudança quase brusca. A estrada de repente está ladeada de mata virgem, com árvores frondosas, formando quase um túnel vegetal. A estrada possui nesse trecho um aspecto sombrio, quieto, sereno. Mais adiante, na margem esquerda, começa o brejo com seus inúmeros pequenos córregos deslizando tênues por entre os buritizeiros. Custa crer que estamos em pleno sertão semi-árido do Piauí.

A estrada prossegue assim por cerca de 1 km até chegar a uma localidade quase desabitada, denominada de Canto Velho. Me informam que foi ali onde se estabeleceram os primeiros habitantes. É um local onde se situam inúmeros olhos d'água que, atualmente, abastecem um açude que fica mais abaixo. Era uma tarde ensolarada, quente mesmo, e o açude refletia na sua água a luz do sol, dando a impressão de um espelho gigantesco. Alguns metros à frente, a estrada faz uma curva brusca para a direita e, de repente, surge a localidade Canto à nossa frente. Mesmos as poucas casas às margens da estrada, à altura do açude, não sugerem a existência de cerca de 100 outras logo ali mais na frente. Nada anuncia o povoado central.

A aproximação de estranhos já fora notada, denunciada e sugerida pelo barulho do carro, de modo que as pessoas não demonstraram nenhuma surpresa com a nossa chegada. As crianças estavam todas nas portas de suas casas, protegidas pelos adultos; cães, a-

ves e porcos já haviam sido enxotados do leito da estrada. No semblante das pessoas percebia-se um olhar curioso e desconfiado.

Estamos bem no centro do Canto, a localidade mais importante do território. Nada ou quase nada ali é diferente de qualquer outro povoado rural do Piauí: um aglomerado de casas em torno de um pátio. No Canto este pátio é muito grande, cerca de 70 metros em quadro, tendo na parte leste, numa elevação, uma capelinha feita de tijolos e coberta de telhas. As demais casas são de palha ou taipa, cobertas de palhas, sem piso. Parecia que ninguém estava muito interessado em nossa presença. Aquele reboliço tão comum de adultos e crianças rodeando um automôvel num povoado do interior , o interesse de todos pelo que poderia estar ocorrendo não existia no Canto. Só um ou outro cão atrevido corria atrás do carro por alguns metros. Quando paramos o veículo e descemos, até os cães se afastaram de nós; ficamos sozinhos e permanecemos assim por alguns instantes, até que uma das pessoas que me acompanhava foi reconhecida por um dos nativos, que veio cumprimentá-la. Em seguida nos aproximamos todos de uma das casas. Só então foi que as pessoas acercaram-se de nós, permanecendo porém a uma certa distância, suficiente para observarem o que se passava e para ouvirem o que se dizia.

Eu não fui apresentada a ninguém; no Canto não se usa um procedimento desses. Fui gentilmente ignorada. Nunca se dirigiam a mim, ninguém falava comigo, ninguém perguntou quem eu era. E assim fiquei, uma estranha, ou como normalmente se diz na região, " uma ninguém". Entretanto, havia por parte de todos os nativos presentes uma disfarçada curiosidade a meu respeito. Ninguém, entretanto se arriscava a parguntar nada, a sugerir nada. Eu tinha ao mesmo tempo, naquela ocasião, uma sensação de alívio e de decepção. A-

lívio por ter constatado que se tratava de um grupo de pessoas normais, simples, aparentemente pacatas, como qualquer grupo humano da sociedade rural do Piauí; era uma povoação igual a muitas existentes na região. Estava porém decepcionada por não ter encontrado aquelas estranhas e perigosas pessoas, aquele grupo quase tribal que, quem sabe, talvez até falasse uma língua diferente em ocasiões íntimas.

Aos poucos fui me adaptando à situação, esquecendo as imagens e as fantasias que havia construído com base nas informações dos regionais e comecei a observar tudo que fosse possível, de uma forma assistemática, rápida, intensa, como que movida por um sentimento de que nunca mais poderia retornar ali. As pessoas eram de um tipo físico que se pode observar em inúmeros indivíduos da região. Muitas são pretas, mulatas, morenas-escuras, morenas-claras, brancas e até de um tipo genericamente denominado de "fogoió" ou "sararâ", um tipo de pele clara, cabelos louros, quase vermelhos, mas encaracolados igual aos cabelos dos negros. As pessoas pretas ou morenas mais escuras, não tinham os cabelos tão encaracolados ou "pichaim", como dizem, ao se referirem, na região, aos cabelos dos negros. Algumas dessas pessoas tinham os cabelos lisos e até do tipo bem "escorrido". Os demais tipos têm desde um cabelo levemente encaracolado ou ondulado até completamente liso e escorrido, tipicamente indígena.

Com respeito aos aspectos linguísticos, objeto principal dessa observação inicial, pouca coisa pôde ser observada. Aqui e ali eu conseguia perceber alguns daqueles traços demonstrados pelos regionais na fala imitada do Canto. Não eram porém tão constantes como me fizeram supor; eram, entretanto, mais perceptíveis, mais claros em umas pessoas mais do que em outras. Atribuí inici -

almente, essa diferença em relação ao padrão da fala imitada a fatores tais como sexo, idade, cujo controle se tornava bastante difícil numa situação de observação tão improvisada. O que pude observar, no entanto, deu-me a garantia de que valeria a pena desenvolver ali uma investigação com o objetivo de elucidar o fenômeno linguístico cuja existência os regionais insistiam em afirmar e do qual eu também já começara a suspeitar.

Depois dessa primeira visita, a etapa seguinte era conseguir penetrar no grupo, conviver com os seus membros, ser aceita na comunidade. Apesar dos habitantes do povoado não terem me dado a impressão de serem tão fechados como me fizeram crer os regionais, eu percebi muita reserva por parte deles no trato com estranhos. Eu já houvera obtido informações sobre a grande religiosidade do grupo. Pareceu-me, então, ser este um setor de atividades através do qual eu poderia iniciar o meu trabalho. Propus ao vigário da paróquia e às catequistas de Angical que prestavam assistência religiosa ao povoado, realizar um trabalho comunitário com a população .

A capela estava em mau estado de conservação; faltavam , especialmente, bancos e cadeiras. O piso, o teto e as portas e janelas necessitavam de reparos. Com o apoio do vigário e das catequistas, propusemos realizar com a população trabalhos de mutirão para recuperar a capela. A experiência que já tinha neste tipo de trabalho foi de grande ajuda nessa fase inicial da pesquisa, nesse contato inicial com o grupo. Se bem que essa minha atividade não tenha, no começo, significado minha aceitação por parte do grupo , dava-me, porém, um bom motivo para estar ali com eles; motivo que era entendido por eles como desprovido de qualquer outro interes - se. Por motivos éticos e metodológicos tornava-se, porém, necessário inteirá-los dos outros motivos pelos quais eu estava ali. Eu já

havia conquistado algumas amizades, e foi por essas pessoas amigas que eu comecei a explicar a minha pesquisa. Procurava sempre enfatizar que o meu trabalho de investigação não se destinava jamais e de modo algum a expor o grupo e que não seria motivo de gozação ou ridicularização do grupo. Essa minha iniciativa ocorreu num momento em que eu sentia que já podia contar com a compreensão de algumas pessoas, especialmente de algumas lideranças jovens. Estas e outras pessoas mostraram-se bastante privilegiadas devido ao meu interesse pelas genealogias que eu construia com a ajuda delas. Elas contavam-me histórias, a maioria delas justificativas e tentativas de legitimação de sua posição social, de sua situação cultural; mostravam aspectos históricos da posse do território pelos seus ancestrais, dentre outros aspectos.

Logo após eu ter sentido que poderia explicar a pesquisa para os habitantes do Canto, começa a participar do trabalho comigo o meu marido, um nativo de Angical, e do qual eu já havia falado com os habitantes do Canto. A participação do meu marido trouxe para a comunidade uma certeza e uma suspeita: certeza de que eu era a pessoa que dizia ser, ou seja, esposa de uma pessoa da região, pertencente a uma família bastante conhecida do Canto; suspeita porque essa família é notoriamente uma família de políticos, e o meu trabalho poderia estar comprometido com alguma manobra eleitoral. Com relação a essa situação, posso dizer que fui aceita pela comunidade enquanto uma participante das diversas atividades do grupo, mas que continuava sendo amplamente rejeitada na minha condição de observadora e investigadora da vida do grupo. Despertei para esse fato quando alguns indivíduos espontaneamente começaram a me alertar que algumas pessoas estavam propositadamente me fornecendo informações falsas. Como eu tinha feito muito poucas análi-

ses dos dados até então coletados, eu não tinha ainda atentado para esse fato. Observando pela primeira vez com mais detalhes os dados que havia obtido e armazenado, conseguiu descobrir inúmeras incongruências, uma certa ilogicidade do material, mas que não me autorizava a considerar um falseamento propositadamente construído pelos informantes. O que de fato ocorreu, foi que eu trabalhava o mais das vezes em torno dos relatos e das informações dos mesmos indivíduos, três ou quatro deles, que eu utilizava também como uma espécie de guia, como facilitadores das visitas, das entrevistas , dos contatos com as pessoas do povoado. Esses indivíduos captaram em pouco tempo o sentido da pesquisa, descobriram o fio condutor da investigação, a fala, haja visto terem presenciado a maioria de minhas entrevistas e contatos com muitas pessoas. De posse desses dados, meus informantes-guia passaram a orientar sistematicamente as respostas dos informantes e de todos os entrevistados. Estes , antes de receberem minha visita, já tinham uma noção das principais perguntas que eu faria, e já tinham prontas as respostas fornecidas pelos guias.

Dentre os dados linguísticos que eu coletava, justamente aqueles mais falseados pelos informantes, chamava-me a atenção especialmente os inúmeros casos de supercorreção, por ocasião das entrevistas formais, fato que não ocorria, pelo menos com a mesma frequência, nas conversas informais. As supercorreções que mais registrei envolvia um [S] fricativo alveolar surdo no final de palavra, como indicativo de plural. Em alguns casos esse som fricativo era acrescentado até às preposições e conjunções. Por outro lado, é possível que outros traços, principalmente não-segmentais , estivessem sendo destacados nessas supercorreções e que, nessa época, não pude dar conta de tais traços, por falta de familiarida-

de com os mesmos. Entretanto, eu atribuía tal fato ao caráter um tanto formal das entrevistas. Objetivando obter dos informantes aqueles dados especificamente linguísticos, constitutivos de elocuções específicas, eu mostrava-lhes determinadas figuras, gravuras e fotografias para obter deles respostas específicas. O falseamento das respostas tinha chegado a tal ponto que provocou enormes equívocos entre os informantes. Um deles chegou a dizer, ante uma fotografia de uma nuvem branca, que se tratava dos dentes de alguma pessoa. Uma informante de meia idade, ao ser-lhe mostrada uma gravura, vira-se de repente para outra mulher e pergunta: "Cuma é cumade, que o cumpade L. disse prá gente dizer?" Fiquei tão indignada que nem me recordo se conclui a entrevista.

Esse caso do falseamento provocou uma modificação nos procedimentos metodológicos. Passei a observar tudo e de forma aleatória, gravando conversas nas mais diversas situações, perguntando sobre tudo da vida da comunidade. Quando me julguei apta a distinguir entre a produção linguística usual nas mais diversas ocasiões e situações, e a produção falseada, passei então a ser um pouco mais seletiva nas minhas observações de aspectos linguísticos: selecionei informantes da minha confiança, respeitando critérios objetivos de escolha, e passei a observar aspectos específicos do meu interesse sobre a fala. Os informantes-guia , "instrutores" do falseamento, envergonhados do que haviam feito comigo, e talvez, até mais por ingenuidade do que por má fé, passaram a darme uma colaboração muito mais intensa e sincera do que normalmente se esperaria de informantes nos primeiros meses de uma pesquisa de campo em uma comunidade fechada. Os demais informantes desde então faziam questão de me contar tudo que eu quisesse saber e até a reformular informações dadas anteriormente. Este foi o sinal que

me garantiu que eu havia sido aceita entre eles. Tornei-me quase um membro do grupo; um membro destacado dos demais, considerado um pouco superior aos membros verdadeiros, pelo fato de ser "rica" ou "bem empregada", "sabida", "da cidade", etc., mas, mesmo assim, uma pessoa com direitos de participação na vida social do grupo em um nível que nenhuma estrangeiro tinha até então conseguido.

Após oito meses de investigação, ou melhor, de tentativas infrutíferas de condução de uma pesquisa, é que pude ter segurança acerca dos dados que eu coletava diretamente de informantes. A partir de então tornou-se possível obter inúmeros outros dados sobre a vida social do grupo, pelo menos até o ponto onde os informantes tinham consciência do seu próprio acontecer social. Muitas pessoas da comunidade passaram a se interessar pelo "livro"que eu iria escrever sobre o Canto; um interesse movido pela satisfação que tinham de verem a sua vida retratada num meio prestigiado, valorizado, de comunicação, o meio escrito, e movido também pela necessidade de terem certeza de que a história e a vida da comunidade seria contada da forma real, correta.

No segundo semestre de 1979 a dissertação foi escrita, e em dezembro do mesmo ano foi defendida, encerrando-se, assim, essa minha primeira atividade científica no Canto.

Uma nova pesquisa foi iniciada em dezembro de 1982, com o objetivo de investigar a fala do Canto considerando, dessa vez , o ponto de vista dos falantes acerca de sua própria fala. Apesar de a primeira pesquisa haver demonstrado haver diferenças fonéti - cas e fonológicas significativas da fala do Canto em relação à fala de Angical, a visão nativa obtida então, atestava que os habitantes do Canto falavam igual aos regionias. Esta era uma contra - dição que incomodava, e que era preciso explicar. Assim, nessa segunda pesquisa, optamos por investigar a fala do Canto relacionan-

do-a com outros aspectos da vida social do grupo. Para tanto adotamos uma abordagem etnográfica acrescida de um procedimento de participação intensa nas atividades da comunidade, de modo a nos habilitarmos a perceber mais acuradamente os eventos linguísticos e suas relações com os demais aspectos da vida social.

Nessa oportunidade, meu marido desenvolvia no Canto uma pesquisa antropológica, fato que nos permitiu uma proveitosa troca de informações e de experiências em duas disciplinas tão estreitamente relacionadas e, ao mesmo tempo, em muitos casos, tão distanciadas dos avanços uma da outra. Nós havíamos fixado residência em Angical, no final de novembro, com o fim específico de realizarmos nossas pesquisas. De Angical seguíamos diariamente até o Canto, lá permanecendo o dia inteiro, e retornávamos à noite. À noite trocávamos, eu e meu marido, informações acerca do que acontecera durante o dia, fazendo, no final, uma síntese das conclusões tiradas. Tudo era gravado em fita magnética para, segundo José Inácio,

> "... evitar perda de tempo na escrita de um diário de Campo. Este método é proveitoso, pelo menos até o ponto em que se pode chegar a um acordo quanto à coerência dos dados obtidos por um e outro pesquisador" (Costa, 1985:12).

Ou como costumamos dizer quando nos referimos às pesquisas que fazemos juntos, 'até o ponto em que as divergências teóricas e metodológicas não se transformam em conflito conjugal'.

Após essa permanência em Angical, passamos a visitar o povoado durante fins de semana, feriados e greves de professores universitários. Nessas ocasiões hospedávamos no próprio Canto, em casas de amigos, fato que favoreceu sobremaneira nossa integração cada vez maior com a comunidade, habilitando-nos a observar eventos que até então não tinha sido possível. Por outro lado, e-

ra comum hospedarmos pessoas do Canto em nossa casa em Teresina , ocasiões que se constituiam em oportunidades adicionais de investigação.

A pesquisa foi concluída em março de 1986, se é que se pode dizer que uma pesquisa desse tipo pode algum dia ser concluída. De fato, cada vez que visitamos o Canto ou recebemos em nossa casa alguma pessoa do povoado, sempre descobrimos alguma coisa nova, que complementam informações anteriores. Ficamos, então, a lastimar não podermos mais, para o presente trabalho, trabalhar essas novas informações.

Realizar uma pesquisa de campo em que, devido a exigências teóricas e metodológicas, tem-se que promover uma interação, uma participação crescente com a comunidade, não produz apenas um resultado de cunho científico limitado ao que fica escrito no papel; gera, muito mais que isso, uma responsabilidade social em razão das simpatias que conquistamos, das amizades que construímos, e da realidade que ajudamos a tornar mais transparente. As implicações éticas são muitas. Os resultados desse trabalho podem se constituir em uma arma a favor ou contra o Canto. Somos bastante conscientes do papel que teremos daqui prá frente em relação àquela comunidade, condenados que estamos a tentar, a pedido dela, esclarecer cada vez mais a realidade da qual, em muitos aspectos, nem mesmo eles tomam consciência. Cabe-nos, como quase membros da comunidade, orientá-la quanto à melhor utilização dos resultados desse trabalho.

CAPÍTULO II

DESCRIÇÃO FONÉTICA DA FALA DO CANTO E DA FALA DE ANGICAL

As visões sobre a fala do Canto, construídas tanto pelos regionais quanto pelos próprios falantes nativos dessa fala, dizem respeito, principalmente, a fatos fonéticos, mais precisamente a traços prosódicos (v. cap. I). Por isso é que, neste capítulo, se descreverá foneticamente a fala do Canto bem como a variedade do português regional. O objetivo principal dessa descrição é avaliar as considerações feitas sobre o falar do Canto pelos regionais e pelos nativos e, em certa medida, avaliar também a importância desses fatos fonéticos, sobretudo no falar do Canto. Seriam essas considerações a respeito da fala do Canto descrições da fala concreta? Até que ponto a visão dos regionais acerca da fala do Canto não constituem justificação do domínio sobre os ha-

bitantes daquele povoado?

Na tentativa de esclarecer o significado das considerações sobre esse falar que, conforme os regionais, é "cantado", ou "esquisito", etc., e que conforme os nativos, seria caracterizado por uma fala "tata", "arrastada", "ligeira", etc., é que se descreverá em primeiro lugar a fala do Canto como se opondo genericamente ao falar regional. Em outro capítulo, se fará a descrição dos diversos "jeitos de falar" do Canto, conforme a visão especializada dos nativos.

Convém lembrar que a modalidade fonética é a que mais corresponde à representação dos aspectos físicos dos sons, mas que, como tal, dificilmente seria percebida pelos falantes nativos, já que a esta se sobrepõe uma outra realidade, no caso, psicológica e intuitiva, que é a realidade fonológica. Como declara Sapir,

> "No mundo físico, falantes e ouvintes leigos emitem e são sensíveis a sons, mas o que eles sentem que estão pronunciando e ouvindo são "fonemas" (Sapir, 1981:38)

Paradoxalmente, o linguista que investiga os fonemas de uma língua só o faz através da descrição dos sons emitidos pelos falantes na sua comunicação verbal. Para isso, o investigador dos sons da fala alia a crença na segurança dos meios de que dispõe para descobrir esses sons à responsabilidade social que os resultados dessa investigação possam proporcionar. No caso específico da investigação dos sons tanto da fala de Angical quanto da fala do Canto, o confronto dessas duas realidades fonéticas ganha maior proporção, dado o significado social que tais realidades possuem nas relações sociais desses falantes quer intra ou intergrupal . Por outro lado, é objetivo da presente descrição servir como pa-

râmetro para o estudo das realidades concretas da fala dos habitantes do Canto. A partir dessas realidades concretas de fala serão, então, estudados outros aspectos da vida social daquela população. Contudo, a representação fonética, como se sabe, traduz o dado físico da fala, que é um contínuo, numa cadeia discreta de elementos, o que, evidentemente, a torna menos concreta que o próprio dado físico.

Na medida em que as respectivas realidades linguísticas dos dois grupos são pensadas por ambos como marcos diferenciadores das situações e condições específicas de cada um, as noções construídas por cada um sobre sua própria realidade linguística e sobre a do outro, constituem visões, ou melhor "visões de fala", como parte de uma visão de mundo. A análise linguística das visões de fala torna possível elucidar e tornar transparente a realidade linguística concreta de cada grupo e, em decorrência, a realidade social. Além do mais, as visões que um grupo constrói sobre o que pensa ser a realidade concreta do outro e sobre as relações sociais concretas que se estabelecem entre ambos permitem, através da análise, desnudar e tornar transparentes para o investigador,a natureza real dessas relações concretas. Daí decorrerá uma enorme responsabilidade social e ética para o investigador, com referência aos resultados dessa investigação.

A abordagem teórica e metodológica dessa descrição deverá dar conta de todos os aspectos sugeridos nas considerações feitas sobre a fala do Canto, tanto pelos regionais quanto pelos nativos. Os aspectos prosódicos e de qualidade de voz serão descritos e discutidos, principalmente, segundo o modelo de Crystal.(Crystal, 1969 e 1975). Trata-se de um modelo paramétrico da entoação ,

ou seja,

> "uma definição mais ampla, com consequente aumento da complexidade ao nível formal , mas, no final das contas, com menor envolvimento da semântica" (Crystal,1969:195).

Esse modelo de descrição de entoação, além de abrangente, se relaciona com traços prosódicos de diferentes sistemas. A entoação é, então, vista como

> "um complexo de traços de diferentes sistemas prosódicos. Esses traços variam em relevância, mas os mais centrais são tom, níveis de altura e força, com cadência e velocidade de fala também estreitamente relacionados" (Crystal, 1969:195).

Para Crystal, há a constatação de que certos traços prosódicos são mais significativos do ponto de vista linguístico do que outros, havendo, assim, uma hierarquia entre esses traços, que vai desde o tom, no alto da escala, até as variações de velocidade de fala, mais baixo na escala de pertinência linguística.

Traços prosódicos, de um modo geral, não têm sido abordados em modelos descritivos específicos. Modelos descritivos de entoação têm se referido a alguns traços prosódicos, mas relacionados com a própria entoação. Por exemplo, no modelo de descrição da entoação proposto por Pike (1945), a entoação é reduzida a variações de altura melódica, apesar do próprio Pike reconhecer dois fatos:

1º - vários fenômenos se relacionam com o contorno melódico, sendo uns fonéticos e outros não-fonéticos;

2º - ritmo e pausa estão intimamente relacionados com o contorno melódico. Contudo, segundo o autor, ritmo e pausa devem ser estudados independentemente de

melodia.

Já para Halliday (1970) o ritmo é o único fato prosódico que se relaciona com a entoação. Entoação é, portanto, resultante de três sistemas que desempenham funções diferentes na gramática, mas de forma independente, a saber, tonicidade, tonalidade e tom.

Tonicidade diz respeito à colocação da tônica no Grupo Tonal (GT) e ao número de tônica em cada um dos grupos tonais. Assim, ritmo exerce um papel determinante no sistema de tonicidade , uma vez que as possibilidades da tônica proeminente estão limitadas pelas sílabas dos pés que constituem o grupo tonal.

Realmente, é o modelo descritivo da entoação, segundo Crystal, o que mais se relaciona com traços prosódicos. Nesse modelo se considera que há fatos prosódicos que se relacionam com variações melódicas e, por isso, fazem parte da descrição entoacional. A hipótese central dessa abordagem sustenta que os aspectos não-segmentais de fala exibem uma estruturação ainda não totalmente revelada e afirma haver uma correlação entre os sistemas foneticamente mais discretos e seu maior valor funcional. Desse modo, nessa visão mais aberta de entoação, qualquer estudo entoacional deve ser precedido da identificação das unidades relevantes.

Traços prosódicos não são tão rigidamente ou discretamente definíveis como fonemas segmentais, mas o critério para estabelecê-los é similar. Os traços prosódicos reconhecidos como significantes são os que efetivamente estabelecem contrastes dentro do sistema. Como observa Crystal, os traços prosódicos significantes, quando omitidos numa elocução, causariam estranheza linguística para o grupo de falantes. (cf. Crystal, 1969). Foneticamente,

> "traços prosódicos se definem como efeitos vocais constituídos por variações ao longo dos parâmetros de altura melódica, força, duração e silêncio" (Crystal, 1969:128).

Outros traços não-segmentais de fala que também entram na definição da entoação de uma elocução, além dos traços prosódicos, como definidos acima, são os chamados traços paralinguísticos. Traços paralinguísticos seriam

> "efeitos vocais produzidos com as cordas vocais mas como resultado direto do esforço da faringe e das cavidades nasais e orais" (Crystal, 1969: 128).

São foneticamente menos discretos e estão mais sujeitos a variações idiossincráticas do que os traços prosódicos. São também descontínuos em fala encadeada, ao contrário dos traços prosódicos, que estão sempre presentes. No entanto, a distinção entre esses traços, ou seja, entre traços prosódicos e traços paralinguísticos, não está ainda muito clara com relação a certos traços, como, por exemplo, tensão. (cf. Crystal, 1969). Traços paralinguísticos são, por exemplo, certos tipos de qualidade de voz, os quais podem manifestar fatos semânticos como atitudes do falante ou realização de atos de fala (cf. Crystal, 1975; Laver, 1975, citados por Cagliari, 1983). A propósito da observação acima, Cagliari nota que alguns tons podem vir acompanhados de uma qualidade de voz peculiar, reforçando o significado que se quer transmitir. (cf. Cagliari, 1983).

Tendo em vista o objetivo principal dessa descrição, como mencionado, nós nos deteremos principalmente nos aspectos fonéticos da entoação, tanto nas variações melódicas quanto nos traços prosódicos de um modo geral, e até nos traços paralinguísticos co-

mo qualidade de voz e outros, identificados como relevantes.

Embora os fundamentos teóricos e metodológicos aqui empregados sejam principalmente aqueles do modelo paramétrico da entoação, como abordado por Crystal, o sistema de notação deste modelo mesmo foi muito pouco utilizado nas descrições dos fatos entoacionais. Na verdade, quanto ao sistema de notação desses fatos adaptamos muitos símbolos e até alguma terminologia sugeridos por Halliday (1967, 1970) ao modelo já citado de Crystal. Tal procedimento foi considerado oportuno tendo em vista uma maior simplicidade da citada descrição, para o que julgamos complexa e de difícil manuseio a sugerida por Crystal, além do que a sua não utilização não implicará de forma alguma em prejuízos para a descrição que se pretende fazer. A análise segmental seguirá a abordagem teórica e os procedimentos práticos desenvolvidos por Cagliari em "Outline of Brazilian Portuguese" (Cagliari, 1978).

O material linguístico que se descreverá é constituído de frases e textos registrados nas mais diversas situações de fala dos habitantes do Canto, bem como dos habitantes de Angical.

Todo o material linguístico foi coletado e registrado de duas maneiras principais: com e sem a presença do pesquisador. Em ambos os casos, os dados foram registrados em fita magnética. Os dados registrados diretamente pelo pesquisador, o foram, por sua vez, de duas maneiras. Na mais comum delas, os participantes de uma dada situação de fala sabiam que suas falas estavam sendo gravadas. Algumas vezes, os próprios participantes exigiam que se usasse o gravador sob a alegação de que, já que se estava escrevendo a história deles, que se o fizesse de tal forma que depois eles a pudessem ouvir deles próprios; outras vezes o pesquisador pedia

autorização aos participantes para que o gravador fosse utilidado", o que efetivamente só ocorria se todos concordassem. Outra forma através da qual dados linguísticos foram registrados diretamente pelo pesquisador foi com o gravador camuflado, sem que os participantes da situação de fala soubessem que suas falas estavam sendo gravadas. Só após as falas terem sido registradas é que eles eram informados de que fora feita gravações do evento. Os registros feitos sem a presença do pesquisador foram realizados por informantes e da mesma forma que aqueles realizados pelo pesquisador, ou seja, com e sem autorização prévia dos participantes. Em algumas situações, porém, os registros foram feitos sem que até hoje os participantes tenham tomado conhecimento. Os registros realizados em Angical obedeceram aos mesmos procedimentos que no Canto.

Os informantes que realizaram algumas gravações foram aqueles que demonstraram um interesse sincero pela pesquisa e demonstraram bastante consciência acerca dos seus objetivos e importância. Por outro lado, por se tratar de pessoas bastante conhecidas da comunidade e merecedoras da confiança da maior parte da população, consideramos que a sua utilização como investigadores teria poucas rejeições. Além do mais, a confiança mútua que foi criada entre o pesquisador e esses informantes eliminava a possibilidade de que estes manipulassem informações ou delas se utilizassem para outros fins. Nesse caso, os informantes, mais do que o pesquisador sabiam que situações de fala poderiam ou não ser gravadas.

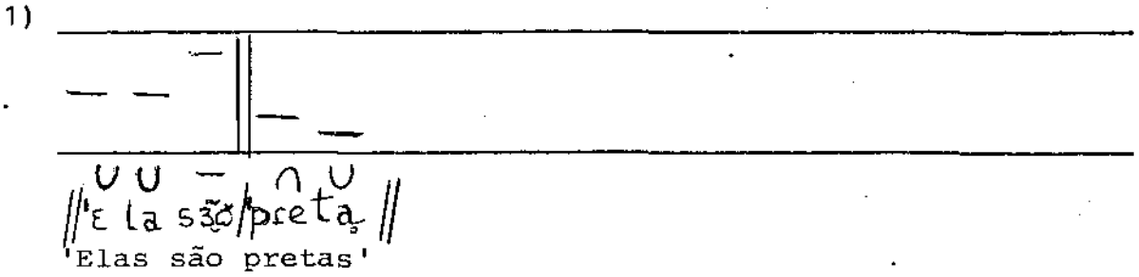
Outros dados linguísticos foram registrados diretamente pelo pesquisador através de transcrição fonética realizada à medida em que eram produzidos. Este procedimento servia para testar as transcrições feitas a partir do material gravado em fita magnética. Embora o gravador não possua o poder seletivo do ouvido humano

na percepção dos sons, ambas as transcrições se aproximam bastante, não tendo havido qualquer prejuízo com a utilização das duas fontes. Dados de pesquisas anteriores, coletados, na maioria dos casos, da mesma forma que os da pesquisa atual, também foram utilizados, como referência para a presente descrição.

Descrição dos traços prosódicos da fala do Canto

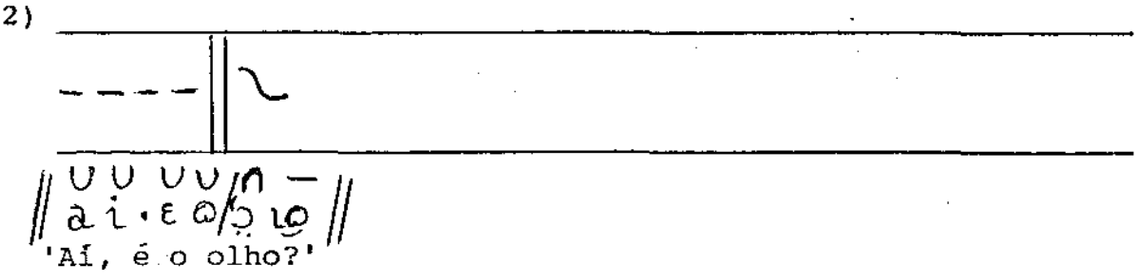
Observe-se os enunciados:

1)



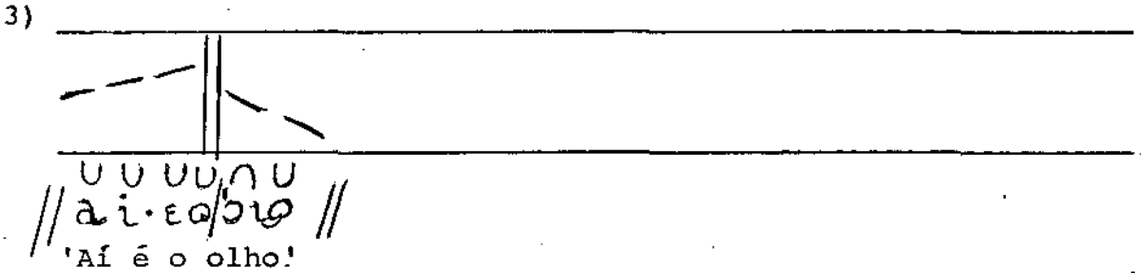
'Elas são pretas'

2)



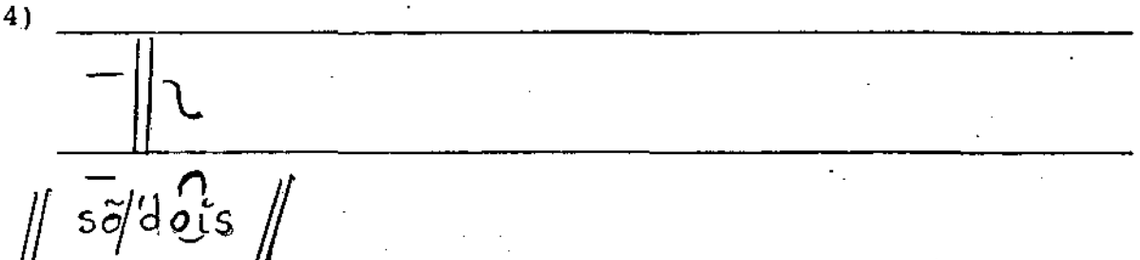
'Aí, é o olho?'

3)



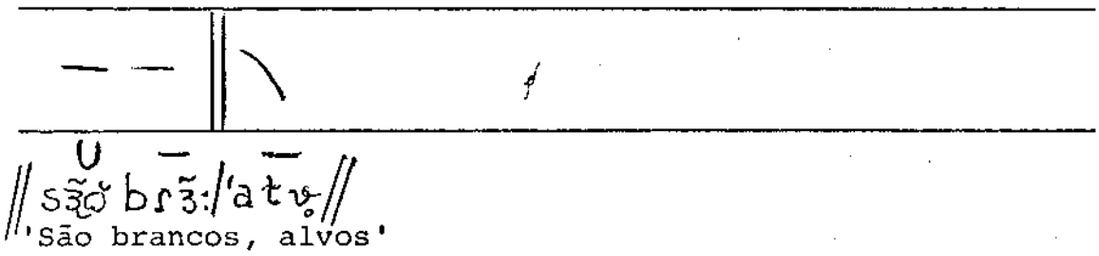
'Aí é o olho!'

4)



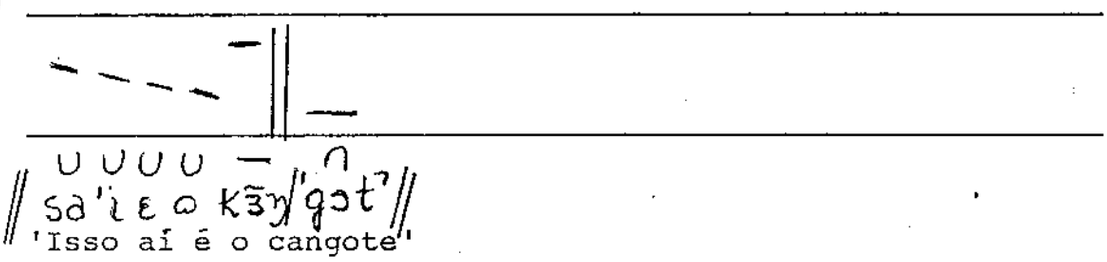
'São dois'

5)



'São brancos, alvos'

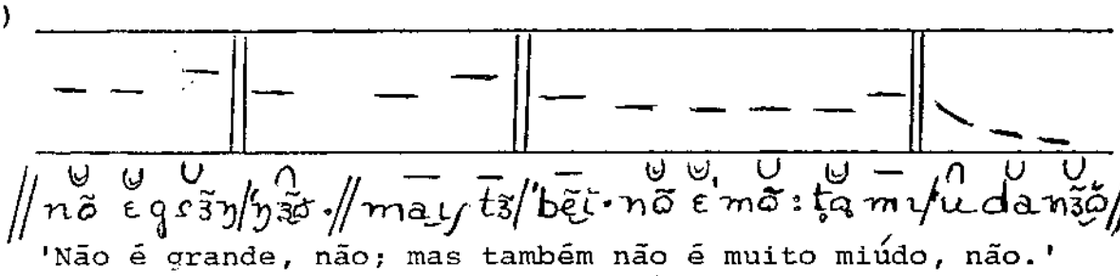
6)



'Isso aí é o cangote'

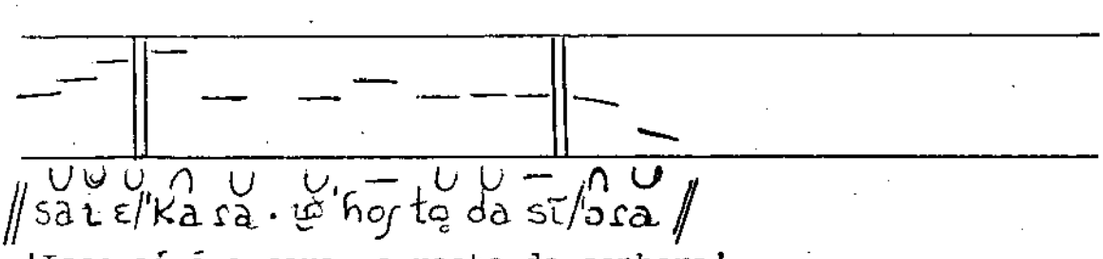
Em todos esses nunciados há uma sílaba proeminente, que se destaca das outras sílabas. Ela é a mais longa e a que é produzida com maior força no enunciado. Contudo, nem sempre ela é a de nível de altura mais alto, como se pode observar nas descrições acima. É no final do enunciado que essa sílaba proeminente ocorre com mais frequência, quer o enunciado ocorra no final de elocução, como nos exemplos acima, quer seja seguido por outros enunciados. Por exemplo:

7)



'Não é grande, não; mas também não é muito miúdo, não.'

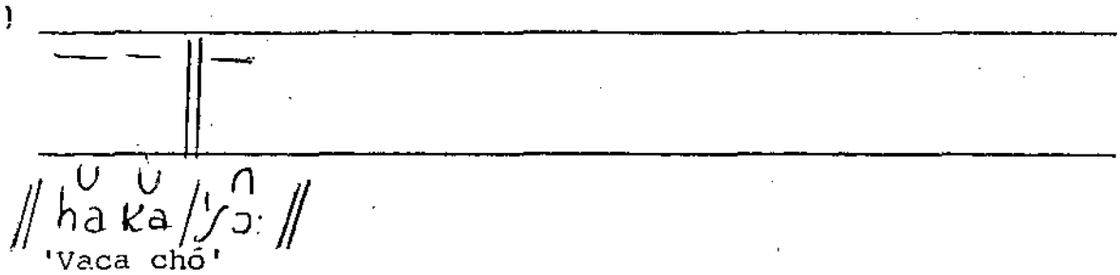
8)



'Isso aí é a cara, o rosto da senhora'

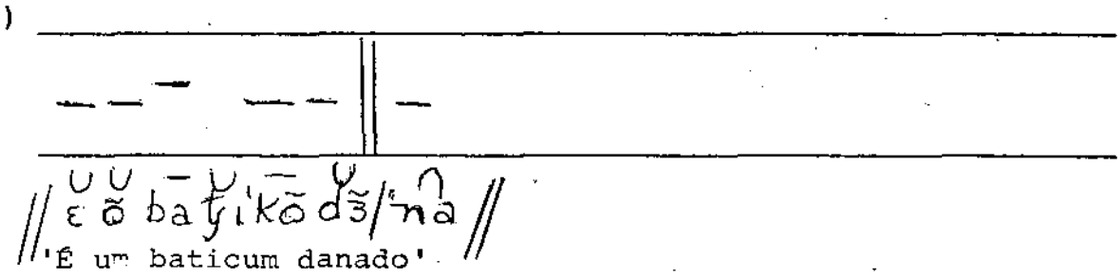
Os tons dessa sílaba proeminente são tanto nivelados, como se pode observar no exemplo (6), como de contorno, seja simples como nos exemplos (1) e (2), seja complexo, como nos exemplos (3), (4) e (5). Os tons nivelados podem ser tanto nivelado-baixo como nivelado-médio e nivelado-alto. Por exemplo:

9)



'Vaca chó'

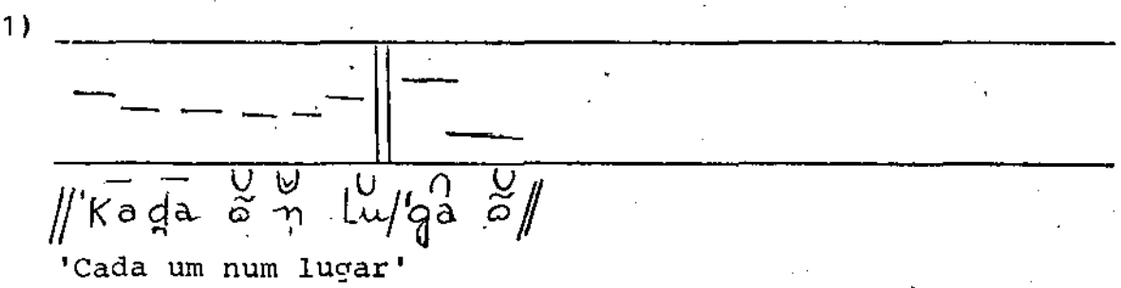
10)



'É um baticum danado'

Quanto ao tom de contorno simples, é o tom descendente, principalmente médio-baixo, o que mais ocorre sobre essa sílaba proeminente. O tom de contorno complexo também ocorre, principalmente descendente-ascendente, neste caso, geralmente com início alto, meio-alto ou médio e termina com uma ascendência média/meio alta ou média/alta. Também é frequente sobre essa sílaba a ocorrência de tom descendente meio-alto/médio ou meio-alto/baixo, por salto, quando a sílaba vem seguida por sílaba átona final. Exemplo:

11)

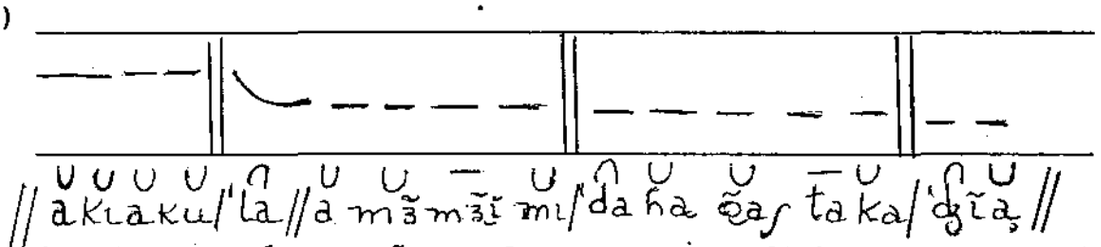


'Cada um num lugar'

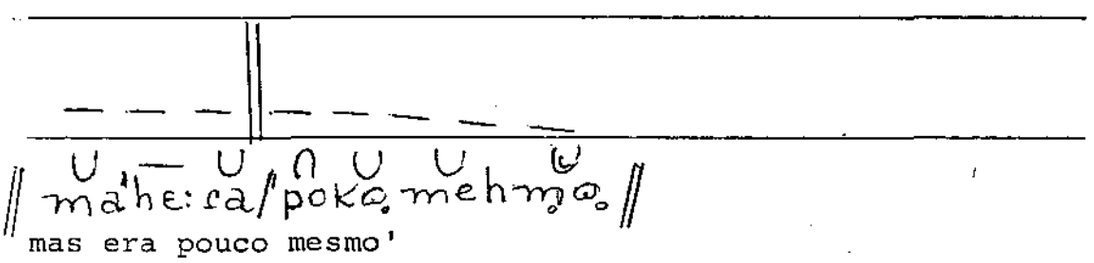
Quando essa sílaba proeminente vem seguida por outra ou

outros enunciados, seu tom é quase sempre nivelado-médio, ou meio-alto, porém nunca baixo, como se observa nos exemplos (7) e (8). Porém, quando essa sílaba proeminente vem em final de enunciado e em final de elocução, tende a ter tom baixo. É oportuno observar aqui que em sequência de enunciados, as unidades tonais tendem a ter tessituras cada vez mais baixas para o final das elocuções e, consequentemente, a sílaba proeminente será também cada vez mais baixa. Observemos a seguinte elocução

12)



'Aqui e acolá a mamãe me dava umas tacadinhas,

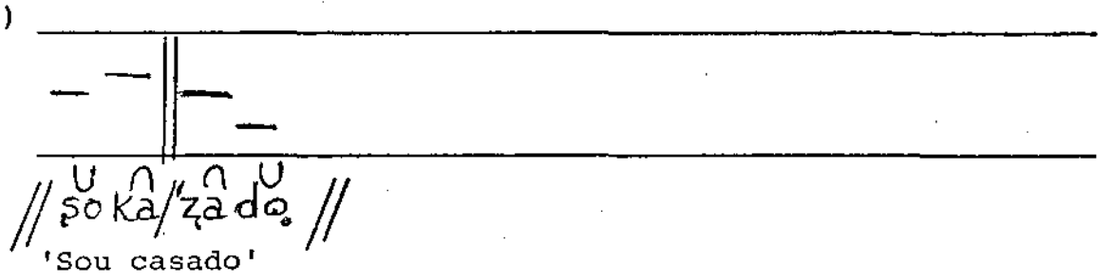


mas era pouco mesmo'

As sílabas que antecedem a sílaba proeminente têm quase sempre um tom alto, com o nível de altura mais alto do enunciado . Este fato destaca essa sílaba que antecede a proeminente, das sílabas iniciais e, de certo modo, da própria sílaba proeminente. Aliás, nessa sílaba pré-proeminente há quase sempre um contorno por salto, geralmente ascendente, em relação às sílabas que a antecedem (no caso, as iniciais). Veja-se também nos exemplos dados que essa sílaba pré-proeminente tem duração mais longa do que as demais sílabas (exceto a proeminente). Tal fato, aliado ao nível de altura mais alto do enunciado, dificulta em alguns casos o estabelecimento de uma distinção precisa entre a sílaba proeminente do

enunciado e a sílaba que a antecede. Nesses casos, permanecem ao nível da percepção duas sílabas do enunciado com destaque prosódico sobre as demais. Veja-se o seguinte exemplo :

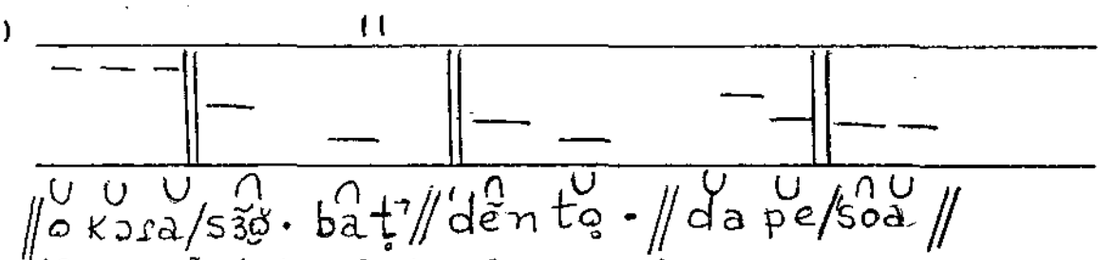
13)



'Sou casado'

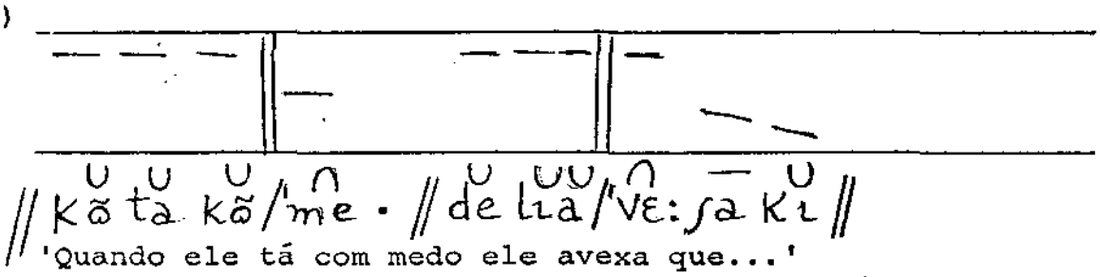
O exame minucioso da percepção dessas sílabas, nessa fala, revela que essa sílaba mais alta do enunciado não é, entretanto, a mais longa, como o é, sistematicamente, a sílaba seguinte. A sílaba mais longa, portanto, é também a produzida com maior força, razão de sua tônica em relação às demais sílabas. De fato, a sílaba mais longa e mais forte é a sílaba proeminente, e está sempre presente em qualquer enunciado. Por exemplo:

14)



'O coração bate, dentro da pessoa'

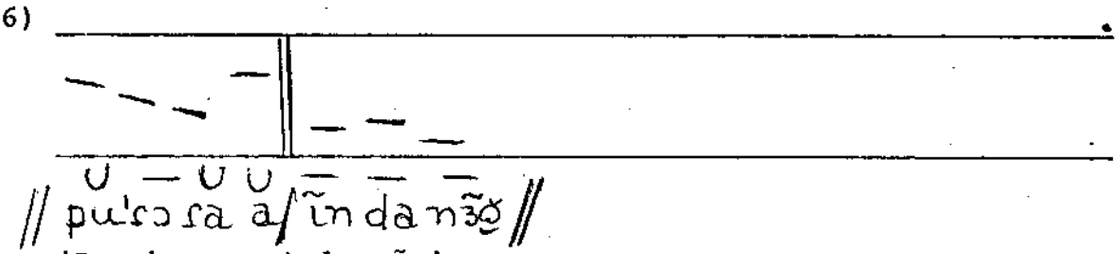
15)



'Quando ele tá com medo ele avexa que...'

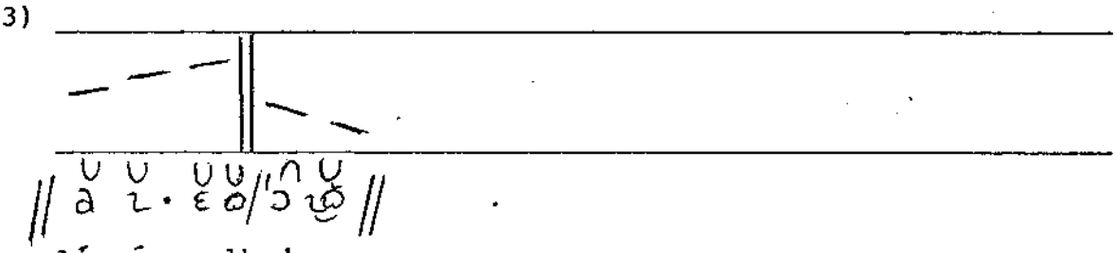
As sílabas iniciais são, principalmente, niveladas, ou de contorno simples, quer ascendente, quer descendentes, como, por exemplo:

16)



'Por hora, ainda não'

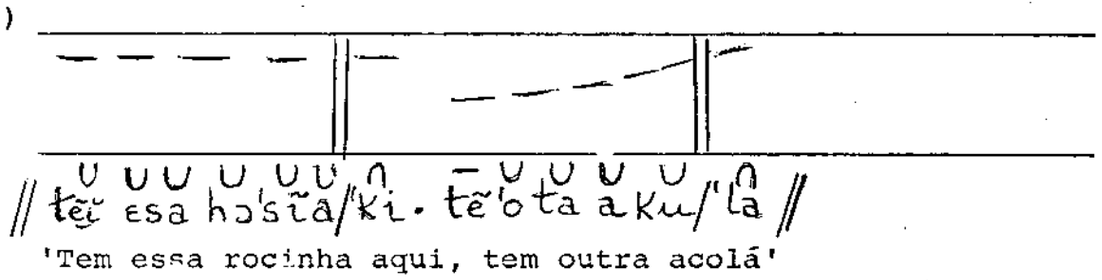
3)



Aí, é o olho'

Essas sílabas iniciais quase sempre diferem da sílaba pré-proeminente, seja por um nível de altura diferente, seja pela mudança de direção do contorno melódico. Podem também ter o mesmo nível de altura e a mesma direção do movimento melódico da sílaba pré-procminente. Essas sílabas têm duração breve e são produzidas com pouca intensidade. Exemplo:

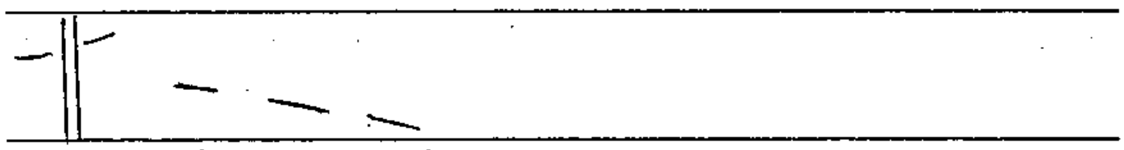
17)



'Tem essa rocinha aqui, tem outra acolá'

Quanto às sílabas finais, ou seja, as que seguem a sílaba proeminente, seguem geralmente a mesma direção do contorno melódico da sílaba proeminente, como uma espécie de prolongamento dela. Isto ocorre principalmente quando o nível de altura dessas sílabas finais é mais baixo do que o da sílaba proeminente. Contudo, sílabas finais em enunciados, nessa fala, podem ter nível de altura e direção de movimento melódico diferentes dos da sílaba proeminente, como, por exemplo, na elocução (10). Entretanto, podem o-

correr até três sílabas finais. Elas geralmente têm duração breve; e acento de intensidade fraco. Por exemplo:

18) 

//ɛ/'mɛdiʊ'mehmʊ//

'É médio mesmo'

Como se observa até aqui, de acordo com as variações do contorno melódico dos enunciados acima, se distinguem as seguintes partes desse contorno:

- sílabas iniciais;
- sílabas pré-proeminentes;
- sílabas proeminentes;
- sílabas finais.

Um esquema das variações tonais dessas sílabas, como descritas até aqui, pode ser o seguinte:

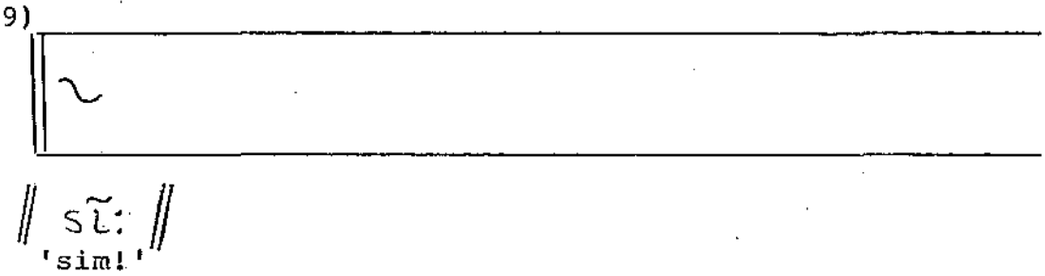
- sílabas iniciais
  - nivelado (médio e alto)
  - contorno simples (ascendente ou descendente)
- sílabas pré-proeminentes
  - de contorno (ascendente por salto) ou o mesmo tom que incide sobre as sílabas iniciais.
- sílabas proeminentes
  - nivelado (alto, médio, baixo)
  - de contorno simples (descendente)
  - de contorno complexo (descendente-ascendente), principalmente largo.
- sílabas finais
  - nivelado (baixo)
  - de contorno simples (descendente) ou o mesmo tom da

sílaba proeminente.

Deve-se observar ainda que embora os níveis de altura possam ser basicamente três (alto, médio, baixo), todos eles ocorrem na sílaba proeminente, o que não se verifica nas outras sílabas. Os níveis de altura alto e baixo podem variar ainda com meio-alto e meio-baixo, respectivamente.

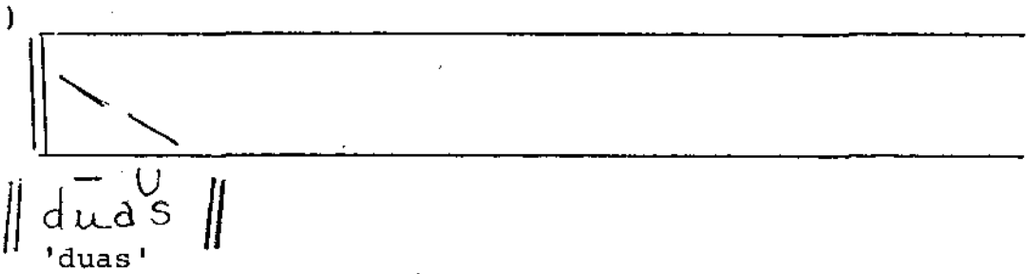
Veja-se os seguintes enunciados:

19)



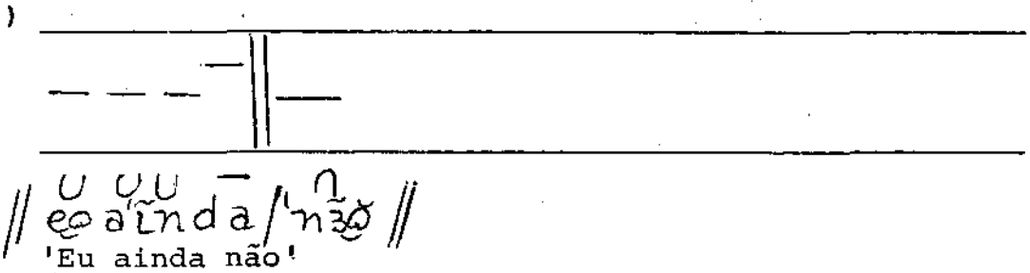
'sim!'

20)



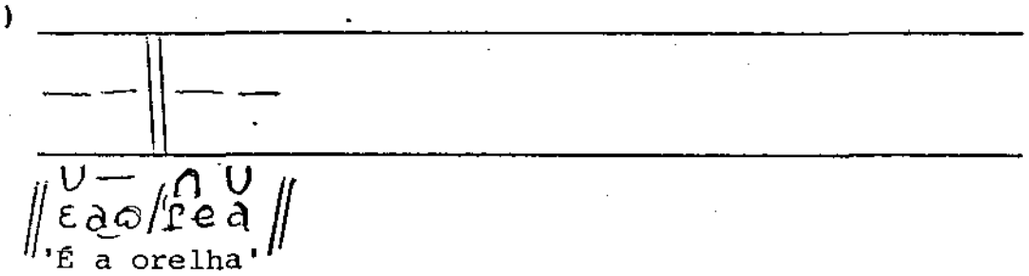
'duas'

21)

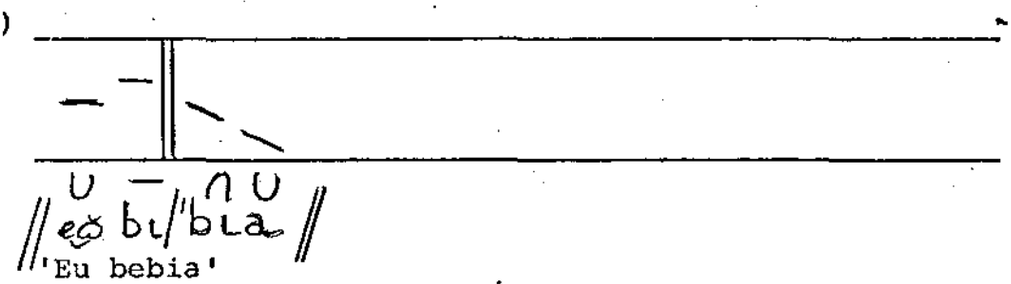


'Eu ainda não'

22)



'É a orelha'

23) 

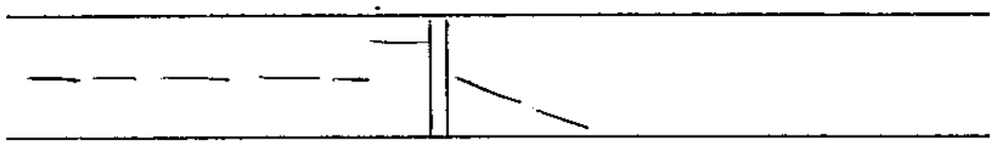
'Eu bebia'

Note-se que em quase todos esses enunciados há um pico de altura melódica, embora nem sempre esse pico de altura incida sobre a sílaba proeminente do enunciado. Aliás, o contorno melódico do enunciado se destaca na maior parte dos dados, com dois picos de proeminência: um mais estritamente melódico e outro mais prosódico. No primeiro, se destaca o tom e seu nível de altura; no segundo, além das variações melódicas, destacam-se ainda a duração e o acento de intensidade da sílaba proeminente. No entanto, esse pico de proeminência estritamente melódico nem sempre ocorre nos dados, como, por exemplo, no enunciado (22). Neste caso, pode-se assegurar que, embora os dois picos de proeminência possam co-ocorrer em muitos enunciados, o menos marcado deles é o que se define em termos de traços prosódicos. É esse pico de proeminência prosódica que faz com que o contorno melódico dos enunciados dessa fala correspondam à definição de unidade tonal, de Crystal, no sentido em que, para ele, cada unidade tonal tem um e apenas um pico de proeminência, na forma de um movimento nuclear. Trata-se de um pico de proeminência prosódico, foneticamente definido, com limites nítidos, como se pode observar na descrição dos dados.

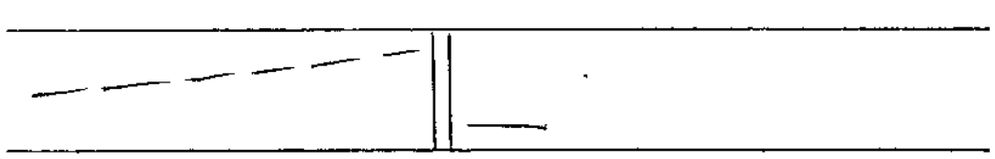
A sílaba sobre a qual recai esse pico de proeminência prosódica é, pois, a sílaba tônica proeminente da unidade tonal, foneticamente definida, e é a parte obrigatória da unidade tonal, como se verá mais adiante. As outras sílabas, partes da unidade tonal, são sílabas átonais inicias (AI), sílaba pretônica (PT) e as sílabas átonas finais (AF).

De um modo geral, a unidade tonal da fala do Canto pode ser descrita como tendo um contorno melódico que se inicia por um nível de altura médio ou alto, podendo ser nivelado, crescente ou decrescente. Após uma e até quatro sílabas, havendo uma proeminência melódica geralmente por salto, seguida por uma proeminência prosódica, terminando, portanto, com um tom de nível baixo ou meio-baixo, ou até mesmo decrescente. Ou seja, a linha melódica da unidade tonal dessa fala tem as seguintes configurações:

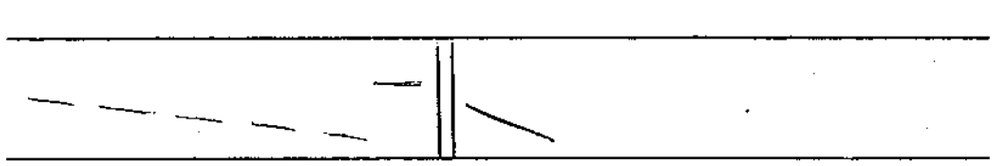
1.



2.



3:

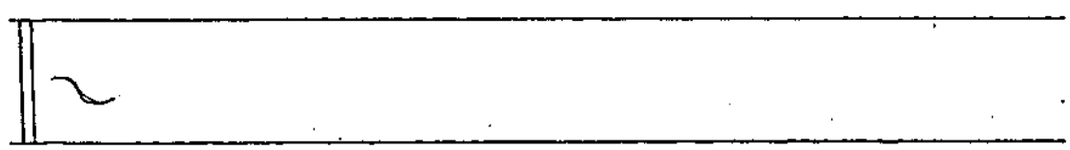


O contorno melódico mínimo de uma unidade tonal dessa fala pode ser dos seguintes tipos:

24)

// bat //
'Bate'

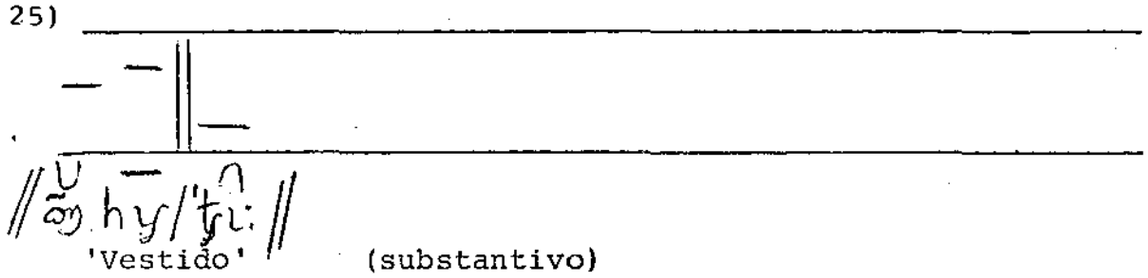
19)



// sĩ: //
'Sim!'

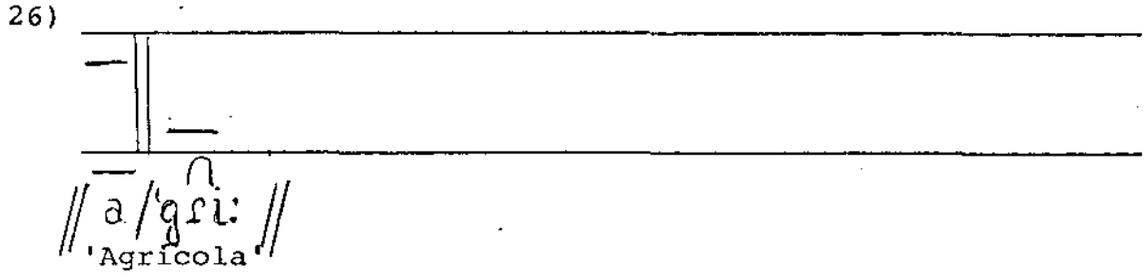
Todavia, unidades tonais com uma única sílaba são poucas nessa fala, sendo o mais comum terem pelo menos três sílabas. Neste caso, contêm uma sílaba átona inicial, uma sílaba pré-tônica e uma sílaba tônica proeminente. As sequências sonoras dessa fala parecem claramente delimitadas pela sílaba tônica proeminente. Até mesmo palavras comuns no léxico regional, quando pronunciadas isoladamente por falantes do Canto, sofrem um processo de redução das sílabas átonas finais, como, por exemplo:

25)



'Vestido' (substantivo)

26)



'Agrícola'

A esta altura, alguns fatos merecem ser destadacos:

1. O pico de proeminência do contorno melódico, como ficou demonstrado até aqui, incide quase sempre sobre a sílaba pré-tônica. Ocorre que, neste caso, este pico de proeminência, no caso, melódico, apresenta-se uniforme, algo fixo, de tal forma que não sugere nenhum contraste, seja fonético, seja de significado. É como se fosse uma marca, algo peculiar, daquela fala.

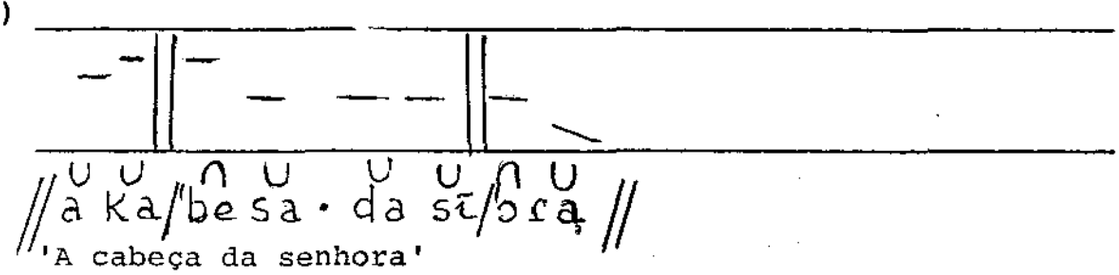
2. As variações melódicas, mesmo de um ponto de vista estritamente fonético, ocorrem com mais frequência com o tom da sílaba tônica proeminente. Isso é reforçado pelos sistemas de força e de duração das sílabas.

3. O sistema de duração silábica parece constituir um

sistema prosódico muito importante da entoação dessa fala.

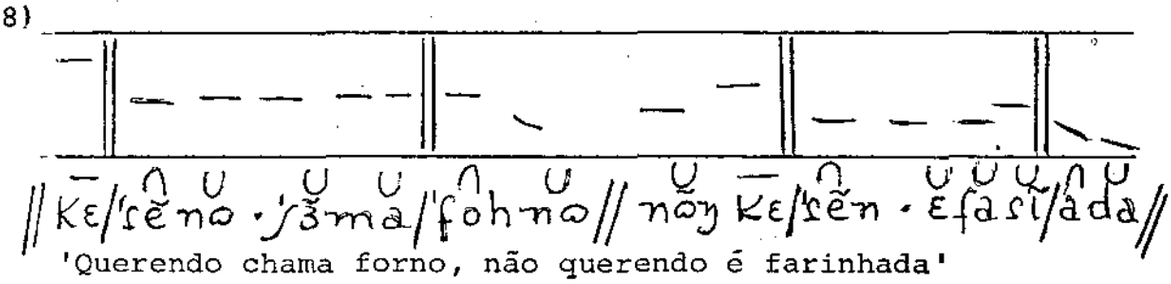
Para se ter uma idéia do exposto acima vejamos, por exemplo, enunciados que atestam o que foi dito em 3.

27)



'A cabeça da senhora'

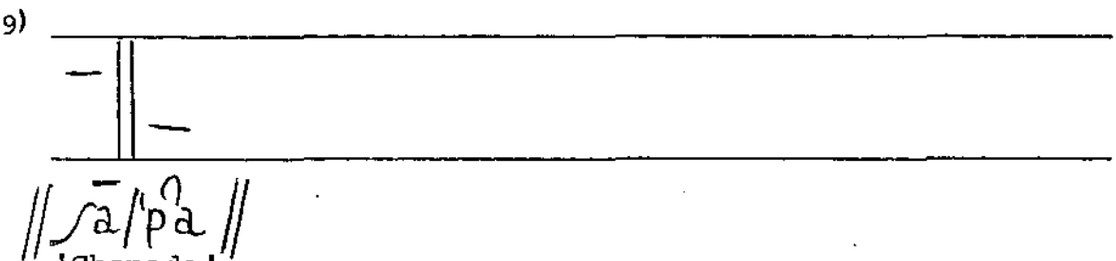
28)



'Querendo chama forno, não querendo é farinhada'

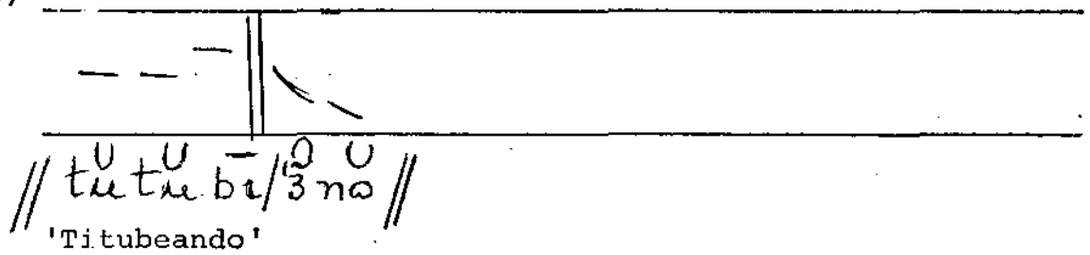
Na elocução (27) tem-se [be] e [ɔ] que são sílabas longas, enquanto as demais são ou médias ou breves. Na elocução (28) , [ɾẽ], [ʃoh], [ɾẽn] e [a] são sílabas longas, ao passo que as demais são médias ou breves. A repetição de sílabas longas em um mesmo enunciado ocorre geralmente após um determinado número constante de sílabas menos longas. É assim que no enunciado (27) as sílabas longas ocorrem sempre após três sílabas menos longas. Em enunciados menores, desde que tenham mais de uma sílaba, e não mais do que cinco, sempre ocorre uma sílaba longa. Por exemplo:

(29)



'Chapada'

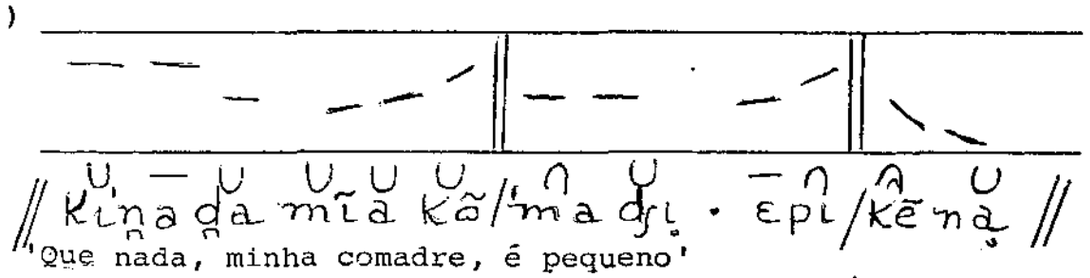
(30)



'Titubeando'

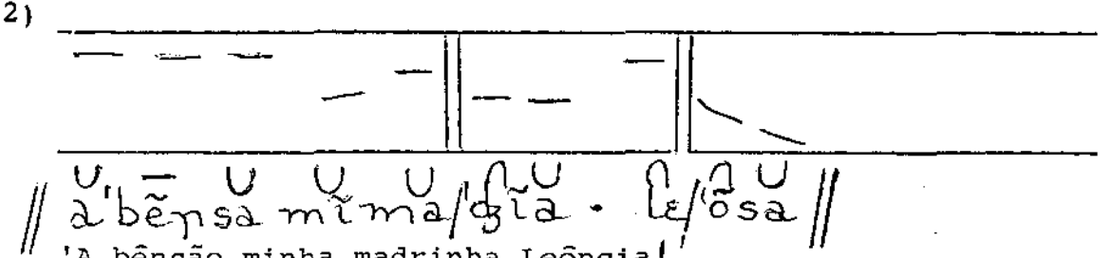
Estes fatos demonstram uma certa isocronia silábica e, portanto, sugerem uma cadência rítmica. De fato, ritmo e duração silábica parecem constituir marcas prosódicas tão, senão mais importantes do que o sistema melódico particularmente. Em qualquer caso, determinadas elocuções são verdadeiras composições musicais, como, por exemplo:

(31)



'Que nada, minha comadre, é pequeno'

(32)



'A bênção minha madrinha, Leôncia!'

Outros traços prosódicos são percebidos nos dados, como velocidade, pausa e qualidade de voz. Em geral a velocidade é relativamente lenta, sendo que, às vezes, alguns falantes falam de modo rápido, como tentando estabelecer uma oposição à lentidão e vagarosidade de outros usuários. Outros parecem falar numa velocidade menos lenta.

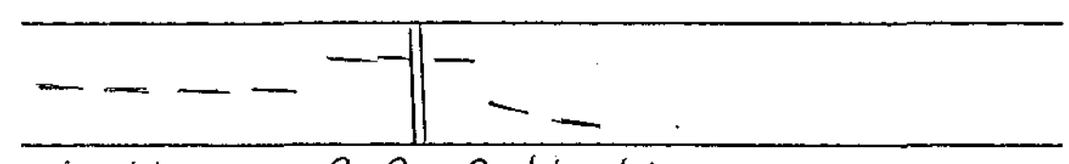
Quanto aos traços de qualidade de voz, são inúmeros os tipos que ocorrem na fala dos habitantes do Canto, tais como voz nasalizada, dentalizada, palatalizada, murmurada e sussurrada. Pa-

rece haver predominância de voz nasalizada nessa fala, e quase todas as qualidades de voz parecem estar presentes na fala de todos os usuários com maior ou menor intensidade. Realmente, alguns falantes falam de uma forma dentalizada, outros, palatalizada, etc.. Por exemplo:

(33)

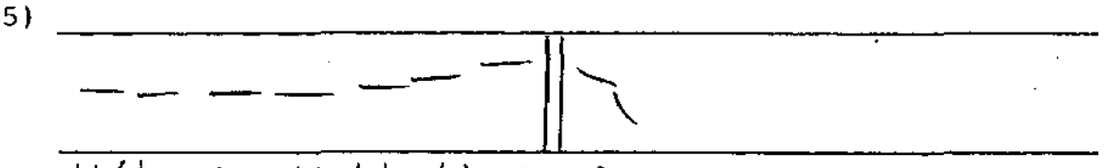
'E assim vem a diferença nas famílias'

(34)



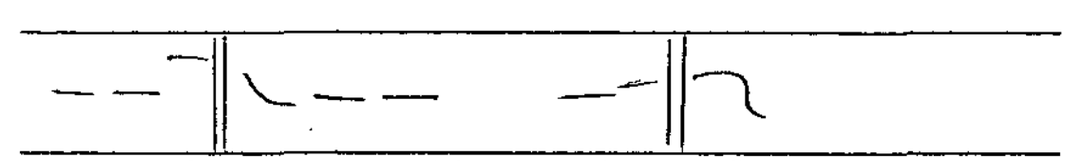
'Eu não posso sentir nada, não'

(35)



'Essa mulher anda doente'

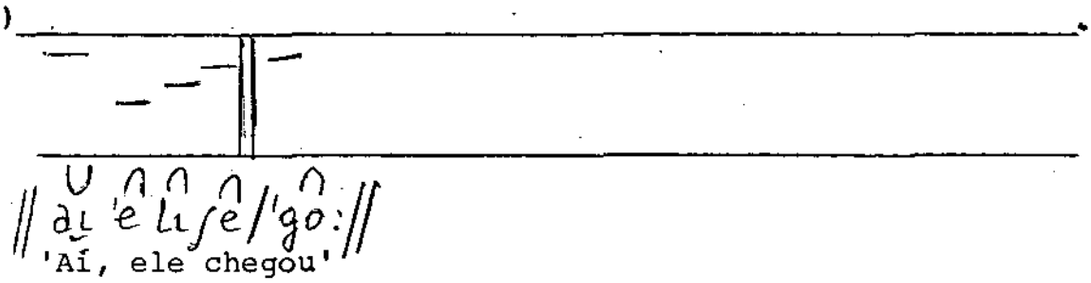
(36)



'Nós se casa mais longe'

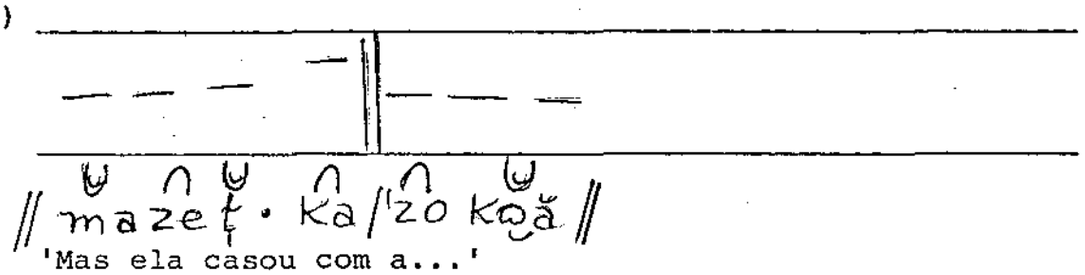
O sistema de pausa é de certa forma marcado. As pausas podem ser breves ou mais longas. As breves ocorrem tanto no meio quanto no final de unidade tonal, Por exemplo:

(37)



'Aí, ele chegou'

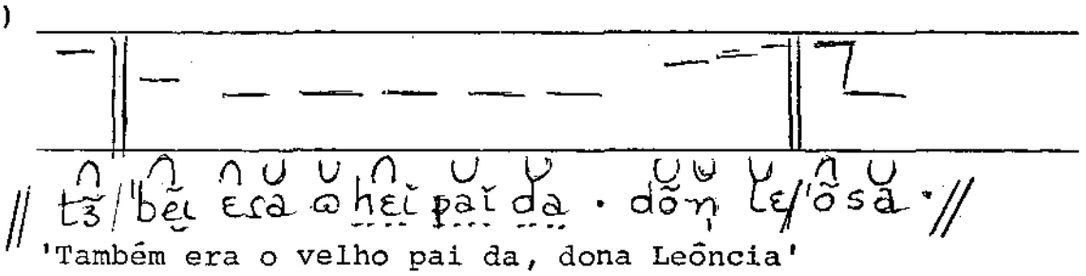
(38)



'Mas ela casou com a...'

Em geral, as pausas ajudam na delimitação da unidade tonal, no sentido em que após uma sílaba tônica proeminente, havendo ou não a descida ou a queda do contorno melódico, a pausa, breve ou longa, reforça o limite da unidade tonal. Por exemplo:

(39)



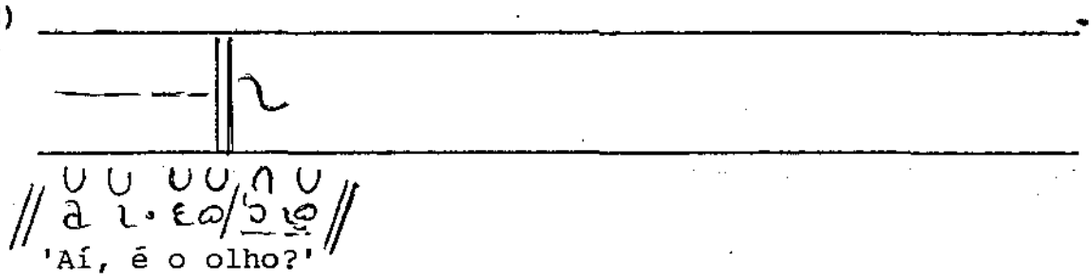
'Também era o velho pai da, dona Leôncia'

Observe-se que se não houvesse a pausa dificilmente se estabeleceria o limite das unidades tonais, uma vez que os contornos melódicos delas apresentam-se como se fossem um único contorno e não há sequer uma descida do contorno da primeira unidade , que possa indicar o seu final

Significado dos Tons

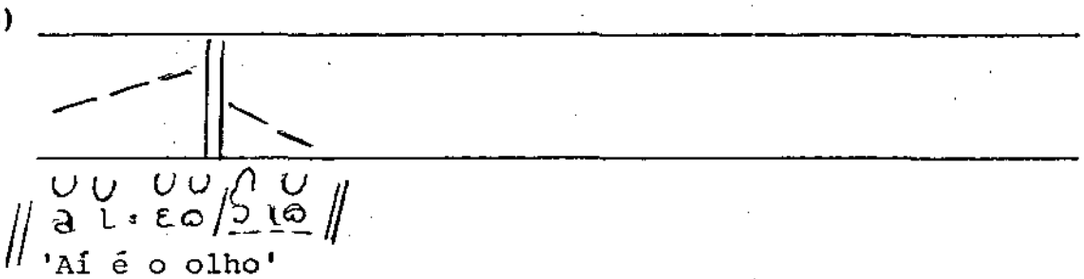
Convém notar que certos enunciados da fala do Canto são foneticamente iguais, exceto o contorno melódico, Por exemplo:

(02)



'Aí, é o olho?'

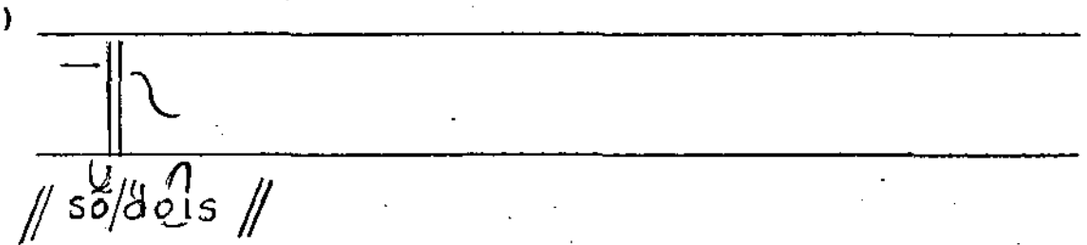
(03)



'Aí é o olho'

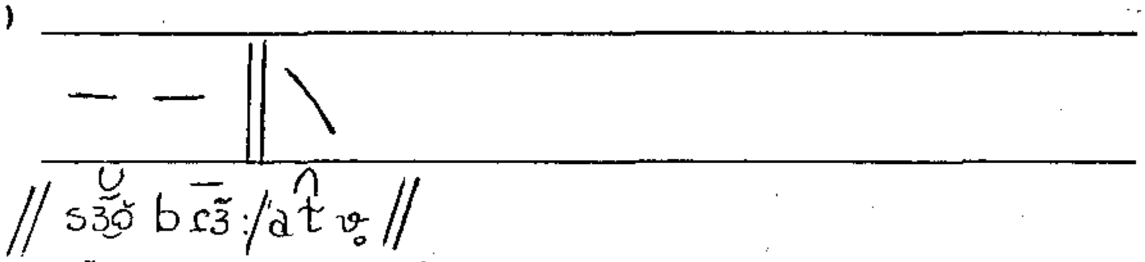
No enunciado (2), o contorno melódico se inicia por um tom nivelado médio e termina por um tom descendente-ascendente alto-baixo/baixo. Esses dois enunciados, embora tenham o mesmo significado denotativo, têm, porém, significados gramaticais diferentes, por exemplo, quanto ao modo (ou seja, os tipos de oração declarativa,interrogativa, exclamativa, etc.), bem como significados diferentes com relação às atitudes dos falantes. Desse modo, no enunciado (3), se constata uma resposta afirmativa, enquanto o enunciado (2) encerra uma resposta provável, pelo fato de o falante demonstrar não ter absoluta certeza se a resposta é adequada, fato que revela seu estado de dúvida, embora já esteja propenso para uma determinada resposta. A sua resposta, neste caso, é dada na forma de um "pedido de confirmação", ou "pergunta polida" para o próprio interlocutor, após o que, a confirmação vem com o enunciado (3). Observe-se também a este respeito os seguintes enunciados:

(04)



'São dois?...'

(05)



'São brancos, alvos'

Estes enunciados também têm contornos melódicos diferentes. O enunciado (04) começa por um tom alto nivelado e termina por um tom descendente-ascendente alto/médio, enquanto o enunciado (05) começa por um tom médio nivelado e termina por um tom descendente alto-baixo. O enunciado (04) tem sua sílaba tônica proeminente com o mesmo tom da sílaba tônica proeminente do enunciado (02), embora os dois difiram quanto ao tom da parte melódica que antecede à tônica. No entanto, os dois enunciados conduzem a mesma informação acerca da atitude dos seus falantes, a qual significa uma "pergunta polida" ou " pedido de confirmação " do interlocutor para a resposta dada. Já o enunciado (05) tem como parte que antecede à tônica proeminente o mesmo contorno melódico do enunciado (02) e termina por um tom descendente como no enunciado (03) . Nesse caso, tanto o enunciado (03) quanto o (05) são respostas afirmativas feitas com orações declarativas. Aqui também, o tom que conduz o significado relativo à atitude do falante é o tom da sílaba tônica proeminente.

Embora os tons das demais partes da unidade tonal, como sílabas átonas iniciais, sílabas pretônicas e sílabas átonas finais também sofram variações melódicas, é o uso do tom da sílaba tônica proeminente que relaciona os significados tanto de modo gramatical quanto das atitudes dos falantes.

Nos dados de fala observados nessa análise, a sílaba tônica proeminente tem os seguintes tons significativos:

- Tom nivelado:

  alto

  médio

  baixo

- Tom de contorno:

  simples:

    descendente:

      alto/baixo

      alto/médio

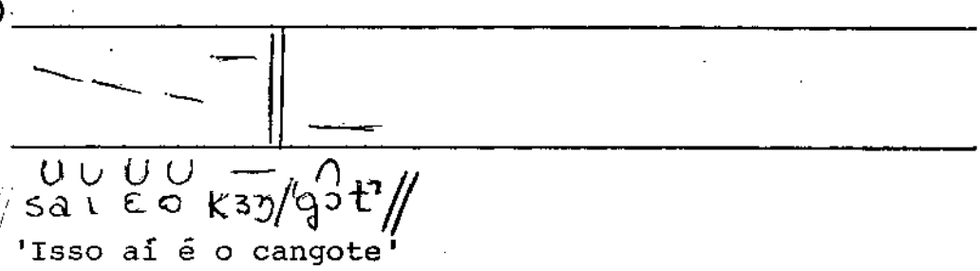
      médio/baixo

  complexo:

    descendente/ascendente com terminação alto ou médio

O tom nivelado baixo é usado para dar respostas afirmativas categóricas. Por exemplo:

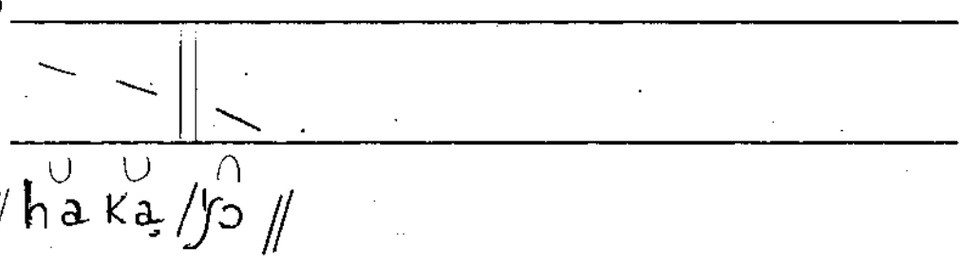
(6)



'Isso aí é o cangote'

O tom nivelado médio é usado para respostas exclamativas, como no enunciado (10). Já o tom nivelado alto é usado não em frases propriamente interrogativas, mas para dar uma resposta óbvia, em que o falante demonstra irritação . Certa vez, por ocasião de uma sessão de gravação de fala, foi perguntado a um informante que figura era uma que lhe foi mostrada. Sua resposta foi:

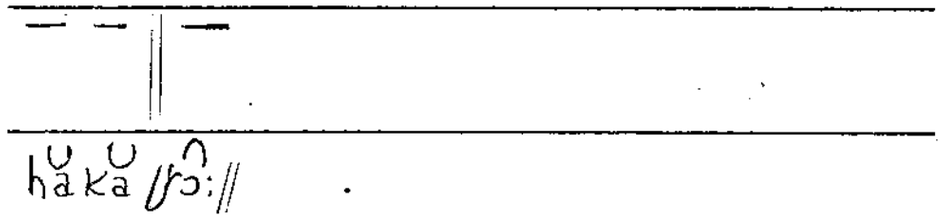
(40)



'Vaca Chó'

Observe-se o uso do tom nivelado baixo na afirmação categórica. É que, desconhecendo o termo 'chó', o investigador, sem esconder a surpresa, exclama: "o quê?!". O informante responde de forma brusca:

(09)



'Vaca chó'

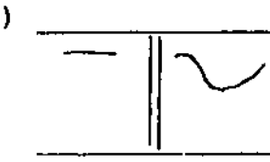
Esse tipo de atitude quase sempre era manifestada toda vez que o investigador demonstrava ignorar certos termos próprios da fala do Canto. Julgavam muitas vezes que a atitude de surpresa do investigador representava uma reprovação ao jeito de falar próprio deles. Em muitos casos, os informantes ainda acrescentavam à resposta, em tom indignado: "todo mundo sabe o que é".

Esses tons nivelados apresentam variações fonéticas. O tom alto é, às vezes, meio-alto e o tom baixo, meio-baixo. Contudo, não há maiores implicações de significado.

O uso do tom de contorno simples descendente, principalmente médio/baixo, também mostra certa convicção do falante nas respostas categóricas, porém não tão categóricas quanto aquelas em que se utiliza o tom nivelado baixo. De fato, é comum se encontrar a sobreposição desses tons, decrescente-baixo por nivelado-baixo, quando o falante afirma algo inicialmente sem convicção, e logo após sobrepõe outra afirmação, categoricamente. O contrário, embora não frequente, também pode ocorrer. O nível de altura por que termina esse tom parece estabelecer o grau de firmeza da asserção. Desse modo, quanto mais baixo terminar o tom, mais forte e categórico é seu poder assertivo.

O uso de tom de contorno complexo descendente-ascendente significa sempre uma pergunta, seja descendente-ascendente com terminação alta ou com terminação média. Tom de contorno descendente-ascendente com terminação alta significa interrogação forte, como por exemplo:

(41)



// kõy/kẽy //
'Com quem?!'

O nível de altura de terminação desse tom descendente-ascendente parece traduzir um certo grau de dúvida do falante acerca do que interroga. Quanto mais alta for a terminação desse tom, tanto maior será a dúvida do falante. Como já vimos, o tom descendente-ascendente com terminação média significa uma resposta sem muita convicção quanto à sua adequacidade em relação à pergunta que a motivou.

Os níveis de altura melódica, como vimos, são basicamente alto, médio e baixo, com pequenas variações fonéticas que não implicam em mudança de significado. Esses padrões tonais acima analisados são praticamente os padrões tonais contrastivos, significativos da fala dos habitantes do Canto quando em comunicação com pessoas de fora do povoado. Essas pessoas, apesar de estrangeiras, são bem conhecidas dos nativos e gozam de relativa aceitação por parte deles. Entretanto, na situação social de interação com estrangeiros, o estilo pergunta-resposta é predominante. Neste aspecto, as pessoas do Canto se limitam quase sempre a responder de forma curta e breve aquilo que lhes é perguntado. Esse estilo parece demonstrar uma atitude de descomprometimento do falante ou de encobrir algum envolvimento emocional que a resposta, ou a pergun-

ta, possa sugerir. Em geral, o estrangeiro é, antes de tudo, uma pessoa suspeita, e contra a qual um nativo deverá sempre se resguardar. A atitude de evitação aos estrangeiros, principalmente os desconhecidos, não chega, porém, a impedir a interação com os nativos.

Com respeito ao corpus linguístico analisado, o registro de algumas "conversações" foram obtidos através de um levantamento fonético para o qual foram elaboradas perguntas visando a obtenção de respostas esperadas que fornecessem formas linguísticas para a análise de segmentos fonéticos mais do que para obter formas linguísticas de conteúdo propriamente semântico-referencial. Como os informantes ficavam bastante à vontade, foi possível abordar muitos temas além daqueles considerados socialmente universais pelos manuais de inquérito fonético, tais como termos referentes a partes do corpo, instituições sociais, termos de parentesco, numerais etc. (cf. Samarim, 1967).

Todas as enunciações aqui descritas foram analisadas no seu contexto, levando-se em conta também, na medida do possível, a situação em que a elocução foi produzida. No caso já referido de interação entre nativos e estrangeiros, especialmente os desconhecidos, ocorrida dentro do povoado, os estrangeiros são tratados com muita frieza e indiferença. Contudo, se os estrangeiros são conhecidos, ocorre alguma conversação, mas os nativos geralmente se limitam a fazer perguntas curtas e a dar respostas breves. De fato , algumas das enunciações dessas perguntas e respostas que foram descritas acima podem ser consideradas enunciações neutras, levando-se em conta o seguinte como caracterizando enunciação neutra:

1. a enunciação que indica um maior distanciamento ou menor envolvimento do falante com relação ao enunciado ou à situação, porquanto o enunciado é apenas re-

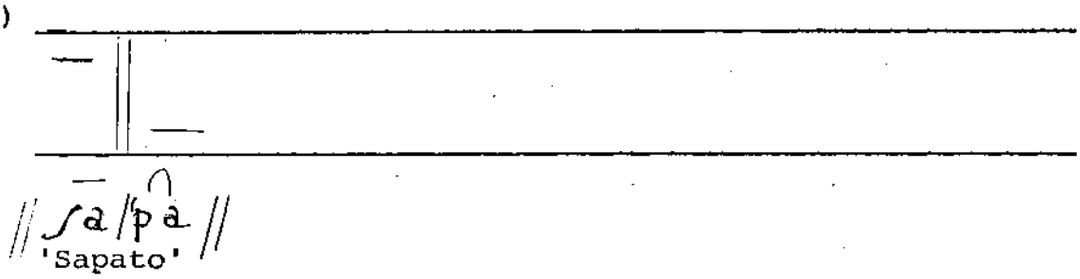
produzido pelo falante;

2. a enunciação que indica o tom mais apropriado à situação ou adequado ao contexto;
3. é a enunciação utilizada apenas para transmitir informação, sem coloração emotiva. (cf. Reis, 1985)..

Descrição dos traços fonéticos segmentais da fala do Canto.

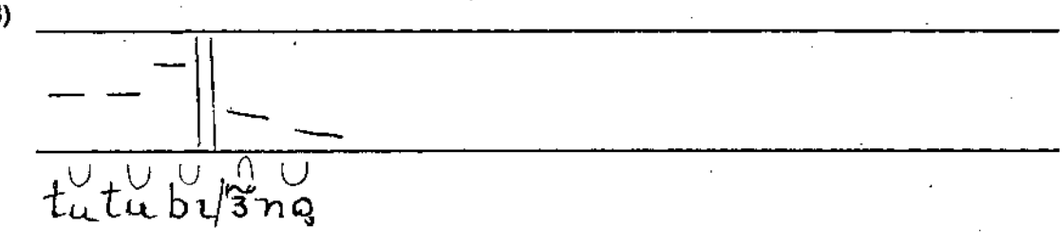
Observe-se os enunciados:

(42)



'Sapato'

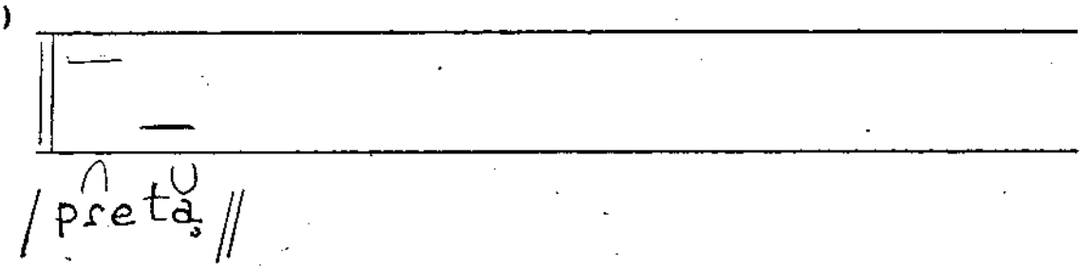
(43)



'Titubeando'

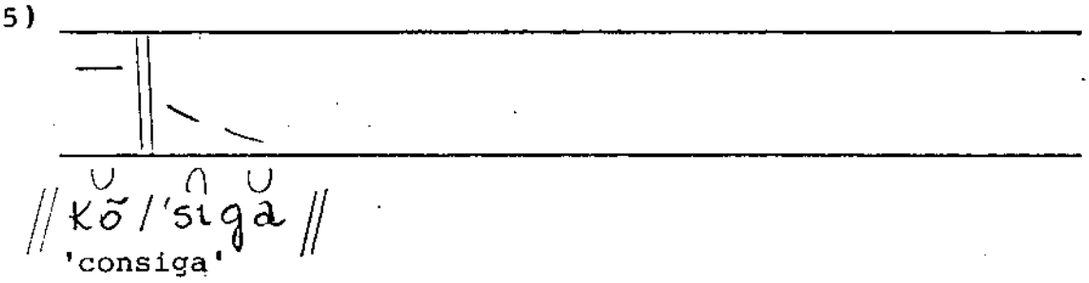
Nos dois enunciados acima, [pà] e [ɜ̃] são respectivamente as sílabas longas dos enunciados (42) e (43). Essas sílabas longas na fala do Canto podem ter altura melódica alta, média ou baixa, como em;

(44)



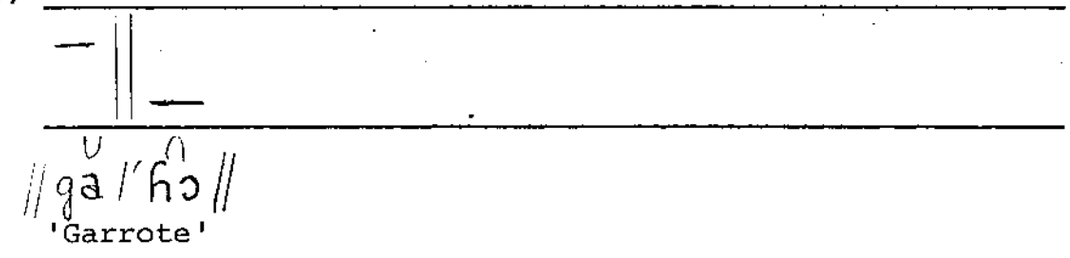
'Preta'

(45)



'consiga'

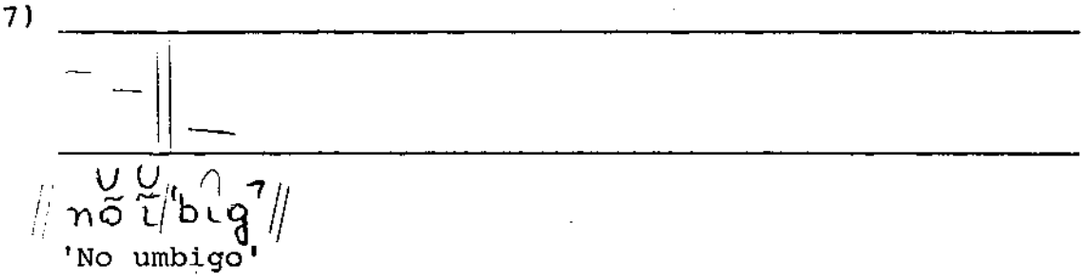
(46)



'Garrote'

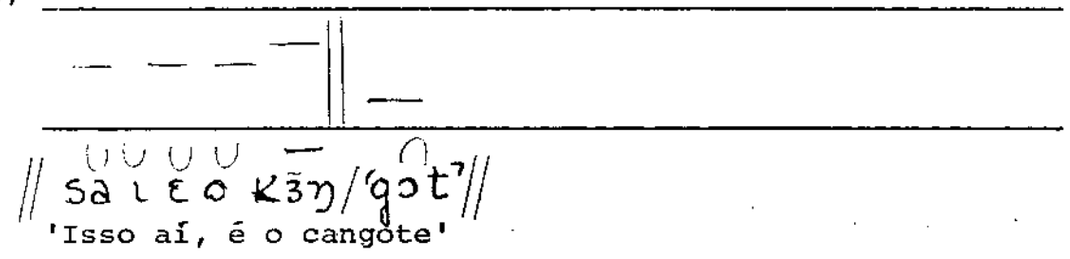
Como já foi visto, a duração silábica nessa fala, evidencia-se constituir um sistema muito significativo. A repetição de sílabas longas em intervalos iguais, bem marcados, sugere ainda a relevância do sistema de duração, sistema este de cadência ritmicamente definido. Este ritmo isocrônico produz inclusive uma reestruturação das sílabas nas palavras. Veja-se os enunciados:

(47)



'No umbigo'

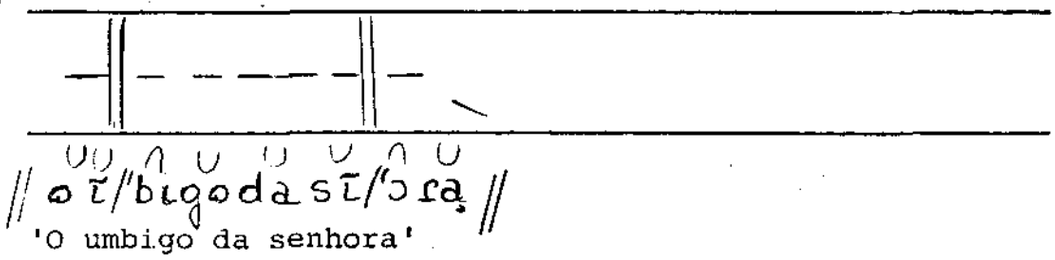
(06)



'Isso aí, é o cangote'

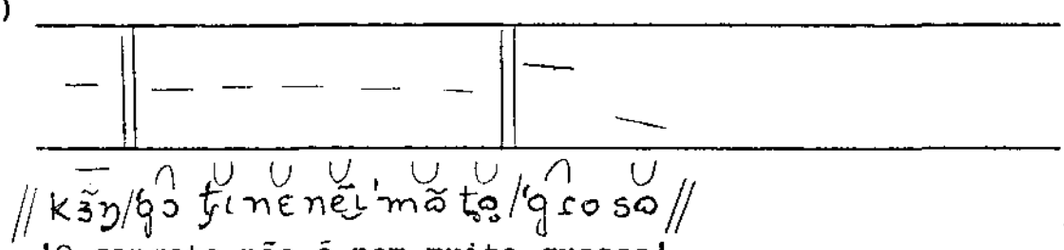
As palavras [bɪg˞] e [gɔt˞] terminam por sílabas do tipo CVC, mas essas mesmas palavras, em outros enunciados terminam por sílabas do tipo CV:

(48)



'O umbigo da senhora'

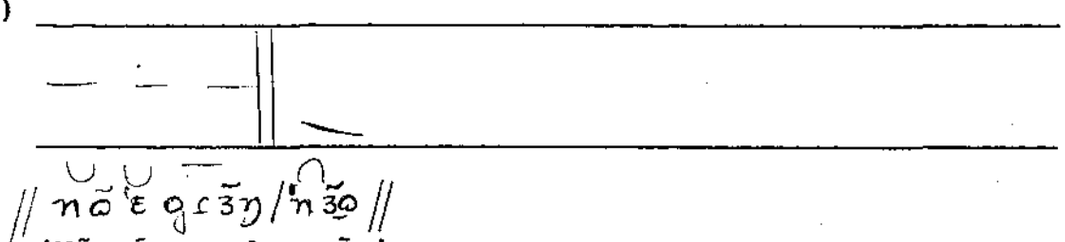
(49)



'O cangote não é nem muito grosso'

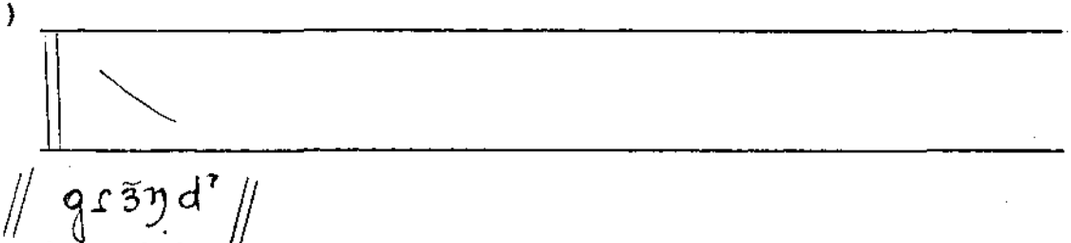
Às vezes, essa reestruturação silábica é ainda mais complexa, como, por exemplo:

(50)



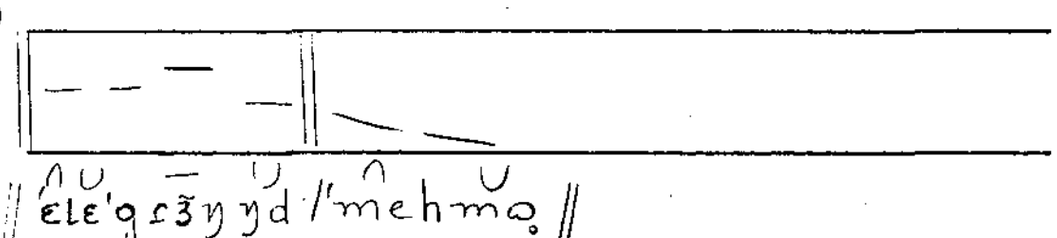
'Não é grande, não'

(51)



'Grande!

(52)



'Ele é grande mesmo'

Aqui a forma fonética correspondente a 'grande' pode apresentar as seguintes configurações: CCVC, CCVCC e CCVC.CC, respectivamente.

Apesar da influência do ritmo na estruturação silábica,

esta ainda pode ser representada pela seguinte fórmula:

$C_{0-2}\,VC_{0-1}$, onde C representa um segmento consonantal e V representa um segmento vocálico. O primeiro índice subscrito logo abaixo do símbolo C (0), indica o limite mínimo de ocorrência desse símbolo, e o segundo índice (2) indica o limite máximo de ocorrência desse mesmo símbolo. Assim, C_{0-2} significa que C pode ser zero mas que também podem ocorrer um ou dois C ; C_{0-1} indica que C pode ser zero, mas que também pode ocorrer um C. Seguem-se, logo abaixo, exemplos de todos os padrões silábicos da fala do Canto:

V	[ˈɛ.ɾɐ]	'era' (3ª pessoa)
CV	[ˈka.ɖa]	'cada'
VC	[ˈaɫ.vo]	'alvo' (cor)
CVC	[peʃ.ˈtɜ̃.nɐ]	'pestana'
CCV	[ˈpɾe.to]	'preto' (cor)
CCVC	[ˈgɾɜ̃ŋ]	'grande'

Dois outros padrões silábicos também ocorrem, e cujo centro silábico é uma consoante nasal, podendo ocorrer sozinha na sílaba ou seguida de outra consoante:

C	[ˈka ɖa.ɐ̃.n̩ lu ga ˈɐ̃]	'cada um no seu lugar'
CC	[ˈgɾɜ̃ŋ.ŋd]	'grande'

Vogais

Os segmentos vocálicos nessa fala podem ser monotongos ou ditongos.

Monotongos:

a) Em sílabas longas ocorrem os seguintes monotongos

[i]	[ˈhiʃ.to]	'visto' (verbo)
[ĩ]	[ˈpĩn.to]	'pinto'

[e]	['de.ʃa]	'deixa' (verbo)
[ẽ]	['dẽn.ʧi]	'dente'
[ɛ]	['tɛʃ.ta]	'testa'
[ɛ̃]	['hɛ̃.da]	'arrenda' (3ª pessoa)
[a]	['na.da]	'nada'
[ã]	[pɛʃ.'tã.na]	'pestana'
[ʌ]	['kʌ.mo]	'como' (1ª pessoa)
[ʌ̃]	[kʌ̃'sei]	'cancei'
[ɔ]	['ɔ:so]	'osso'
[ɔ̃]	['bɔ̃.ba]	'bomba'
[o]	[pa.li.'to:]	'paletó'
[õ]	[õ.bɾo]	'ombro'
[u]	[ũm.'bu]	'umbu'
[o]	['mõ:to]	'muito'

b) Em sílaba breves [ɔ̃, ɛ̃] não ocorrem. Mas, por outro lado, em sílaba final ocorrem os monotongos [i, o, a]:

[i]	['lɔh.ʤi]	'lorde' (anglicismo)
[o]	['bɜ̃.do]	'bando'
[a]	['pɔ.sa]	'posse'

Em sílabas breves podem ocorrer ainda monotongos surdos com valores de [i̥, o̥, ḁ, ə̥]. Em regra, monotongos surdos encontram-se em sílaba em final de palavra:

[i̥]	['fɾɛ:vi̥]	'ferve'
[o̥]	['de.do̥]	'dedo'
[ḁ]	['su.hḁ]	'surra' (substantivo)
[ə̥]	['o:tə̥]	'outro'

Ditongos:

Todos os ditongos dessa fala são decrescentes, onde a parte final é menos proeminente. Segundo a natureza do movimento di-

tongal, podem agrupar-se em duas classes, a saber:

Classe 1		
[ũĩ]	[ˈõĩ.a]	'unha'
[ẽĩ]	[peĩ.ʈo]	'peito'

Classe 2		
[ɛ̃ɔ̃]	[ˈtɛ̃ɔ̃.mɔ]	'temos'
[ɛ̃ɔ̃]	[ˈkɛ̃ɔ̃]	'quero'
[ɔ̃ɔ̃]	[tɔ̃ɔ̃.ma]	'tomar'
[ɐ̃ɔ̃]	[nɐ̃ɔ̃]	'não'
[ãɔ̃]	[ˈgaɔ̃.ʃo]	'garfo'

Consoantes

Ocorrem as seguintes consoantes na fala do Canto

[p, b, t̪, t̪, d̪, d̪, nd, k, g, ŋg, ʔ, ɸ, β, f, v, θ, ɾ, s̪, s̪, z̪, z̪, ɑ, ʂ, ʐ, ʃ, ʒ, ʃ, ʒ, ɕ, ʝ, h, ɦ, m, n, ɲ, ŋ, l, l̪, ɾ, ɾ, ʈʃ, ɖʒ, ɻ, ʋ, ʋ̞]

Oclusivas:

Oclusivas pré-nasalizadas ocorrem na fala do Canto, principalmente em início de sílaba inicial de palavra:

[ᵐb]	[ᵐbẽ.nɪ.ˈzado]	'esterelizando'
[ⁿd]	[ⁿdoɻ]	'dois'
[ᵑg]	[ˈᵑgoɛla]	'goela'

Às vezes, também ocorrem em final de enunciados:

[ⁿd]	[hẽⁿd]	'arrenda' (3ª pessoa)
[ⁿd]	[gɾɜ̃ⁿd]	'grande'

Oclusiva glotal com valor de [ʔ], nas poucas vezes em que ocorre, é sempre no início de sílaba inicial de palavra:

[ʔ] [ʔmɐ̃ʊ̃] 'mão'

Oclusivas dentais e alveolares são alofones de um mesmo fonema, mas em início de sílaba em começo de palavra, estas últimas é que são mais comuns:

[d] [tu'a.da] 'toada'

[t] ['dẽ.no] 'dando'

Já as oclusivas travadas, com valores de [p̚, t̚, k̚] ocorrem em final de sílaba em final de enunciado. Ainda neste mesmo contexto podem ocorrer também as oclusivas travadas com valores de [b̚, d̚, g̚] só que, neste caso, são geralmente ensurdecidas:

[b̚] [a.'bɾɔb̚] 'abóbora'

[d̚] [ha:d̚] 'rádio'

[g̚] [ɐ.ĩ'bi:g̚] 'umbigo'

Fricativas:

As consoantes fricativas podem variar da seguinte forma:

[ka:s] ~ [ka:ʃ] ~ [ka:ʒ] 'casa'

[ka'sa.sa] ~ [ka'ʂa.ʂa] ~ [ka'ʃa:ʃ] ~ [ka.'ʃa.sa] 'cachaça'

[kɐ̃'mi:s] ~ [kɐ̃'mi:θ] 'camisa'

['kaʊ̃.sa] ~ ['kaʊ̃.ʂa] ~ [kaʊ̃.θa] 'calça'

[so.ka.'za.do] ~ [ʂo.ka.'ʐa.do̤] 'sou casado'

[dɛiʂ] ~ [dɛiθ] 'dez'

Entretanto, a única generalização que se pode inferir a partir dos

exemplos acima, refere-se às fricativas alveolares, que são as mais comuns em final de palavra.

[sõbɾɜ̃'sea] 'sombrancelha'

[sɛ̃'ɔ.ɾa] 'senhora'

[β] [ɣ] geralmente ocorrem em variação livre com as oclusivas do mesmo ponto de articulação correspondente a essas fricativas. Mas as oclusivas ocorrem na maioria dos contextos, de modo que [β] e [ɣ] ocorrem apenas entre vogais.

['pɾe.ta] 'preto' (cor)

[ɛ.βɾɪ.'ɣa.dʊ] 'é obrigado'

Fricativas glotais, com valores de [h, ɦ] constituem sons bastante recorrentes nessa fala. Podem ocorrer tanto no começo quanto quanto no final de sílaba, tanto quanto no começo, no meio e no final de palavra ou de enunciado.

['ha:sa] 'raça'

[ha:dʔ] 'rádio'

[hɔ:tʔ] 'voto' (1ª pessoa)

[bɐ:h] 'varre'

[ta.ɦa.pa.lɛ/ɦa.et̪ɪ] 'estava prá levar ele'

Nasais

Em final de palavra, [ɲ] e [ŋ], após vogal da mesma sílaba ocorrem sempre em distribuição complementar. [ɲ] ocorre após vogal anterior, e [ŋ] após as demais vogais. Por exemplo:

[bẽĩɲ] 'bem'

['nɜ̃ɐ̃ŋ] 'não'

Observe-se, contudo, a sequência [ŋd] na mesma sílaba' não se configurando nem como homorgânica, nem como consoante pré-nasalizada. Por exemplo:

['gɾɜ̃ŋ.ŋd] 'grande'

Bem poucas são as línguas conhecidas em que ocorrem consoantes geminadas, como a nasal geminada que ocorre na fala dos habitantes do Canto, conforme se observa no exemplo anterior. Neste caso, tem-se ainda uma estrutura de sílaba que não ocorre em português , isto é, o tipo CC.

Tap

Fato também característico dessa fala é a ocorrência de tap em começo de palavra.

[ˈɾoʃ.tɐ̥] 'rosto'
[ˈɾa.tɐ̥] 'rato'

Mas, como quase todas as consoantes dessa fala, também pode ser alofone, variando com a fricativa glotal.

[ˈhoʃ.tɐ̥] 'rosto'

Por outro lado, é o tap uma das poucas consoantes que ocorrem em grupo consonontal como segunda consoante.

[ˈpɾe.tɐ̥] 'preta'
[ˈbɾu.ʒɐ] 'blusa'

Laterais

Apesar de todas as laterais encontradas nessa fala ocorrerem tanto no início quanto em final de sílaba, apenas as alveolares com valores de [l, l̥] ocorrem em início de palavra, enquanto no final de palavras só as velarizadas ocorrem. Exemplo:

[ˈlĩŋ.gʷɐ̥] 'língua'
[ˈɐ̃.zɔɫ] 'anzol'

Africadas

As africadas só ocorrem diante da vogal [i, ɪ] , mas não com a obrigatoriedade de ocorrer sempre antes dessa vogal, como

ocorre em português. Nessa fala, diante de vogal [i,ɪ] pode ocor - rer, pois, tanto africadas com valores de [ʧ, ʤ] quanto oclusivas com valores de [t,d]. Exemplo:

[ə.sɪs.ʧi:]	'assistir'
[lei.ti]	'leite'

Constritivas

Das constritivas, as retroflexas com valores de [ɻ,ɻ̥] ocorrem em final de sílaba em variação livre com o tap. Assim,

[kaɻnɻ]	'carne'

enquanto que as demais constritivas [ʋ, ʋ̥] estão em variação livre com as fricativas labiodentais e até com as fricativas glotais. Exemplo:

[ɯ'ʋe:ɐ]	'ovelha'
[ɯ'he:ɐ]	'ovelha'
[ʋɐ'sĩɐ]	'farinha'
[fɐ'sĩɐ]	'farinha'
[hɐ'sĩɐ]	'farinha'

Parte desse conjunto de alofones, típicos dessa fala, é devido à utilização de toda uma área da cavidade bucal para a realização de sons consonantais que não apresentam oposição dentro dessa área. Os pontos de articulação aí compreendidos são lábio-dental, interdental, alveolar, retroflexo, palato-alveolar e, às vezes, até álveo-palatal. (Vê exemplos das páginas 69 e 70)

Outros traços fonéticos como sonoridade, surdez, murmúrio, também caracterizam os sons consonantais dessa fala:

- de um modo geral, traço de voz murmurada opõe-se a traço de surdez nas oclusivas, principalmente quando estas ocor - rem em início de sílaba:

[bat˺] 'bate'

- consoantes nasais em início de elocução são sempre murmuradas, mas em outros contextos são geralmente sonoras:

[m̤ə̃ʊ̃] 'mão'

['lĩŋ.gʷa] 'língua'

- as demais consoantes constritivas, inclusive o tap, ou são sonoras ou são surdas:

['no:vʊ] 'novo'

['atvʊ] 'alvo' (cor)

[lĩŋ.gʷə] 'língua'

['ɾɔʃ.tʊ] 'rosto'

Distribuição de Consoantes em Estrutura Silábica

C precedendo V

Em sílabas com estrutura CV-, C pode ser qualquer consoante. Mas, [ɗ, ɓ, g, ɲ, ŋ, tl], como as dentais, de um modo geral, não ocorrem em posição inicial de palavra.

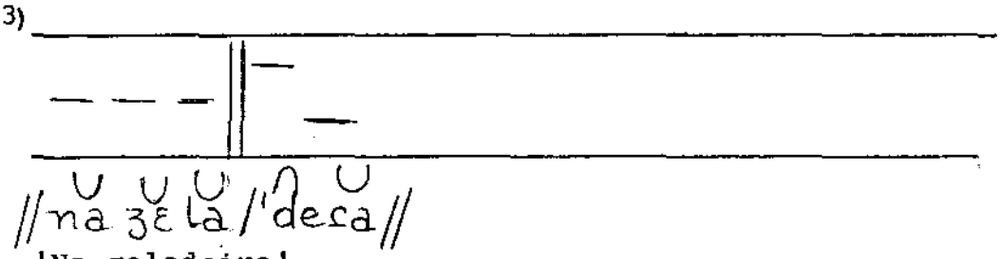
Em sílaba com estrutura CCV - (CC referido aqui como C_1 e C_2) C_2 é sempre [ɾ], e C_1 pode ser consoante oclusiva (exceto a glotal), fricativa bilabial sonora ou labiodental surda com valor de [β], [f], respectivamente. Essas afirmações podem ser apresentadas esquematicamente como segue.

C_1	C_2	V
p, b, t, d, k, g, β, f	ɾ	V

Descrição dos traços prosódicos da fala de Angical

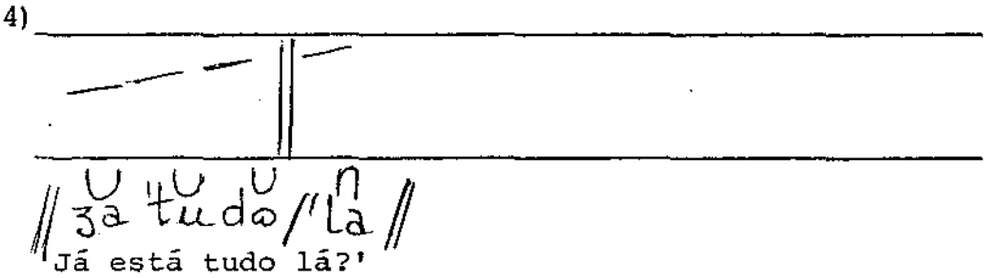
Veja-se os seguintes exemplos:

(53)



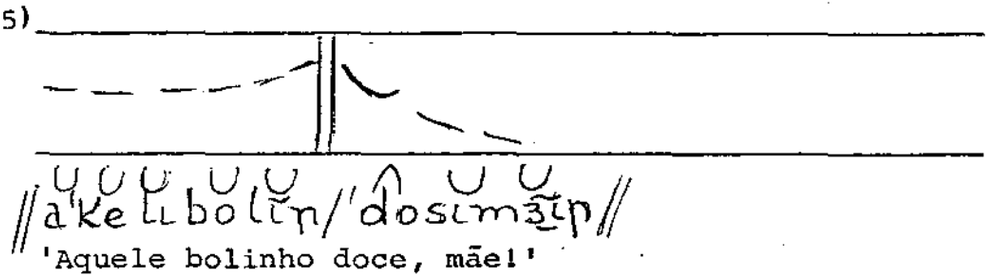
'Na geladeira'

(54)



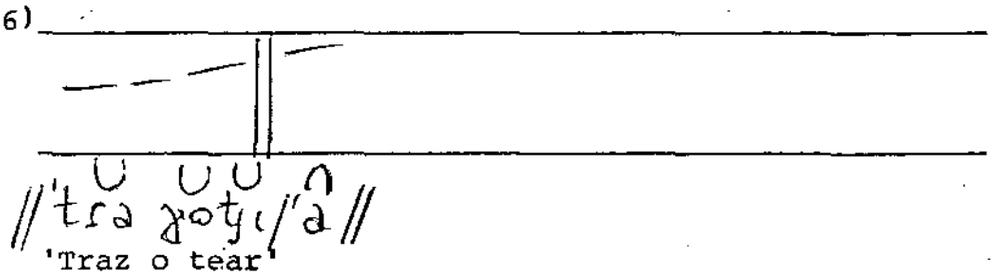
'Já está tudo lá?'

(55)



'Aquele bolinho doce, mãe!'

(56)



'Traz o tear'

Em todos esses enunciados, o contorno melódico apresenta um pico de proeminência. Esse pico de proeminência incide apenas sobre uma sílaba, no caso, a mais longa e também a mais

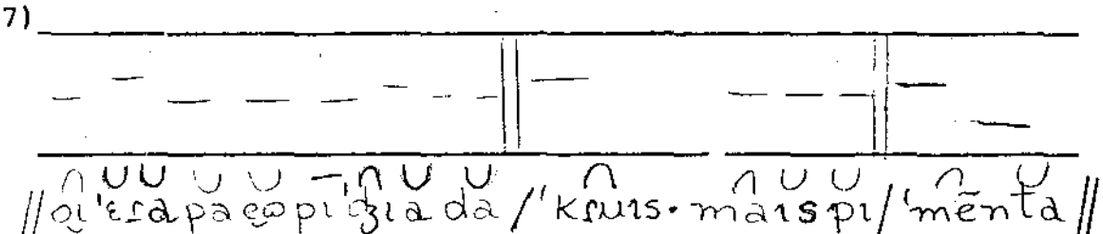
intensa de cada enunciado. As variações melódicas dessa sílaba são muitas, e nos exemplos acima ocorrem com os seguintes tons:

- no primeiro enunciado, há um tom nivelado meio-alto:
- no segundo enunciado, há um tom de contorno simples ascendente contínuo com terminação alta;
- no terceiro, há um tom de contorno complexo descendente-ascendente; e
- no quarto enunciado, há um tom de contorno simples ascendente, com terminação menos alta.

Temos, pois sobre essa sílaba, tanto tom nivelado quanto de contorno (simples e complexo). Nos dados do corpus, de um modo geral, o tom nivelado é mais frequente nessa nessa sílaba, e o tom de contorno complexo é o que mais raramente ocorre.

Embora o mais comun seja a ocorrência de enunciados com proeminência melódica em apenas uma sílaba, pode ocorrer enunciados com proeminência melódica em duas sílabas diferentes, como no exemplo seguinte:

(57)

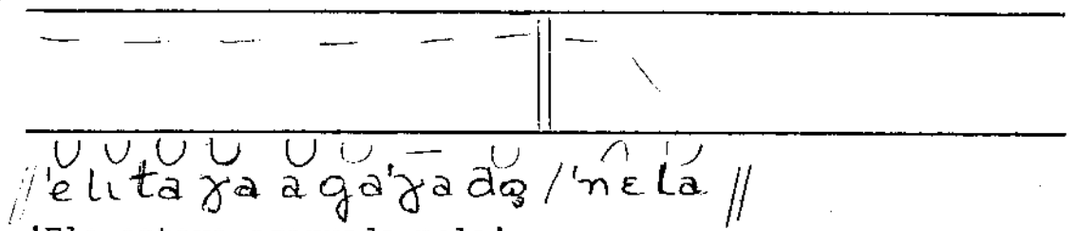


'Oi! Era prá eu pedir à Dacruz, mais pimenta'

Nesses casos, o enunciado pode ser dito constituir-se de duas partes, delimitadas por uma pequena pausa, e cada uma dessas partes contendo uma sílaba proeminente, sendo que a sílaba proeminente da primeira parte tem sempre um tom alto ou meio-alto, como se pode observar no exemplo (57).

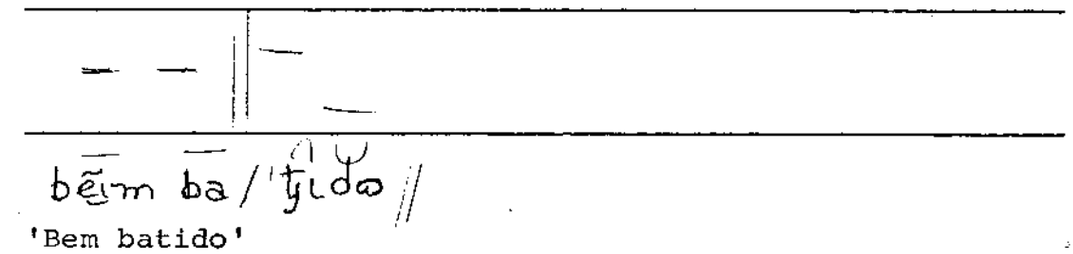
Além da sílaba proeminente, conforme visto acima, outras sílabas ou partes de enunciados também se caracterizam por uma tonalidade melódica peculiar. Por exemplo:

(58)



'Ele estava agarrado nela'

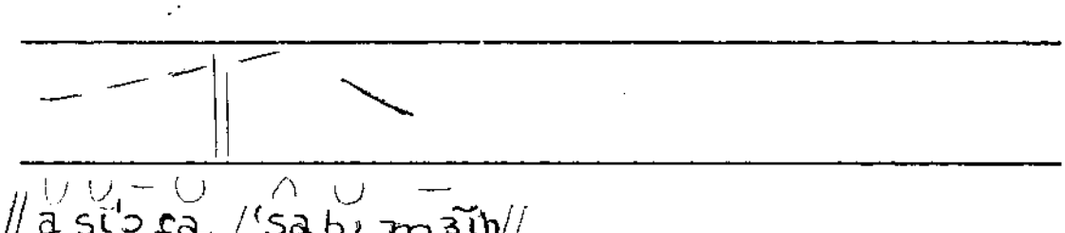
(59)



'Bem batido'

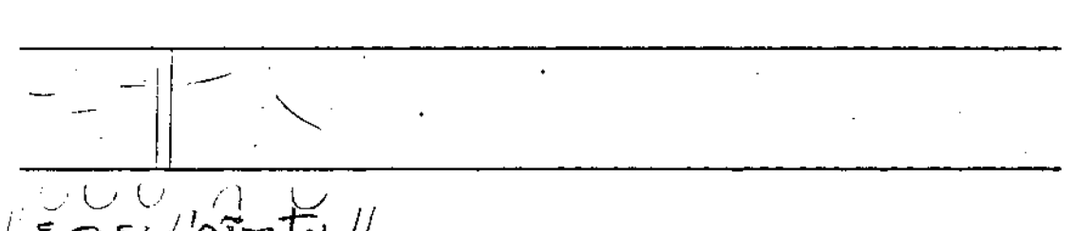
Observe-se que no enunciado (58) a parte que antecede a sílaba proeminente tem tom nivelado meio-alto, ao passo que a sílaba tônica proeminente tem um tom de contorno simples ascendente. No enunciado (59), as sílabas que antecedem à tônica têm contorno nivelado médio, enquanto a sílaba tônica tem um tom nivelado meio-alto. Por outro lado, e ao contrário da sílaba tônica, que é sempre longa, essas sílabas iniciais dos enunciados dessa fala são sempre breves, como o são também as sílabas que seguem a tônica . Melodicamente, essas sílabas que seguem a tônica, no caso sílabas finais de enunciado, tendem a ter tons com altura baixa, seja nivelado ou ascendente, que neste caso termina com altura baixa.Veja-se os exemplos:

(60)



'A senhora sabe, mãe'

(61)



'É o seguinte:'

Vale mencionar que tanto o nível de altura quanto o tom dessa sílaba final diferem dos da sílaba proeminente e sugerem, portanto, constituir uma parte melódica distinta daquela. As sílabas que compõem essa parte também são de intensidade fraca.

Dessa forma, se tem as seguintes partes do enunciado com variações no contorno melódico:

- sílabas iniciais
- sílaba proeminente
- sílabas finais

Um esquema das variações tonais dessas sílabas, segundo os dados da fala são:

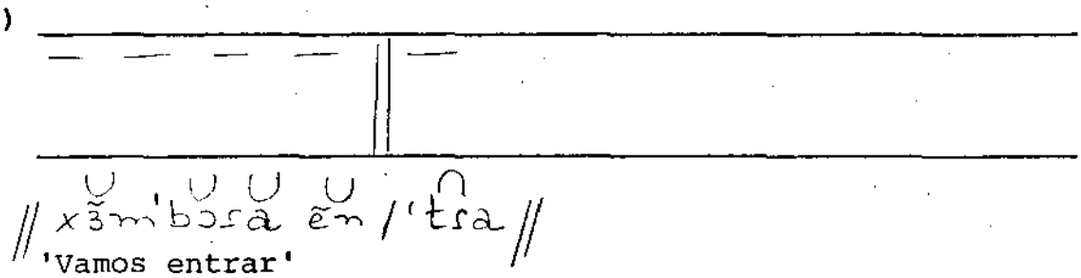
- sílabas inicias:
  nivelado (alto, médio ou baixo)
  de contorno simples (ascendente com terminação média)
  de contorno complexo (descendente-ascendente)
- sílaba proeminente:
  nivelado (alto e médio)
  de contorno simples ascendente (com terminação alta ou média)
  de contorno complexo (ascendente-descendente)
- sílabas finais:
  nivelado (médio ou baixo)
  de contorno simples (descendente)

Embora os níveis de altura acima considerados sejam três, (alto, médio e baixo) este último nunca ocorre na sílaba proeminente. Deve-se observar ainda a presença de tons meio-alto e meio-baixo. Este último apresenta-se claramente como uma variação do tom baixo.

Das três partes do contorno melódico em enunciados, o úl-

timo deles, ou seja, o que segue a sílaba proeminente, nem sempre ocorre no enunciado. Veja-se, a propósito, o exemplo seguinte:

(62)



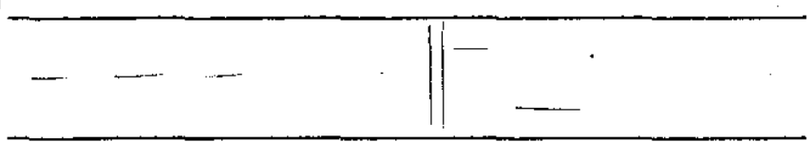
// xɜ̃m'bɔɾa ẽn /'tɾa //

'Vamos entrar'

O pico de proeminência verificado em cada enunciado confere-lhe a definição de unidade tonal, no sentido de Crystal(cf. Crystal, 1969:205). A sílaba sobre a qual recai esse pico de proeminência será a sílaba tônica (T) da unidade tonal. As outras partes são: sílabas átonas inicias (AI) e sílabas átonas finais (AF).

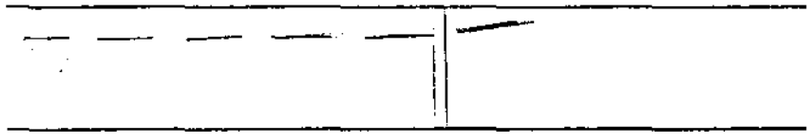
De um modo geral, o contorno melódico da unidade tonal dessa fala tem as seguintes configurações:

1)



2)

3)

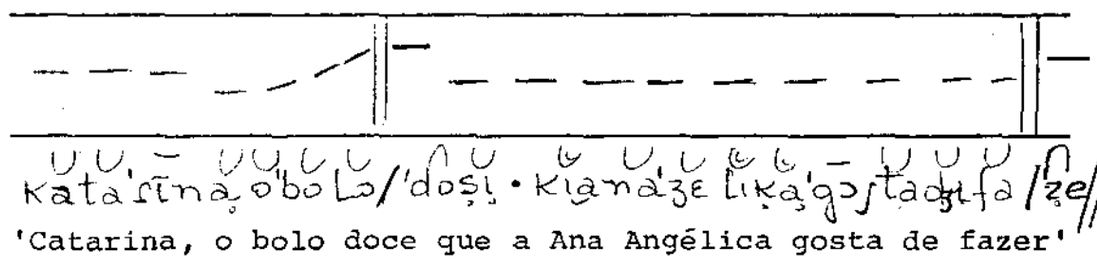


O contorno mínimo de uma unidade tonal dessa fala se encontra em enunciados contendo apenas uma sílaba, no caso, a sílaba tônica, que é, rigorosamente, a parte obrigatória da unidade . Mas tais enunciados são raros nessa fala. De fato, monossílabos na fala de Angical parece constituir fato marcado. Onde se espera por exemplo, enunciados do tipo "é", "tá", "sim", etc., a exemplo

de outras variedades de português faladas no Piauí, ocorrem enunciados como "pois é", "tá certo", "tá sim", "certo", etc..

Existem ainda outros traços prosódicos relevantes na fala de Angical. São, por exemplo, velocidade um pouco rápida, voz nasalizáda e ensurdecimento, este último incidindo sobretudo na parte final de enunciados. Por exemplo:

(63)

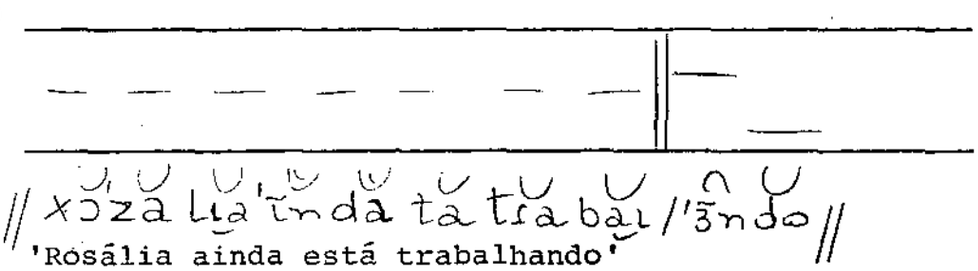


'Catarina, o bolo doce que a Ana Angélica gosta de fazer'

Significado dos tons

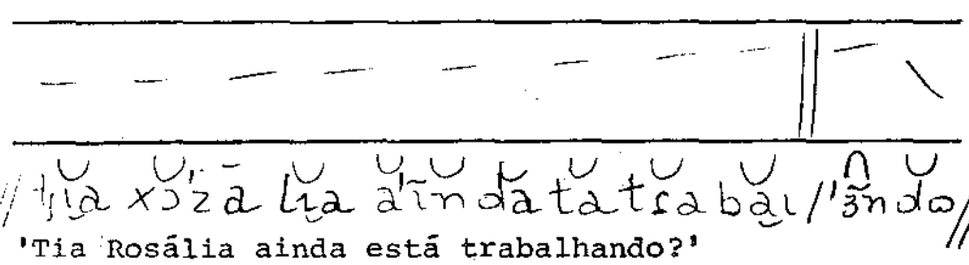
Os seguintes enunciados são foneticamente semelhantes, exceto no contorno melódico:

(64)



'Rosália ainda está trabalhando'

(65)

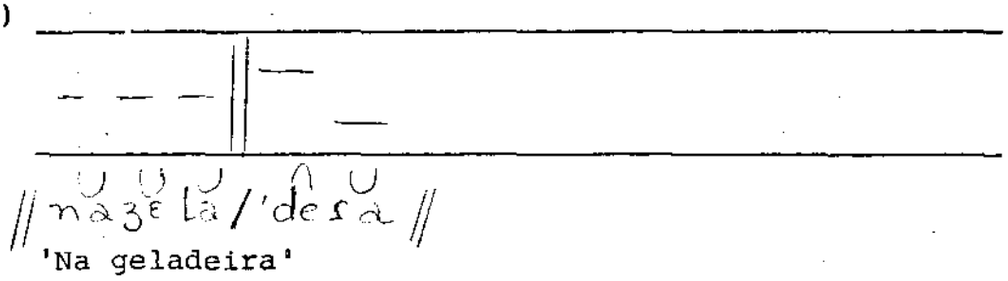


'Tia Rosália ainda está trabalhando?'

No enunciado (64), o contorno melódico se inicia por um tom nivelado médio, seguido por um tom nivelado meio-alto que incide so-

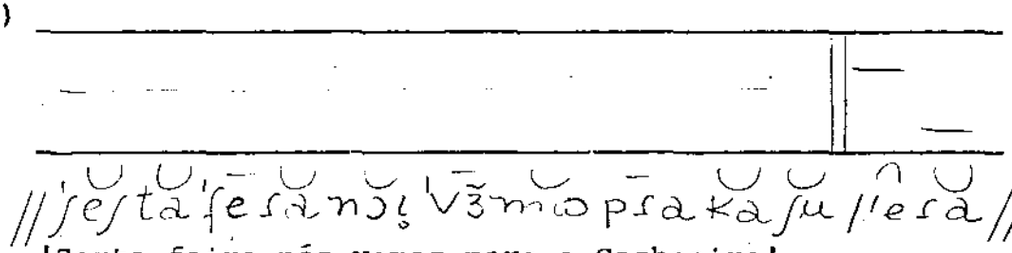
bre a sílaba tônica proeminente e termina por um tom meio baixo, também nivelado. Já no enunciado (65), o contorno melódico começa por um nível de altura médio que vai ascendendo gradativamente, e termina com um nível alto. Como se pode notar ainda, esses dois e-enunciados têm significados gramaticais diferentes. O primeiro deles, (64), faz uma afirmação, enquanto o segundo (65), expressa uma interrogação. Nos dados dessa fala, o contorno melódico de elocução afirmativa é sempre igual ou muito semelhante ao do exemplo (64). Vejamos outros casos.

(54)



'Na geladeira'

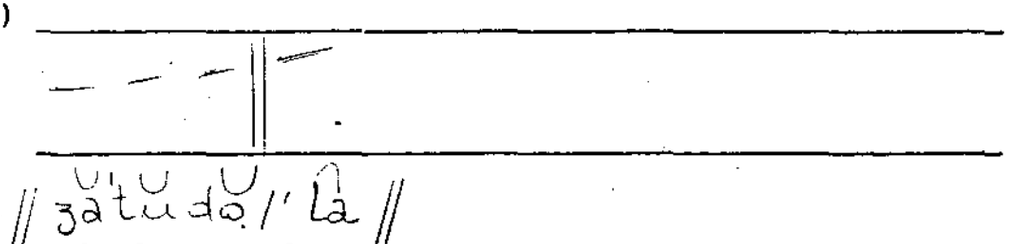
(66)



'Sexta-feira nós vamos para a Cachoeira'

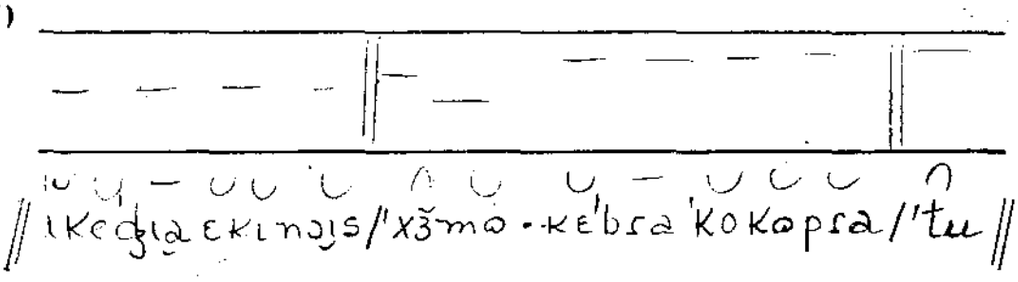
Enunciados interrogativos seguem o mesmo contorno melódico do exemplo (65):

(54)



'Já tá tudo lá?'

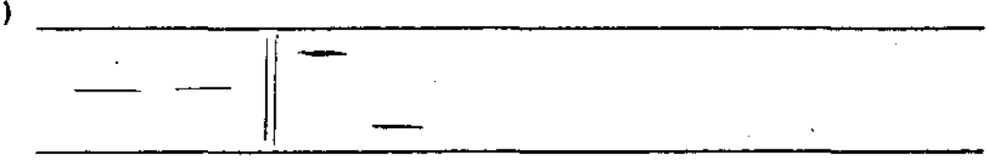
(67)



'E que dia é que nós vamos quebrar coco prá ti?'

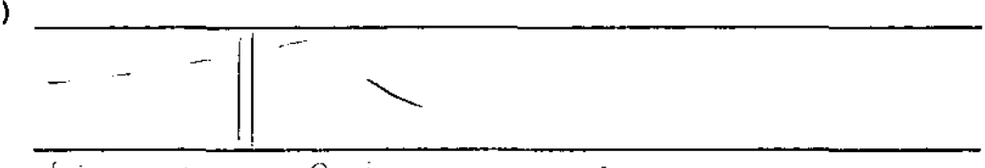
Outros significados, quer gramaticais, como de modo (declarativo, interrogativo, exclamativo, etc.), quer de atitudes do falante, são expresso por outros contornos melódicos frequentes na fala de Angical, como, por exemplo:

(59)



'Bem batido' (expressando uma ordem enfaticamente)

(60)

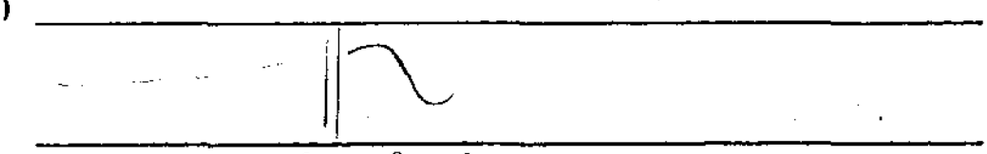


'A senhora sabe, mãe' (expressando um pedido de confirmação)

(68)

'Ele estava agarrado nela' (expressando surpresa e e solicitando confirmamação de um fato)

(69)

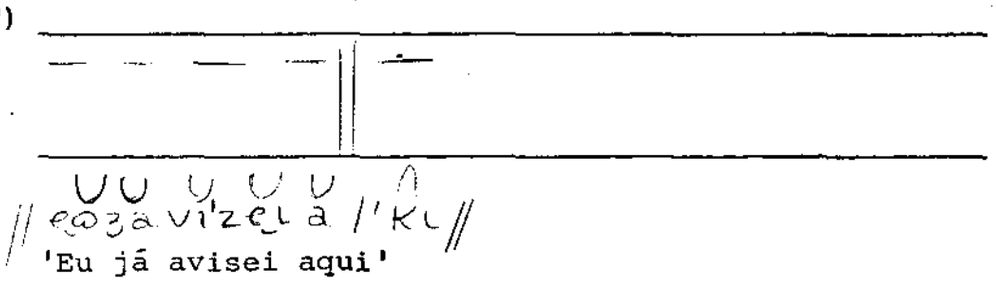


'Sua casa é feia' (expressando uma admiração com decepção)

Analisemos os enunciados (60) e (69) acima. A única di-

ferença no contorno melódico das unidades tonais desses dois enunciados está no tom da sílaba tônica proeminente. Em (60), o tom dessa sílaba é de contorno simples ascendente alto, e em (69), é de contorno complexo ascendente-descendente. No mais, tudo é praticamente igual. O enunciado (60) expressa um pedido de confirmação e o (69) expressa uma exclamação. Por outro lado, em muitos casos, os tons das outras partes da unidade tonal também expressam significados. Por exemplo, no enunciado

(70)



'Eu já avisei aqui'

o tom da sílaba tônica é nivelado meio-alto, bem como o tom das sílabas átonas inicias. Tom nivelado meio-alto sobre a sílaba tônica, caracteriza afirmação, mas tal não ocorre quando este incide sobre as átonas iniciais. Como se vê, este enunciado expressa a repetição de um fato com sentido de advertência. Relacionado ainda com contorno de sílabas átonas, temos, por exemplo, as átonas finais em enunciados afirmativos, que tendem a ser baixas ou meio-baixas, diferentemente das átonas finais de enunciados que expressam pedidos de confirmação. Neste último caso, as sílabas átonas finais têm tons de contorno simples descendentes (v. exemplos (60) e (68).

Com a discussão acima, se pretende mostrar que embora o significado do contorno melódico da unidade tonal seja indicado, principalmente, pelo tom da sílaba tônica proeminente, o contorno melódico das outras partes, como já referidas, também expressa significado que pode tanto reforçar como complementar o significado indicado pelo contorno da sílaba tônica proeminente.

Assim, segundo os dados da fala de Angical, a sílaba tônica proeminente das unidades tonais têm os seguintes tons:

- tom nivelado:

  alto, meio-alto, médio

- tom de contorno:

  simples ascendente

  complexo ascendente-descendente

Tons nivelado médio e meio alto são usados para respostas afirmativas. Já o tom nivelado alto expressa ordem. O tom de contorno simples ascendente expressa interrogação e o tom de contorno complexo ascendente-descendente expressa admiração.

É oportuno observar que os dados da fala de Angical aqui analisados não foram coletados em situações de espontaneidade, embora os próprios informantes considerassem, na ocasião, que as situações eram informais e até íntimas. Essas situações eram geralmente conversas com a participação do pesquisador, reuniões de trabalho artesanal, etc.. Entretanto os dados registrados nessas situações apresentaram distorções em relação a registros realizados sem a presença da pesquisadora. Apesar da convivência da pesquisadora com os habitantes de Angical ter sido relativamente pouco duradoura, em comparação com a que manteve com os habitantes do Canto, foi possível, entretanto, "flagrar" algumas situações efetivamente informais em Angical e observar, sem que fosse notada, a ocorrência tanto de enunciados monossilábicos como de elocuções menores do que as descritas no corpus. Não foi possível, porém, descrever foneticamente esses dados observados nessas circunstâncias. Isso não impede que tal observação fortuita seja utilizada como critério de avaliação do grau de espontaneidade das situações de fala cujos dados constam do corpus descrito foneticamente. Como as situações de fala no Canto, cujos dados foram analisados para serem

comparados com a análise dos dados da fala de Angical, foram também mais e menos informais, como já se observou, consideramos que o grau de informalidade, com ausência de espontaneidade em muitas situações, para ambas as falas, não compromete a comparação pretendida.

Descrição dos traços segmentais da fala de Angical.

A estrutura silábica da fala de Angical pode ser representada pela seguinte fórmula: $C_{0-2}\ V_{0-2}$. E os padrões silábicos dessa fala são os seguintes:

V	['a.ʃa]	'acha'	(3ª pessoa)
CV	['bu.lɪ]	'bule'	
VC	['aɫ.vo]	'alvo'	(cor)
CVC	['seɾ.ka]	'cerca'	(substantivo)
CCV	['ʃɾi.to]	'frito'	(substantivo'
VCC	[ɪu'ĩns]	'ruins'	
CCVC	['gɾɜ̃nʤi]	'grande'	
CVCC	['mõŋ.tɾo]	'monstro'	
CCVCC	['tɾeĩns]	'trens'	

Vogais

Os segmentos vocálicos dessa fala podem ser monotongos , ditongos e tritongos.

- monotongos.

  a) em sílabas tônicas ou acentuadas ocorrem os seguintes monotongos:

  [i] ['iso] 'isso'

[ĩ]	[ˈĩn.dʒi.o]	'índio'
[e]	[ˈe.le]	'ele'
[ẽ]	[ˈsẽn.ta]	'senta' (3ª pessoa)
[ɛ]	[ˈmɛ.lo]	'mel'
[a]	[ˈna.da]	'nada'
[ɜ̃]	[ˈmɜ̃ŋ.ga]	'manga' (substantivo)
[ɯ]	[pɯˈsa]	'puçá'
[õ]	[ˈnõŋ.ka]	'nunca'
[o]	[ˈo.so]	'osso'
[õ]	[ˈnõ.mi]	'nome'
[ɔ]	[põŋˈgɔ]	'pongó' (porn.)

Uma vogal meio-baixa central com valor de [ɜ̃] ocorre em variação livre com [ã], sobretudo em sílaba átona. Exemplo:

[bɜ̃ˈnɜ̃.na], [bãˈnɜ̃.na] 'banana'

b) Em sílabas átonas outros monotongos ocorrem, além de todos que ocorrem em sílaba tônica. Exemplo:

[ɪ]	[kɜ̃ŋ.ˈgɔ.tɨ]	'cangote'
[ʊ]	[ˈkoɾ.pʊ]	'corpo'

Mas em final de palavra apenas [i, o, a] ocorrem. Ainda em sílabas átonas, em final de palavras, às vezes, esses monotongos ocorrem ensurdecidos, com valores de [i̥, o̥, ḁ]: Assim:

[ˈbɔ.dʒi̥]	'bode'
[ˈkɜ̃m.pʊ̥]	'campo
[buˈni.tḁ]	'bonita'

- ditongos.

Ditongos na fala de Angical ocorrem tanto nas sílabas acentuadas quanto nas sílabas átonas. É bastante frequente a ocorrência de ditongos nessa fala e, segundo a natureza do movimento ditongal, podem ser agrupados em três classes:

Exemplos:

Classe 1 :

[ɯ̃ĭ]	[baˈɾɯ̃ĭ]	'barulho'
[o̞ĭ]	[bo̞ĭ]	'boi'

Classe 2 :

[e̞ə̃]	[deʃe̞ə̃ ˈve]	'deixa eu ver'
[ə̃]	[KasKaˈvɛə̃]	'cascavel'
[ɜ̃ə̃]	[nɜə̃]	'não'
[a̞ə̃]	[Koˈɾa̞ə̃]	'coral'
[ɪə̃]	[fɪə̃]	'fio'
[ɪə̃]	[ʤiˈzɪə̃ŋ]	'diziam'

Classe 3 :

[ĭə]	[Kuĭə]	'cuia'

- tritongos.

Tritongos só ocorrem em sílaba acentuada. Todavia, um tipo de tritongo foi levantado em sílabas átonas:

[ɐə̯ɪ]	[KɐəɪSˈKɛ]	'quaisquer'

Consoantes

São as seguintes as consoantes da fala de Angical:

[p, b, t, d, K, g, f, v, s, z, ɹ, ʃ, ʒ, x, ɣ, m, n, ɲ, ŋ, l, ɾ, ɾ, ʧ, ʤ].

Destas, [p , ŋ , t , x, ɣ] não ocorrem em início de sílaba, ao passo que [s , z , ʃ , ʒ , x , ɣ , m, n , ɲ , ŋ , t] ocorrem em final de sílaba. Mas destas que ocorrem em final de sílaba, somente [s, ɲ, ŋ, t] ocorrem em final de palavra. Exemplos:

[s]	[majs]	'mais'
[ɲ]	[teĩɲ]	'tenho'

[t] [tɛɾ'gat] 'tergal'

Relacionado com as consoantes que ocorrem em final de sílaba no meio de palavra, observa-se o seguinte:

- nasal sempre ocorre homorgânica com a consoante seguinte, ou seja, tem o mesmo ponto de articulação da consoante que segue.
- consoante lateral velarizada, em final de sílaba, só ocorre em estrutura silábica do tipo VC ou CVC. Exemplo:

['atvɑ] 'alvo' (cor)
[tɛɾ'gat] 'tergal'

Distribuição das Consoantes em Estrutura Silábica

C Precedendo V

Em sílaba com estrutura CV-, C pode ser qualquer uma das consoantes que ocorrem nessa fala, exceto [l, ɹ, x, ɣ, ɲ, ŋ]. Mas [ɾ] nunca vem em sílaba inicial de palavra.

Em sílabas com estrutura CCV- (CC referido aqui como C_1 e C_2), C_2 pode ser [ɾ] ou [l]. A distribuição de consoantes C_1 com C_2 é mostrada no quadro abaixo.

C_1	C_2	V
p, b, t, d, k, g, f, v	ɾ	V
p, b, t, k, g, f	l	V

Em sílabas cm estrutura -VC, C pode ser [s, z, ʃ, ʒ, x, ɣ, m, n, ɲ, ŋ, t, ɾ], como apresentado no quadro abaixo.

V	C
V	s, z, ʃ, ʒ, x, ɣ, m, n, ɲ, ŋ, t, ɾ

Exemplos:

['bis.po]	'bispo'
['mez.ma]	'mesma'
[ar'tiʸ.ta]	'artista'
['dez ʤi]	'desde'
['nɔx.tʃi]	'norte'
['kaɣ.ni]	'carne'
['kɜ̃m.po]	'campo'
['kɜ̃n.to]	'canto'
['pĩɲ.ʃo]	'piche'
['pĩŋ.ga]	'pingo'
['aʧ.vo]	'alvo' (cor)
[fur'mi.ga]	'formiga'

Em sílabas com estrutura_VCC (com CC considerado aqui como C_3 e C_4), C_3 pode ser [ŋ, ɾ] e C_4 = [ʃ, s]. Exemplo:

['mõŋʃ.tro]	'monstro'
[pers.pek'tʃi.va]	'perspectiva'

Traços Fonéticos Característicos da Fala do Canto e da Fala de Angical.

Traços Prosódicos.

A unidade tonal da fala do Canto se compõe das seguintes partes: sílabas átonas iniciais, sílaba pretônica, sílaba tônica proeminente e sílabas átonas finais, que pode ser representada pela seguinte fórmula: (AI) (PT) T (AF). Cada uma dessas partes apresenta variações melódicas e prosódicas (v. pág. 48). As vari-

ações tonais mais significativas recaem sobre as sílabas pretônicas e tônica proeminente. Esta, por sua vez, se define mais por traços prosódicos, de duração e força, do que propriamente por traços melódicos, e é a parte que define a unidade tonal. A sílaba pretônica é a que apresenta qualidades melódicas menos marcadas nessa fala, embora tais qualidades demonstrem um significado mais social do que propriamente linguístico, no sentido de caracterizar a fala do Canto como um todo, possivelmente se opondo às demais variedades de fala dos grupos da circunvizinhança do povoado.

De todas essas partes, são as átonas finais as mais marcadas nos enunciados, haja vista a tendência dessa fala em limitar os enunciados na sílaba tônica.

É observada também uma certa isocronia rítmica a qual se caracteriza pela repetição de sílabas longas após um número constante de sílabas átonas. (v. pág. 53-4). Outros traços prosódicos são identificados como relevantes, tais como a velocidade, ora lenta, ora rápida demais, ora normal para os padrões da fala do Canto. A pausa manifesta-se também com uma certa peculiaridade, sendo muito breve em relação, por exemplo, às pausas que ocorrem na fala de Angical, além de serem pouco frequentes nas elocuções. Muitas qualidades de voz também foram observadas, umas mais presentes do que outras. A qualidade de voz nasalizada, por exemplo, está presente em toda cadeia sonora dessa fala, mas outras como voz sussurrada (whisper voice), voz murmurada (breath voice), voz dentalizada, voz palatalizada, e até voz tremulada (creaky voice) estão presentes, também com maior ou menor intensidade.

Os tons mais marcantes da fala do Canto são os de contorno por salto, que recaem normalmente sobre a sílaba pretônica. Todavia, são os tons nivelados altos, médios e baixos, de contorno

simples descendente e complexo ascendente-descendente os que conduzem significado, seja gramatical, seja de atitude dos falantes.

Na fala de Angical, porém, a unidade tonal se compõe de sílabas átonas iniciais, sílaba tônica proeminente e sílabas átonas finais. A parte obrigatória da unidade é aquela constituída pela sílaba tônica proeminente, mas as outras partes, embora facultativamente, poucas vezes deixaram de ocorrer nos dados do corpus analisado (v. pág. 77) A sílaba tônica, como parte definidora da unidade tonal se caracteriza por um pico de proeminência melódica, recebendo ainda um forte acento de intensidade, e duração sempre longa em relação às demais sílabas. Os níveis de altura melódica são: alto, meio-alto, médio e, ainda, baixo. Este último, porém, nunca ocorre na tônica. Aliás, a maior variação tonal da unidade ocorre nas sílabas átonas iniciais, embora essa variação, algumas vezes, seja apenas fonética, sem implicações para o significado final do enunciado. Os tons que conduzem significado incidem sobre a sílaba tônica proeminente, e são os seguintes: tom nivelado (alto e médio), tom de contorno simples (ascendente) e tom de contorno complexo (ascendente-descendente). Os significados conduzidos por esses tons são, principalmente, de ordem, afirmação, interrogação e exclamação

Traços Segmentais

Na fala do Canto é bem típico:

- sílabas com centro silábico consonantal;
- vogais nasais, como em [sũ], etc.;
- vogais ensurdecidas, como em [duas];
- vogais sussurradas, como em [dɛi];
- sílabas finais totalmente ensurdecidas, como em ['de:do];

- vogais meio-baixas com valor de [ʌ] e nasais com valores de [ɛ̃, ʌ̃, ɔ̃]
- tendência à monotongação. Por exemplo:

  [nõ'se:] 'não sei'

  [tɾe:] ~ [tɾɪ:] 'três'

- consoantes prenasalizadas, oclusivas travadas, como em:

  [mbẽni'zado̥] 'esterilizado'

  ['ŋgoɛlḁ] 'goela'

  ['kʌ̃mp̚] 'campo'

- uma área de articulação opondo-se aos pontos de articulação bilabial, velar e glotal da fala de Angical (v. pág. 72). Daí porque as possibilidades de variações na fala do Canto é muito grande. Exemplos:

  [ka:s] ~ [ka:ʒ] 'casa'

  ['sa.ko̥] ~ [ʃa.ko̥] 'saco'

  ['pɾe t̪o̥] ~ ['pɾe θo̥] ~ ['pɾe.fi̥] 'preto'

- consoantes fricativas e oclusivas glotais (v. pág. 69 e 70).

Na fala de Angical é bem comum:

- sílabas com estrutura VCC, ou seja, que terminam por duas consoantes;
- grupos consonontais;
- consoantes homorgânicas, quer dizer, ocorrência de sequência de consoantes em sílabas separadas, onde' a primeira delas é uma nasal e esta tem sempre o mesmo ponto de articulação da consoante seguinte.
- ditongos típicos da fala do Canto correspondem a monotongos na fala de Angical, muito embora nesta última a sequência de ditongos do tipo [não̯ŋ seĭ] 'não

sei', [treĭs] 'três' seja muito frequente.

Por exemplo:

Fala do Canto		Fala de Angical
['teŏmǫ]	'temos'	['te:mǫ]
[haŏdʒi'ɔ:la]	'radiola'	[rra.dʒi'ɔ:la]
[toŏ'ma:]	'temos'	[tõ.ma]

Conclusão.

Como se pode observar a partir da análise precedente, as falas do Canto e de Angical apresentam muitas características que as tornam distintas. Os traços prosódicos da fala do Canto são bem diferentes daqueles da fala de Angical. A começar pela unidade tonal, vimos que a própria composição dos traços prosódicos das partes dessa unidade e dos demais traços prosódicos que marcam essa unidade é diferente nas duas falas. A unidade tonal da fala do Canto tem, neste aspecto, a seguinte estrutura: (AI) (PT) T (AF), ao passo que na fala de Angical essa unidade se compõe apenas de (AI) T (AF). O contorno melódico da sílaba pretônica, na fala do Canto, é o menos marcado, no caso, um tom de contorno por salto, geralmente ascendente ou então descendente, algo peculiar que realmente caracteriza essa fala. Nela, a sílaba tônica da unidade tonal se define mais em termos prosódicos do que especificamente melódicos, como a unidade tonal da fala de Angical. Os traços de duração e força, por exemplo, são mais proeminentes nessa sílaba tônica. A quantidade de variações melódicas sobre a sílaba tônica e até mesmo sobre as outras partes da unidade tonal é bem maior na fala do Canto, como também o são os contrastes significativos dessas variações. Uma cadência isocrônica mais definida devido à repetição de sílaba longa após um número quase

sempre constante de sílabas átonas, só ocorre na fala do Canto.

Se, por um lado, a fala de Angical apresenta uma velocidade um pouco rápida em relação às outras variedades de português faladas no Piauí, como se observou na análise dos dados, a fala do Canto apresenta pelo menos três tipos de velocidade: lenta, normal e rápida. A fala de Angical também se apresenta como nasalizada e ensurdecida, mas a fala do Canto, além disso, se apresenta ainda como sussurrada, murmurada, dentalizada, palatalizada.

Quanto aos traços segmentais, existem muitos na fala do Canto e que não existem na fala de Angical, tais como:

- vogais meio-baixas, com valores de [ɛ̃, ʌ̃, ɔ̃]
- consoantes glotais com valor de [ʔ, h, ɦ]
- consoantes dentais com valores de [θ, ð]
- consoantes fricativas surdas com valores de [s̪, ʂ, ʃ̪, f̪]
- consoantes retroflexas com valores de [ɻ, ɽ, ʂ, ʐ, ʃ, ʒ]
- consoantes álveo-palatais com valores de [ɕ]
- consoantes pré-nasalizadas, com valores de [mb, nd, ŋg]

Por outro lado, há na fala de Angical segmentos que não aparecem na fala do Canto, tais como fricativas velares com valores de [ɹ, x, ɣ].

Existem, entretanto, traços segmentais que embora ocorram nas duas falas, são mais sistemáticos em uma delas. Na fala de Angical, por exemplo, segmentos africados palato-alveolares, com valores de [ʧ] e [ʤ], realizam-se sempre diante de vogal anterior alta com valor de [i, ɪ]. Já na fala do Canto, estes segmentos africados com valores de [ʧ, ʤ] também ocorrem, mas tal não se dá sempre diante de vogal alta anterior, mesmo que não ocorra em outro contexto.

A distribuição de muitos segmentos também tende a ser específica de cada fala. Na fala de Angical, tap com valor de [ɾ]

nunca ocorre no começo de elocução, ao passo que isso ocorre na fala do Canto (v. pág. 71). E assim, muitos outros sons que existem nas duas falas têm distribuição diferente em cada uma delas. Outros casos da mesma natureza são: a lateral velarizada que na fala de Angical nunca ocorre seguida por vogal e que assim ocorre na fala do Canto ; a consoante oclusiva que na fala do Canto ocorre comumente em final de elocução (v. pág. 69) Entretanto, nenhuma consoante oclusiva ocorre neste contexto na fala de Angical .

Mesmo que muitos segmentos sejam os mesmos nas duas falas, e tenham inclusive a mesma distribuição fonética nas elocuções, os significados desses traços fonéticos não são os mesmos em ambas as falas. Na fala do Canto, por exemplo, [ˈʃa:sɐ̃] e [ˈʃa:ʃɐ̃] significam a mesma coisa e, portanto, [s] e [ʃ] nessa fala não marcam uma oposição de significado. Todavia,a ocorrência desses mesmos segmentos em elocuções da fala de Angical implicaem mudança de significado. Já [ʃe:], na fala do Canto, pode referir-se tanto a 'cheio', a 'sei' ou a 'você', ao passo que na fala de Angical, cada um desses conceitos requererá diferentes formas.Casos como estes existem devido ao fato de na fala de Angical os sons realizados nos pontos de articulação labiodental, alveolar e palato-alveolar servirem para marcar diferença de significado nas elocuções onde estão presentes. Na fala do Canto, porém, estes distintos pontos de articulação não produzem segmentos que impliquem em diferença de significado denotativo, por exemplo. O que vale dizer é que, teoricamente, as confusões de comunicação advindas desses fatos poderão ser muitas em situações de contato ou relação linguística qualquer, entre os falantes das duas falas. A este respeito, outras dificuldades de comunicação podem resultar de outros fatos fonéticos característicos da fala do Canto. Nessa

fala, por exemplo, co-ocorrem muitas formas homônimas tais como [ka.'ɦa:] 'cavar', [ka.'ɦa:] 'casar', [ka.'ha:] 'cajá' [kə.'ɦa:] 'cará', etc., devido ao fato de a fricativa glotal corresponder a vários sons na fala de Angical e que nesta estabelecem significados diferentes.

Há formas na fala do Canto que são totalmente estranhas para falantes de Angical. Por exemplo, [pə.ɦu.'d:], que varia com [pəɸ̬.ʋɔ.'ə], e que provavelmente se origina da forma 'povoado' ; do mesmo modo [tɛt], que se origina de 'garrafa térmica', ou, mais provavelmente, da forma 'térmica'.

A fala do Canto caracteriza-se ainda como diferente da fala de Angical pela própria qualidade de voz produzida pelos falantes, que é, de uma maneira geral,palatalizada, dentalizada , sussurrada, e murmurada.

Como se viu, embora os habitantes demonstrem dedicar especial esforço em reproduzir a variedade de fala dos habitantes da sua área de contato, especialmente a fala dos habitantes de Angical, permanece ainda na fala do Canto características peculiares que lhe conferem uma especificidade que a torna diferente da fala de Angical, e com possibilidades de relativa ininteligibilidade por parte dos regionais.

CAPÍTULO III

Os Diversos jeitos de falar dos habitantes do Canto

A visão que os regionais têm acerca do Canto refere-se a todos os seus habitantes indistintamente. O jeito de falar dos habitantes do Canto, "esquisito" e "diferente", se contrapõe ao falar regional genericamente considerado. Essa visão dos regionais , porém, (como já vimos no capítulo I) ou não corresponde à realidade ou, pelo menos, não corresponde àquilo que os próprios habitantes do Canto pensam sobre sua situação linguística. Antes de mais nada os habitantes do Canto dizem que falam igual aos regionais e procuram sempre demonstrar isso; em segundo lugar, pensam sua situação linguística de modo tal que existiria não um único jeito de falar genérico, como pensam os regionais, mas diversos jeitos de falar, cada um deles correspondendo a uma "família" e/ou localidade. No Canto, é bastante comum se ouvir, em situação de pesquisa, enunciados do tipo: "Não, nós da família Pereira fala tudo de um jeito, eu mais os outros... Agora, aqueles do Brejim... , o povo da Nedina , o povo do finado Joaquim, filho do Manel... é a merma língua que eu tô dando, é a merma linguage"; "Não, aqui no Canto tem as família. A gente não fala igual porque a gente não é parente de muitos. Eu não sou parenta de todo mundo"; "Cada um fala dum jeito num vê que cada um é dum lugar?".

Mas o que seria esse jeito de falar específico de cada família ou de cada localidade? Existiria realmente uma relação entre jeito de falar e família e/ou localidade? Enfim, que aspectos, linguísticos ou não, determinariam a existência desses jeitos de fa-

lar?

O objetivo deste capítulo é demonstrar a existência e caracterizar os diversos jeitos de falar do Canto, identificando os seus aspectos constitutivos, bem como analisar as suas relações com família e com localidade. O procedimento recomendado para se investigar a existência desses jeitos de falar e suas relações com família e localidade é escolher uma dessas duas variáveis como independente e observar como variam outros aspectos, especialmente a fala. Assim, escolhemos a variável família como independente, e a partir dela verificamos a fala de seus membros residentes no local de residência da família e fora dele. Depois, escolhemos a localidade de residência do falante como variável independente e a partir daí definimos o falar daquela localidade e a pertinência familiar dos falantes. Apenas a variável fala não pôde ser escolhida como independente uma vez que, neste caso, cada falar é dito ser uma característica ora de família, ora de localidade, ora de ambas as variáveis, sendo, portanto, um fato a ser definido.

Na descrição de cada falar leva-se em conta os aspectos de fala sugeridos pelos próprios informantes do Canto, nas suas opiniões sobre cada falar, conforme estes são pensados, além do que tal descrição se pauta nos registros de fala concreta produzida pelos falantes. Os aspectos sugeridos pelos informantes se referem, geralmente, a traços prosódicos, razão porque se faz em primeiro lugar uma descrição fonética prosódica, após o que se considera outros aspectos ou elementos de fala, verbais ou não, mas também frequentes em cada falar concreto. Assim, na identificação, definição e descrição desses diversos falares, investigou-se a fala de membros de cada família e de residentes de cada localidade, tentando-se precisar com a maior objetividade possível as relações entre jeito de falar, família e localidade. Para isso foram escolhidos

para descrição e análise, textos e frases produzidos por falantes representantes de todas as famílias e de todas as localidades.

A escolha dos informantes de fala, para efeito de descrição fonética, teve como critério fundamental o fato de o falante não apresentar defeito de fala (provocado por problemas dentários, labiais, palatais, gagueira, bronquite crônica, asma ou qualquer anomalia de ordem física que interferisse no funcionamento do aparato vocal). Para efeito da análise das relações entre fala, família e localidade estabeleceu-se que os informantes de fala deveriam preencher os seguintes requisitos, além dos já referidos acima: ser um membro nativo do grupo do Canto, isto é, reconhecer-se e ser reconhecido como membro de uma das famílias constitutivas do grupo do Canto; ser residente permanente em uma das localidades do território do povoado.

A descrição e análise prosódica do presente capítulo, obedece aos fundamentos teóricos e metodológicos utilizados no capítulo II. A presente descrição, porém, é menos pormenorizada e detalhada do que aquela, no sentido em que foram considerados aqui, apenas aqueles aspectos mais frequentes e relevantes de cada fala, conforme ficou evidenciado na análise dos dados coletados. Também foi feita uma descrição geral dos segmentos fonéticos mais característicos de cada falar, além de outros aspectos, inclusive não verbais, mas relacionados com fala, e frequentes em cada falar.

Descrição dos Jeitos de Falar das "Famílias" do Canto

Fala ou "jeito de falar" dos membros da Família Da Fé.

Contornos melódicos ascendentes e descendentes, tons de contorno contínuo e por salto, pausas, principalmente breves, mas

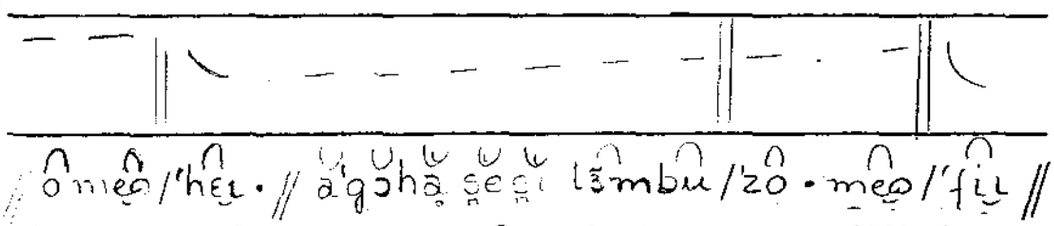
frequentes, qualidade de voz murmurada, são alguns dos traços prosódicos mais observados na fala dos membros da família Da Fé, ou Tibúrcio, como é também denominada internamente. Também frequente nessa fala é o som oclusivo glotal com valor de [ʔ]. Veja-se, a propósito, como ocorrem os traços fonéticos mencionados acima e como estão distribuídos na fala dos membros dessa família.

De um modo geral, nos enunciados dessa fala se distinguem as seguintes partes melódicas:

- sílabas átonas iniciais;
- sílaba pretônica;
- sílaba tônica proeminente;
- sílabas átonas finais.

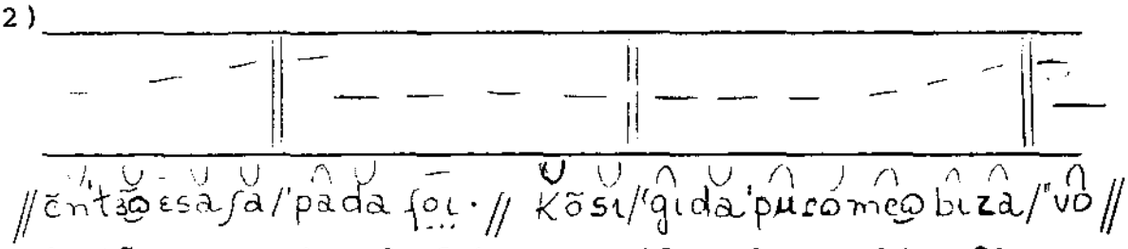
As sílabas átonas iniciais contêm tons nivelados de altura média e alta, ou de contorno simples, principalmente ascendentes, como nas seguintes elocuções:

(71)



'oh! meu velho, agora você se lambuzou, meu filho'

(72)

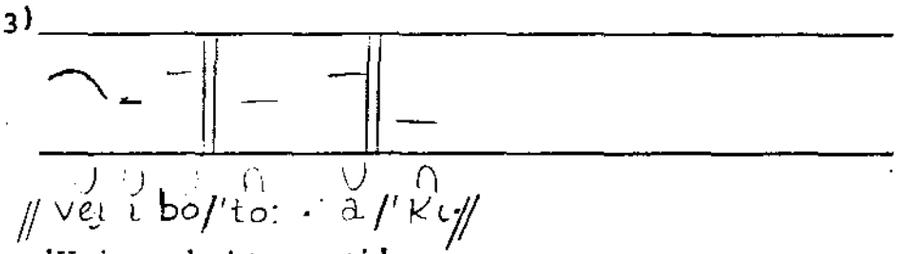


'Então, essa chapada foi conseguida pelo meu bisavô'

Ainda na fala de alguns informantes, também ocorrem os seguintes tons:

1º - os tons de contorno simples descendente e inclusive o tom de contorno complexo ascendente-descendente, como se pode observar no exemplo abaixo:

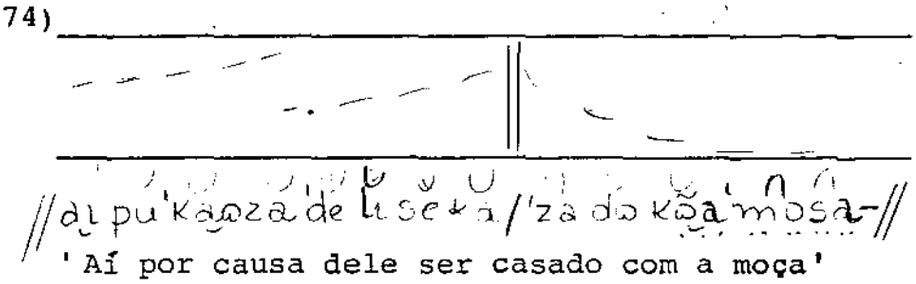
(73)



'Veio e botou aqui'

2º - Até dois tons ascendentes com limites definidos dentro dessas sílabas, como no enunciado a seguir.

(74)

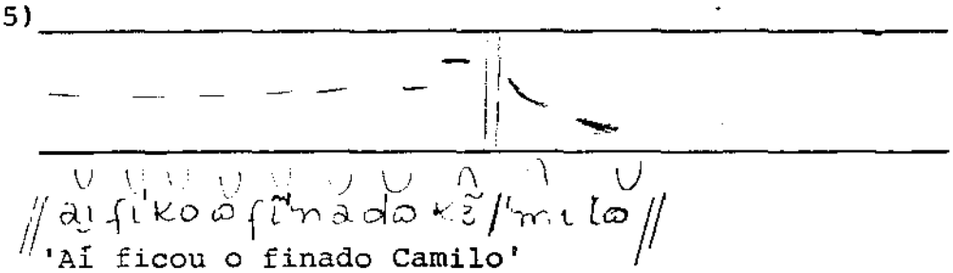


'Aí por causa dele ser casado com a moça'

As sílabas pretônicas têm o mesmo tom das sílabas átonas iniciais, ou seja:

- tom de contorno por salto, diferente do tom das sílabas átonas iniciais, como em

(75)

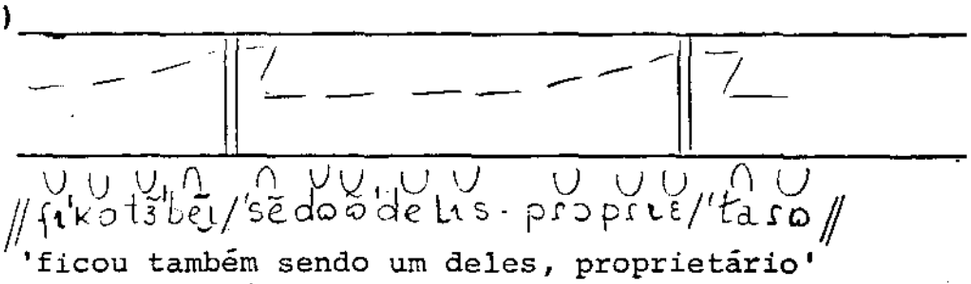


'Aí ficou o finado Camilo'

É interessante notar que o nível de altura dessa sílaba é igual ou mais alto do que o da sílaba tônica proeminente, como ocorre nos exemplos acima.

Sobre a sílaba tônica proeminente ocorre sobretudo o tom de contorno simples ascendente ou descendente, contínuo ou por salto. E é curioso a predominância de tom de contorno por salto na fala de homens, enquanto na fala de mulheres é predominante o tom de contorno contínuo, como se observa nos exemplos abaixo:

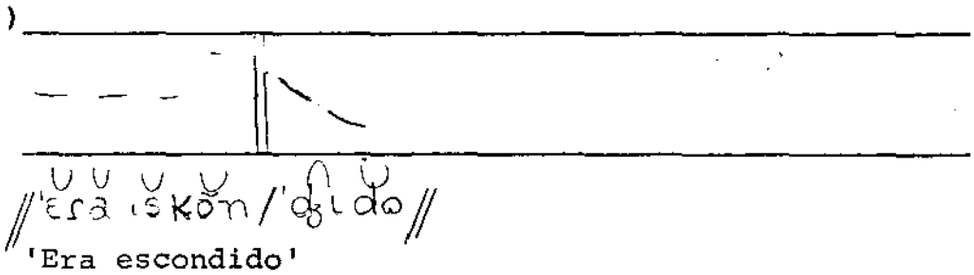
(76)



'ficou também sendo um deles, proprietário'

(fala de homem)

(77)



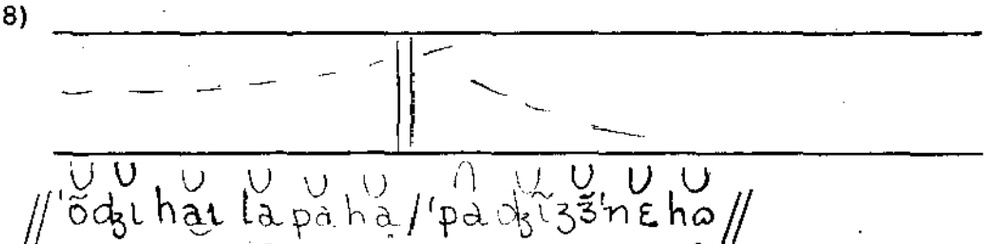
'Era escondido'

(fala de mulher)

Além dos tons acima mencionados, ocorrem ainda sobre a sílaba tônica proeminente os tons nivelados médio e alto, os tons de contorno simples ascendentes ou descendentes. De fato, é sobre essa sílaba que ocorre o maior número de variações tonais.

A sílaba tônica proeminente ocorre muito frequentemente no último item lexical do enunciado (excetuando-se, obviamente, os casos de tom composto). Neste caso, essa sílaba proeminente é a última ou penúltima do enunciado. Pode acontecer também que ela recaia sobre o penúltimo item lexical, como em

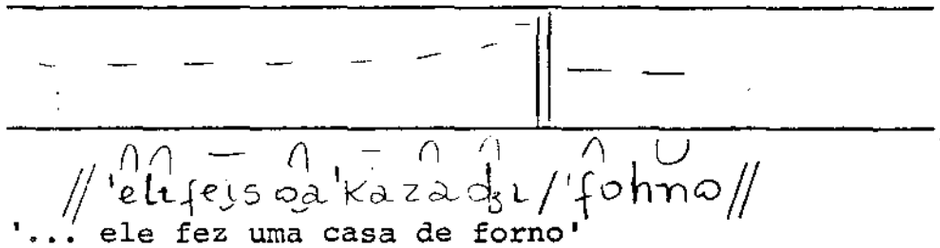
(78)



'Onde vai lá para a Chapada do Genésio'

As sílabas átonas finais têm tanto o mesmo tom quanto o mesmo nível de altura melódica da sílaba tônica proeminente

(79)



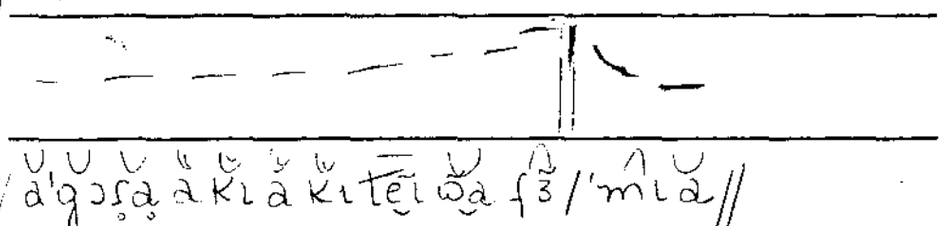
'... ele fez uma casa de forno'

(80)

'... mais os filhos dele'

Contudo, essa sílaba pode ter tom diferente do da sílaba tônica proeminente. Exemplo:

(81)

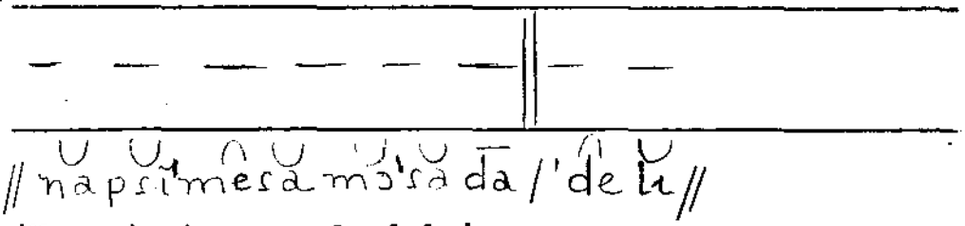


'Agora aqui, aqui tem uma família'

As sílabas átonas finais nem sempre ocorrem nos enunciados, fato que é, aliás, comum a todos os falares do Canto. Específico da fala da família Da Fé é a predominância do nível de altura médio e não baixo nessas sílabas. O contorno melódico dos enunciados, sem essa descida final, fica como se estivesse incompleto, fato que se apresenta como estranho ou "diferente" e "esquisito" para os falantes do português regional. Nessa variedade de português, como vimos, a maioria dos enunciados têm, foneticamente, contornos melódicos com finais baixos, mesmo em enunciados interrogativos (v. pág. 79).

É interessante notar ainda a existência de linhas melódicas, sem qualquer proeminência melódica. Por exemplo:

(82)



'Na primeira morada dele'

Na duração silábica dessas partes melódicas predomina seguinte esquema:

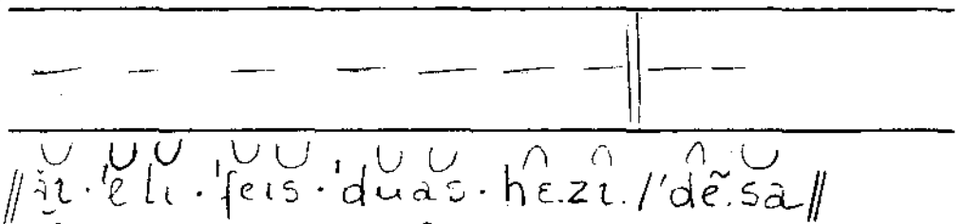
- as sílabas átonas iniciais são breves;
- a sílaba pretônica é média ou longa;
- a sílaba tônica proeminente é longa;
- as sílabas átonas finais são breves;

As sílabas que comumente têm duração breve podem ainda ser muito breves.

A sílaba tônica é, portanto, sempre longa e a mais intensa dos enunciados. A sílaba pretônica pode ter a mesma duração da sílaba tônica proeminente, embora o mais comum seja ter uma duração média.

Dentre os traços característicos da fala da família Da Fé está a pausa. É comum ocorrerem uma ou mais pausas dentro de uma mesma unidade tonal. Por exemplo:

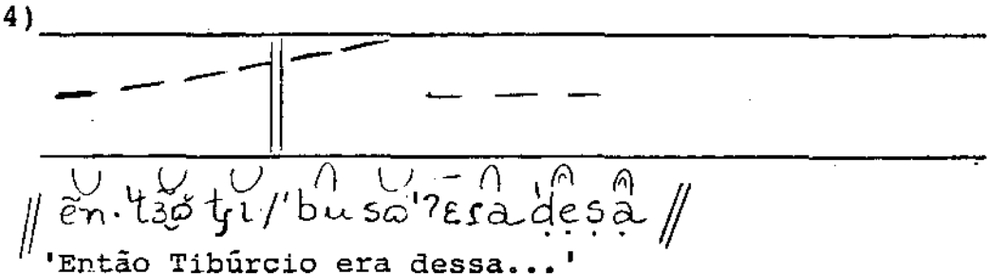
(83)



'Aí ele fez duas residências'

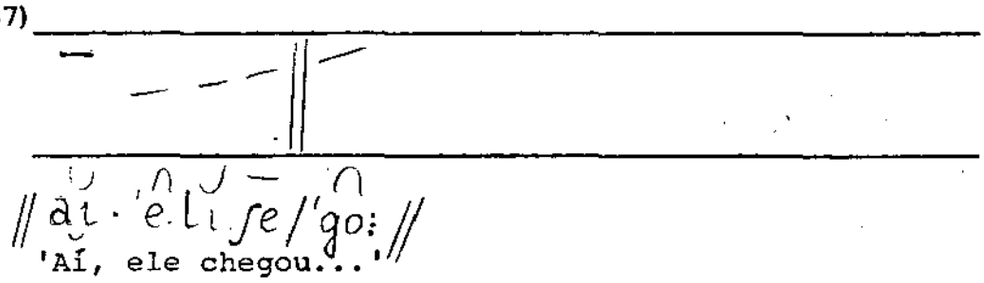
Mas a marcação de pausa nem sempre é tão fácil observar devido à confusão com outros fatos fonéticos como, por exemplo, com a oclusiva glotal, que aparece normalmente no começo de palavra. Observe-se, a este respeito, os exemplos a seguir.

(84)



'Então Tibúrcio era dessa...'

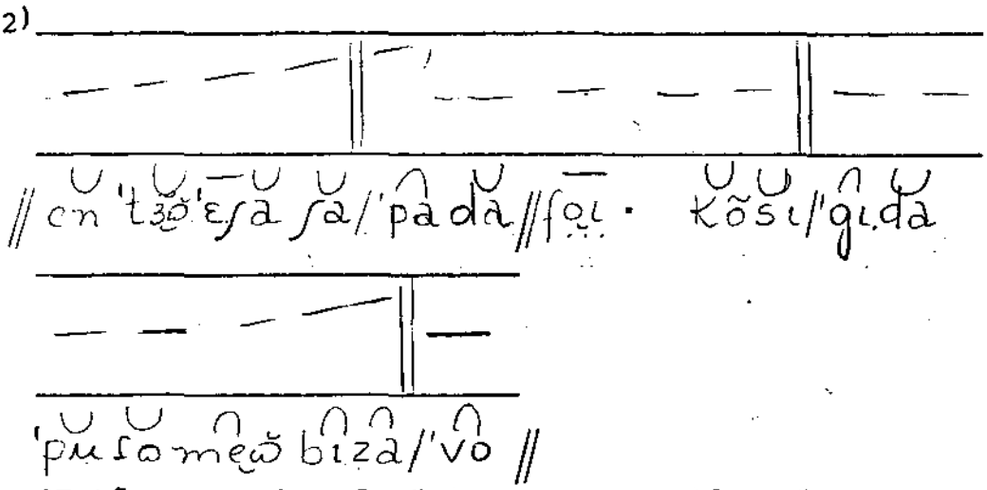
(37)



'Aí, ele chegou...'

Nessa fala, há pausa inclusive em meio de uma elocução verbal:

(72)



'Então essa chapada foi ... conseguida pelo meu bisavô'

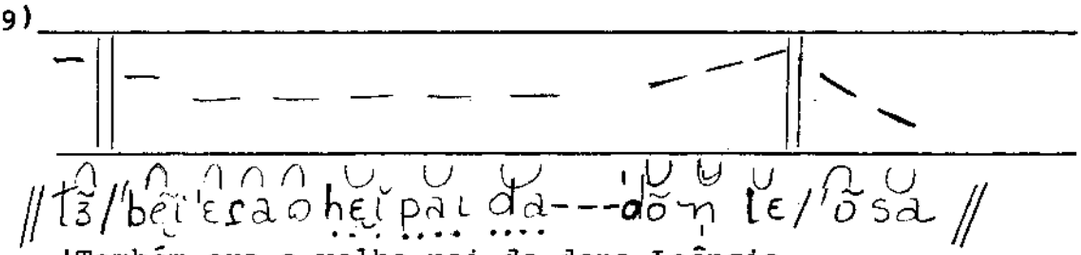
Essa fala tem ainda as seguintes características prosódicas:

- velocidade normal;
- qualidade de voz ensurdecida, nasalizada, além de murmurada e até tremulada.

Voz tremulada é comumemte encontrada na fala de homens, enquanto voz murmurada é mais típico da fala das mulheres dessa família. Voz murmurada aparece praticamente em toda a cadeia falada, mas voz tremulada aparece mais em certas partes do enunciado. Por

exemplo:

(39)



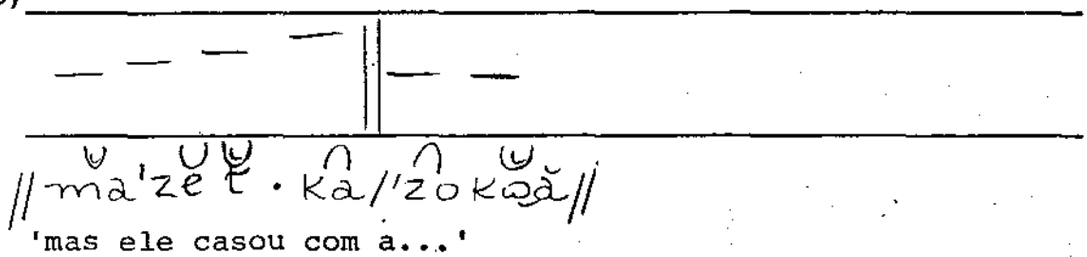
'Também era o velho pai da dona Leôncia.

Essa frase foi produzida na presença de dona Leôncia, a pessoa referida na própria frase, por um membro da família Da Fé. Havia ali, na ocasião, o pesquisador, a pessoa que falou a frase e a própria dona Leôncia, que é membro de uma outra família. A parte do enunciado com voz tremulada, como se observa, parece chamar a atenção de dona Leôncia para aquela informação. É como se o informante, reconhecendo o prestígio e o conhecimento que dona Leôncia tem da história do grupo quisesse dizer: "Muito bem, dona Leôncia, eu sei que a senhora sabe muito bem a história do Canto, porém eu também sei, e tão bem quanto a senhora, inclusive conheço a história de sua família".

Um último aspecto relativo a essa fala que vale a pena destacar nessa descrição diz respeito à postura do falante diante da figura do pesquisador. O falante do sexo masculino, único membro masculino, chefe de família, residindo atualmente na localidade onde residem predominantemente membros da família Da Fé, sempre manteve uma atitude formal durante as entrevistas com o pesquisador, quando o objetivo da conversa era registar a sua fala. Mantinha-se vestido de calça e camisa, sentado numa cadeira próximo à entrada da casa, falando com clareza e precisão. As demais pessoas da sua casa ouviam tudo em silêncio, acocoradas ou sentadas no chão da casa ou no terreiro. Outro traço marcante observado na fala desse informante foi a sequência rigorosa que manteve em todo o seu discurso. Esse rigor era de tal ordem que ao retornar a falar, após

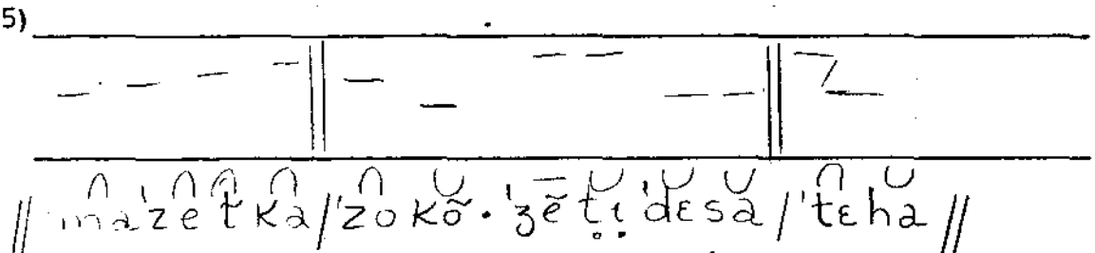
ser interrompido, ou continuava o discurso exatamente a partir do ponto em que foi interrompido, ou repetia o último enunciado proferido antes da interrupção. Observe-se, por exemplo:

(38)



'mas ele casou com a...'

(85)



'mas ele casou com gente dessa terra'

O enunciado repetido teve uma velocidade muito lenta, fato que sugere, inclusive, um significado de recordação, como se ele estivesse rememorando um discurso antes memorizado. Aliás, este tipo de retomada de discurso é muito comum ocorrer quando o falante está narrando a história do grupo do Canto, mostrando, naturalmente, o ponto de vista de seu grupo de parentesco acerca da história do Canto.

Na fala desse informante, em situações informais, observou-se a ocorrência de consoante glotal com mais frequência. Nesse caso, tais consoantes substituiam outras oclusivas como também foram produzidas em início de palavras começadas por vogal. Exemplo:

// ʔɛsaʃa 'pada ʔki //

'Essa chapada aqui'

// so ʔɛ 'ʔaza dʒi 'pobi //

'só é casa de pobre'

As mulheres dessa família, entretanto, em situações semelhantes, não mostraram qualquer preocupação a respeito de como

se portar. Em muitos casos, pareciam nem dar atenção à pesquisadora. Em muitas situações onde eram feitos registros de fala através da utilização de gravador, elas nem sequer interrompiam suas atividades domésticas, exceto se estas as impossibilitassem de falar, ou prestar atenção momentânea à pesquisadora.

Quanto aos informantes que residem fora da localidade da família, estes também ficaram bem à vontade para falar, estivessem ou não sendo feitos registros com gravador. Relacionado com um dos informantes residentes fora do loçal de residência da família, ocorreu o seguinte fato: Durante uma conversa que mantivemos na presença de sua esposa, uma mulher pertencente a uma família diferente da sua, esta fez questão de enfatizar que ele, seu marido, "num fala mais como a gente dele. Mas já aprendeu a falar direito", graças a ela, naturalmente.

Vale ressaltar, que como vimos na descrição, fora os sons oclusivos glotais bem como a qualidade de voz tremulada, todos os demais fatos fonéticos da fala deste informante são iguais aos da fala de seus parentes que ainda residem na localidade de residência da família. Do mesmo modo ocorre com os demais membros dessa família que residem fora da localidade familiar.

Mesmo os membros da família Da Fé que residem atualmente em Teresina, por sinal um número expressivo de membros dessa família, têm sua fala igual à de seus parentes residentes no Canto.

Podemos concluir, pois, que, independentemente do local de residência, os membros da família Da Fé falam do mesmo jeito.

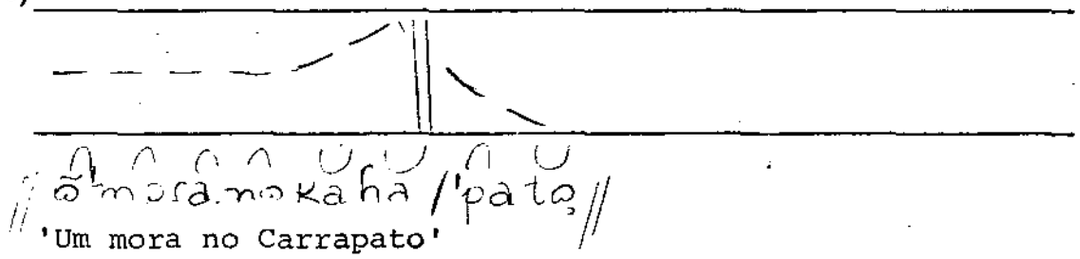
Fala ou "jeito de falar" dos membros da família Pereira.

A unidade tonal da fala dos informantes dessa "família" se compõe das seguintes partes:

- sílabas átonas iniciais;
- sílaba pretônica;
- sílaba tônica proeminente;
- sílabas átonas fianis.

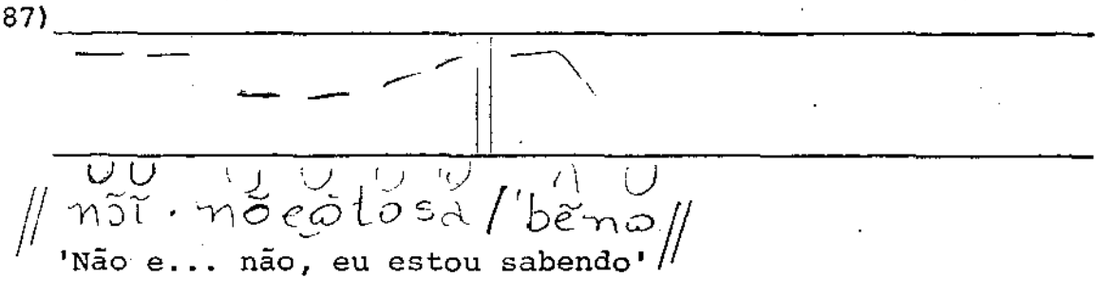
De um modo geral, o contorno melódico dessas unidades iniciam por tom nivelado médio ou alto. Assim,

(86)



'Um mora no Carrapato'

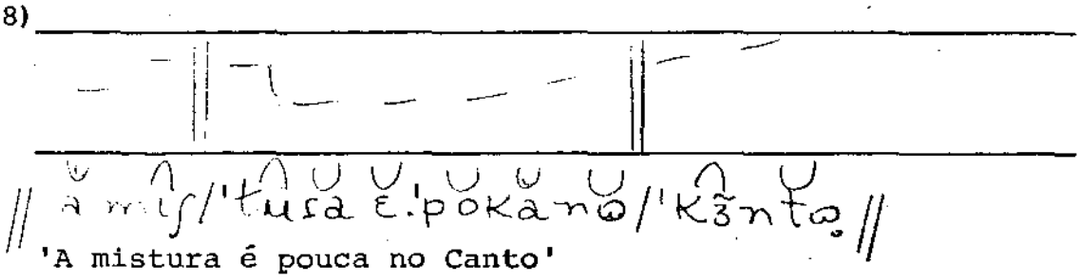
(87)



'Não e... não, eu estou sabendo'

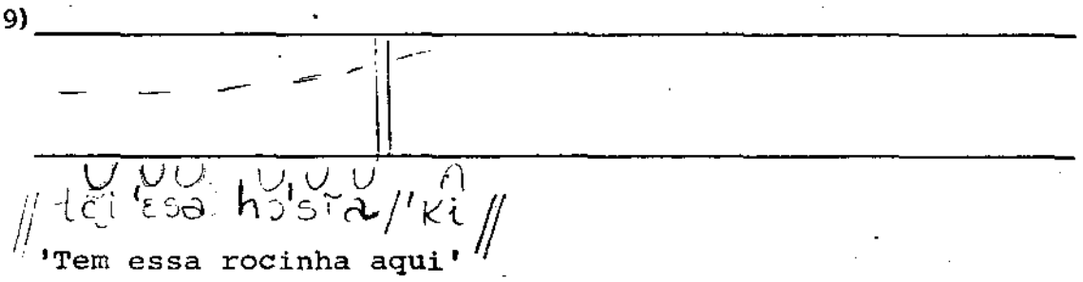
e terminam por um tom de contorno simples, geralmente descendente, como nos exemplos acima. Mas podem terminar também com tom de contorno simples ascendente, como se observa logo abaixo:

(88)



'A mistura é pouca no Canto'

(89)

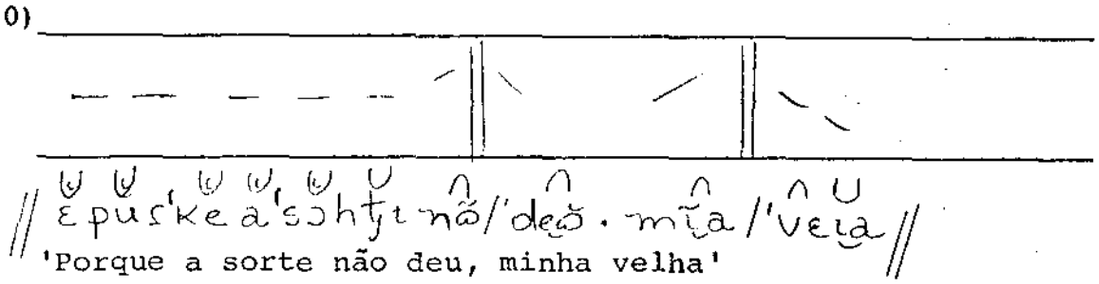


'Tem essa rocinha aqui'

A sílaba tônica proeminente, no entanto, geralmente tem

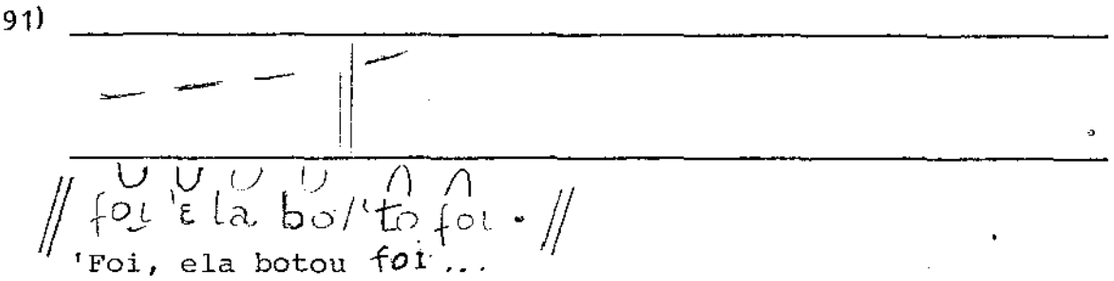
tom de contorno simples descendente, podendo ainda ter o tom de contorno ascendente. Por exemplo:

(90)



'Porque a sorte não deu, minha velha'

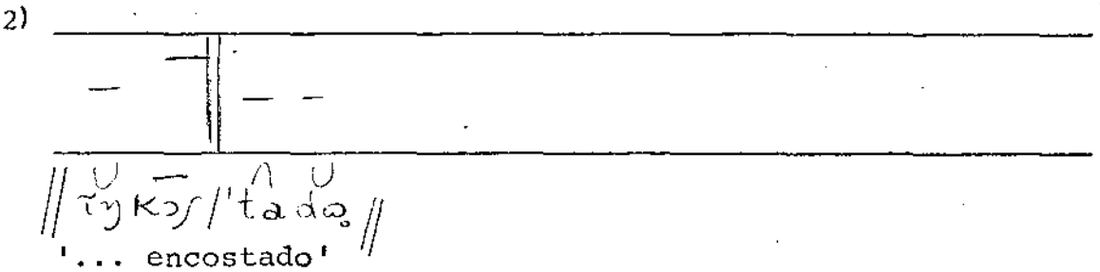
(91)



'Foi, ela botou foi ...

Além dos tons já citados, um outro que também se destaca na unidade tonal é o da sílaba pretônica, geralmente de contorno simples ascendente. Assim:

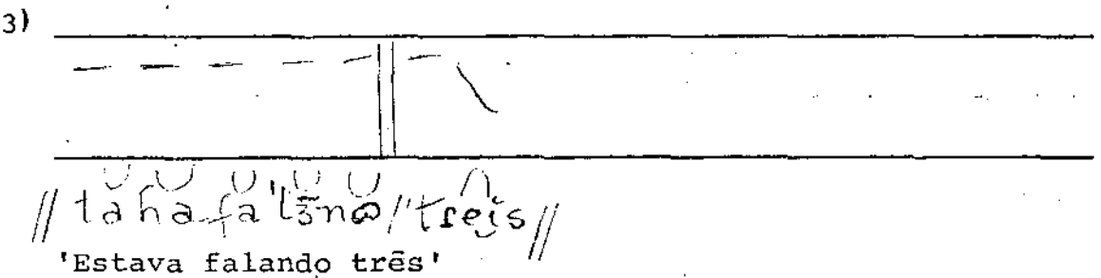
(92)



'... encostado'

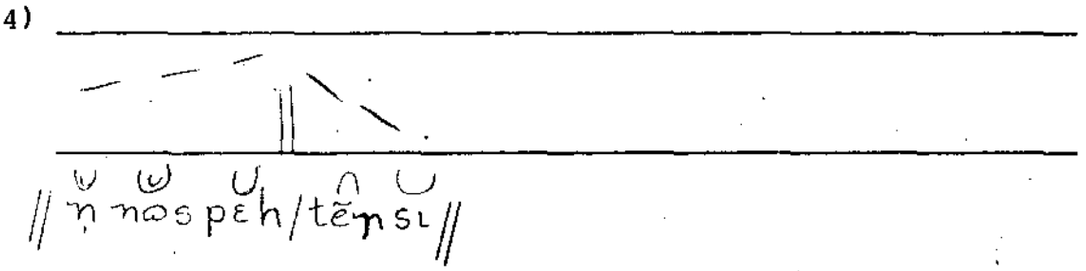
Mas sobre essa sílaba pretônica podem ocorrer outros tons:

(93)



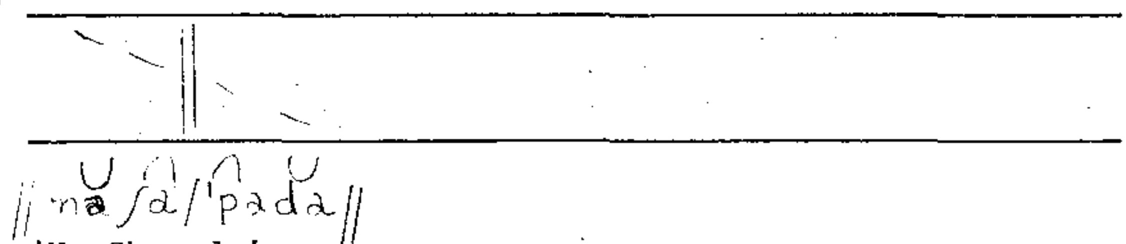
'Estava falando três'

(94)



'Não nos pertence'

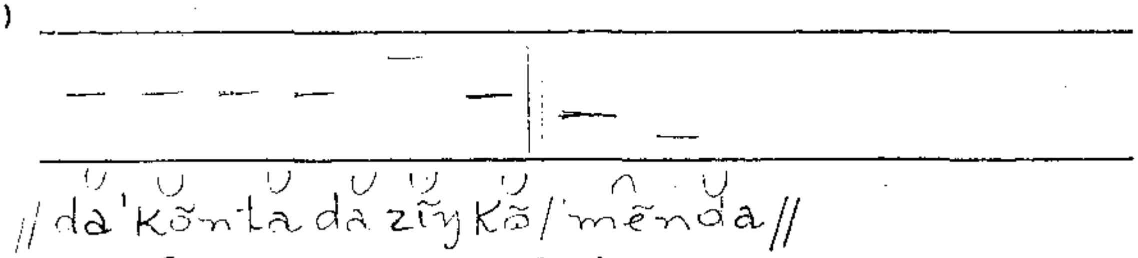
(95)



'Na Chapada'

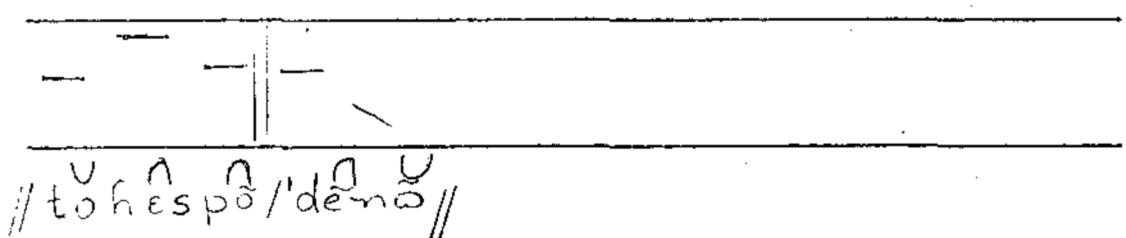
Nessa fala ocorre ainda um tom de contorno simples, geralmente ascendente, na sílaba que antecede a pretônica. Embora tal fato se registre na fala de todos os informantes dessa família, é na fala dos que residem em uma das três localidades de residência próprias dessa família e daqueles que residem fora dela que tal ocorrência é mais frequente. Por exemplo:

(96)



'... dá conta das encomendas'

(97)

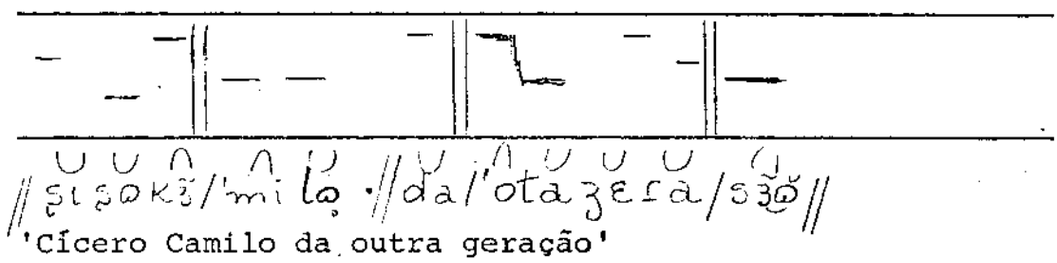


'Estou respondendo?

Esse fato, porém, não é frequente entre os membros dessa família que residem nas outras duas localidades

Até aqui, já se pode concluir que ocorrência de tons de contorno simples, tanto descendente quanto ascendente, seja por salto ou contínuo, é muito grande nessa fala. Em alguns casos, esses tons tornam-se praticamente os únicos, em determinadas elocuções, como no exemplo abaixo:

(98)

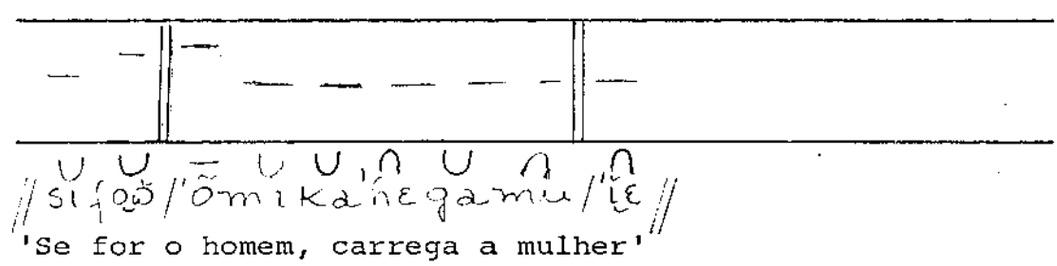


'Cícero Camilo da outra geração'

As sílabas dessa fala têm duração longa, média e breve. Sendo longas todas as sílabas tônicas proeminentes, as sílabas pretônicas têm duração média ou longa, e as sílabas átonas iniciais e finais são comumente breves. Observe-se os exemplos já citados.

As pausas também são encontradas nos enunciados dessa fala e são, principalmente, breves. Contudo não são muito frequentes. Elas ocorrem no final bem como no meio de enunciados, principalmente em enunciados com tom composto. Por exemplo:

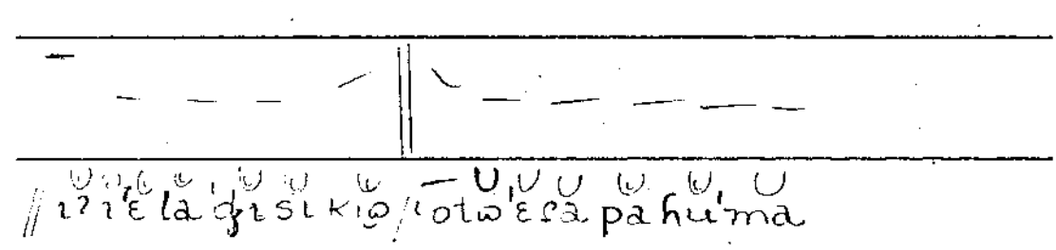
(99)



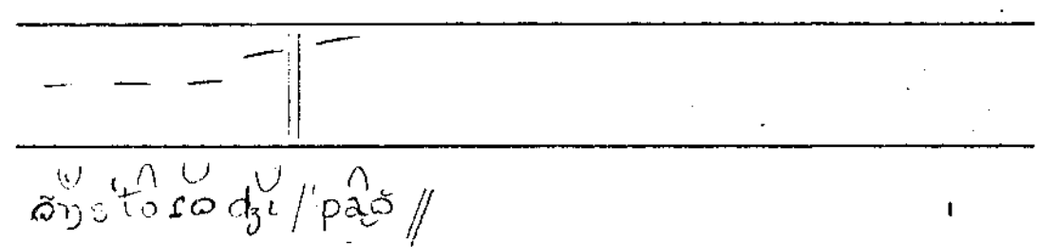
'Se for o homem, carrega a mulher'

A pouca frequência dessas pausas aliada à velocidade rápida dessa fala dão à produção de certas elocuções ou períodos longos a impressão de que o falante está cansado ou com muita pressa para falar. Exemplo:

(100)



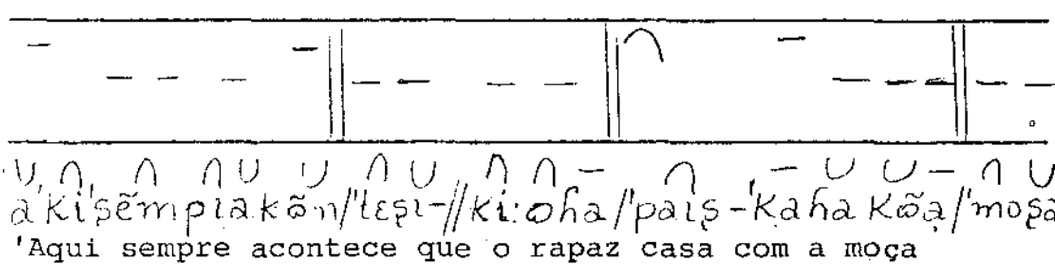
' E ela disse que o outro era para arrumar



umas toras de pau'

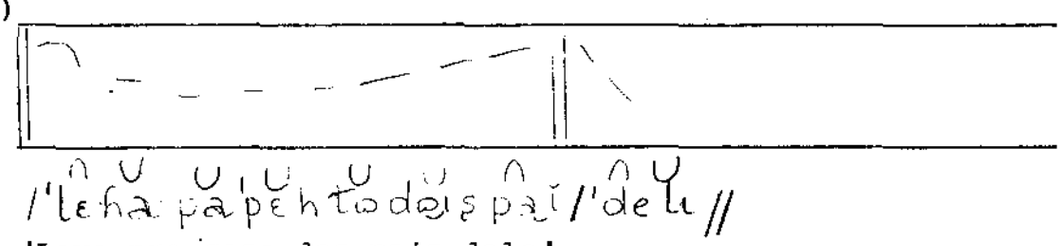
De um modo geral, a fala dos membros dessa família, como todas as falas do Canto, é nasalizada e ensurdecida. Outras qualidades de voz são ainda observadas, mas exclusivas de informantes residentes em localidades determinadas. Assim, os Pereira residentes no Carrapato têm uma fala muito palatalizada, inclusive com uma grande ocorrência de sons palatais,

(101)



'Aqui sempre acontece que o rapaz casa com a moça

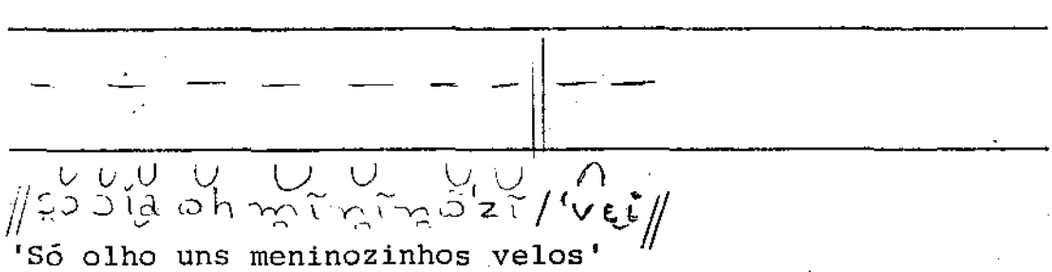
(102)



'Leva pra casa dos pais dele'

ao passo que os Pereira residentes na Chapada têm a fala com qualidade sussurrada e dentalizada, com grande ocorrência de sons dentalizados. Por exemplo:

(103)



'Só olho uns meninozinhos velos'

Contudo, os Pereira residentes no Brejinho têm a fala exageradamente rápida.

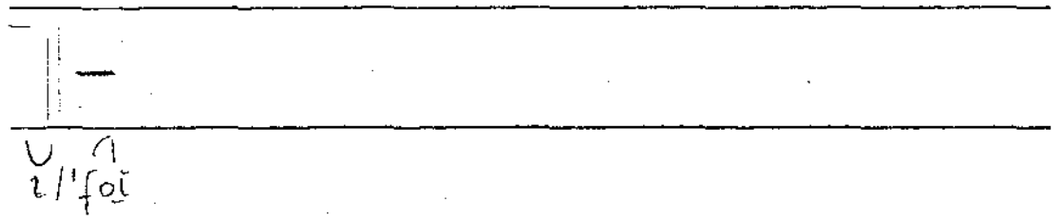
De uma maneira geral, os membros dessa família falam com muita fluência, são muito espontâneos para falar e bastante informais nas suas relações com a pesquisadora.

Embora se tenha observado especificidades na fala dos membros da família Pereira, conforme a localidade de residência, no geral ainda predomina a ocorrência de traços fonéticos genéricos os quais permitem concluir pela existência de um jeito de falar próprio dos membros dessa família, específico dentre os falares do Canto.

Fala ou "jeito de falar" dos membros da família Machado.

Uma unidade tonal nessa fala compreende, obrigatoriamente, uma sílaba tônica proeminente e um contorno melódico cujo pico de proeminência recai quase sempre sobre a sílaba pretônica. Por exemplo:

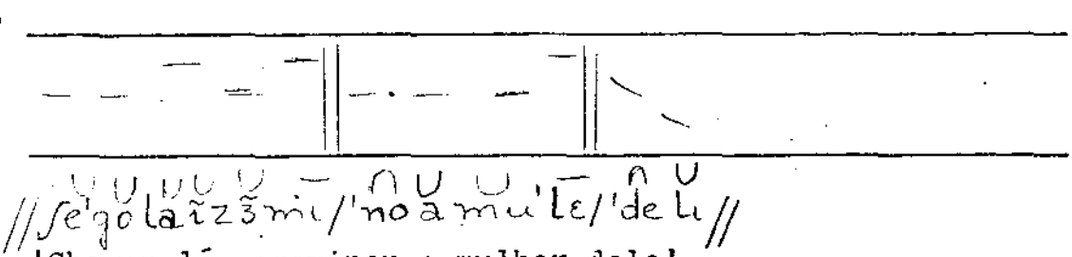
(104)



'E foi'

Aliás, a característica principal do contorno melódico se relaciona com o tom ascendente por salto, que incide, principalmente, sobre a sílaba pretônica. Exemplo:

(105)



'Chegou lá, examinou a mulher dele'

Às vezes, porém, esse tom de contorno ascendente incide ainda sobre a sílaba que antecéde a pretônica. Por exemplo:

(106)

'Então, muita fruta'

Mas o pico melódico da unidade tonal recai mesmo com mais sistematicidade é sobre a sílaba pretônica, podendo ainda ocorrer, como vimos, sobre a sílaba que a antecede e, até sobre a sílaba tônica proeminente. Exemplo:

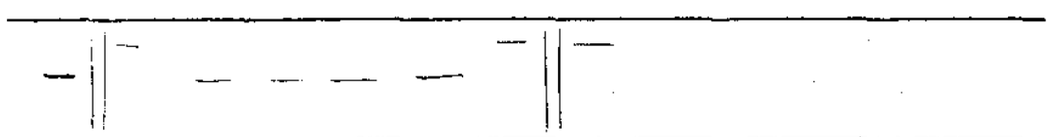
(107)

'Tinha água na flor da terra'

(108)

'Ela muito rica'

(109)



'Eu disse o senhor quer saber?'

Ainda com relação à sílaba tônica proeminente, esta quase sempre tem tom de contorno descendente ou nivelado meio alto ou médio. Tem duração longa e é a sílaba produzida com maior força em toda a unidade, como se observa nos exemplos a seguir:

(110)

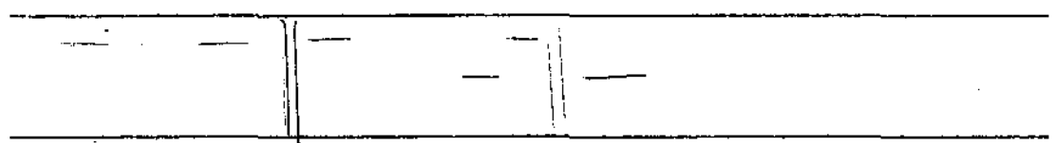
'E andou aqui, campeando aqui'

(111)

'Achou um lugar bom'

No exemplo (110), como se observa, há predominância de tons de contorno por salto ao longo da unidade tonal. Outras vezes, porém, prevalece tons nivelados médio ou meio-alto. Exemplo:

(112)



'Mas meu pai me dizia'.

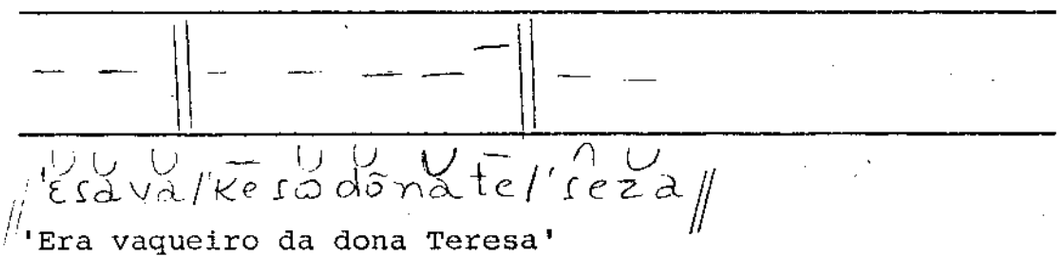
(113)

'Não é do meu tempo'

Além dos aspectos já mencionados, nada há mais de especial, estritamente melódico, nesse falar. As sílabas átonas iniciais e finais são facultativas e têm as mesmas qualidades melódicas que essas sílabas têm na maior parte dos falares do Canto, quais sejam: sílabas átonas iniciais têm, preferencialmente, tons nivelados médio, às vezes, alto, além de contorno ascendente com início em um nível de altura médio. Também tem outros tons, como o de

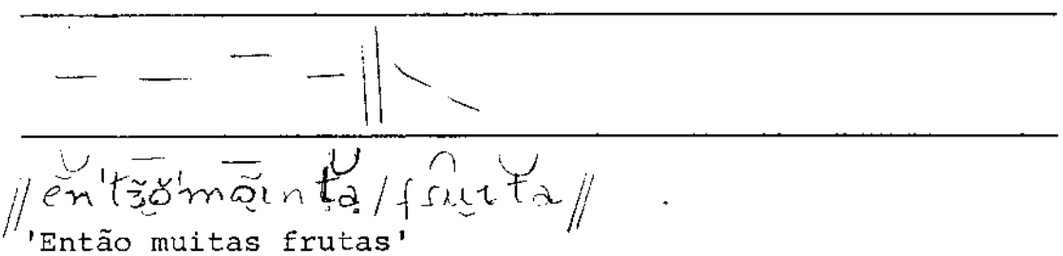
contorno complexo ascendente-descendente ou descendente-ascenden - te. Já as sílabas átonas finais têm geralmente o mesmo tom da sí- laba tônica proeminente, seja com o mesmo nível de altura, ou um nível mais baixo. Exemplo:

(114)



'Era vaqueiro da dona Teresa'

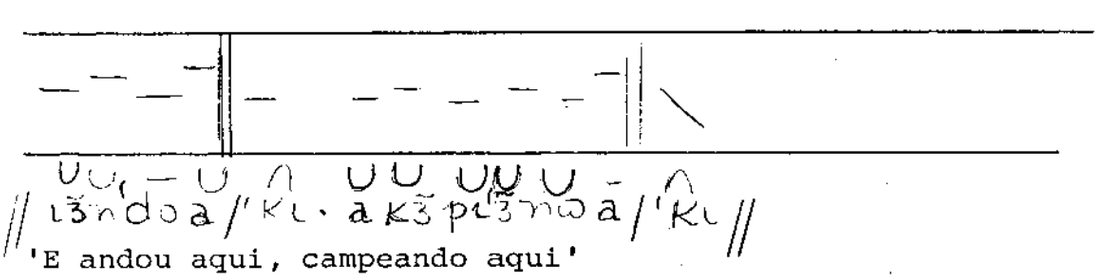
(115)



'Então muitas frutas'

O final da unidade tonal é ainda marcado por uma pausa longa, podendo ainda ocorrer no seu interior pausas breves, prin- cipalmente quanto o tom dessa unidade é composto. Por exemplo:

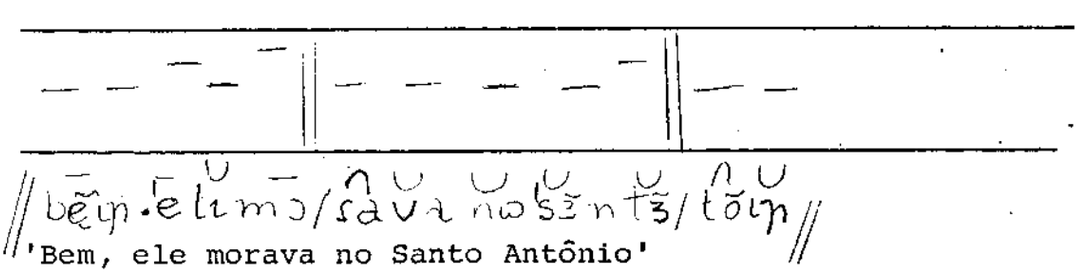
(110)



'E andou aqui, campeando aqui'

Porém a pausa no interior de um enunciado pode não ocorrer, como no exemplo a seguir.

(115)



'Bem, ele morava no Santo Antônio'

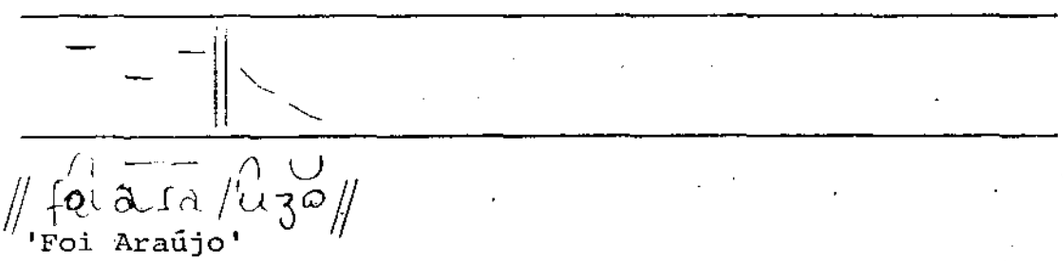
Comparando-se a velocidade desse falar com a velocidade

dos demais falares, conclui-se que esta fala tem uma velocidade normal, ou seja, não é muito rápida nem muito lenta. Típico desse falar, porém, é a qualidade de voz, quase rouca e às vezes um pouco murmurada. Mas o importante a ser mencionado acerca da fala dos membros da família Machado, é a postura física dos falantes, sejam em situações formais ou não. Em geral, os falantes assumem uma postura altiva, firme, destemida, especialmente quando narrando a história do Canto, sob seu ponto de vista, sob o ponto de vista da sua família. Ao lado disso demonstram muita desenvoltura e fluência naturais ao falarem, produzindo um discurso claro, preciso no qual as mensagens são bem situadas em relação ao que falam, quando falam e quanto a quem falam. Talvez essa desenvoltura e segurança sejam as características mais marcantes da fala dessa família.

Fala ou "jeito de falar" dos membros da família Gomes.

O contorno melódico da fala dos membros da família Gomes pode ser descrito de uma maneira geral como um que começa quase sempre por um tom de nível alto, seja nivelado ou de contorno. As unidades tonais apresentam um pico de proeminência melódica que incide normalmente sobre a sílaba pretônica, sendo esta seguida por uma sílaba de intensidade forte e de duração longa, terminando por um tom de nível médio ou baixo. Por exemplo:

(116)



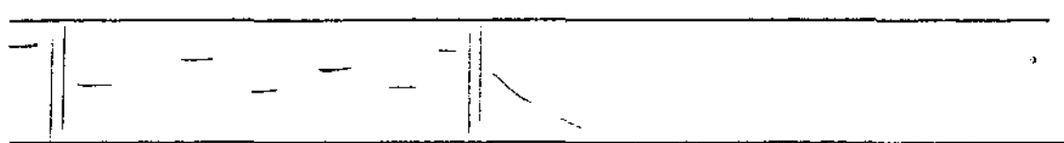
'Foi Araújo'

(117)

'Tenho um irmão, também'

Fato bem característico do contorno melódico das unidades tonais dessa fala é a grande ocorrência de tons de contorno por salto. Por exemplo:

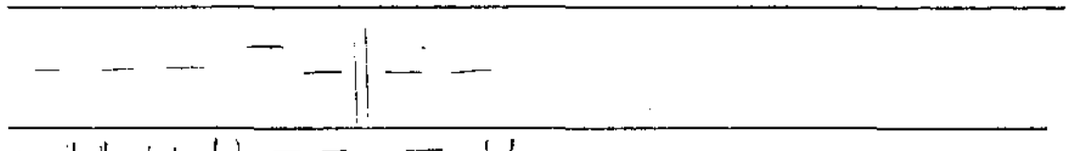
(118)



'Aqui fora de Araújo'

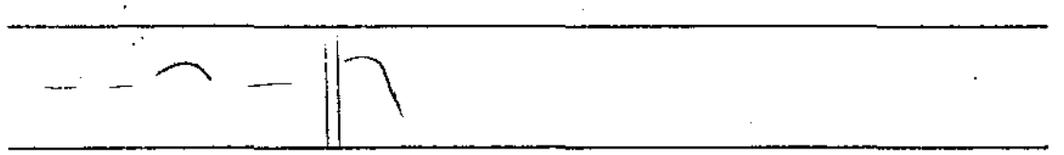
Tom de contorno simples ascendente ou descendente por salto ou mesmo complexo largo ocorre com frequência na sílaba que antecede a pretônica. Por exemplo:

(119)



'Que é aquele pessoal da'

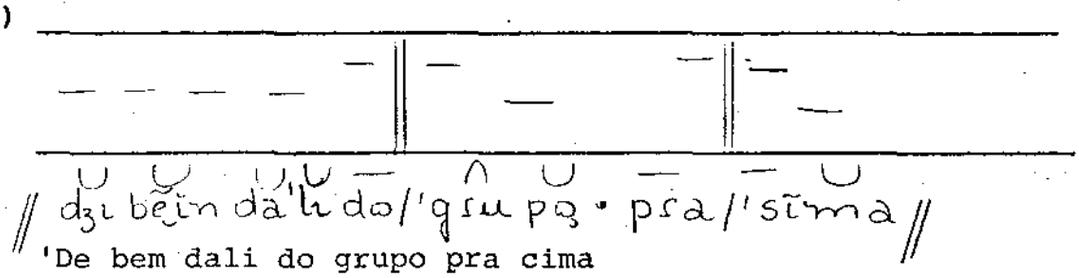
(120)



'É a mesma mãe'

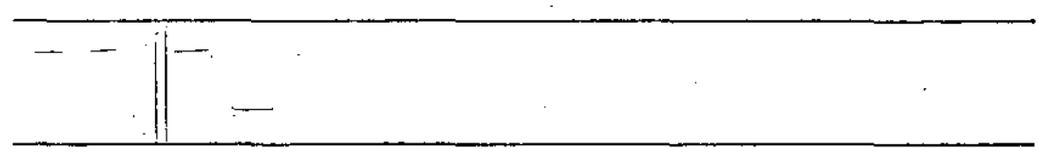
Mas esse tom de contorno por salto, muito frequente na fala dos membros da família Gomes, ocorre também sobre a sílaba tônica proeminente, e até com uma certa frequência. Por exemplo:

(121)



'De bem dali do grupo pra cima

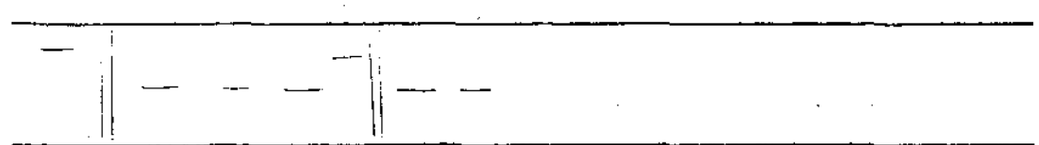
(122)



é Pereira'

Mas o pico de proeminência melódica, como se observa, recai mesmo predominantemente sobre a sílaba pretônica, como no exemplo abaixo:

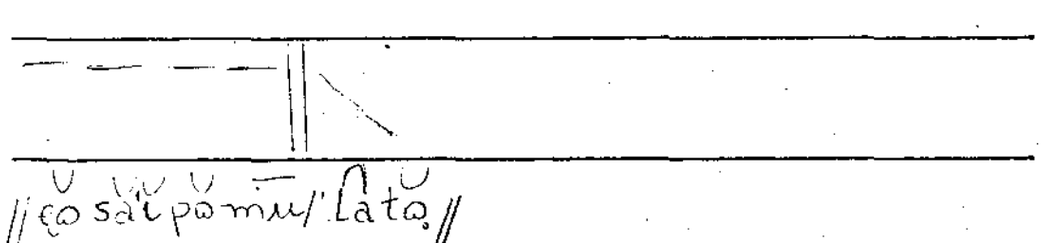
(123)



'Pois é, seu Zé Inácio'

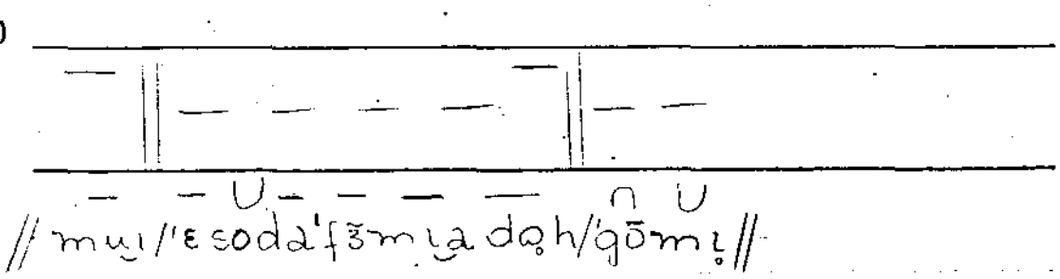
Nas sílabas átonas finais das unidades tonais, como acontece nos demais falares, ocorre com frequência tom de contorno simples descendente ou nivelado médio, sendo quase sempre o mesmo tom da sílaba tônica. Por exemplo:

(124)



'Eu saí para o Mulato'

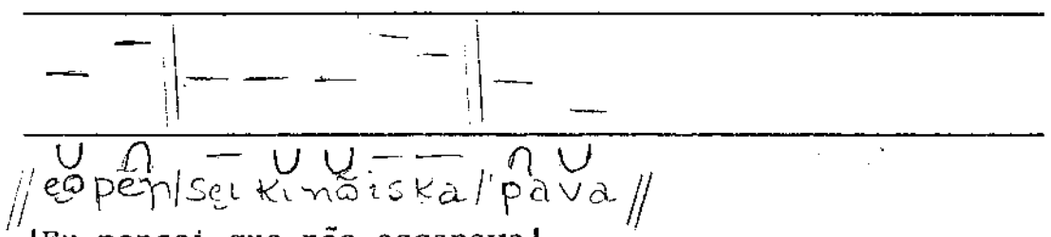
(125)



'Mulher, eu sou da família dos Gomes'

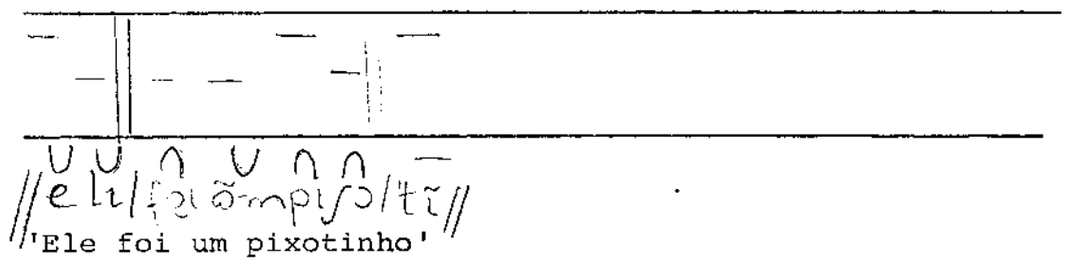
Há na fala dos membros dessa família, de uma maneira geral, sílabas com duração longa, média, breve e até muito breve.Por exemplo:

(126)



'Eu pensei que não escapava'

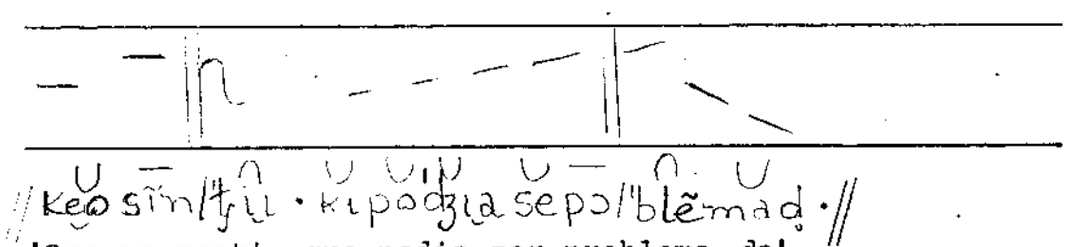
(127)



'Ele foi um pixotinho'

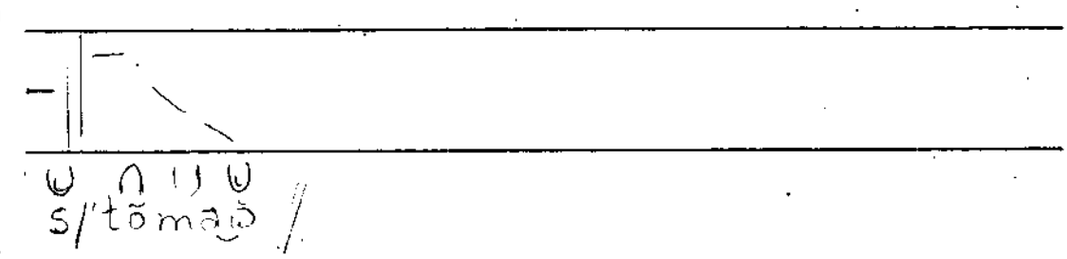
Contudo, a duração silábica da fala desses falantes não sugere uma relação sistemática com as partes dos componente melódicos da unidade tonal, no sentido em que cada parte dessa unidade apresente sílabas com uma determinada duração. As sílabas átonas iniciais , por exemplo, são geralmente breves, a sílaba tônica proeminente é sempre longa, etc.. É evidente que em alguns casos a duração silábica tende a confirmar a existência dessa relação. Por exemplo:

(128)



'Que eu senti, que podia ser problema do'

(129)



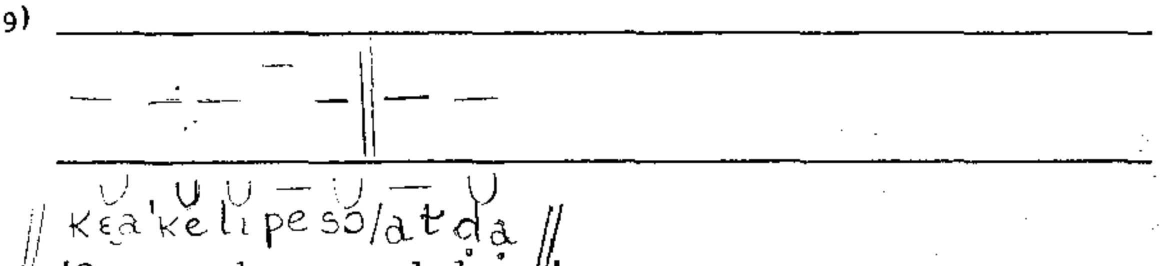
'Estômago'

Observe-se que no exemplo (128) a duração silábica está conforme a regra de duração verificada nas demais falas já analisadas. Já no exemplo (129) a sílaba pretônica teve duração muito breve, enquanto nas demais falas a sílaba pretônica é sempre longa ou média. Dados que confirmam a relação do sistema de duração silábica com as partes do componente melódico são pouco encontrados na fala dos membros da família Gomes. Por outro lado, a duração das sílabas nessa fala parece também não se relacionar com o sistema de força, pelo menos do mesmo modo como ocorre nos falares já descritos. Nestes , as sílabas tônicas proeminentes são sempre longas, a sílaba pretônica é sempre média e as sílabas átonas são sempre breves. Na verdade, o que os dados dessa fala parecem sugerir é um sistema de duração que tem como unidade não a sílaba mas alguma coisa que se constitui de duas ou de até três sílabas, dentro de certas configurações mais ou menos recorrentes:

a) uma sílaba com duração breve e uma sílaba com duração média;

podendo ocorrer uma sequência inversa dessas sílabas. Por exemplo:

(119)

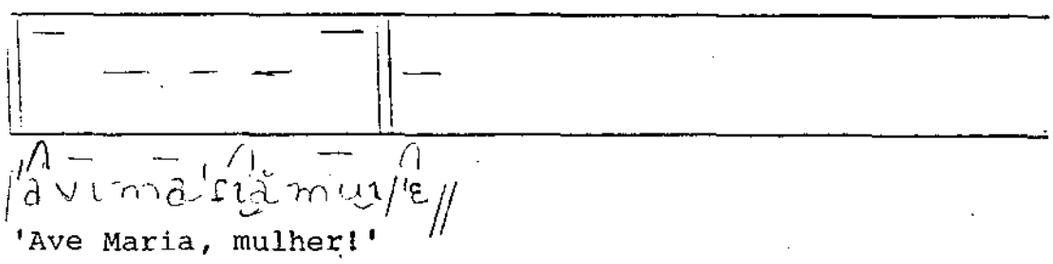


'Que aquele pessoal da...'

Observe a repetição da unidade: sílaba média-sílaba breve.

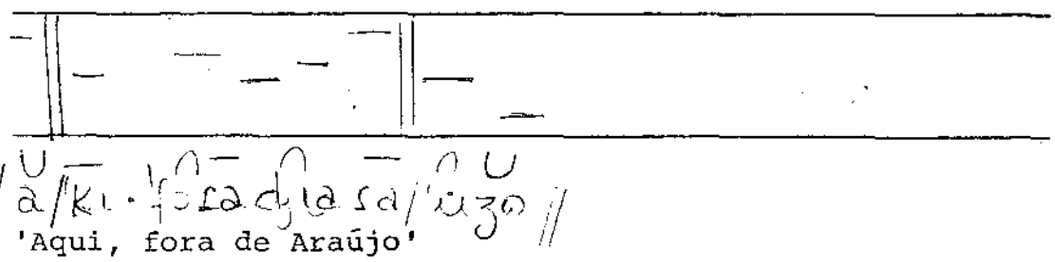
b) uma sílaba longa, mais uma sílaba com duração média, podendo também a ordem ser invertida. Por exemplo:

(130)



'Ave Maria, mulher!'

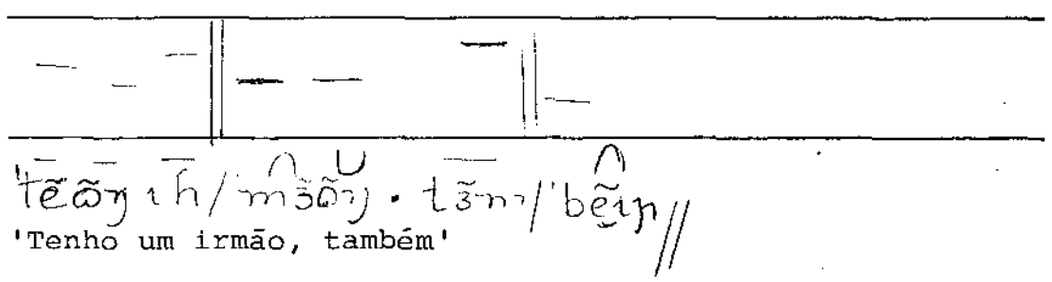
(131)



'Aqui, fora de Araújo'

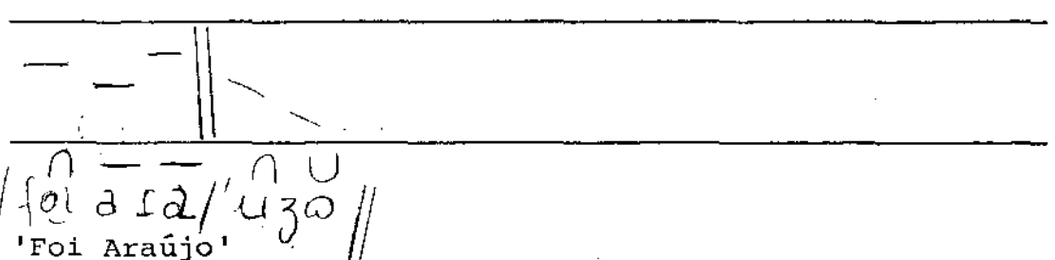
Mesmo que nos exemplos acima haja predominância da citada unidade em cada enunciado, nem sempre essa unidade de duração é a única a ocorrer nos enunciados. Por exemplo:

(117)



'Tenho um irmão, também'

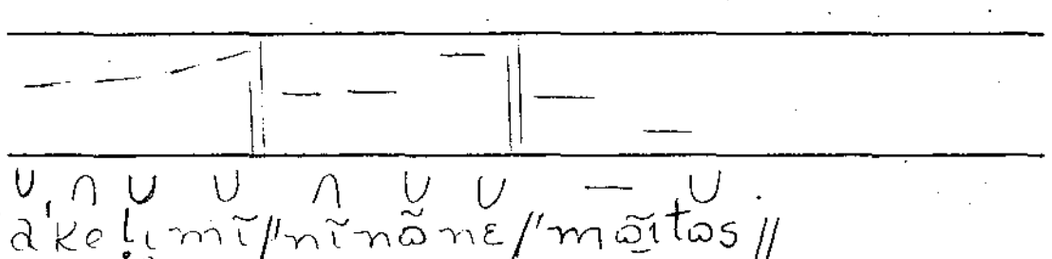
(116)



'Foi Araújo'

Outras unidades de duração parecem ocorrer, embora não se possa afirmá-lo com certeza, uma vez que sua configuração não aparece com nitidez suficiente nos enunciados. Por exemplo:

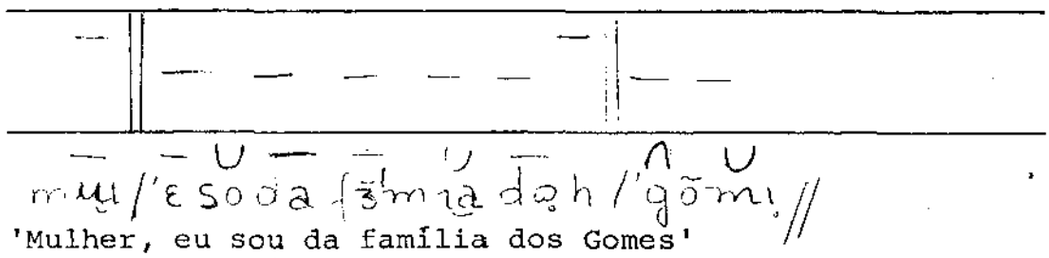
(132)



'Aqueles meninos não são muitos'

Nesse exemplo, é provável que exista uma unidade de duração assim constituída: uma sílaba breve + uma sílaba longa + uma sílaba breve. Outra unidade de duração também provável nessa fala é uma constituída de duas sílabas médias + uma sílaba breve, como ocorre no seguinte exemplo:

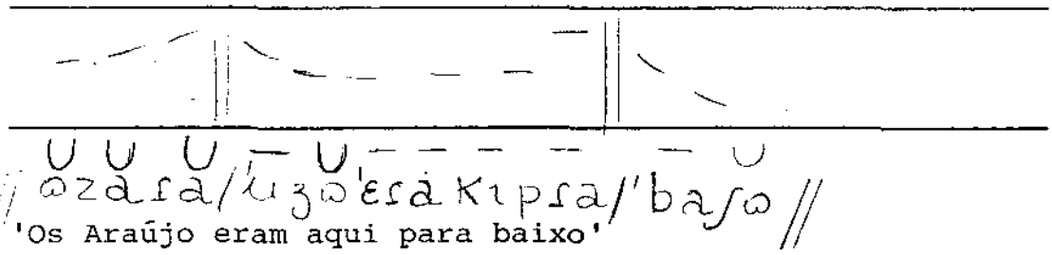
(133)



'Mulher, eu sou da família dos Gomes'

As pausas na fala dos membros dessa família são geralmente longas e, portanto, bem evidentes. Mas em unidades tonais de tom composto podem ocorrer pausas breves. Assim:

(134)



'Os Araújo eram aqui para baixo'

Alguns fatos, contudo, bem próprios da fala dos membros da família Gomes são:

- velocidade lenta;
- altura de voz muito baixa

Os membros dessa família são, talvez, os falantes mais discretos, muito cautelosos quanto ao que falam, quando e para quem falam. São muito precavidos, falam pouco e ouvem muito, pouco opinam sobre algum assunto com o pesquisador. São os membros da família Gomes aqueles que empregam mais frequentemente recursos não-verbais em sua intercomunicação, especialmente através de olhares cujo significado é prontamente entendido pelos demais membros pre-

sentes ao evento de fala. Embora não dispondo de um parâmetro para observação sistemática desses olhares, o comportamento dos membros dessa família permitia em alguns casos descobrir o significado de olhares específicos em situações determinadas. O globo ocular desses falantes é movimentado com muita agilidade, tanto para alto ou para baixo como para os lados, realizando inclusive movimentos circulares, às vezes acompanhados de sutis expressões faciais, especialmente com a parte superior do rosto, com o nariz e sobrancelhas. Dificilmente um falante dessa família encara diretamente o interlocutor, especialmente se este pertence a outra família ou é um estrangeiro. Mesmo ao caminharem na rua ou pelos estreitos caminhos do povoado, mantêm a cabeça baixa, parecendo andar de olhos fechados, parecendo evitar falar com quem encontra.

Com respeito especificamente aos olhares, estes são mais expressivos quando o sentido é de reprovação com relação ao que um outro membro da família está dizendo a alguém. Geralmente a pessoa que repreende com o olhar tem uma ascendência sobre quem está falando. Esta, por seu turno, geralmente redireciona o tema da conversa ou interrompe-a com uma desculpa qualquer. A pessoa que fala também lança olhares para os demais membros de sua família ali presentes como que a pedir autorização para continuar falando sobre o mesmo assunto ou solicitando algum tipo de avaliação de sua conduta.

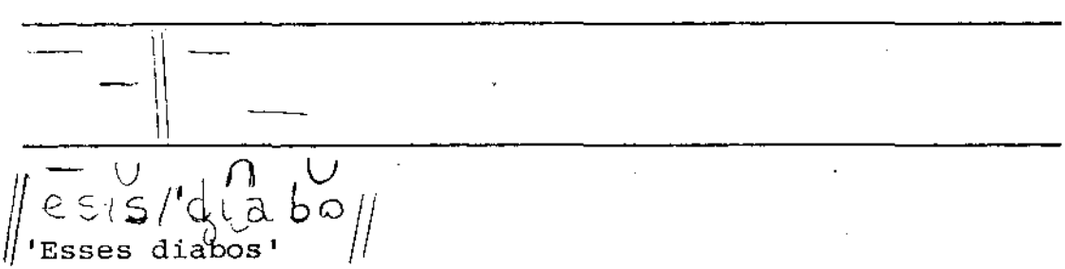
Após a observação desse fato nessa família, verificou-se o mesmo fenômeno em outras famílias, especialmente com respeito a olhares carregados de significado. Contudo é entre os membros dessa família que o fato é mais frequente e evidente para o observador. Talvez se constitua em um meio complementar de comunicação da família, coerente com a discreção da comunicação verbal.

Fala ou "jeito de falar" dos membros da família Paulo.

A fala dos membros da família Paulo tem como traço marcante a predominância de movimentos melódicos ascendentes-descendentes em toda extensão das sequências sonoras. Voz de falsete é outra característica dessa fala, principalmente entre as mulheres dessa família.

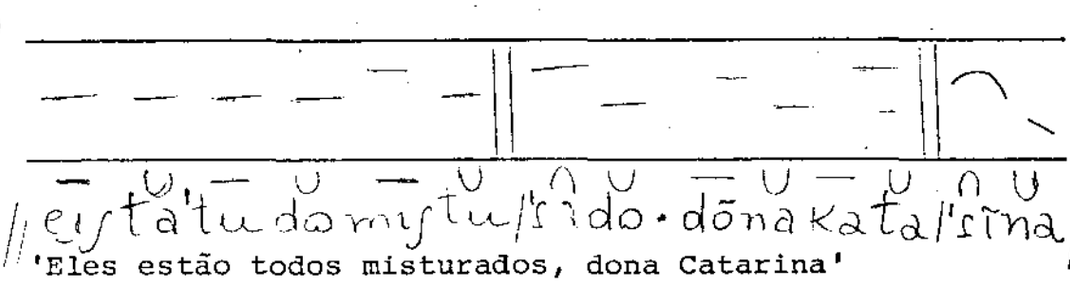
De fato, as unidades tonais dessa fala têm uma sílaba tônica proeminente, um contorno melódico característico com saltos, e terminam por uma pausa longa. Por exemplo:

(135)



'Esses diabos'

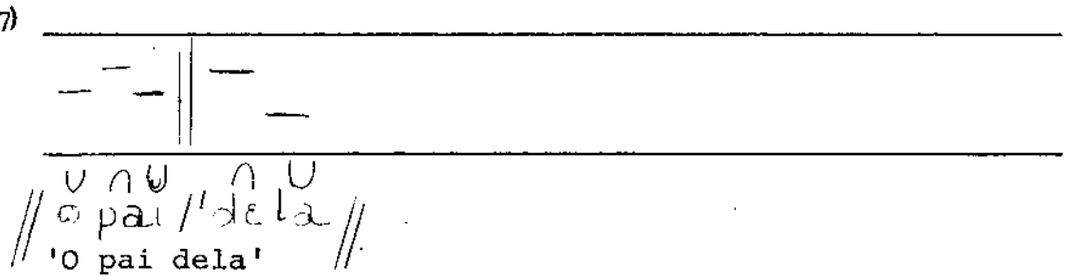
(136)



'Eles estão todos misturados, dona Catarina'

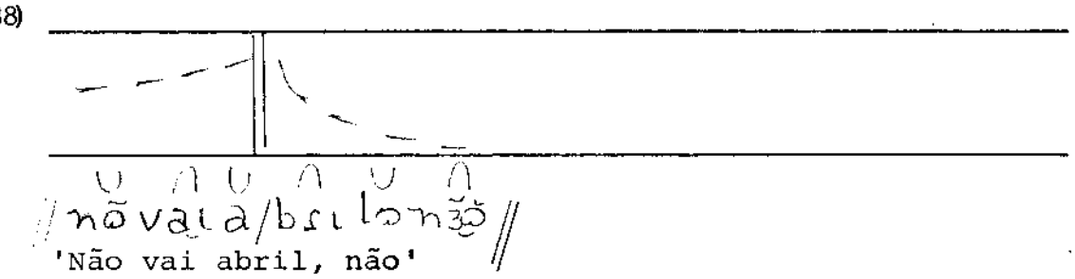
A tônica proeminente se destaca das outras sílabas da unidade tonal porque é produzida com mais força do que as outras sílabas. É sempre longa como, aliás, também o são outras sílabas da unidade, e ocorrem com tom nivelado alto e médio, ascendente e descendente, principalmente por salto, e tom ascendente-descendente. Por exemplo:

(137)



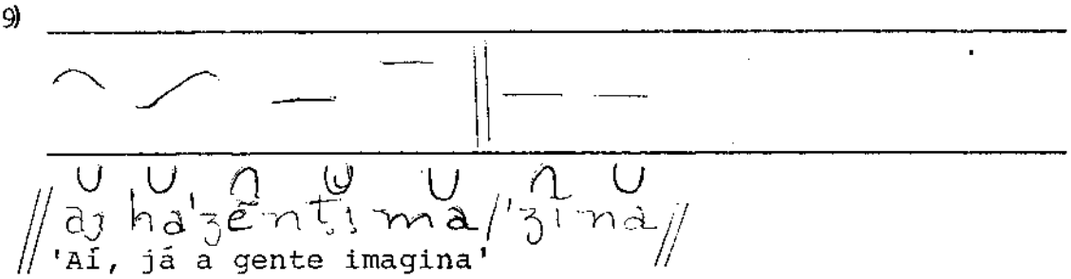
'O pai dela'

(138)



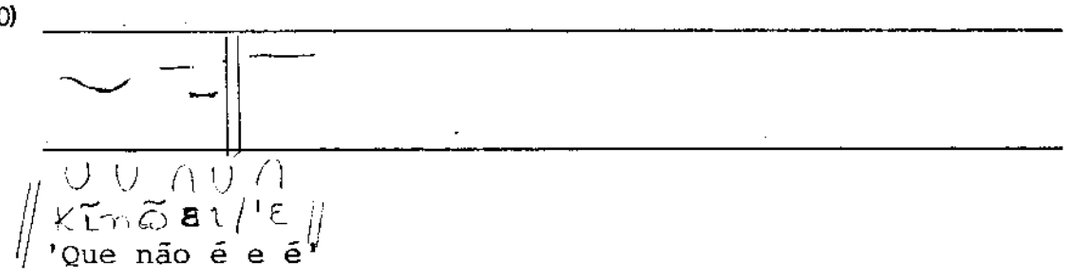
'Não vai abril, não'

(139)



'Aí, já a gente imagina'

(140)

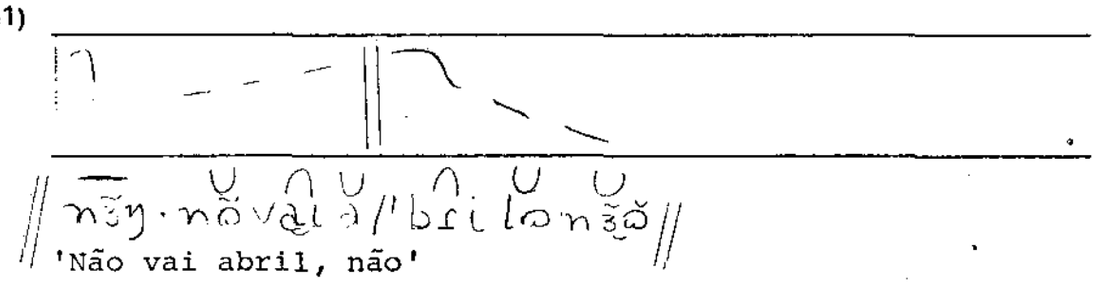


'Que não é e é'

Como se pode observar, o contorno dessas unidades apresenta muitas ondulações, resultantes da recursividade dos tons de contorno, tanto ascendente, descendente, como ainda ascendente-descendente ou descendente-ascendente largo. É interessante observar que os picos de proeminência melódica nessas unidades são muitos, sendo a distância entre eles, geralmente, de uma ou duas sílabas breves, enquanto a distância entre os repousos é de apenas uma sílaba longa. Mas com relação ao componente pretônico tão marcante nas unidades tonais dos demais falares do Canto, na fala dessa família não se manifesta com tanta evidência, ou pelo menos

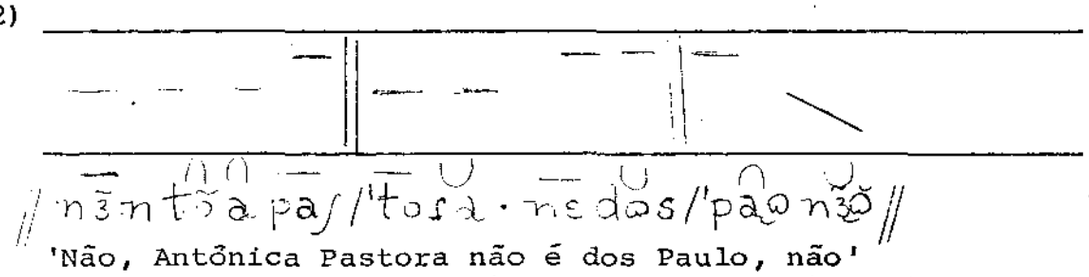
não é tão predominante. Nos outros falares, de outras famílias do Canto, a sílaba pretônica recebe um tom por salto bem como o pico de proeminência melódica da unidade. Nesta, várias sílabas têm tom de contorno por salto, havendo inclusive vários picos de proeminência melódica. Por outro lado, na existência de apenas um pico melódico, este recai mais sobre a sílaba tônica proeminente, embora ocorra também sobre a sílaba pretônica. Por exemplo:

(141)



'Não vai abril, não'

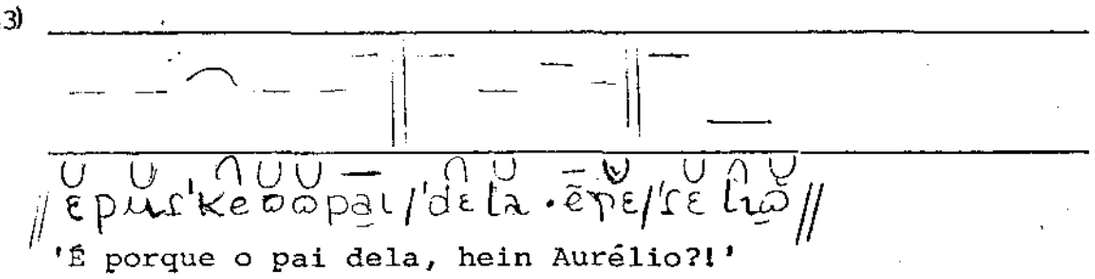
(142)



'Não, Antônica Pastora não é dos Paulo, não'

Esse pico de proeminência melódica, como se nota nos exemplos, pode incidir sobre as sílabas tônica proeminente e pretônica ao mesmo tempo, às vezes incidindo sobre a sílaba que antecede a pretô - nica. Por exemplo:

(143)



'É porque o pai dela, hein Aurélio?!'

Quanto às sílabas átonas, sejam as que antecedem a sílaba proeminente ou as que a seguem, a rigor, é difícil precisar regras de ocorrência do contorno melódico dessas sílabas. Contudo, tons nivelados alto e médio ocorrem principalmente sobre as síla-

bas átonas iniciais, e tons nivelado médio e baixo sobre as sílabas átonas finais. Também sobre essas sílabas ocorrem tom de contorno simples contínuo e por salto e até tom complexo. Essas sílabas átonas são também sempre de intensidade fraca.

O sistema de duração da fala dos membros dessa família , realmente, manifesta-se diferente dos sistemas de duração predominantes na maioria dos falares já descritos. Às vezes, duração silábica nessa fala sugere uma relação mais com o sistema melódico do que com o sistema de força. Nos demais falares, a sílaba mais longa é sempre mais forte, enquanto sílabas breves e médias são sempre mais fracas. Aqui nessa fala a única relação que se pode observar com mais sistematicidade é dos picos de proeminência melódica com sílabas longas, bem como do repouso melódico com sílabas breves, evidentemente, nos contornos que apresentam ondulações. O efeito final da correspondência desses dois sistemas resulta uma cadência rítmica bem definida e característica desse falar.

Também muito característico da fala dos membros da família Paulo é a voz de falsete, principalmente na fala das mulheres. Essa fala é ainda, de uma maneira geral, nasalizada e ensurdecida, como todos os falares do Canto.

Quanto aos aspectos segmentais, se destaca nessa fala as consoantes prenasalizadas, as quais são muito frequentes. Por exemplo:

[ŋgɾasa]	'Graça'
[ŋgoela]	'goela'

O tap também ocorre com frequência no final de sílaba seguida por consoante oclusiva surda:

[puɾ'ke]	'porque'
['koɾpo]	'corpo'

Nessa fala também ocorrem sistematicamente fricativas alveopalatais. Noutros falares, esses sons ou são sempre substituídos pelas fricativas glotais ou variam com elas. Por exemplo:

[ma'ʒĩna] 'imagina'

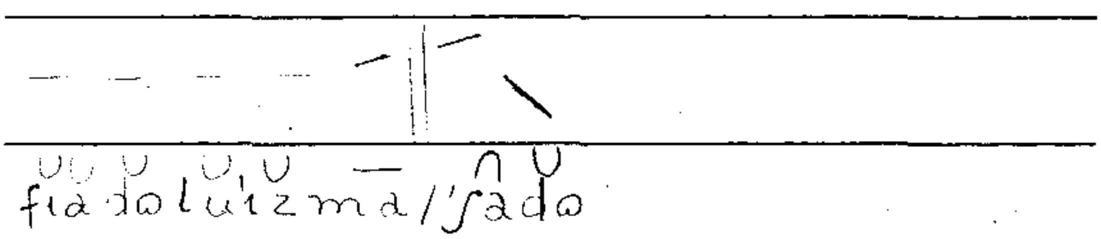
[miʃtu'rado] 'misturado'

Outra característica da fala dos membros dessa família, a exemplo da fala de outros grupos de parentesco, é a expressão facial. Em geral os falantes, ao falarem, mostram-se muito perspicazes, envolvidos pela conversa, interessados, prestativos, expressivos, como demonstram pelo olhar atento aos interlocutores. Estão sempre sorridentes na maioria dos eventos de fala, demonstrando um grande interesse tanto em ouvir e entender o que ouvem como em dizer com clareza e fazer entender o que dizem.

Fala ou "jeito de falar" dos membros da família Araújo.

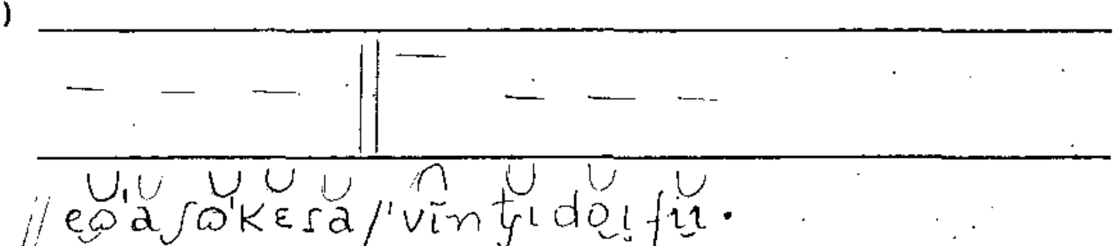
A fala dos membros da família Araújo apresenta unidades tonais com pico de proeminência melódica que incide geralmente sobre a sílaba tônica proeminente, característica que a difere de todos os falares até aqui analisados. Por exemplo:

(144)

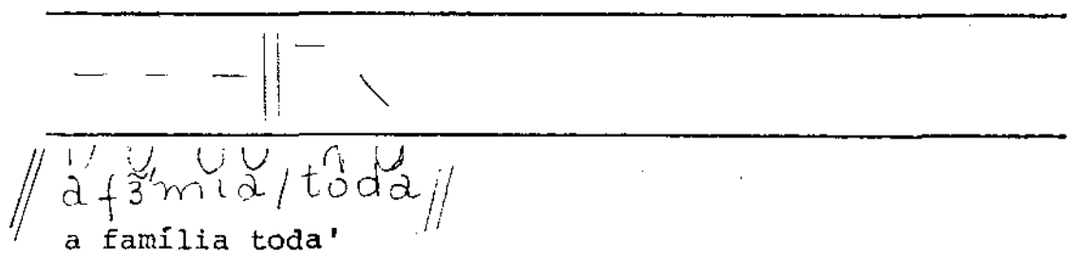


'Filha do Luis Machado'

(145)



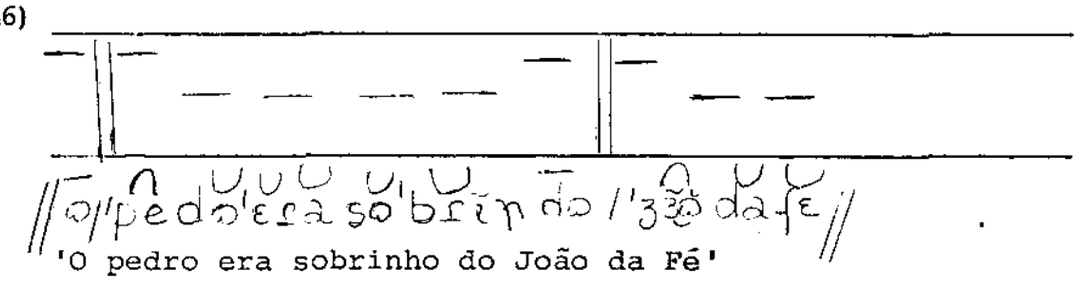
'Eu acho que eram vinte e dois filhos, ...



a família toda'

Mas esse pico melódico pode recair sobre a sílaba tônica e pretônica ao mesmo tempo, como no exemplo abaixo.

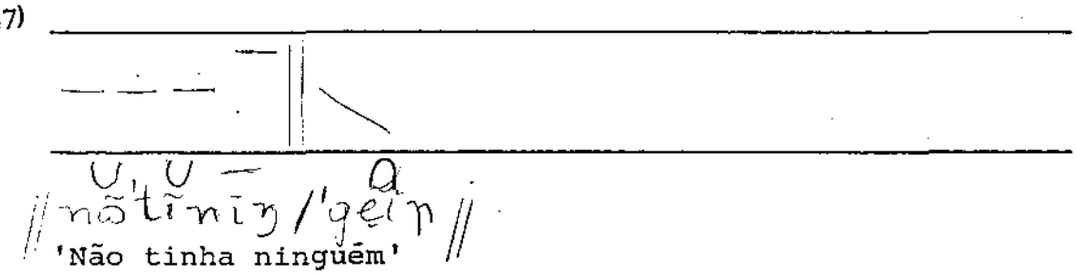
(146)



'O pedro era sobrinho do João da Fé'

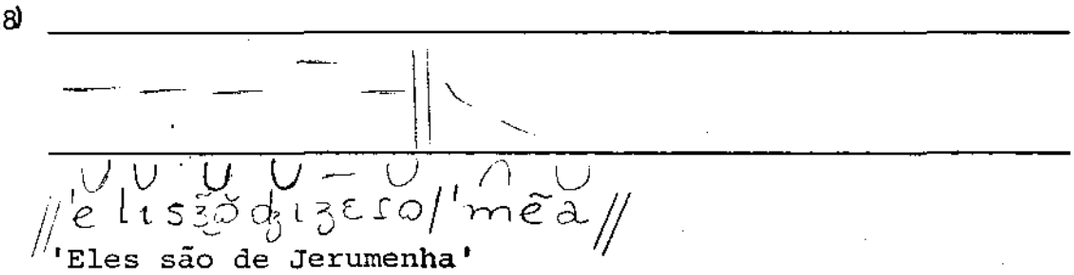
Às vezes, porém, esse pico melódico recai apenas sobre a sílaba pretônica, ou ainda sobre a sílaba que a antecede. Exemplo:

(147)



'Não tinha ninguém'

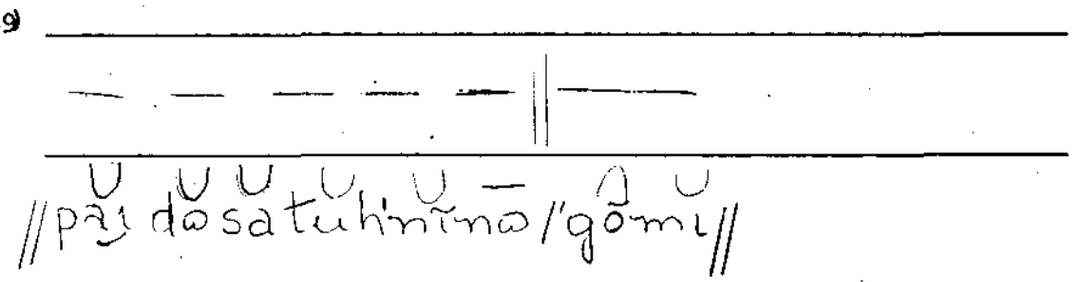
(148)



'Eles são de Jerumenha'

E existe inclusive unidades tonais sem nenhum pico de proeminência melódica, como se pode observar no exemplo a seguir.

(149)



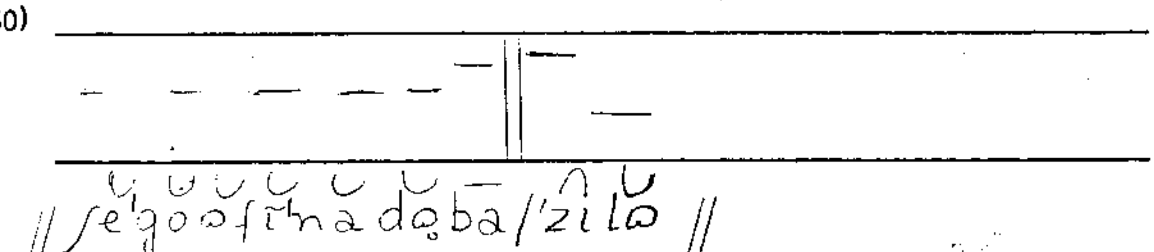
'Pai do Saturnino Gomes'

De uma maneira geral, a unidade tonal dessa fala apresenta alguns fatos melódicos que diferem, pelo menos estatisticamente, dos mesmos fatos verificados nos demais falares analisados:

- maior incidência do pico melódico sobre a sílaba tônica;
- consequentemente, menor incidência desse pico de proeminência melódica sobre a sílaba pretônica;
- embora a sílaba pretônica se mantenha com destaque com relação às demais sílabas, tal fato se relaciona mais com fatos prosódicos do que com traços estritamente melódicos. No caso, esta sílaba pretônica é sempre média ou longa;

Na maioria dos falares, como já visto, o tom característico da sílaba pretônica é de contorno, principalmente, por salto. Na fala dos membros da família Araújo, esse tom de contorno por salto também ocorre, só que com pouca frequência e seu nível de altura muitas vezes não chega a ter o pico de proeminência como nos outros falares Por exemplo:

(150)



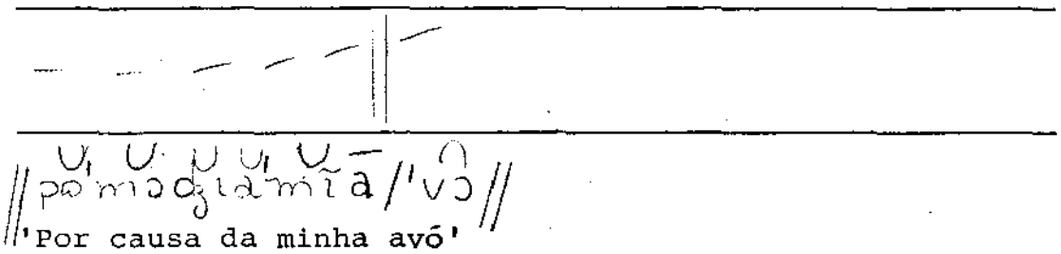
'Chegou o finado Basílio'

A unidade tonal dessa fala, como nas demais, se compõe de:

- sílabas átonas iniciais
- sílaba pretônica
- sílaba tônica proeminente
- sílabas átonas finais.

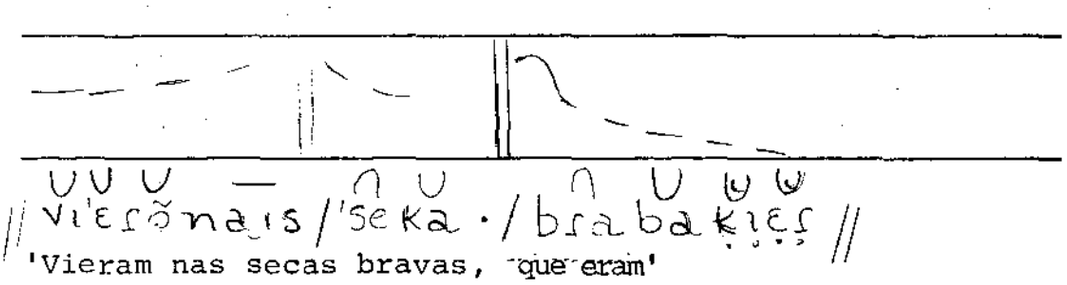
As sílabas átonas iniciais têm tons nivelados médio e alto ou de contorno, principalmente simples ascendente e contínuo. Exemplos:

(151)



'Por causa da minha avó'

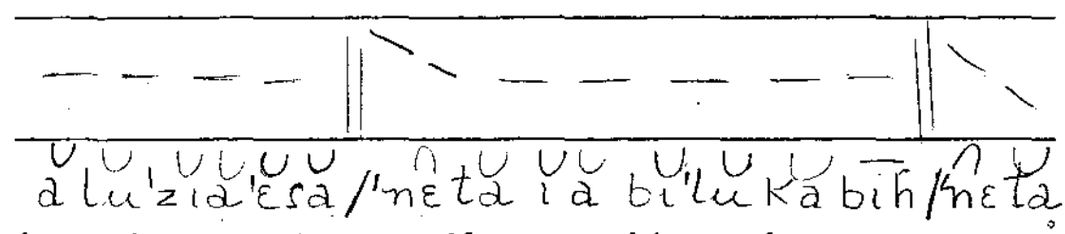
(152)



'Vieram nas secas bravas, que eram'

Sílabas átonas seguindo a sílaba tônica proeminente em unidade com tom composto, nessa fala, podem ter inclusive nível de altura meio-baixo, o que nunca ocorre em contextos semelhantes nas demais falas. Por exemplo:

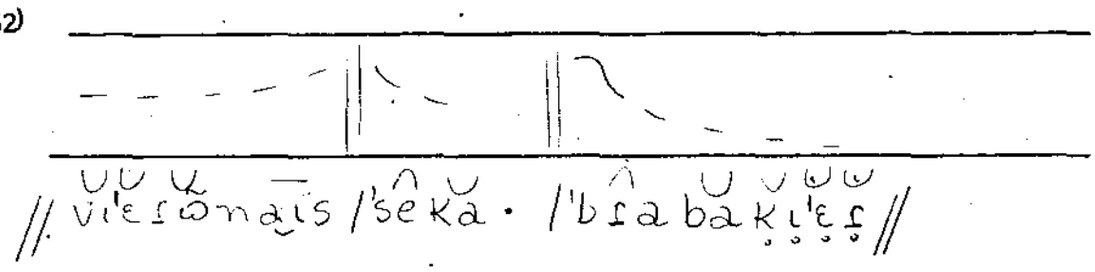
(153)



'A Luzia era neta e a Biluca era bisneta'

Em geral, sílabas átonas que seguem a sílaba pretônica, quando em final de enunciado, são em número de apenas uma ou duas. Quando ocorrem em número superior a dois, estas sílabas átonas tendem a ser bem ensurdecidas. Por exemplo:

(152)



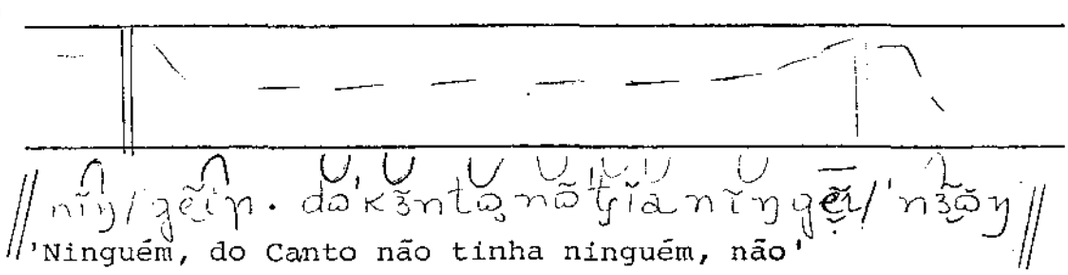
'Vieram nas secas brabas que eram'

Essas sílabas átonas finais são geralmente de contorno descendente ou ainda nivelado, baixo, ou médio, como nos exemplos acima.

Quanto à duração silábica, segue o mesmo sistema de duração da maioria dos falares, onde as sílabas átonas iniciais são sempre breves, a sílaba pretônica tem duração média, a sílaba tônica proeminente é longa e as sílabas átonas finais são sempre breves. De um modo geral, a sílaba tônica é também a sílaba mais intensa, mais forte do enunciado.

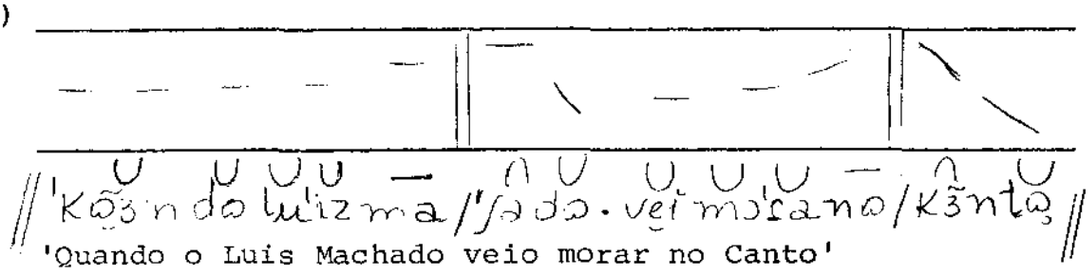
Após cada unidade tonal, há sempre uma pausa longa, sendo que no interior da unidade ocorrem com frequência pausas breves. Por exemplo:

(154)



'Ninguém, do Canto não tinha ninguém, não'

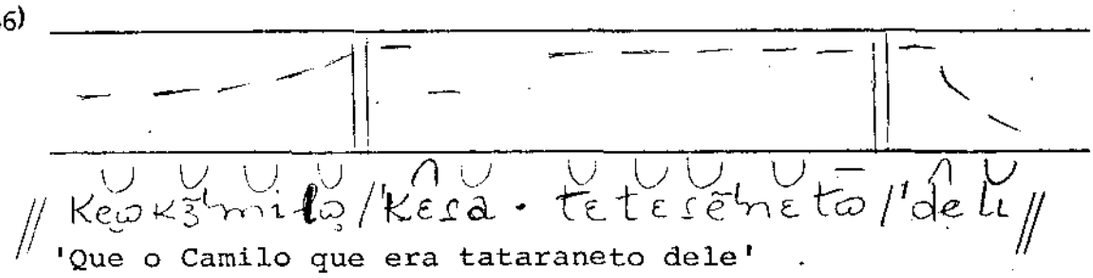
(155)



'Quando o Luis Machado veio morar no Canto'

Ainda com relação à pausa, no interior da unidade tonal, é interessante observar que, na maioria dos casos, ocorre uma mudança de direção melódica após a pausa. Por exemplo:

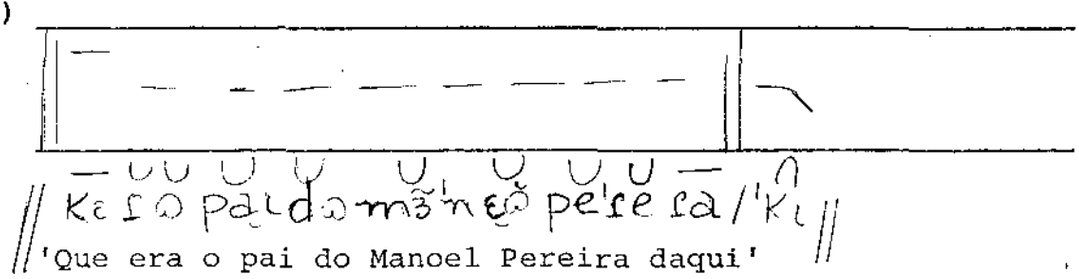
(156)



'Que o Camilo que era tataraneto dele'

Como se observa no exemplo acima, o movimento melódico que antecede a pausa é descendente; após a pausa ocorre um tom nivelado meio-alto, havendo neste caso, inclusive uma mudança de tom. Essa mudança melódica não é observada, por exemplo, no interior de unidades onde não existem pausas. Por exemplo:

(157)



'Que era o pai do Manoel Pereira daqui'

A velocidade dessa fala é considerada normal, pois há falas mais lentas e mais rápidas que esta no Canto. Entretanto, é possível que haja regra de velocidade bem como de altura acústica específicas para determinados tópicos ou assuntos, nessa fala. Quando informantes dessa família conversam sobre a história do grupo do Canto como um todo, seus primeiros habitantes, regras sociais e culturais do grupo, observa-se que a fala torna-se lenta, suave, com altura de voz meio-baixa.

Normalmente, os usuários dessa fala têm uma qualidade de voz nasalizada e ensurdecida. Quanto aos aspectos segmentais, não se verifica nenhum específico da fala dos membros dessa família. Aliás, quanto aos aspectos segmentais, é o falar que mais se assemelha ao falar regional.

Os membros da família Araújo são os que menos apresentam recursos não verbais adicionais à comunicação oral, além de serem, por outro lado, os que mais prestigiam a própria fala, sob a alegação de sempre ter sido a mais bonita, mais correta, etc., em relação ao falar regional. Atribuem também uma diferença de seu próprio falar em relação a todos os falares do Canto, justificando a pretendida diferença com uma narrativa bastante difundida acerca

da origem do grupo do Canto, a qual se confunde com a origem de sua própria família. Enquanto a maioria das famílias admitem, no fundo, uma origem no próprio povoado, ou mesmo uma origem exterior a ele mas, no fundo, indígena ou negra, esta, ao lado da família Machado, reivindicam uma origem externa, branca, regional. Daí porque os membros da família Araújo dizem falar diferente dos demais habitantes do Canto.

A narrativa sobre a origem do Canto e de seus primeiros habitantes é atribuída aos Machado, mas é difundida pelos Araújo , que reivindicam um parentesco original com aqueles. É com respeito a essa narrativa que ocorre o fato mais marcante dos eventos de fala dos membros dessa família. Como ocorre na fala dos membros de outras famílias ao narrarem essa história original, porquanto muitos indivíduos já a incorporaram e a ela aderiram como verdadeira, os membros da família Araújo assumem uma postura de narrador cerimonial de relatos lendários. Eles, em geral, parecem reproduzir um texto memorizado, com uma sequência precisa e uniforme, clara, precisa e permeada de ênfases em trechos determinados. Essa clareza , precisão e ênfase se repetem toda vez que a mesma narrativa é repetida. A atitude que transparece é a de convencer, pela segurança demonstrada, que a história é real, verdadeira e justificadora da situação que desfrutam os membros dessa família em termos sociais e linguísticos. Como ocorre com informantes de outras famílias, estes com muito maior frequência e precisão, retomam a narrativa exatamente do ponto em que foi interrompida, quando, por qualquer motivo esta é interrompida.

Descrição dos Jeitos de falar das Localidades do Canto.

Como ficou evidenciado até aqui, há, efetivamente, uma relação entre fala e família. Com efeito, a fala dos membros de uma dada família não apresenta variações significativas, mesmo quando varia o lugar de residência do membro da família considerada. Desse modo, ao se escolher a variável localidade como independente, a fim de verificar sua relação com fala, a análise pareceria, no mínimo redundante, uma vez que ao se observar a fala dos membros de uma dada família nas diversas localidades onde eles residem, de uma certa maneira já se observou a relação entre fala e localidade. E uma vez que se observou que não existe variação significativa na fala dos membros de uma família, seja qual for o seu lugar de residência, a hipótese de relação concreta entre fala e localidade , nos termos propostos pela visão nativa, fica descartada. Mas esvisão nativa, que atribui uma relação entre fala e localidade precisa ser explicada. O que se observou até aqui, a partir de análises predominantemente linguísticas, é que essa noção nativa não é de todo irreal. De fato, em algumas localidades, pôde-se observar, de um ponto de vista estatístico, a predominância de um falar sobre outro ou outros, devido, sobretudo, à existência nessa localidade determinada, de um número maior de usuários desse falar. Esse falar predominante, entretanto, parece dever a sua predominância , não ao fato de ser falado naquela localidade mas, antes, ao fato de ser o falar transmitido pelas mulheres da família associada àquela localidade, que permanecem residindo ali. A explicação dessa visão nativa bem como a correção do modelo que ela sugere, será abordada com mais propriedade no capítulo seguinte.

Conclusão.

A descrição da fala concreta dos habitantes do Canto , segundo a pertinência familiar dos informantes, revelou muitos traços de fala bastante frequentes na fala dos membros de cada família. Antes de mais nada, constata-se a existência, na fala de todos os informantes, de todas as famílias, de aspectos fonéticos, tanto segmentais quanto fonéticos, que são comuns a todas elas. Quanto aos aspectos segmentais, existem nesses diversos falares, todos os segmentos apresentados na descrição do falar genérico do Canto, feita no capítulo II, exceto a consoante oclusiva glotal, que ocorre apenas na fala dos membros da família Da Fé, sendo uma de suas marcas características. Os demais segmentos ocorrem em todos os falares com maior ou menor frequência.

Quanto aos aspectos prosódicos, é comum de todos os falares uma composição de unidade tonal tal que é constituída de sílabas átonas iniciais, sílaba pretônica, sílaba tônica proeminente e sílabas átonas finais. Na fala dos membros da família Paulo, entretanto, o componente pretônico nem sempre é bem definido. Os tons que ocorrem nas unidades tonais são também praticamente os mesmos em todos os falares, como nivelados alto, médio e baixo, de contorno simples ascendente e descendente, e de contorno complexo ascendente-descendente e descendente-ascendente. Esses tons de contorno ocorrem principalmente por salto. Tons compostos também ocorrem em todos os falares. Outros traços de diferentes sistemas prosódicos, desde duração, força, velocidade, altura acústica e até qualidade de voz, estão presentes nesses diversos falares.

Há, entretanto, certos traços prosódicos que são predo-

minantes, como por exemplo, o tom de contorno por salto, principalmente ascendente, sobre a sílaba pretônica. Este traço, porém, aparece como predominante nos falares das famílias Pereira, Machado e Da Fé. Em outros falares, tons de contorno ocorrem com frequência em toda a unidade tonal, especialmente na fala da família Paulo, mas também ocorrem com certa frequência na fala da família Gomes.

A sílaba tônica proeminente, que é a parte obrigatória de toda unidade tonal, se define, na maioria dos falares, como sendo a mais longa e a mais forte, mas nem sempre é a que recebe o pico de proeminência melódica. Sobre essa sílaba tônica proeminente, recai mesmo é um pico de proeminência prosódica, resultante dos sistemas de força e duração silábica. Apenas na fala dos membros da família Araújo se verificam sílabas tônicas proeminentes com picos de proeminência melódica (v pág. 129). Por outro lado, o pico de proeminência melódica que ocorre nas unidades tonais incide principalmente sobre a sílaba pretônica, exceto na fala dos membros da família Araújo. Nesta fala, a sílaba pretônica se distingue das sílabas átonas por uma duração média ou longa. Às vezes, porém, esse pico de proeminência melódica incide ainda com certa frequência sobre a sílaba que antecede a pretônica, como se dá, principalmente, na fala dos membros da família Gomes.

As sílabas átonas iniciais desses falares têm normalmente nível de altura alto ou médio, mas na fala dos membros da família Gomes elas ocorrem geralmente num nível alto (v. pág. 117). Já as sílabas átonas finais, que têm geralmente nível de altura médio ou baixo, têm na fala da família Da Fé, predominantemente, um nível de altura médio (v. pág. 102).

O sistema de duração manifesta-se pelo menos de duas maneiras: na primeira, que é a mais comum, a duração das sílabas sugerem uma relação com o sistema de força bem como com o sistema-

lódico. Nesse caso, temos a sílaba mais longa, que é sempre a mais forte, mas também sílabas de componente melódicos diferentes têm, pos sua vez, duração diferente. Este sistema de duração prevalece nos falares das famílias Pereira, Machado, Da Fé e Araújo, e ocorre ainda, embora com menor frequência, no falar da família Gomes . O outro modo de manifestação desse sistema de duração não sugere uma relação sistemática com o sistema de força apenas com o sistema melódico, como ocorre, por exemplo, no sistema já mencionado . Neste sistema, sílabas fracas podem ser breves, longas ou médias , embora a sílaba tônica seja predominantemente longa. As sílabas dos componentes melódicos, exceto o da tônica proeminente, podem ser breves, longas ou médias. Contudo, o que é observado neste sistema de duração é uma relação da duração das sílabas com certos aspectos do contorno melódico. Assim, a cada pico de proeminência melódica corresponde uma sílaba longa e ao repouso do movimento do contorno corresponde sílabas breves. Nos falares em que se manifesta este sistema de duração, o sistema melódico também se apresenta com certa especificidade. Por exemplo, a ocorrência de ondulações melódicas é marcante, bem como a frequência de tons de contorno por salto na fala da família Paulo, mas ocorre ainda na fala dos Gomes. Nesta última fala, este sistema de duração sugere ainda unidades de duração, possivelmente maiores do que a sílaba, constituindo-se de duas a até três sílabas, sob configurações tonais diversas (v. pág. 121).

Velocidade é outro sistema marcado dos jeitos de falar de algumas famílias. O jeito de falar da família Pereira, por exemplo, é rápido, enquanto o jeito de falar da família Gomes é lento. Aliás, a fala dos Gomes tanto é lenta como tem uma altura acústica relativamente baixa. Específico das falas do Canto são certos traços de qualidade de voz, tais como voz murmurada e tremula-

da na fala dos Da Fé; voz sussurrada, dentalizada e palatalizada , na fala dos Pereira; voz rouca e murmurada, na fala dos Machado; e voz de falsete na fala dos Paulo.

Além dos traços fonéticos, outros traços não verbais como postura física, expressões faciais, com destaque para olhares significativos, também foram observados, especialmente entre falantes das famílias Da Fé, Gomes e Paulo.

A análise dos dados aqui descritos, constante de um corpus amplo, registrado a partir da produção concreta da fala dos habitantes do Canto, permitiu assegurar a existência de uma relação entre fala e família. De fato, ao tempo em que as falas dos membros das diversas famílias apresentam traços comuns, cada família possui na fala de seus membros traços que são mais frequentes do que na fala das outras famílias ou que são exclusivos. São esses traços exclusivos que conferem à fala dos membros de uma dada família uma especificidade que autoriza aos nativos considerarem-na um "jeito de falar" próprio daquela família. Com efeito, os traços mais marcantes de cada fala são justamente aqueles destacados pelos nativos como os característicos da fala em questão. A ampliação do significado dos traços característicos de cada fala, conferindo-lhe geralmente um sentido pejorativo, como é prática comum quando um falante descreve a fala de uma família diferente da sua, especialmente uma família rival, não altera a realidade concreta , efetiva e perceptível do traço em questão.

Com respeito à relação entre fala e localidade, julgamos suficientes o já exposto na pág. 136. Aqui acrescentaríamos apenas que a relação que os nativos estabelecem entre fala e localidade é semelhante à que fazem entre fala e família, mas num nível simbólico, no sentido em que a percepção do espaço residencial, das localidades onde residem os indivíduos, assim como a percepção da fa-

la, é feita de uma forma valorativa. Ou seja, sentimentos de gru - pos, localizados ao nível da família, intervêm na valorização, negativa ou não, de certos espaços residenciais determinados, do mesmo modo que em certas falas determinadas, e até em determinadas famílias.

Traços Característicos dos "jeitos de Falar" do Canto.

Traços Característicos / "Jeitos de Falar"	Da Fé	Pereira	Gomes	Paulo	Machado	Araújo
UT=(AI) (PT) T (AF)	+	+	+		+	+
CM= asc. ou desc. p/ salto	++	++	++	++	++	+
ascend-descend.	+		+	++		
T= + longo	+	+			+	+
+ forte	+	+	+	+	+	+
+ alto						+
PT= média	+	+	+		+	+
+ alta	+	+	+		+	+
Isocronia Silábica		+	+	++		
Velocidade: lenta			++	)		
normal	+			+	+	+
rápida		++				
Altura acústica: alta	+	+				
baixa			++			
Qualidade de voz.						
nasalizada	+	+	+	+	+	+
ensurdecida	+	+	+	+	+	+
murmurada	+				+	
sussurrada		+				
tremulada	+					
palatalizada		+				
dentalizada		+				
voz de falsete				+		
rouca					+	
Falam c/ muita espontaneidade		+				
Falam com fluência e desenvoltura					+	
Falam com formalidade	+					
Falam pouco e com discreção			+			
Falam com muita expressividade				+		

Obs. As características assinaladas com mais de um sinal (+) são aquelas mais presentes e destacadas na fala da "família" em questão. As características não assinaladas para alguns "jeitos de falar" ou não existem nestes, ou ocorrem com pouca frequência, sem destaque.

CAPÍTULO IV

O PAPEL DA FALA NO POVOADO CANTO

Introdução

Neste capítulo se discutirá o papel que a fala desempenha no Povoado Canto. Essa discussão implicará na análise das relações entre fala e estrutura social. Para tanto, se descreverá inicialmente a organização social do grupo do Canto, destacando os aspectos mais relevantes dessa organização. Em seguida se fará uma discussão das relações entre jeito de falar e organização social . Neste caso, tanto a organização quanto os jeitos de falar e as relações entre essas duas instâncias do social constituem o modelo da sociedade fornecido pelos informantes. Este modelo seria, para os nativos, uma explicação da organização social; seria o modo como percebem e pensam sua própria sociedade.

O passo seguinte será determinar as relações entre fala e estrutura social, aspectos que resulta de uma abordagem etnográfica da fala das famílias do Canto. As falas das famílias do Canto descritas etnograficamente constituem o fio condutor para a construção de uma explicação que melhor dê conta da situação social do grupo.

Finalmente, se concluirá este capítulo demonstrando a situação do Canto como de multidialetalismo, o qual está estreitamente relacionado com a estrutura social do grupo.

Organização social será considerada aqui, de um modo restrito, uma composição social, um conjunto de indivíduos dispostos em grupos definidos, segundo métodos de agrupamento e ordenação . Tais métodos são constituídos de normas sociais que determinam a organização ao mesmo tempo em que fazem parte dela. Essas normas , assim consideradas, constituem um conjunto de expectativas idealizadas de relações socias (cf. Firth, 1974). Num nível mais profundo, entretanto, encontram-se formas de pensamento e consciênciaque constituem a estrutura social e que explicam a organização; essas formas de pensamento e consciência são o fundo de saber nativo inconsciente que com a organização social tem correspondência apenas acidental (cf. Firth, 1974; Leach,1977 ; Lèvi-Strauss, 1973). A estrutura social é, pois, representada por um modelo construídopelo investigador e cuja validade está no fato de poder melhor explicar a organização (cf. Lèvi-Strauss, 1973).

Descrever etnograficamente as falas do Canto, dentro de uma perspectiva da etnografia da fala, significa fazer uma descrição da fala enquanto uma atividade social relacionada com a organização social, fato que permite tirar conclusões acerca da estrutura. (cf. Hymes, 1974). A etnografia da fala constitui um método mas implica também em um posicionamento teórico no sentido em que há na sua utilização o reconhecimento de que fala se relaciona com as demais atividades sociais numa comunidade, numa rede de relações pessoais ou numa situação social qualquer (cf. Hymes, 1974). Por outro lado, a etnografia da fala supõe a superação de limites entre disciplinas que estudam os mesmos fenômenos sociais e que, ao compartimentalizarem o seu estudo, mais dificultam do que favorecem

o seu entendimento (cf. Hymes, 1974).

Nesta perspectiva de organização social, podemos considerar que os indivíduos do Canto estão organizados de alguma maneira. Essa organização existe e é observável na sua operação, bem como existe também uma explicação nativa para ela. Essa organização, considerada estritamente, é constituída de indivíduos concretos, organizados segundo métodos de agrupamento e ordenação. Os métodos são normas sociais conscientemente formuladas e aceitas pelos membros do grupo. Os membros do grupo fornecem um modelo dessa organização, o qual seria uma explicação de sua própria sociedade, mas que, se há alguma correspondência entre o modelo e a organização e, especialmente, a estrutura, é apenas por acidente e não por necessidade. Isso ocorre porque as explicações nativas não dizem respeito à realidade objetiva, empiricamente observada ou logicamente deduzida, mas, antes, àquilo que os indivíduos pensam dessa realidade (cf. Lèvi-Strauss, 1973).

A observação direta e a coleta de dados junto a informantes permite ao investigador captar a organização bem como o modelo que os nativos constroem para explicá-la. Essa será, porem, uma visão inicial e superficial da sociedade, constituída de representações em grande proporção. Uma visão mais profunda poderá, porém, ser obtida. Isso dependerá do posicionamento teórico e da abordagem metodológica adotada pelo investigador e, consequentemente, do tratamento ao qual os dados serão submetidos. Teoricamente, consideramos que os dados são antes construídos para que se transformem em objetos de conhecimento científico. Os dados brutos, observados diretamente da realidade empírica são transformados em objetos científicos pela teoria para que adquiram sentido. Da análise desses dados assim construídos surgirá a dimensão real dos fenômenos, o seu aspecto formal, estrutural.

Abordar uma sociedade nessa perspectiva significa que se está munido de uma teoria e de um método, ambos imbricados de tal forma que uma coisa complementa a outra. Dessa maneira se pretende construir para o Canto um modelo que explique a sua situação social, e o melhor modelo deverá ser o mais simples e o mais econômico além de ser o que tenha maior força explicativa da situação sob estudo.

Metodologicamente, a etnografia da fala, como já definida, se afigura como o procedimento que mais se adequa ao estudo em pauta. Em primeiro lugar, há uma adequação à fundamentação teórica na medida em que uma abordagem estrutural de uma sociedade implica na descoberta e análise das relações significativas que se estabelecem entre os diversos componentes da estrutura social. Em segundo lugar, o objeto privilegiado da etnografia da fala, a própria fala, porquanto se constitua num fato social como outro qualquer, é, entretanto, aquele sistema da sociedade que permite o acesso aos demais sistemas sociais na medida em que, de alguma forma, tem a ver com todos eles. Em terceiro lugar, a etnografia da fala é o procedimento adequado em razão do próprio campo de pesquisa e do objeto amplo de pesquisa: o Canto e sua situação social.

Com efeito, no Canto, os aspectos linguísticos, enquanto aspectos significativos da rede total de relações que ali se estabelecem, constitui um meio estratégico de observação e análise da situação social daquela comunidade. Isso ocorre porque é o sistema linguístico o meio privilegiado que permite e provoca o estabelecimento de todas as relações. Tal é possível porque parece que o sistema linguístico é, imediatamente, mais isento daquelas determinações de ordem ideológica e das representações a que estão mais imediatamente sujeitos outros aspectos da vida social. Assim é que no Canto aquela visão inicial e superficial que se tem da socieda-

de, é substancialmente modificada quando a sociedade é analisada de um ponto de vista da etnografia da fala. Essa análise fará surgir uma visão nova, construída pelo analista. Ela poderá não ter correspondência com a realidade observada empiricamente ou mesmo com aquilo que os nativos pensam dela, mas será a mais coerente em seus próprios termos e também será capaz de eliminar as ambiguidades e incoerências manifestas daquela visão inicial.

A Organização Social do Canto: Uma Visão Inicial.

Conforme o modelo que os nativos fornecem da sociedade, no Canto podemos destacar três níveis de sua organização. Um nível mais inclusivo, ou seja, aquele nível no qual estão incluídos todos os indivíduos considerados membros do grupo, é constituído pelo que eles chamam de "um povo só". Todos os indivíduos do Canto, incluídos nesse nível da organização, acreditam ser descententes de um dos ancestrais-fundadores do grupo do Canto como um todo. Os ancestrais-fundadores do grupo, devido a casamentos realizados entre membros de seus grupos domésticos originais, tornaram parentes os seus descendentes. Assim, todos os que acreditam ser seus descendentes atuais, acreditam-se aparentados.

Um segundo nível da organização do Canto é constituído pelo que eles chamam de "famílias". Este termo, considerado isolado de contexto mais amplo, tem significação ambígua. Pode significar tanto um grupo de parentesco muito amplo, constituído de todos os indivíduos que acreditam e são considerados ser descendentes de um dos ancestrais-fundadores do grupo como um todo, como um grupo doméstico que seria uma espécie de sub-grupo desse primeiro, ou até mesmo a família nuclear. Sua significação precisa é, pois, sempre contextual. Enquanto designativo do segundo nível da organiza-

ção, "família" significa, no contexto da organização como esta - mos considerando aqui, uma unidade do sistema de parentesco, constituída de indivíduos que se consideram descendentes de um ances - tral-fundador do grupo do Canto como um todo que, no caso, é o ancestral-fundador da unidade de parentesco ora denominada de "família". Este ancestral, em alguns casos concretos, pode não ser um daqueles que fundaram o grupo do Canto como um todo, mas que, de algum modo, teve uma relação de parentesco com um daqueles.

Um terceiro nível da organização, em ordem decrescente de inclusão, também é designado pelo termo "família", mas que corresponde a sub-grupos dentro de uma "família" como acima conside - rada. A sub-divisão mais imediata desse sub-grupo que constitui o terceiro nível da organização é o grupo-doméstico, constituído de uma ou mais famílias nucleares, vivendo ou não sob o mesmo teto, mas sempre sob a direção de um "chefe". O grupo doméstico, bem como a família nuclear, não constituem níveis significativos na organização, uma vez que esses grupos só são mencionados quando o que está em questão é a identificação pessoal de um determinado indi - víduo, sem consideração especial por sua identidade social.

Com base nesses informaçẽos pôde-se esboçar um modelo inicial da organização social do Canto, conforme os nativos a ima - ginam:

ORGANIZAÇÃO SOCIAL

"Um povo só"

"Família"

Sub-família

Estreitamente relacionada com a organização das unidades de parentesco, como acima exposto, e fazendo parte da organização social, há uma ordenação espacial (v. mapa em anexo). Essa ordena-

ção ou organização do espaço territorial é pensada pelos nativos também em níveis. O nível mais amplo da ordenação espacial é aquele constituído pelo território. O território como um todo é propriedade do grupo do Canto como um todo. Cada indivíduo, pertencente ao nível mais inclusivo da ordenação social, o nível do " Um povo só ", tem direitos de uso da terra do território. Tal direito decorre do fato mesmo de o indivíduo ser um membro do grupo.

Para pertencer ao grupo não se exige a residência no território: "Mesmo que ele vá embora, mais se um dia ele voltar, o pedaço dele tá guardado". O segundo nível da ordenação espacial é associado com a organização em "famílias". É constituído de áreas de produção e exploração econômicas, de terras já beneficiadas por membros das diversas "famílias". Cada uma das áreas desse tipo bem como áreas virgens vizinhas a elas é considerada propriedade da "família" que a beneficiou ou que a explora economicamente de alguma forma. Essas áreas são constituídas tanto por uma faixa contínua de terras, como de vários lotes dispersos pelo território . Associada à área ou áreas de cada "família" e, portanto, a cada "família", existem zonas residenciais, localidades povoadas. Tanto nas áreas de produção e exploração econômicas quanto nas áreas residenciais àquelas associadas, a "família" tem direitos preferenciais quase exclusivos.

Esse modelo de ordenação espacial fornecido pelos habitantes nativos do Canto tem semelhanças e correspondências com o modelo de organização do parentesco. Nesse modelo de ordenação espacial não há, porém, o nível correspondente à organização do parentesco que estamos chamando de sub-família. Em contrapartida, o espaço doméstico, ao nível do grupo doméstico ou da família nuclear, é bastante marcado e valorizado. Ele não parece, contudo, ter papel importante, conforme os nativos, na organização espacial glo-

bal. Sua valorização e sua importância é maior na visão dos seus ocupantes permanentes, pelo menos até quando persiste a existência do grupo doméstico que o habita. A existência física desse espaço, quando muito, é igual em duração, à existência de seus ocupantes permanentes.

Em vista desses dois modelos, é possível traçar um quadro de correspondência entre eles:

QUADRO DE CORRESPONDÊNCIA ENTRE OS MODELOS SOCIAL E ESPACIAL

Organização social	Ordenamento espacial
"Um povo só"	Território
"Família"	Área de produção e exploração econômicas (e residenciais)
Sub-família	-

Como se observa, não há um paralelo perfeito entre os dois modelos, como seria de se esperar. Não há, no modelo espacial uma dimensão que corresponda ao nível da sub-família.

As Regras Sociais

Ao nível do sistema social global, o do "Um povo só", os indivíduos do Canto compartilham regras sociais que todos esperam que sejam regularmente seguidas. Com respeito ao parentesco, há um conjunto de expectativas idealizadas que se traduzem em regras de casamento, residência, descendência, filiação, nominação e herança. Há nesse conjunto, um pouco discreta, uma regra de sucessão à chefia da "família" ou sub-família. Todas essas regras são formu -

ladas explicitamente pelos informantes, e a sua operação é observada empiricamente em muitos casos, sendo que umas são mais regularmente seguidas do que outras.

A regra de casamento é endogâmcia ao nível do grupo como um todo, ou seja, ao nível do "Um povo só", e exogâmica ao nível da "família". Isto significa que um indivíduo pertencente ao grupo deve buscar um cônjuge que também seja membro do grupo e que este cônjuge seja membro de uma "família" diferente da sua. A regra de residência é ambígua nas informações dos nativos e na sua operação concreta. Isto quer dizer que um novo casal pode ir residir tanto junto dos parentes do marido quanto junto dos parentes da esposa. A descendência é explicitamente pela linha masculina, ou seja, as pessoas do Canto dizem descender de um determinado ancestral-fundador, traçando sua genealogia patrilinearmente. Algumas vezes, entretanto, algum indivíduo, especialmente se é do sexo feminino, destaca sua pertinência a uma "família" ou sub-família através do parentesco com um membro feminino da unidade de parentesco em questão, embora tal unidade seja definida patrilinearmente. A filiação é explictamente bilateral, ou seja, dizem quase sempre serem filhas do pai e da mãe. Mas isso só ocorre quando o que está em questão é a identificação da pertinência do indivíduo a sua família nuclear. Quando porém o objetivo é identificar socialmente o indivíduo, sua pertinência a uma das unidades significativas do sistema, a referência será ao pai. Quanto à nominação, existem dois sistemas operando. O primeiro deles, mais tradicional, é um, segundo o qual os homens recebem o sobrenome do pai e as mulheres recebem o sobrenome da mãe. Os sobrenomes paterno e materno constam de séries internas de nomes. Os sobrenomes masculinos existem em número de seis, sendo um para cada "família"; os sobrenomes femininos não remetem a nenhuma unidade de parentesco. Enquanto o número de so-

brenomes masculinos é igual ao número de "famílias", existem apenas dois sobrenomes femininos para todas as mulheres da comunidade.[1] O segundo sistema obedece às mesmas regras utilizadas pela sociedade brasileira, ou seja, os filhos de ambos os sexos recebem o sobrenome, ou nome de família, do pai, seguido do sobrenome da mãe, ou como eles dizem; "um pedacim dum e doutro". Neste sistema, os sobrenomes se constituem numa série externa, semelhante aos nomes brasileiros, e cada um desses nomes corresponde a uma "família" de descendência patrilinear. Neste sistema não se usam os sobrenomes na forma tradicional. No caso das mulheres, o sobrenome na forma tradicional é abandonado e no lugar dele é colocado o sobrenome do pai, quando solteiras, ou do marido, se casadas. Neste último caso, é abandonado o sobrenome da mãe, na forma tradicional. A herança se dá, segundo eles, conforme o Código Civil Brasileiro, ou como eles pensam ser esse código. A principal regra a ser observada na transmissão de bens é a proximidade do parentesco consanguíneo.

Como se observa, a maioria das regras sociais explícitas relativas ao parentesco, tem ao nível da "família" o seu lugar privilegiado de operação. A endogamia, é certo, opera ao nível do grupo como um todo, tendo como referência o nível do "Um povo só". Mas a exogamia, a descendência, a residência, a nominação e a herança, mesmo se constituindo em regras definidas para a totalidade dos indivíduos, têm como referência a "família". É pois, a "família" a base de todas as determinações de identidade social do grupo. No âmbito da "família" surge a patrilinearidade de forma bastante marcada e, explicitamente, é a regra a partir da qual quase tudo se define. A pertinência ao grupo do Canto é definida pela descendência do indivíduo de um dos fundadores do grupo como um todo e essa relação é estabelecida pela inclusão desse indivíduo em uma das

"famílias". A nominação, no sistema tradicional, inclui os indivíduos do sexo masculino numa dada "família", através da utilização do nome de "família". No sistema externo, moderno, indivíduos de ambos os sexos são incluídos na "família" através do mesmo mecanismo.

Nesse modelo existem algumas inconsistências e em alguns pontos é muito claro. Um dos aspectos inconsistentes é a regra de residência. Esta regra ora aparece como de tendência patrilocal ora como de tendência matrilocal. Se tal ocorre é porque o fato de o novo casal ir residir próximo dos parentes de um dos cônjuges é algo importante para a sociedade. Não sendo importante, a ênfase seria dada a uma residência neolocal, sem referência especial aos parentes de qualquer dos cônjuges. Outro aspecto é a regra tradicional de nominação, especialmente com respeito aos sobrenomes femininos. A que categorias de parentesco significativas são remetidas as mulheres, as quais só dispõem de dois sobrenomes? Estas são algumas das questões que esperamos explicar com a abordagem linguística a seguir.

Os "Jeitos de Falar" dos Habitantes do Canto: Uma Abordagem Etnográfica

Como se tem notado até aqui, o nível da organização do parentesco constituído pelas "famílias" tem se afigurado como bastante significativo para os habitantes do Canto. É com esse nível que se relacionam aquilo que eles chamam de "jeitos de falar". Cada "família" tem um "jeito de falar", o qual é para eles o indicador mais explícito e eficiente da pertinência de um indivíduo à sua unidade de parentesco. "Jeito de falar", segundo os habitantes do Canto, é uma maneira indefinível de falar, mas que é perceptível ao

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

nível concreto da fala. Os informantes conseguem descrever uns poucos traços dos diversos "jeitos de falar", os quais, linguistica - mente, correspondem, sobretudo, a traços prosódicos. Desse modo, os informantes caracterizam os falares do Canto como sendo " "fala ligeira", "fala tata", ou "fala de gente que tem a língua pregada atrás", ou ainda "fala gaga","fala dos que falam mas aí não falam direito, gaguejando", "fala de quem não é gago e não deixa de ser" "fala baixa", "fala arrastada", "fala puxada" ou simplesmente uma "fala diferente". Essas seriam, segundo os informantes, caracterizações dos diversos "jeitos de falar" das diversas "famílias" do povoado. Com base nessas informações, fornecidas por membros de todas as "famílias" e, portanto, usuários dos diversos "jeitos de falar", pode-se estabelecer o seguinte quadro dos falares do Canto:

"JEITOS DE FALAR" DOS HABITANTES DO CANTO

- "fala ligeira"
- "fala ligeira demais"
- "fala arrastada" (também "fala baixa")
- "fala tata" (também "fala gaga", fala de gente que tem a língua pregada atrás","fala dos que falam mas aí não falam direito, gaguejando", "não é gago nem deixa de ser").
- "fala quase tata"
- "fala diferente".

Os traços característicos dos "jeitos de falar" do Canto, como pensados pelos nativos, são em grande medida, representações dos falares concretos, na medida em que a correspondência dos traços descritos pelos nativos com os respectivos falares não ocorre como é pensado pelos informantes. Não se pode, entretanto, negar que tais traços existem realmente nos falares do Canto e que são

produzidos concretamente pelos falantes. Muitos dos traços referidos e mais alguns não mencionados pelos informantes são encontrados em todos os falares definidos e identificados na pesquisa, levantamento e análise dos dados das falas dos membros das diversas famílias (v. Cap. III). Muitos dos traços referidos pelos informantes ocorrem com maior ou menor frequência em cada um dos falares identificados. Aqueles traços destacados pelos nativos são, às vezes, os mais frequentes do "jeito de falar" ao qual se refere.

Linguisticamente, "fala ligeira", embora seja um traço presente no "jeito de falar" ao qual se referem os nativos, não é, entretanto, a marca característica do falar concreto, identificado na pesquisa. Já "fala ligeira demais" corresponde ao falar cujo traço marcante principal é a velocidade, que no caso é efetivamente rápida. "Fala arrastada" tem como traço característico uma velocidade lenta e um volume de voz muito baixo; "fala tata" tem como um dos seus traços característicos a presença de sons oclusivos glotais. A falta de correspondência necessária entre os traços referidos pelos informantes e aqueles efetivos nas falas concretas de cada "família" decorre, como já aventamos no capítulo III, do fato de tais traços serem escolhidos de uma perspectiva valorativa por parte de informantes cujo falar não é o mesmo ao qual se referem. Em geral, esses traços referidos por um nativo seriam os característicos dos demais falares, exceto daquele de sua própria "família". De fato, foram bem poucas as vezes que um falante descreveu ou se referiu a traços de sua própria fala.

"Jeito de Falar" e "Família"

Como já foi assinalado, "jeito de falar" é, segundo os informantes, um indicativo da pertinência de um indivíduo à sua

"família". Isto significa que um indivíduo do Canto é capaz de saber a qual "família" pertence um outro indivíduo somente através do "jeito de falar" desse indivíduo. Portanto, se pode concluir que, na visão nativa, o número de "jeitos de falar" é igual ao número de "famílias". Independentemente da existência de qualquer correspondência entre o que é pensado pelos nativos e a realidade concreta, o simples fato de existir tal modelo assim pensado já constitui fato importante a ser investigado.

Na investigação dos "jeitos de falar", como definido pelos informantes, observou-se que eles não apenas fornecem o que se poderia chamar de uma descrição mas também manifestam atitudes em relação a cada falar. As atitudes de um indivíduo com relação a um falar ou falares determinados corresponde a atitudes em relação à "família" ou "famílias" correspondentes. A atitude principal de um indivíduo com respeito aos falares do Canto é relativa à valorização que confere a cada falar em particular. Os critérios dessa valorização são, em geral, "bonito", "certo", "fala direito", "fala de gente", dentre outros da mesma natureza. Nesse sentido, pode haver uma hierarquização dos diversos "jeitos de falar", conforme a perspectiva valorativa de cada informante ou grupo de informantes. Essa hierarquia varia conforme a pertinência "familial" dos informantes. Em geral, o "jeito de falar" mais valorizado é o da "família" do informante ou o de uma "família" aliada da sua. Dessa forma, não há um consenso acerca de qual "jeito de falar" é o prestigiado. A valorização de um dado "jeito de falar" de uma determinada "família" por membros de uma outra, significa não só uma atribuição de prestígio a esse "jeito de falar" mas, principalmente, à "família" da qual o "jeito de falar" é próprio. Essa atribuição de prestígio demonstra, em geral, por parte de quem faz a atribuição, uma preferência pelo estabelecimento de relações de aliança com a

"família" cujo falar é prestigiado. Isso não implica na efetividade de tais alianças, podem ser apenas expectativas, embora no caso do Canto, na maioria das vezes, elas realmente ocorram.

Embora não haja consenso sobre qual "jeito de falar" é o mais valorizado e prestigiado, há acordo quanto ao que é mais desprestigiado, exceção feita, é claro, aos indivíduos pertencentes à "família" à qual esse falar é atribuído. Com efeito, tal "família" é aquela que atualmente menos alianças tem estabelecido com as demais, segundo depoimentos, inclusive de seus próprios membros, e conforme pôde ser constatado pela observação.

As relações entre os indivíduos e os "jeitos de falar"e, consequentemente, as relações entre os usuários dos diversos "jeitos de falar", correspondem às relações entre os diversos membros das diversas "famílias". É necessário então precisar uma definição do conceito nativo de "família". Tal definição resulta da elaboração de uma etnografia do "jeito de falar"

"Jeito de Falar" e Localidade

Há nos depoimentos dos informantes do Canto uma informação complicadora para o modelo de organização que eles fornecem. Geralmente eles dizem: "cada um fala dum jeito, num vê que cada um é dum lugar!'. Desse modo, o enunciado sugere uma relação entre "jeito de falar" e localidade, lugar, povoação. Mas, afinal, a relação de "jeito de falar" é com "família", com localidade ou com ambas? Na perspectiva do informante nativo, "jeito de falar" corresponde a "família", que corresponde a localidade. A análise dessa situação é feita levando-se em consideração os aspectos linguísticos. Com base nas informações e dados desses "jeitos de falar", tentaremos esclarecer sua relação com "família" e com localidade.

Para se entender melhor o grande peso que o enunciado "cada um fala dum jeito, num vê que cada um é dum lugar!" assume para os habitantes do Canto, veremos, antes, como e porque surgi - ram esses lugares, as localidades onde residem certas "famílias" , grupos de "famílias" ou de sub-famílias. Para esse esclarecimento, é necessário um breve enfoque histórico.

"Família" e localidade: reconstrução histórica

A reconstrução histórica do grupo do Canto pode ser fei- ta de duas formas complementares: com base nos relatos histórico - lendários e com base nos relatos da história oral. Os relatos histórico-lendários têm a função de justificar a situação atual do Canto; a história oral, embora tenha no fundo a mesma função que os primeiros, se pauta em dados muitas vezes reais e concretos.Ambos os tipos de relatos são confirmados aqui e ali por documentos históricos, sendo que os últimos são mais comumente confirmados do que os primeiros.

Conforme esses dois tipos de relato, o território do Povoado Canto foi ocupado originalmente por uma população cuja origem étnica precisa não pôde ser identificada. A ocupação se deu, certamente, numa época anterior ao século XIX, provavelmente no final do século XVIII. É possível reconstruir para essa época uma organização constituída de dois grupos domésticos chefiados por dois ancestrais-fundadores, ainda hoje reconhecidos como tais. Ainda na fase dessa ocupação original, esses dois grupos receberam a companhia de um terceiro, ao qual foi permitido a permanência no território pela "boa vontade" dos ocupantes originais. Nessa fase da ocupação, o grupo era constituído de duas categorias sociais distintas: a dos "verdadeiros donos do lugar", constituído dos dois

grupos ocupantes originais, e a dos "que chegaram depois", constituída do grupo que chegou ao território após aqueles primeiros habitantes. Atualmente, os três ancestrais são considerados os fundadores biológicos e sociais do grupo do Canto.

A categoria original dos "que chegaram depois" integrou-se às duas outras categorias de modo a, numa fase seguinte, passarem a integrar também a categoria dos "verdadeiros donos". Esta categoria, por sua vez, passou a se opor a outros grupos que vieram residir no território, mas que não se integraram completamente aos grupos ocupantes anteriores. O grupo original, formado então pelos dois grupos que formavam aquela primeira categoria dos "verdadeiros donos do lugar", residia numa área pouco vasta, correspondente na época ao centro do território, na localidade hoje denominada de Canto Velho; a categoria dos "que chegaram depois" residia cerca de 500 metros acima, na direção norte do território,na localidade hoje denominada Chapada do Genésio. A modalidade de posse e uso da terra nessa fase inicial da história do Canto era semelhante àquela que se observa hoje com relação à dimensão social do "Um povo só", ou seja, uma modalidade segundo a qual qualquer indivíduo tinha direitos de exploração da terra em qualquer área ainda não utilizada por outro. Isso decorria do caráter coletivo da posse do território. Para essa fase da história do Canto não foi possível reconstituir as regras que operavam na organização social do parentesco. Não significa, porém, que fossem as mesmas que operam atualmente.

A fase seguinte da história do Canto corresponde à dispersão dos grupos domésticos pelo território, especialmente em direção às suas fronteiras, com o objetivo de protegê-lo contra invasões. A posse do território sempre se constituiu em um problema muito sério para os habitantes do Canto. Os conflitos pela sua

posse envolviam disputas não só com os regionais mas entre os próprios grupos ocupantes entre si. Nesse fase da história, o grupo estava dividido também em duas categorias: a dos "verdadeiros donos do lugar" e a dos "que chegaram depois". Só que a primeira categoria incluia agora aquele grupo que antes constituia a categoria original dos "que chegaram depois", e a segunda categoria era agora constituída dos grupos que chegaram ao território mas não se integraram inteiramente à vida e às normas sociais já estabelecidas. A antiga categoria dos "que chegaram depois" respeitaram a norma de posse coletiva do território e sua modalidade de uso; os grupos da nova categoria dos "que chegaram depois" intentaram a posse individual, favoreceram a invasão dos regionais e se destacaram como estrangeiros ou como sendo estrangeira a sua origem.Essa nova categoria foi a responsável pela penetração de muitos costumes e regras sociais da sociedade envolvente. A tentativa de posse individual e privada de parte do território por indivíduos e por grupos dessa nova categoria dos "que chegaram depois", com o apoio das regras e das leis da sociedade envolvente, provocou inúmeros conflitos internos. Ambas as categorias, entretanto, intentavam a seguir, preservar o território da invasão de estrangeiros que dele queriam se apoderar, tendo já chegado, inclusive, a se apossar de porções significativas das terras que o constituiam na época. Desse modo, no final do século passado, o grupo do Canto como um todo inicia uma disperção para áreas fronteiriças do território. E os primeiros grupos a realizarem esse movimento interno foram justamente aqueles da categoria "dos que chegaram depois".

A categoria dos "que chegaram depois", já constituída de vários grupos domésticos, resultante de cisões dos grupos domésticos originais dessa mesma categoria, foi ocupar zonas fronteiriças do território. Vigilantes suspeitos, esses grupos passaram a

receber em cada área onde foram residir a companhia de grupos domésticos da categoria dos "verdadeiros donos do lugar". Assim é que atualmente, das quatro localidades fronteiriças do território do povoado, duas são ocupadas por sub-famílias da categoria dos "que chegaram depois" e uma pela "família" que um dia constituiu a categoria antiga dos "que chegaram depois", cada uma tendo como vizinha, na mesma localidade, uma "família" ou sub-família da categoria dos "verdadeiros donos do lugar".

Mesmo com a dispersão da população para as regiões fronteiriças do território, os conflitos pela posse da terra não findaram. Com o controle exercido pelos "verdadeiros donos do lugar" sobre os "que chegaram depois", os conflitos internos diminuíram. Estes conflitos internos não diziam mais respeito a questões entre os habitantes do Canto e estrangeiros que passaram a residir lá, mas se referiam a questões internas já que, mesmo tardiamente, a categoria dos "que chegaram depois" passou a defender o território contra as invasões dos regionais. A pressão dos regionais também não cessou, de modo que o grupo do Canto teve que apelar para leis brasileiras como um meio de impedir que o seu território continuasse sendo apropriado pelos regionais. Foi dessa forma que a população requereu o usocapião, o qual foi deferido de forma tal que a posse do território permaneceu coletiva, como propriedade da totalidade de seus ocupantes, sem consideração de sua filiação a qualquer uma das categorias existentes internamente. Internamente, porém, se atribui direitos históricos, legitimados socialmente, aos "verdadeiros donos do lugar", fato que confere prestígio social às "famílias" descendentes dos ancestrais-fundadores dessa categoria.

O usocapião constitui a fase atual da história do Canto, que começou em 1934. Este instrumento legal, na época de seu requerimento, considerou com direitos de posse qualquer indivíduo que

habitasse a terra e nela trabalhasse a mais de 30 anos, de forma "mansa e pacífica", sem ser contestado por ninguém. Ocorre que no Canto os habitantes pretenderam excluir do requerimento todos os estrangeiros residentes, independentemente do tempo de residência e trabalho, incluídos mesmo aqueles indivíduos da categoria dos "que chegaram depois". No início dessa fase, os primeiros grupos da categoria dos "que chegaram depois" já haviam criado um relato histórico tão convincente para demonstrar seu parentesco com os ancestrais da categoria dos "verdadeiros donos do lugar", que não houve como excluí-los do requerimento de usocapião. Só muito poucas pessoas sabem hoje a situação real desses grupos na época do usocapião. Dessa forma, o grupo do Canto ficou dividido em duas categorias: a dos que tinham direito às terras e a dos estrangeiros.

Para que um indivíduo fosse incluído no benefício do usocapião tinha que demonstrar sua descendência a partir de um dos ancestrais-fundadores do grupo. Para tanto, todos os grupos e indivíduos lançaram mão da construção de genealogias, onde cada indivíduo ou família nuclear tenta provar sua descendência a partir daqueles ancestrais. Na construção das genealogias, lançaram mão do recurso da patrilinearidade, retrocedendo nessa linha até onde a memória pudesse alcançar. Como o aspecto mais marcante da história do grupo sempre foi a luta pela terra, onde se destacaram determinados indivíduos, estes foram os mais lembrados, e eram todos eles do sexo masculino; daí a patrilinearidade. Alguns destes indivíduos nem foram concretamente os reais fundadores de determinadas "famílias". Tanto isso é verdade que, historicamente, se comprova a existência de pessoas mais antigas do que alguns dos ancestrais lembrados, inclusive de pais destes,[2] mas que não tiveram destaque nas lutas pela terra e por isso não foram lembrados e confirmados por ocasião da construção das genealogias. Portanto,

não significa que a descendência patrilinear que hoje caracteriza e define todas "famílias" tenha sido a regra de descendência prevalecente desde o início. Por outro lado, o grupo estava fortemente influenciado por "leis" da sociedade brasileira, tanto que estava construindo genealogias para fazer jus ao benefício que uma dessas "leis" lhe concedia.

Desse modo, os lugares, as localidades do Canto, tiveram origem com a dispersão de sua população, a partir de um núcleo central. Essa dispersão se deu, não por "famílias" inteiras, mas por grupos-domésticos de diferentes "famílias", alguns dos quais, atualmente se constituem em sub-famílias, de modo que cada localidade está associada a uma determinada "família" apenas simbolicamente, já que todas as "famílias" originais, surgiram numa mesma localidade, exceto aquela que constituiu a primeira categoria dos "que chegaram depois". A referência geográfica com respeito à "família" é com relação à localidade do seu fundador no território considerado globalmente; e geralmente essa referência é acompanhada de um relato acerca das circunstâncias da chegada ou do surgimento desse fundador no território. A referência à localidade é com relação à sub-famílias, grupos domésticos que resultaram de cisões de grupos domésticos constitutivos das "famílias" originais, e que se transformaram em sub-categorias destas, tendo então uma característica definidora adicional: o lugar de residência original do fundador da sub-categoria. Se alguma "família" atualmente está associada a alguma localidade, deve-se a um dos dois seguintes fatos, ou a ambos:

1º - essa localidade foi a primeira a ser ocupada pelo primeiro grupo doméstico resultante da cisão;

2º - essa localidade foi habitada primeiramente pelo grupo doméstico resultante da cisão e cujo chefe assu-

miu também a chefia da "família".

Portanto, quando no Canto se diz que "cada um fala dum jeito, num vê que cada um é dum lugar!", a referência é a um lugar originalmente ocupado por uma sub-família, conforme um dos dois casos referidos acima, ou ambos. Por conseguinte, se há um "jeito de falar" da "família" Pereira, por exemplo, como de fato há, não pode haver uma relação real, concreta entre esse "jeito de falar" e uma localidade específica, uma vez que, concretamente, a "família" Pereira tem membros residindo, enquanto pertencentes a essa "família", em três localidades diferentes. Entretanto, a localidade Carrapato aparece como aquela que é própria dessa "família". Mas o motivo para isso é que o primeiro grupo doméstico resultante da cisão inicial dessa "família" foi residir nessa localidade e o seu chefe assumiu também a chefia da "família".

Para adquirir direitos concretos de pertencentes ao grudo do Canto e, em decorrência, direitos concretos de posse no território, os habitantes lançaram mão, como vimos, da construção de genealogias. Os estrangeiros e aqueles pertencentes à categoria dos "que chegaram depois" manipularam regras de nominação para, assim, se incluirem na categoria dos "verdadeiros donos do lugar", como descendentes destes e pertencentes ao grupo, de modo a se incluirem no requerimento de usocapião. Mais ainda, a inclusão na descendência conferia maior legitimidade à posse no território, do ponto de vista das regras internas do grupo, pois, a rigor, para que qualquer habitantes adquirisse o direito de posse, garantido pelo usocapião, bastaria que provassem residir ali por um período de tempo superior a 30 anos. Os descendentes dos "verdadeitos donos do lugar" certamente sentiram-se ludibriados e se indignaram com a apropriação de seus nomes de "família" por alguns estrangeiros, daquela categoria dos "que chegaram depois", sentimento que ainda ho-

je existe entre eles. Normalmente, quando se pergunda a algum indivíduo da categoria dos "verdadeiros donos do lugar" acerca dos nomes de "família" ostentados por alguns indivíduos de outras "famílias", eles dizem que tais nomes "eles pegaram do vento" ou que "se chamam assim porque querem chamar, mas não são dos nossos,não".

A hipótese que se pode levantar aqui com relação à origem dos diversos "jeitos de falar" do Canto é que tenham decorrido de uma necessidade sentida pelos "verdadeiros donos do lugar" de, em primeiro lugar, marcar sua origem diversa daquela dos "que chegaram depois" e, num segundo momento, marcar também sua pertinência à categoria dos "verdadeiros donos do lugar" ao grupo, com direitos reais sobre o território. Tal marca deveria ser de tal modo eficiente ao ponto de não poder ser manipuladas como o foram as regras de nominação e descendência. Para tanto teriam inconscientemente elegido a fala como marca diferenciadora, uma vez que a fala já funcionava em relação ao exterior como sinal diacrítico da pertinência de indivíduos ao grupo do Canto. Mas se tal assim ocorreu, se teria no Canto apenas dois "jeitos de falar", cada um correspondendo a uma das categorias principais: a dos "verdadeiros donos do lugar" e a dos "que chegaram depois". Ocorre que, internamente, a exigência de demonstração de legitimidade de posse da terra com base na primitividade de ocupação provocou uma acirrada controvérsia acerca dessa primitividade, mesmo entre os grupos da categoria dos "verdadeiros donos do lugar". No momento em que os estrangeiros e aqueles da categoria dos "que chegaram depois" começam a construir genealogias e a relacioná-las com as genealogias dos "verdadeiros donos do lugar", surgem as controvérsias, mesmo entre estes. Entre os membros desta última categoria, uma das "famílias" é considerada originária do próprio Canto; outra foi fundada por um indivíduo que teria vindo do "sertão" (uma referência

a indígenas, especialmente a uma categoria de índios que chamam de "cabôco-brabo"), acompanhado de um irmão adotivo; uma terceira "família", que pertencera à antiga categoria dos "que chegaram depois" seria "de fora, mas daqui de perto mesmo".; a quarta "família" dessa categoria é uma fundada justamente pelo irmão adotivo (às vezes filho ilegítimo, enteado) daquele ancestral-fundador que veio do "sertão". Esta quarta "família" sempre fora considerada legitimamente da categoria dos verdadeiros donos do lugar. Mas com o usocapião e com as disputas que se seguiram acerca da legitimidade da posse da terra, essa "família" passou a ser a mais discriminada do grupo do Canto, embora ninguém negue o fato de seu ancestral-fundador ter sido um dos primeiríssimos habitantes do território.

Dessa forma, se pode traçar o seguinte quadro representativo das fases históricas do Canto, com respeito à organização do parentesco:

OCUPAÇÃO ORIGINAL

Verdadeiros donos	os que chegaram depois
Da Fé	Paulo
Gomes	

FASE DA DISPERSÃO

Da Fé	Machado
Gomes	Araújo
Paulo	

FASE DO USOCAPIÃO E ATUAL

Da Fé	Araújo
Pereira[3]	Paulo
Gomes	
Machado	

É possível também construir um quadro conforme o lugar

de residência dessas "famílias", nas diversas fases da história do Canto, sem consideração das categorias.

OCUPAÇÃO ORIGINAL

"Famílias"	Localidades (4)
Da Fé	Canto Velho
Gomes	Canto Velho
Paulo	Chapada do Genésio

FASE DA DISPERSÃO

Da Fé	Chapada dos Tibúrcio
	Carrapato
Gomes	Canto Velho
	Chapada do Genésio
Paulo	Chapada do Genésio
Machado	Canto
Araújo	Brejinho
	Carrapato

FASE DO USOCAPIÃO E ATUAL

Da Fé	Chapada dos Tibúrcio
Gomes	Chapada do Genésio
	Canto
Paulo	Chapada do Genésio
Machado	Canto
Araújo	Brejinho
	Carrapato
Pereira	Carrapato
	Brejinho
	Chapada dos Cosmos

No modelo nativo da relação entre "família" e localidade teríamos o seguinte quadro:

"Jeito de falar"	"Família"	Localidade
dos Da Fé	Da Fé	Chapada dos Tibúrcio
dos Gomes	Gomes	Canto Velho (5)
dos Paulo	Paulo	Chapada do Genésio
dos Machado	Machado	Canto
dos Araújo	Araújo	Brejinho
dos Pereira	Pereira	Carrapato

Esse modelo tem uma certa coerência lógica precisa, mas não corresponde à realidade, pelo menos, na proporção em que o modelo sugere. Em primeiro lugar, a correspondência entre uma determinada "família" e uma dada localidade é apenas simbólica, significando uma referência à localidade onde primeiro habitou uma subfamília da "família" em questão. Este é o caso, por exemplo, da "família" Gomes que, embora apenas uma família nuclear ainda seja residente na lodalidade Canto Velho, esta é associada à "família". Em segundo lugar, alguns dados concretos revelam que a correspondência entre "jeito de falar" e "família" não é tão precisa como faz supor o modelo nativo. A este respeito constata-se o seguinte:

1º - pessoas que dizem pertencer a uma determinada "família", definida patrilinearmente, falam em grande proporção o "jeito de falar" atribuído a essa "família" (caso em que se comprova a relação entre "jeito de falar" e "família"); mas isso ocorre independentemente do lugar de residência ou de nascimento do indivíduo (caso em que não se comprova a relação entre "jeito de falar" e localidade, e nem entre "família" e localidade); mas o "jeito de falar" desses indivíduos corresponde ao "jeito de falar" da mãe (caso em que se comprova a importância da mãe na transmissão da fala).

2º - O "jeito de falar" da mãe é, em todos os casos, o mesmo "jeito de falar" da mãe da mãe, fato que sugere uma transmissão em linha materna do "jeito de falar" e, portanto, a operação subliminar de uma regra estrutural de descendência matrilinear; em casos fortuitos, a "família" patrilinear da mãe coincide com a sua "família" definida matrilinearmente. Neste último caso, a genealogia traçada pela linha feminina retrocede até um ancestral feminino, esposa do fundador da "família" em questão definida patrilinearmente ou de uma sub-família desta.

3º - Na grande maioria dos casos, uma pessoa fala o "jeito de falar predominante numa determinada localidade ou zona residencial dela, associada a uma "família" ou sub-família específica, definida patrilinearmente.

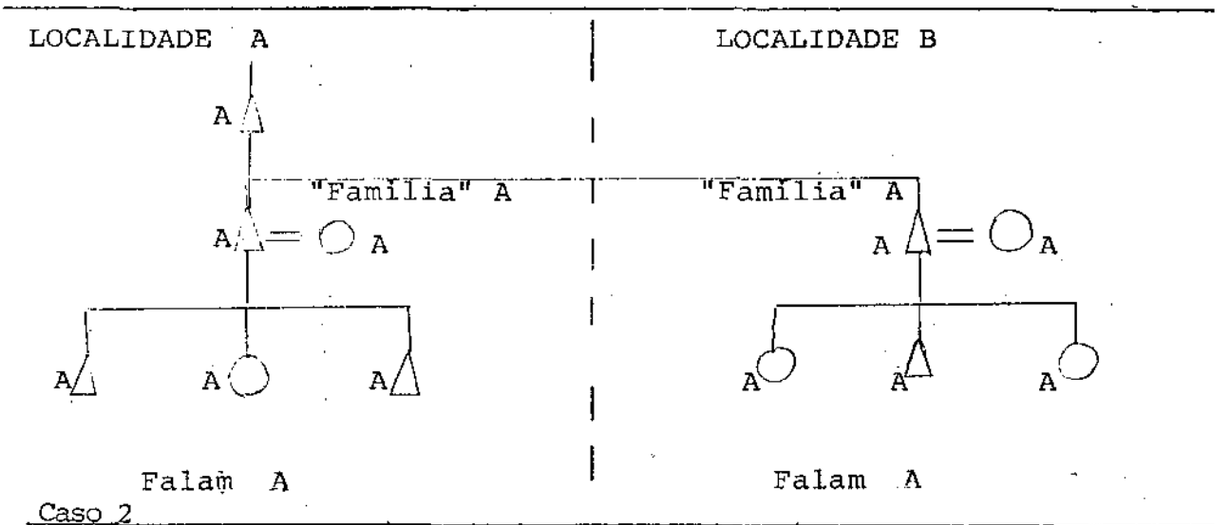
Concretamente, se observa o seguinte, com relação à correspondência entre "jeito de falar", "família" e localidade. (v. quadro na página seguinte).

Para os habitantes do Canto "jeito de falar" correspon - deria, como vemos, à "família", definida patrilinearmente. Sendo que "família" é um termo nativo que serve para designar uma unidade do parentesco. Vimos também que no modelo nativo tanto "jeito de falar" quanto "família" se relacionariam com localidade. Mas analisando os fatos concretos, verificamos que tais categorias só têm correspondência de uma maneira fortuita, de modo que "família" se relaciona antes apenas simbolicamente com localidade e que "jeito de falar" não se relaciona com "família" do mesmo modo como nos faz supor o modelo nativo. Como se observou, "jeito de falar" corres - ponde ao jeito de falar transmitido pelas mães de uma determinada

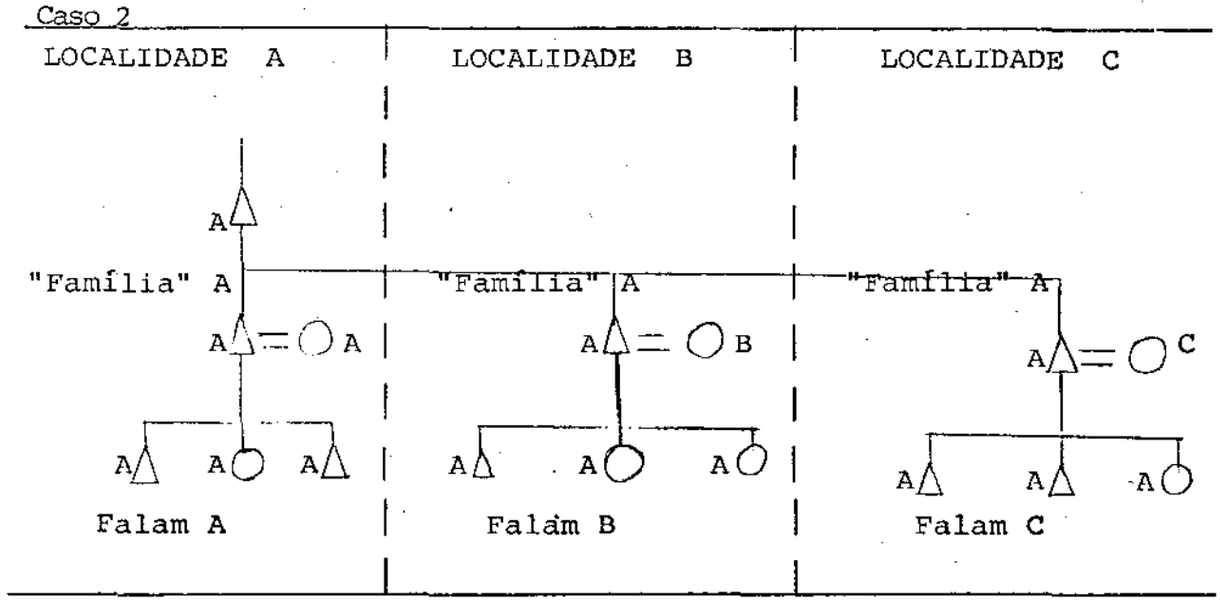
localidade e que, nem sempre, corresponde ao "jeito de falar" da "família da mãe" definida patrilinearmente, exceto nos casos em que a localidade de residência da mãe é a mesma que está associada à sua "família" patrilinear.

QUADRO DE RELAÇÕES ENTRE "JEITO DE FALAR", "FAMÍLIA" E LOCALIDADE

Caso 1



Caso 2



Neste quadro se observa que, embora as "famílias" sejam definidas patrilinearmente, as falas de seus membros residentes em uma determinada localidade corresponde à fala das mães residentes nessa localidade, fato que pode corresponder às vezes, à "família"da mãe, definida matrilinearmente.

Assim, é necessário repensar o modelo que os informantes do Canto fornecem de sua própria sociedade, pois a abordagem etnográfica dos fatos linguísticos sugere que as explicações fornecidas não são suficientes para que se entenda a situação social do Canto. A etnografia dos "jeitos de falar" sugere imediatamente a inadequação entre residência patrilocal e fala, ao mesmo tempo em que lança dúvidas acerca da regra explícita de descendência patrilinear. Isto força um re-exame de toda a organização e de suas regras de funcionamento.

A Organização Social do Canto: reformulação do modelo

O fato amplamente constatado de que a fala é transmitida pelas mães e do qual os falantes não demonstram ter consciência, leva-nos a uma reavaliação daquelas regras formuladas explicitamente pelos nativos. Uma das regras que nos vem à mente em primeiro lugar é a regra de residência, aparentemente indiferente quanto à patri ou matrilocalidade, embora, em alguns casos com tendência para esta última forma. A este respeito, José Inácio da Costa (Costa, 1985) chama a atenção para um procedimento metodológico que lhe permitiu postular a existência de uma regra de residência matrilocal que seria coerente com a nominação com a herança e com uma regra discreta de sucessão. Segundo ele, ao indagar aos nativos sobre o lugar onde iria residir um novo casal, estes davam dois tipos de resposta: respostas automáticas e respostas refletidas. As respostas refletidas eram dadas após o informante analisar os diversos casos concretos dos quais conseguia se lembrar. Conforme a predominância dos casos lembrados, fossem patrilocais, fossem matrilocais, a resposta refletida seria numa dessas duas direções. Assim, se os casos de novos casais que foram residir próximo dos

parentes do marido fossem os mais lembrados pelo informante por ocasião da pergunta, a resposta seria no sentido da patrilocalidade; em caso contrário, seria no sentido da matrilocalidade. Alguns informantes chegaram inclusive a reformular suas respostas após algum tempo, depois de fazer uma reflexão mais demorada sobre o assunto. As respostas automáticas revelavam sempre que o novo casal iria residir junto com os parentes da mulher. Daí a conclusão do pesquisador pela matrilocalidade como regra de residência operante a um nível estrutural. Postulou ainda o autor do referido estudo, embora de forma superficial, que "jeito de falar" não corresponde a "família" mas, antes, a localidade (cf. Costa, 1985).

Com efeito, o fato comprovado da transmissão da fala através das mães de uma localidade implica na permanência das mulheres nessa localidade; e tal permanência só poderia se dar por conta de uma regra de residência predominantemente matrilocal. Concretamente, pois, os "jeitos de falar" correspondem à fala das mães residentes matrilocalmente. Assim, cônjuges pertencentes a "famílias" patrilinearmente diferentes terão filhos cujo "jeito de falar" é o "jeito de falar" da "família" do pai. Por outro lado, devido ao deslocamento dos homens para outras localidades diferentes daquela onde residem os seus pais por causa do casamento com mulheres dessa localidade, e conservarem ali seu próprio "jeito de falar", implica em que numa mesma localidade podem conviver usuários de "jeitos de falar" diferentes; mesmo que ali haja um "jeito de falar" predominante, que é o "jeito de falar" das mulheres nativas daquela localidade. Em alguns casos, um dado "jeito de falar" corresponde, de fato, à "família" à qual é atribuído, e essa "família" está associada à localidade onde reside a maioria de seus membros, de modo que "jeito de falar" e localidade correspondem plenamente, fazendo supor que tal ocorre em todos os casos. Na re-

alidade, o único casso desse tipo corresponde justamente àquela "família" que não estando atualmente estabelecendo muitas relações de casamento com as demais, seus membros, homens e mulheres permanecem residindo matrilocalmente na localidade original do seu fundador.(6)

Por outro lado, a referência à localidade é sempre numa perspectiva masculina, patrilinear. Ocorre que uma regra de sucessão à chefia de uma "família" ou de uma sub-família leva em conta a permanência de um membro masculino na localidade original do fundador (cf. Costa, 1985). Assim, aquele homem que permanece na localidade associada à sua unidade de parentesco será o sucessor na chefia da unidade e não estará, por esta razão, sujeito ao deslocamento para a localidade onde residem os parentes de sua esposa. As mulheres, suas parentes patrilineares e matrilineares permanecerão na localidade, sejam solteiras, sejam casadas, com seus filhos, sob a direção do chefe da unidade. Devido à regra preferencial de exogamia ao nível da "família", ele se casará, portanto, com uma mulher de "família" diferente da sua, a qual poderá ser ou não de outra localidade, pois a definição de "família" se dá pela descendência patrilinear. Dessa forma, ele poderá encontrar ali uma mulher que não seja sua parente patrilinear, embora quase sempre o será pela linha matrilinear. Se entretanto, a sua esposa for de uma outra localidade e além disso não for sua parente matrilinear, ela possuirá certamente um "jeito de falar" diferente daquele predominante na localidade onde reside o chefe da unidade de de parentesco em questão. Os filhos do casal irão falar o "jeito de falar" da mãe, embora pertençam patrilinearmente à "família" do pai. Esse fato também ocorrerá toda vez que uma mulher violar a regra de residência matrilocal. Em geral, porém, no caso do chefe da unidade de parentesco, este se casa quase sempre com uma estran-

geira, para quem a transmissão da fala não é importante. Assim, os filhos desse casal irão falar o "jeito de falar" predominante na localidade. As mães estrangeiras, nesse caso, entretanto, transmitirão aos filhos algumas atitudes relativas à fala materna. Isso ocorre devido não a uma necessidade de afirmação de sua própria fala mas, antes, devido a uma necessidade de marcar sua condição de estrangeira, de não pertencente ao grupo do Canto, para, dessa maneira, fugir à discriminação que sua própria sociedade promove atualmente contra os habitantes do Canto, inclusive estrangeiros.. Talvez seja por isso que as mulheres descendentes de estrangeiras jamais adquiriram a condição de pertencentes ao grupo. E, de fato, tanto no Canto quanto na região de contato se faz uma distinção entre "ser do Canto" e "morar no Canto". Nesta última categoria estão incluídas, especialmente, as mulheres estrangeiras e suas descendentes.

Exemplos ilustrativos da transmissão da fala através da mãe foram observados nos casos de famílias nucleares cujos cônjuges pertencem a "famílias" diferentes, mas fora do esquema de relações estabelecido entre elas, ou seja, em casamentos entre membros de "famílias" onde tal não é esperado ocorrer. Nesses casos, uma "família" ou ambas não concordam com o casamento. Dessa forma, no primeiro caso, o membro da "família" que não concorda com o casamento terá que se deslocar; no segundo caso, no qual nenhuma das "famílias" concorda com o casamento, o casal irá residir numa zona neutra, seja numa área residencial associada a uma "família" diferente das duas envolvidas na questão, seja numa área isolada que ainda não foi habitada ou trabalhada economicamente por ninguém, ou então, vai residir na localidade central do território, considerada de propriedade do padroeiro, ou como eles consideram, "é um terreno de Santo Antônio". Frequentemente, ocorre mais o último

caso. Seja qual for o lugar de residência desse casal, os filhos irão falar o "jeito de falar" da mãe. Em alguns exemplos, essa fala da mãe é falada de uma maneira mais acentuada do que normalmente é produzida em situações usuais. Este é concretamente o caso de um casal que foi residir na área neutra pertencente a Santo Antônio, mas nas proximidades de residências de membros da "família"do marido. Ali, tanto a fala da mãe quanto a fala de seus filhos é exageradamente rápida, enquanto o "jeito de falar" da "família" da mãe tem a marca de velocidade rápida apenas. Neste caso específico o pai da mãe e a mãe da mãe são da mesma "família" patrilinear, de modo que, neste caso, "jeito de falar" e "família" coincidem. O exagero no traço característico do "jeito de falar" revela a necessidade de se falar a fala da mãe e da "família" da mãe num meio linguístico diferente.

Assim, a regra de residência matrilocal, promovendo a permanência de sucessivas gerações de mulheres de uma mesma patrilinhagem ou de patrilinhagens diferentes, mas todas elas parentes matrilineares numa mesma localidade associada a uma dada "família", favorece a preponderância de um "jeito de falar" sobre outros nessa localidade. Como uma determinada "família" está associada simbolicamente a essa localidade, o "jeito de falar" predominante na localidade fica associado à "família" a ela associada. Acrescente-se que muitas vezes, quando um nativo, especialmente se for mulher, diz que uma determinada pessoa fala o "jeito de falar" de uma determinada "família", a referência é com relação à mãe da pessoa, a qual reside, conforme a regra de residência matrilocal, na área de residência associada àquela "família" determinada, mesmo que a pessoa à qual se refere pertença patrilinearmente a outra "família" qualquer. Dessa forma, a mãe da pessoa pode até estar residindo em uma localidade diferente daquela onde nasceu, caso tenha violado a

regra de residência.

Como se nota até aqui, os aspectos linguísticos são elucidativos da situação social do Canto, pelo menos, com respeito a uma regra muito importante para a sua estrutura social. Mas na esteira da transmissão da fala e da regra matrilocal de residência , outras regras terão que ser repensadas. Essas regras deverão ter de alguma forma operação estrutural coerente com a transmissão da fala, na medida em que é através dela que se realizam outros tipos de trasmissão. Dentre estas regras incluem-se as regras de nominação (transmissão de nomes), de herança (transmissão de bens). Com relação à descendência (transmissão do direito de pertencer ao grupo) e à sucessão (transmissão de chefia e liderança), as quais são explicitamente realizadas pela linha masculina, parecem não apresentar incoerências significativas com a transmissão da fala.

Mesmo que se postule e se possa demonstrar que pelo menos já operou no Canto uma regra de descendência matrilinear, tal fato não é tão relevante aqui, uma vez que a descendência traçada por essa linha, se existiu um dia, foi suplantada pela regra patrilinear que, embora utilizada em circunstâncias históricas mais do que por razões intrínsecas ao grupo, passou a ser dominante.

A transmissão da fala através da mãe é um fato do qual os habitantes do Canto não têm consciência. Daí porque se diz que a fala, em inúmeros aspectos, está isenta de determinações de ordem ideológica, de representações, o que não ocorre com os modelos nativos. Se a fala, enquanto um bem, é transmitido de uma geração a outra através das mulheres, então, deveremos observar agora como se dá a transferência de bens materiais de uma geração a outra. Esse tipo de transmissão se dá através do mecanismo da herança, que, segundo os nativos, se dá conforme o Código Civil Brasileiro. Concretamente, se observam alguns casos de acordo com essa

crença, mas muitos outros ocorrem de forma diferente.

Os bens materiais no Canto são de duas espécies: móveis e imóveis. Os bens imóveis são considerados mais importantes e são constituídos fundamentalmente pela terra. Os bens móveis são, de fato, transmitidos conforme o Código Civil Brasileiro, mas a terra quase nunca é transmitida dessa forma. Os bens móveis, em geral, são propriedade individual ou, quando muito, são pertencente a uma família nuclear. Constituem-se geralmente de pequenos animais do criatório, utensílios domésticos, instrumentos de trabalho, etc.. Em alguns casos, incluem-se entre esse tipo de bem, bicicletas e, raramente, um automóvel. Com a morte do proprietário desse tipo de bens, estes passam para seus herdeiros, os quais são definidos pela relação de parentesco consanguíneo bilateral. Assim, a transmissão se dá de pai ou mãe para os filhos, de avós para netos, de tios para sobrinhos, e na mesma geração a transmissão se dá entre cônjuges e entre irmãos.

A terra, bem imóvel mais importante, é transmitido de mãe para filha e, em alguns casos, do marido para a mulher. Porém, nunca se dá, exceto em raros casos, de pai para filho ou da mulher para o marido. É que, a rigor, os homens não possuem terras. Estas pertencem às mulheres. Os pais e esposos são como que guardiães das terras das filhas e/ou das esposas (cf. Costa, 1985). Este fato é coerente com a matrilocalidade e com o consequente deslocamento dos homens para as áreas residenciais das esposas para, ali, adquirirem direitos de exploração econômica nas áreas de produção associadas às "famílias" patrilineares das esposas. O chefe da "família" ou sub-família patrilinear das mulheres de uma dada localidade é o administrador das terras de produção econômica e, de certa forma, ela as "guarda" para as mulheres e filhas destas, no caso de lhes faltarem pais ou maridos. Se uma esposa morre sem dei-

xar filhas, o marido, com ou sem filhos, retorna para sua localidade de origem e volta a trabalhar nas terras de produção associadas à sua própria "família" patrilinear; vale dizer, ele retorna para trabalhar nas terras de sua mãe ou irmãs. Ele só permanecerá residindo na área residencial da esposa e explorando a terra de produção associada à "família" patrilinear desta se possuir filhas. E essas terras serão aquelas que irão depois ser exploradas pelos seus genros. Se não possuir filhas, as terras retornarão para a administração do pai da esposa ou, na falta deste, para o chefe da "família" ou sub-família à qual as terras estão associadas.

No caso em que os homens retornam para a sua localidade de origem, levando consigo os filhos homens, estes irão falar, na localidade de residência do pai, o "jeito de falar" da mãe, se já o tiverem adquirido. Caso não o tenham adquirido ainda, eles aprenderão o "jeito de falar" das mães da localidade original do pai. No caso em que o homem tenha filhas, e permanecendo, portanto, na área residencial da esposa morta, os filhos irão falar o "jeito de falar" da mãe, que é a fala dominante na localidade. Nos casos em que o homem se casa novamente, em geral, escolhe uma esposa da mesma localidade da esposa morta e que seja, preferencialmente, parente dela. Assim, ele não abandonará as terras. Com o segundo casamento, ele poderá inclusive ter acesso a terras adicionais as quais serão propriedade das suas filhas do segundo casamento.

A regra interna de nominação segue o mesmo caminho da transmissão da descendência patrilinear, para os homens, e o da transmissão da fala, para as mulheres. Como já vimos, existem dois sistemas de nomes, sendo um interno e outro externo. Este último é utilizado nas relações com o exterior e é conforme as práticas de nominação da sociedade brasileira. Mas o sistema prevalescente é o interno. Segundo esse sistema, os pais transmitem seu nome de "fa-

mília" aos filhos, e as mães transmitem seu sobrenome às filhas.Os nomes de "família", que são sobrenomes masculinos, transmitidos nessa linha, são em número de seis, iguais, portanto, ao número de "famílias" patrilineares existentes. Os sobrenomes femininos são apenas dois: Maria da Conceição e Maria do Espírito Santo. Nehhum desses sobrenomes remete qualquer mulher a qualquer categoria social explicitamente definida, ou, se tal categoria existe, não foi possível descobri-la. A única categoria à qual um desses nomes remete uma mulher, é aquela categoria ampla das mulheres pertencentes ao grupo do Canto. De fato, possuir um desses dois sobrenomes significa ser uma legítima pertencente ao grupo.

O nome é um dos meios através do qual um indivíduo demonstra sua pertinência a uma das "famílias" patrilineares do Canto e, portanto, acredita ter, por essa razão, direitos de posse no território. A aquisição de direitos por essa via é, entretanto, uma decorrência do requerimento do usocapião, como já foi visto, de modo que os usuários de nomes de "família" apenas se habilitam como herdeiros dos requerentes originais. Para tanto, as regras dessa nominação são constantemente manipuladas e infringidas, com o objetivo de incluir alguns indivíduos na descendência patrilinear. Entretanto, a regra de nominação feminina nunca é manipulada ou infringida, de modo que nenhuma mulher estrangeira, ou qualquer de suas descendentes portará um desses nomes.

A manipulação da regra de nominação masculina se dá por conta da inclusão de estrangeiros ou homens filhos de mulheres nativas ou estrangeiras cujos pais deles são desconhecidos, sendo, neste caso, considerados filhos ilegítimos, por serem resultantes de uniões não aprovadas internamente. Se um estrangeiro é casado com uma mulher nativa, os filhos do casal terão, não o sobrenome do pai mas o sobrenome ou o nome de "família" do pai da mãe e, des-

sa forma, se incluirão na descendência patrilinear deste.As filhas utilizarão rigorosamente o sobrenome da mãe, sem alteração da regra de nominação feminina. O mesmo ocorre com filhos de mães solteiras, nativas. Mulheres estrangeiras e suas descendentes pela linha feminina jamais adquirem outra condição, mesmo que casadascom homens nativos.

O nome feminino é o meio que indica com precisão que a mulher é mesmo uma nativa legítima e que, portanto, possuirá terras de exploração econômica nas quais um futuro marido poderá trabalhar. A estrangeira e todas as suas descendentes não possuem terras, fato que torna bem difício seu casamento com um homem nativo; e quando há um tal casamento, ela nunca será a regra da matrilocalidade. A rigor, sua mãe não possui um lugar no território. No geral, as descendentes de estrangeiras casam-se com estrangeiros e vão residir fora do território.

José Inácio da Costa, em seu estudo sobre o Canto (cf. Costa, 1985), chegou a muitas dessas mesmas conclusões acerca do sistema social do Canto e suas regras através do estudo do sistema de nominação, aspecto que privilegiou na sua pesquisa antropológica. Para ele, o sistema de nominação, enquanto um sistema lógico de classificação de pessoas e coisas, permite, pela sua análise, descobrir a lógica subjacente com base na qual a sociedade como um todo se organiza. Desse modo, segundo ele, também o sistema de nominação tem que ser coerente com a estrutura dos demais sistemas, com o linguístico inclusive.

No Canto, a fala, mais do que qualquer outro indicador, é o sinal de pertinência do indivíduo ao grupo, e sinal dos direitos que essa pertinência implica. E fala tem nas mulheres, o seu principal instrumento de transmissão, do mesmo modo como os outros aspectos do sistema social do Canto têm nas mulheres um elemento

privilegiado de transmissão, como a herança, a residência, etc..Se esses aspectos da situação social do Canto fossem todos da ordem da organização e não da estrutura, inconscientes portanto, se poderia até postular uma espécie de "esperteza" masculina, com o objetivo de impor uma dominação dos homens sobre a sociedade inteira. Antes, o contrário, as mulheres assumem estruturalmente uma importância muito maior no sistema social do Canto. Inclusive, é bem possível que tenha operado ali uma regra de descendência matrilinear, pois ainda hoje muitas pessoas, especialmente mulheres, a traçam nessa linha. Se muitas das regras sociais do Canto apresentam-se explicitamente masculinas, como a descendência, a residência, a nominação, no modelo fornecido pelos nativos, isso se deve mais a circunstâncias históricas das suas relações com a cultura brasileira regional do que a qualquer outro fator estritamente interno. Com respeito à importância das mulheres e das regras de orientação feminina, José Inácio da Costa (1985), escreve na sua dissertação:

> "O caso das mulheres, por outro lado, mostra' bem claramente a rigidez de certas regras.
> ... os nomes do tipo feminino não operam nenhuma classificação social, exceto aquela de marcar a sua pertinência ao grupo do Canto ; pertinência que, embora importante, decorre de uma classificação tão genérica que se torna difícil avaliar sua significação social de um ponto de vista exclusivamente interno ao grupo. A pertinência das mulheres à "família" aparece mais em função do estabelecimento dos limites da exogamia do que com respeito ao direito de propriedade da qual o parentesco é o sistema regulador por excelência. Esse direito é a elas garantido apenas pelo fato de residirem num determinado lugar ao qual a terra de produção está vinculada, além de possuirem um

> dos nomes do tipo feminino. Além do mais, esse tipo de nome, ... parece não guardar diferenças significativas entre si, uma vez que esses dois nomes principais remetem todas as mulheres a uma e mesma classe. É como se as mulheres com ou sem nomes bastassem a si mesmas pelo simples fato de serem mulheres e, como tais, geradoras da vida e da sociedade. Afinal, significativamente, "Espírito Santo" e "Conceição" são por si suficientes em termos de reprodução: um fecunda, o outro concebe" (Costa, 1985:155).

O Multidialetalismo do Canto

A situação linguística do Canto, no que respeita à multiplicidade de falares ali operantes, pode ser caracterizada como uma situação de multidialetalismo. O grupo do Canto é constituído de uma população local de cerca de 1500 pessoas que usam seis variedades de fala sem qualquer sobreposição de umas sobre outras. Como diz Gumperz,

> "O maior número de diversidade linguística se encontra ao nível de populações locais, tribais, camponesas ou classes urbanas de baixa renda."

E diz mais ainda que

> "Variedades ao nível local são perpassadas por variedades sobrepostas consideravelmente amplas, servindo como meio de comunicação supra local" (Gumperz, 1972:229).

Apesar de todas as variedades de fala do Canto se confrontarem dentro do povoado, a separação entre elas é mantida com muita nitidez, muito embora essa nitidez não seja perceptível para um observador comum e, em certos casos, até mesmo para um especialista. Na realidade, todas as falas do Canto apresentam-se como um

contínuo, onde cada "jeito de falar" constitui uma variação em torno desse contínuo, salientando, cada um deles, certas caracterís - ticas gerais desse contínuo. Esta parece, pois, uma situação incomum. Numa comunidade, até onde se conhece da literatura, a interação interna entre os falantes tende a atenuar diferenças linguís - ticas quando elas constituem barreiras no processo de comunicação. Por outro lado, a lealdade linguística é função de uma dimensão política, onde a relação do indivíduo com os diversos falares com os quais está em contato reflete mais atitude social do que fatos linguísticos concretos. Assim é que grupos falantes de variedades diversas tendem a atenuar atitudinalmente as diferenças linguísticas em função de uma lealdade ou afinidade política existente entre eles. Mas, ao contrário disso, muitos grupos, falantes de varieda - des semelhantes, mutuamente inteligíveis, chegam a exagerar atitudinalmente as diferenças linguísticas em função de um antagonismo, social ou político, existente entre eles. (cf. Gumperz, 1972).

No caso do Canto, os diversos "jeitos de falar" na medida em que são pensados como relativos a cada "família", têm suas diferenças acentuadas nas representações nativas. Essa acentuação de diferenças, ao nível das representações, decorre de um antagonismo político e social entre "famílias" ou determinados grupos delas. Esse antagonismo, entretanto, é suplantado pelo caráter com - plementar da oposição entre as "famílias", no sentido em que todas elas estão ligadas numa dimensão política mais ampla e significa - tiva à qual todos os indivíduos indistintamente devem lealdade: a dimensão do "Um povo só". Concretamente, porém, existem diferenças entre esses diversos falares, como já foi demonstrado, sem contudo está comprometida a inteligibilidade de todos eles para todos os falantes. Apesar disso, as falas das "famílias" do Canto mantêm-se imutáveis, pelo menos nos dez últimos anos, período durante o qual

se tem registros delas. A sua manutenção, portanto, parece não se dever a motivos exclusivos de comunicação linguística, mas devido a necessidades de comunicação de outras mensagens as quais encontram na estrutura social do grupo o seu fundamento primordial e o seu sentido mais profundo, ao mesmo tempo em que comunica a própria estrutura.

Efetivamente, todos os falares interagem na comunicação entre os habitantes, mesmo nas situações comuns a todos eles. Também as possibilidades de comunicação desses falares são todas efetivas em situação de interação, desde as mais efêmeras e triviais, como um encontro casual entre falantes de dois falares distintos, até situações mais duradouras e significativas como, por exemplo, um casamento, a vida conjugal entre falantes de falares distintos. Neste último caso, porém, algumas combinações de falares não são esperadas, como, por exemplo, a combinação de "fala tata" com "fala ligeira". Nas descrições feitas dessas duas falas, a "fala tata" corresponde à variedade de fala que tem maior frequência de sons glotais, e é considerada pela maioria dos nativos falantes de outras falas como a mais "feia", "ruim", etc.. Algumas pessoas dizem que os falantes dessa fala nunca irão aprender a "falar direito", porque "eles têm a língua pregada atrás". A fala que eles consideram "ligeira" corresponde à fala cujas características mais se aproximam daquelas do falar regional. Assim, pode-se concluir que as únicas falas ou variedades de fala que se excluem das relações de aliança duradoura, como o casamento, são aquelas mais distantes entre si. Esse distanciamento é parametrado pelo falar regional de forma que uma está mais próxima e outra mais distante desse falar.

É através do "jeito de falar" que os habitantes reconhecem um indivíduo nativo e o identificam com a sua "família" e, algumas vezes, até com a localidade de residência. São bastante co-

nhecidos os casos em que fala ou variedade de fala é usada como marca de identidade. Veja-se, por exemplo, o caso dos nativos da ilha de Martha's Viyeard, no Estado de Massachuessets, EUA, que, ante a invasão da ilha por turistas, ressussitaram uma variável fonética para marcar sua identidade nativa (cf. Labov, 1972). Também existem casos em que fala ou variedade de fala é utilizada como marca de diferenciação social, econômica, ou de outras categorias, como idade, sexo, etc.. Este último caso é típico dos falantes nativos do Koasati, onde homens e mulheres usam falas distintas. (cf. Haas, 1944, citado por Hymes, 1974)

No Canto, a fala é, de fato, utilizada como marca de identidade, ou, pelo menos, é uma marca de identificação que permite a um regional identificar um indivíduo do Canto. Mas essa marca genericamente identificadora de um indivíduo do Canto pode ser qualquer um dos falares nativos, cujas diferenças entre eles não são percebidas pelos regionais. O fato curioso e, parece, original no Canto, é a diferenciação interna entre os falares e seu caráter de indicador de pertinência à "família", pertinência que corresponde a uma identidade social menos importante do que a identidade relativa a uma dimensão mais ampla que se poderia chamar de étnica. É até possível que aquilo que marca a identidade de um indivíduo como pertencente ao grupo do Canto, no caso, qualquer um dos falares, tenha, antes, a função de marcar a pertinência a "família". Outro fato curioso é que a atitude dos nativos em relação aos diversos falares do Canto é de discreção, de modo que a situação linguística interna é de domínio exclusivo dos nativos; nem mesmo estrangeiros residentes a muito tempo no povoado têm uma noção das diferenças entre os diversos falares. O próprio tema "fala", "jeito de falar" ou "língua", assim como o tema "terra", são rigorosamente evitados, pelo menos em presença de estranhos. A este respeito, foi

bastante difícil a obtenção de dados. As primeiras informações eram fornecidas pelos informantes em caráter de segredo, onde o investigador se comprometia a não revelar quem forneceu as informações. O informante tinha sempre o cuidado de se certificar que estava a sós com o investigador, e isto após perceber que este já entendia a situação e já havia levantado muitos dados sobre os "jeitos de falar" do Canto.

De um modo geral, é no interior de uma mesma localidade que a maioria de situações de interação ocorrem entre falantes de "jeitos de falar" diferentes. Normalmente são situações comuns na localidade, envolvendo membros de "famílias" aliadas. Pode-se a esse respeito mencionar os encontros matutinos, antes de iniciarem os trabalhos da rotina diária, as conversas durante o trabalho de tecelagem de redes, as conversas no terreiro à tardinha e à noite, etc.. Também ocorrem situações envolvendo membros de "famílias",aliadas ou não, como nas festas do padroeiro, nos bailes, nas vigílias aos doentes, nos velórios e funerais, etc.. Nesses tipos de eventos, e considerando o povoado na sua globalidade, se pode falar de uma cultura homogênea, mesmo levando-se em conta a oposição entre "famílias" ou entre usuários de "jeitos de falar" diferentes. As situações e atividades sociais dos habitantes do povoado, são as mesmas para todos e, muitas vezes, partilhadas no mesmo ambiente físico. Mesmo aquelas ocasiões e situações íntimas, ao nível da família nuclear ou grupo doméstico, são da mesma natureza para todos os indivíduos do Canto.

Parece haver para certas pessoas do Canto uma consciên - cia da importância da fala e da lealdade linguística de cada indivíduo para com seu "jeito de falar" e à fala do Canto genericamente considerada. A este respeito, uma ex-professora do Canto, a primeira professora nativa do povoado a dar aulas ali, considerou:" o

povo do Canto nunca vai deixar de ser do Canto, porque os pais nunca vão deixar os filhos falar de outro jeito". E, de fato, muitos pais, a maioria, não permitem que os filhos estudem em localidades diferentes daquela onde residem; não permitem que os filhos tenham professores que não sejam da própria localidade, vale dizer, não permitem professores que tenham um "jeito de falar" diferente daquele de seus filhos. E os pais fazem isso alegando explicitamente que os filhos irão aprender um "jeito de falar" diferente e, assim vão "querer ser diferentes de nóis". Talvez por isso a comunidade não aceite nenhum professor estrangeiro. E, de fato, somente o primeiro deles, chegado ao povoado na década de 30, foi o único estrangeiro a lecionar no povoado e, mesmo assim, teve, segundo os habitantes mais velhos, a incubência de ensinar o povo, antes, a falar, ou seja, "ele vei aqui pa ensinar a falar que o povo nem sabia falar direito". Deste então, os alunos alfabetizados por esse primeiro professor assumiram sua função, e assim vem sendo até hoje.

O primeiro caso de aluno desse primeiro professor a assumir a sua função, foi justamente a ex-professora que forneceu o depoimento acima. E ela própria só foi alfabetizada porque, mesmo na época desse primeiro professor, essa lealdade linguística já operava. O primeiro professor foi trazido para o Canto por aquela "família" cujo "jeito de falar" é aquele que, atualmente, mais parece com o falar regional. Ele foi lecionar na localidade que está associada a essa "família". Após algum tempo, ele se casou com uma mulher residente em outra localidade, para onde se mudou. Foi aí onde essa ex-professora teve oportunidade de ir à escola. Após a morte do professor, ela assumiu a direção da escola e ali lecionou por mais de 40 anos. Até 1978 a escola dirigida por essa professora era a única existente no povoado. Desse modo, somente as crian-

ças da localidade, mais algumas de outras localidades, mas de "famílias" aliadas à da professora. As crianças em idade escolar estudavam em escolas das cidades vizinhas ao povoado, como Angical e São Gonçalo. Atualmente, todas as localidades possuam escolas, menos a Chapada dos Tibúrcio, todas elas com professores do lugar.

Embora seja fato comum na educação brasileira o emprego, quase esclusivo, de mulheres como professoras, no Canto a atuação delas sempre foi exclusiva.

Um caso em que a educação se sobrepõe às localidades diz respeito à atuação do Mobral, na localidade central, o Canto, onde um professor do sexo masculino tinha a tarefa de alfabetizar várias pessoas adultas, homens e mulheres, membros de "famílias" diferentes.

Em geral, a educação sempre se constituiu como um dos bens da sociedade brasileira mais prestigiados no Canto. Os nativos reconhecem a educação, a escolarização como um meio de penetrarem na sociedade regional e fugir à discriminação. Muitos exemplos concretos de pessoas do Canto que progrediram na escola e depois conseguiram uma situação bastante privilegiada em relação à situação de seus parentes do Canto, reforça essa crença que os habitantes do povoado têm na escolarização, um meio de ascensão social. Tanto isso se afigura como verdadeiro que aquela "família" em cuja localidade não possui escola alega que a migração da maioria de seus membros para a cidade, especialmente Teresina, é para obter escolas para seus filhos. Se por um lado, os pais de alunos do Canto não permitem que eles tenham professores que não falem o mesmo "jeito de falar" de seus filhos, por outro lado, buscam escolas onde fatalmente terão professores cujo falar será bem diferente do que qualquer outro existente no Canto.É interessante observar, entretanto, que, no caso específico da "família" referida,

o "jeito de falar" de seus membros residentes em Teresina, estudantes ou não, mantem-se inclusive de uma forma em que as características principais do "jeito de falar" são mais acentuadamente destacadas do que quando falado por seus parentes no Canto.

Uma identidade só tem sentido se resulta no usufruto de direitos. A segurança individual e social resultante do direito de pertencer ao grupo não parece suficiente se da pertinência não decorrer direitos reconhecidos.Entre os direitos que a pertinência garante no Canto, está o direito de posse e uso da terra, o qual se afigura como o mais importante, não só para a sobrevivência biológica que a própria terra propicia mas, sobretudo, pela sobrevivência social que permite. A posse da terra pelo grupo como um todo é questão resolvida desde o usocapião. Internamente, porém, os direitos de posse necessitam constantemente ser demonstrados, reivindicados e exigidos por indivíduos e grupos. Os instrumentos, as regras, normas e leis da sociedade brasileira não são suficientes, nem eficazes para o ordenamento legal interno da posse da terra,apesar de muitos indivíduos as invocarem e cheguem até a se beneficiar com sua aplicação no Canto. Mas são, mesmo assim, até agora , incompatíveis com a situação social do grupo e tornam-se tambémincompatíveis com o grupo aqueles indivíduos que lançam mão desses instrumentos da sociedade brasileira. A situação, pois, é conflituosa, levando a sociedade a viver um impasse, resultante da necessidade constante de fazer uma escolha entre um modo de vida, de pensamento e ação tradicionais e formas da sociedade brasileiracada vez mais crescentemente agressivas em sua penetração no grupo . Como em muitas sociedades humanas, a terra é de propriedade daqueles que vivem nela.No Canto, a rigor, quem vive na terra são as mulheres; sua permanência na terra é assegurada pela regra de residência matrilocal. Assim, quem necessitar ter acesso à terra, o

fará através do acesso às mulheres, ou demonstrando de alguma forma que se está ligado a elas. Neste respeito, a fala tem se constituído no meio mais eficiente de se demonstrar essa ligação. Não é possível porém, prever se e até quando a fala desempenhará essa função tão primordial; não é possível prever até quando persistirá o impasse.

A manutenção do multidialetalismo no Canto não seria uma forma de resistência à penetração de uma ordem social nova? Parece que sim. Se por um lado há um esforço consciente de muitos habitantes do Canto para aceitarem e serem aceitos na sociedade regional, adotando muitos de seus costumes e práticas, por outro lado, esses mesmos indivíduos são traídos por uma realidade interna ao grupo sobre a qual não possuem muito controle: a fala. Além do que as práticas sociais da sociedade regional adotadas no Canto têm ali o seu sentido alterado, modificado, conforme os valores culturais internos. Muitos bens e serviços, por exemplo, são consumidos no Canto por certos indivíduos e grupos com o objetivo de demonstrar, dentro e fora do Canto, uma identificação desses indivíduos e grupos com a sociedade regional, mas tais bens e serviços transformam-se, no Canto, em bens e serviços de prestígio mais do que bens úteis pela sua própria natureza. A posse de um automóvel, uma internação hospitalar, o consumo de remédios, etc., são práticas da sociedade regional incorporadas por habitantes do Canto sem nenhuma justificação plausível. O automóvel apenas ornamenta uma garagem improvisada na frente da casa, as internações hospitalares são quase empre desnecessárias, os remédios farmacológicos são utilizados juntamente com as simpatias locais, etc..

O multidialetalismo do Canto se torna importante pelos seguintes motivos principais:

1º - cada variedade de fala se relaciona, principalmente,

com aspectos fonéticos e fonológicos e, dentre estes, mais particularmente, com aspectos prosódicos;

2º - embora cada falante só fale seu próprio falar, todos os falares são inteligíveis para todos os habitantes do povoado.

Apesar dessa inteligibilidade dos falares para todos os falantes, há por parte dos falantes de um dado falar a atitude de exclusão de outros indivíduos falantes de uma e outro falar materno. Esta exclusão se estende a muitas atividades do grupo do Canto como um todo, mesmo se considerando sua homogeneidade cultural. Assim, por exemplo, na atividade de tecelagem de redes com tear, as mulheres de uma das "famílias" não participam, embora executem todas as demais atividades da fabricação de redes. Como a atividade de tecelagem de redes em tear é atividade especializada de "famí - lias", de falares diferentes, elas recusam-se a aprender essa atividade, tendo que recorrer a tecelões de fora do povoado. As farinhadas, atividade de fabricação de farinha e goma onde muitas pessoas são envolvidas, e onde há um componente interacional muito intenso, são atividades exclusivas dos usuárias de um mesmo "jeito de falar" ou de "famílias" aliadas.

Embora as diferenças de fala e as diferenças de pertinência "familial" sejam as divisões mais significativas do grupo, o sentimento de exclusividade dos falantes de um dado falar em relação a este falar é afirmado com muita veemência. Em outras palavras, os falantes de um mesmo falar só aceitam ser considerados falantes desse falar e rejeitam ser considerados falantes de qualquer outro. Mas a despeito da oposição entre membros de "famílias" diferentes e entre falantes de falares diferentes, há muita comuni - cação entre eles. Este parece ser um caso de oposição complementar de pleno direito: os indivíduos se opõem enquanto membros de "fa -

mílias" diferentes, mas estão unificados na dimensão do "Um povo só" e, enquanto "um povo só" se opõem a todos que não sejam nativos; os falantes se opõem enquanto falantes de "jeitos de falar" diferentes, mas estão unificados enquanto falam uma "língua" genérica, considerada interna e externamente como a "fala do Canto" e, enquanto falantes da "fala do Canto", se opõem a todos que não sejam falantes dessa fala. Parece, pois, possível considerar o Cânto como uma comunidade de fala.

Segundo Gumperz, uma comunidade de fala é

> "qualquer agregado humano caracterizado por interação regular e frequente, por meio de um corpo de signos verbais compartilhados que contrasta com agregados similares pelas diferenças significantes no uso da língua (Gumperz , 1972:219).

Acrescente-se ainda, no que respeita a uma comunidade de fala que:

> "o estudo (a ser feito) é o do uso da língua enquanto reflete normas de comportamento mais gerais..."

e que

> "... fala não é restrita e regulada apenas por regras gramaticais. Outras instâncias do social também regulam a fala".

Assim:

> "... as variedades de fala empregadas dentro de uma comunidade de fala formam um sistema porque elas estão relacionadas a uma série de normas sociais compartilhadas" (Gumperz, 1972: 220).

Como se nota, comunidade de fala implica mais o conhecimento e uso de regras de fala como normas sociais do que simplesmente o conhecimento de gramática ou outro fato linguístico restrito. Convém lembrar ainda que participar de uma comunidade de fa-

la não é o mesmo que ser um membro dela. Nesta aspecto, como observa Hymes, reside a limitação de qualquer concepção de fala em termos de conhecimento apenas, mesmo os conhecimentos de normas de fala, tanto quanto de gramática e, naturalmente, de qualquer definição em termos de interação.

> "Pertinência a uma dada comunidade depende de critérios que podem nem salientar língua e fala, como quando direito de nascimento é considerado indelével" (Hymes, 1974:51).

Conforme essas considerações de Hymes, o grupo de pessoas do Canto constitui uma comunidade de fala, na medida em que a fala dos habitantes é governada por regras de uso comum, que são regras de comportamento geral que não se relacionam somente com a atividade de fala. Ademais, a definição do grupo do Canto como uma comunidade de fala não implica que todos os habitantes do povoado pertençam a essa comunidade.

> "A condição essencial para se considerar pertencente é ser descendente de qualquer uma das famílias-tronco. E mesmo que qualquer membro abandone o território, não perde o direito de pertencer ao grupo e nem o direito à terra, pois se ocorrer o seu retorno, ele terá os mesmos direitos que desfrutava antes" (Costa, 1979:16)

É necessário agora rever um pouco essa posição e acrescentar que a pertinência a uma das "famílias" implica algo que vai muito além da simples inclusão de um indivíduo na descendência. Realmente,alguns indivíduos manipulam regras de descendência e nominação com esse objetivo e assim se incluem em alguma descendência, passando à condição de membro da comunidade. É o caso de filhos de estrangeiros casados com mulheres nativos, os quais, através dessa nativa, aprendem a fala. Mas os estrangeiros, especialmente as mulhe -

res e suas descendentes pela linha materna jamais obtêm essa condição, mesmo que consigam, em certa medida, falar como seus parenres patrilineares nativos. Os estrangeiros propriamente nunca conseguirão dominar as regras de uso da fala.

Durante a nossa permanência na comunidade nos deparamos com muitas pessoas que já viviam ali há muito tempo, tendo filhos, netos e bisnetos pertencentes à comunidade e participantes dela, mas, mesmo assim, ainda eram consideradas estrangeiras. O caso das mulheres é ainda mais notório, pois na condição de estrangeiras continuam suas filhas, netas e bisnetas em linha materna. É o caso específico de uma mulher de 89 anos, estrangeira, casada com um nativo de mais de 90 anos. As mulheres, descendentes do casal, pela linha materna, são sempre consideradas estrangeiras, ao passo que os filhos de ambos os sexos descendentes do casal pela linha paterna são considerados pertencentes à comunidade. Isso ocorre com a mulher citada, a despeito de ser bastante querida na localidade, e ser bastante estimada e respeitada por todos.

Por outro lado, há por parte dos estrangeiros em geral e das mulheres estrangeiras, em particular, a atitude de rejeição da identidade do Canto. Todas elas afirmam não serem originárias do Canto. Daí a já referida diferença que mesmos os regionais estabelecem entre "ser do Canto" e "morar no Canto".

A fala desses estrangeiros é diferente de qualquer um dos "jeitos de falar" do Canto. A este respeito, encontramos dois tipos de estrangeiros: aqueles que resistem em falar igual aos nativos e aqueles que afirmam não ter conseguido falar como eles. Por não terem dado conta das diferenças internas dos jeitos de falar, alguns desses estrangeiros aprenderam, em certa medida, a fala do Canto considerada genericamente, embora falem de modo acentuada alguns traços deste ou daquele "jeito de falar" específico ,

revelando um desconhecimento quase completo das regras e do uso de fala no Canto. Aqui se incluem o caso de filhos de estrangeiras, que de certa forma aprenderam a falar o "jeito de falar" predominante da localidade em que vivem, mas sem observância das regras de uso.

Esses fatos demonstram que tanto o conhecimento como o uso das regras de fala são os requisitos para a pertinência de um indivíduo ao grupo do Canto e, em contrapartida, a pertinência é o requisito de acesso ao conhecimento das regras de uso da fala. Assim, a comunidade se fecha em si mesma, impedindo o acesso dos estrangeiros ao conhecimento dessas regras e, consequentemente, e por causa disso, impedindo o acesso à pertinência ao grupo. Com efeito os habitantes do Canto, os pertencentes ao grupo, são muito cautelosos nas suas considerações sobre sua própria fala. Se alguns estrangeiros têm acesso ao uso da fala, não se pode dizer o mesmo com relação ao conhecimento e domínio das regras desse uso.

Pertinência a uma comunidade de fala implica, pois, o conhecimento e domínio das regras de uso de fala; e o conhecimento e domínio das regras de uso de fala são complementares com o conhecimento e domínio de outras regras de âmbito social. Os estrangeiros tentam manipular inúmeras regras sociais e linguísticas mas só conseguem seus objetivos na medida em que as regras que realmente vigoram o permitem. A rigidez da regra que permite o acesso à condição de pertencente, o que só é possível através da filiação e/ou descendência a partir de uma mulher nativa, corresponde à rigidez de acesso pleno a um dos falares do Canto, o qual só é possível através das mulheres nativas. O acesso de estrangeiros à descendência de um dos ancestrais-fundadores de uma das "famílias" é tão artificial quanto o seu acesso ao uso sem o domínio, de certos falares da comunidade. Neste sentido, quase todos os residentes par-

ticipam da comunidade, são reconhecidos como amigos e companheiros, e desenvolvem ali quase todas as práticas e ações comuns, mas, a rigor, não são membros dela. De certa forma, trata-se de uma prática da qual os agentes não possuem a teoria. Não se trata de se possuir uma teoria explícita, consciente, mas um fundo de saber que a própria prática gerou e que se encontra tradicionalmente sedimentado na inconsciência do grupo, como resultado de um longo aprendizado.

O longo aprendizado é função do tempo. Portanto, é possível que alguns estrangeiros atuais, ou especialmente alguns de seus descendents, também hoje considerados estrangeiros, venham a incorporar o domínio das regras e do uso de fala no Canto, bem como outras regras sociais. E, de fato, alguns descendentes de antigos estrangeiros notórios são hoje pertencentes. É o caso daqueles cujos antepassados formaram um dia aquela primeira categoria dos "que chegaram depois". A inclusão dessa antiga categoria entre os "verdadeiros donos do lugar" se deu, como dizem estes, por benevolência, por reconhecimento da luta que ajudaram a travar em defesa da terra. Mas hoje são constantemente referidos como sendo "de fora", que foram "deixados ficar aí". A "família" que foi deixada aí não é, porém, indesejada como o é a "família" que hoje, incontestavelmente, é aquela considerado como da categoria dos "que chegaram depois, por excelência. A inclusão de indivíduos e grupos na pertinência à comunidade pode até não decorrer, necessariamente, do domínio das regras operantes no Canto, inclusive as de fala, e sim da superação do impasse que se estabelece entre um modo de vida próprio e um que se infiltra agressivamente como uma poderosa compulsão. É até provável que num tempo não muito longo a brava resistência do Canto seja esmagada pela força cultural da sociedade autoritária que o rodeia. E nunca mais o Canto será o mesmo!

N O T A S

(1) - Há um terceiro sobrenome feminino, "Luiza Ferreira", considerado exclusivo de uma classe de mulheres, descendentes da esposa do ancestral-fundador da "família" Paulo. Essa "fa - mília", como vimos, constituiu a antiga categoria dos "que chegaram depois" e que na fase da dispersão passou a ser considerada como da categoria dos "verdadeiros donos do lugar". Após o usocapião, entretanto, e atualmente em especial, é considerada, mais uma vez, como da categoria dos "que chegaram depois", se bem que a atitude dos "verdadeiros donos do lugar" em relação a essa "família" não seja de hos - tilidade, mas o contrário. As mulheres que utilizam o sobrenome "Luiza Ferreira" são sempre consideradas estrangeiras, independentemente da "família" patrilinear a que per - tençam.

(2) - Um ancestral fundador deveria ser lembrado não só por seus descendentes, mas por toda a comunidade; deveria, portanto, fazer parte da história oral do grupo para, dessa forma, ser legitimado como ancestral, legitimando também seus descen - dentes como pertencentes ao grupo.

(3) - A "família" Pereira e a "família" Da Fé foram fundadas originalmente por um mesmo ancestral, João da Fé, que chegou ao Canto com seu irmão adotivo, Tibúrcio. Por motivos que desconhecemos, os descendentes diretos de João da Fé passaram a adotar o sobrenome Pereira e os descendentes de Tibúr cio continuaram adotando Da Fé, embora sejam conhecidos internamente também com o patronímio Tibúrcio. É certo que a cisão dos grupos domésticos originais deram origem a "famílias" e sub-famílias distintas, como de fato ainda hoje ocorre. Tal também aconteceu com a "família" da Fé original. O que não entendemos é a grande rivalidade e a mútua exclusão reivindicada entre ambas.

(4) - Somente a Chapada dos Tibúrcio está associada exclusivamente a uma única "família", a Da Fé. A Chapada do Genésio está associada tanto a Gomes quanto a Paulo, que são também seus ocupantes preferenciais. As demais localidades, embora

estejam cada uma delas associada a uma única "família" cada uma é ocupada por mais de uma sub-família, geralmente duas, que representam "famílias" diferentes, embora apenas uma esteja associada à localidade. Assim, temos a "família" Araújo, por exemplo, que, como tal está associada à localidade Brejinho, que divide com os Pereira. Do mesmo modo, a localidade Carrapato está associada aos Pereira, mas residem lá uma sub-família Araújo. Assim, há os Pereira do Brejinho, Pereira do Carrapato, etc,: e há os Araújo do Brejinho, Araújo do Carrapato, etc..

(5) - Embora apanas uma família nuclear da "família" Gomes resida atualmente na localidade Canto Velho, essa localidade é, ainda hoje associada à "família" Gomes, em razão de ter sido ali a primeira morada do seu fundador.

(6) - Atualmente apenas um homem adulto, chefe de família, reside na localidade, "cuidando" das terras, e dos interesses da "família".

B I B L I O G R A F I A

Bauman, R. and Sherzer, J. (orgs.). (1974). Explorations in the Ethnography of Speaking. Cambridge University Press.

Bernstein, B. (1972)."Social Class, Language and Socialization. P. P. Giglioli (org.) Language and Social Context. Penguim Books, Great Britain. pp. 157-177.

Cagliari, L. C. (1978)."Outline of Brazilian Portuguese" An Experimental Estudy of Nasality with Particular Reference to Brazilian Portuguese. PhD. Thesis, University of Edinburg, Edinburg.

Cagliari, L. C. (1981). "O Sistema Entoacional do Português Brasileiro". Elementos de Fonética do Português Brasileiro . Tese de Livre Docência. Universidade Estadual de Campinas, Campinas. pp. 155-182.

Costa, Catarina de Sena S.M. da (1979). Um Caso de Português Tonal no Brasil?. Dissertação de Mestrado. Departamento de Pós-Graduação em Linguística. UFSC, Florianópolis.

Costa, Catarina de Sena S.M. da (1981). Caracterização fonética da Fala do Canto e da Fla de Angical. (mim.)Trabalho de Seleção ao Curso de Doutorado em Linguística. IEL, UNICAMP, Campinas. (31 pgs.).

Costa, Catarina de Sena S.M. da (1984). "Os "Jeitos de Falar" dos Habitantes do Canto: Uma Estratégia de Identificação Social. Anais do VIII Encontro Nacional de Linguística. PUC Rio de Janeiro. pp. 130- 134.

Costa, José Inácio da (1985). "Índic", "Cabôco-brabo", "Cabra-do-Canto"? Nomes, Manipulações e Identidades numa Comunidade

Rural do Piauí. Dissertação de Mestrado. Departamento de Pós-Graduação em Ciências Sociais. UFSC, Florianópolis.

Crystal, D. (1969). Prosodic Systems and Intonation in English. Cambridge University Press, Cambridge.

Crystal, D. (1975). The English Tone of Voice. Arnoldo, London.

Dittmar, N. (1976). A Critical Survey of Sociolinguistics. Theory and Aplication. St. Martin's Press, New York.

Firth, R. (1974). Elementos de Organização Social. Zahar, Rio.

Fishman, J. P. (1976). Language Lovalty in the United States. Mouton, The Hague.

Fishman, J.P. (1977). Readings in the Sociology of Language. Mouton New York.

Giglioli, P.P. (Ed.) (1972). Language and Social Context: Selected Readings. Penguim Books, Great Britain.

Gumperz, J.J. and Hymes, D. (orgs.) (1972). Directions in Sociolinguistics. Holt, Rinehart, and Winston, INC, USA.

Gumperz, J.J. (1972). "The Speech Community". P.P. Giglioli (Ed.) Language and Social Context: Selected Readings. Penguim Books, Great Britain. pp. 219-231.

Halliday, M.A.K. (1967). Intonation and Grammar in British English Janua Linguarun. Series Practica, 48, Mouton, The Hague.

Halliday, M.A.K. (1970). A Course in Spoken English. Oxford Univer

Hymes, D. (1972). "Toward Ethnography of Communication: The Analysis of Communicative Events". P.P. Giglioli (Ed.) Language and Social Context: Selected Readings. Penguim Books, Great Britain, pp. 21-44.

Hymes, D. (1974). Foudations in Sociolinguistics. University of Pennsylvania Press. Philadelphia.

Jackson, J. (1974). "Language Identity of Colombian Vaupés Indians" R. Bauman and J. Sherzer (orgs.) Explorations in the Ethnography of Speaking. Cambridge University Press. London. pp.

Labov, W. (1968). "The Reflections of Social Process in Linguistic Structures" J.A. Fishman (ed.) Readings in the Sociology of Language. Mouton, The Hague. pp. 240-251.

Labov, W. (1972). Sociolinguistics Patterns. University of Pennsylvania Press, Philadelphia.

Lèvi-Strauss, C. (1973). Antropologia Estrtural. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro.

Lèvi-Strauss, C. (1976) Antropologia Estrutural Dois. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro.

Marcuschi, L. (1975). Linguagem e Classes Sociais. Movimento, Porto Alegre.

Pike, K. L. (1945).The Intonation of American English: An Arbour.. University of Michigan Press.

Samarin, W. (1967). Fields Linguistics: A Guid to Linguistics Field work.. Holt, Rinehart and Winston, New York.

Sapir, E. (1981). Linguística como Ciência. Acadêmica, Rio.

Tarallo, F. (1985). A Pesquisa Sociolinguistica. Ática, S. Paulo.

Tarallo, F. e Alkmim, T. (1987). Falares Crioulos.Línguas em Con - tato. Ática, São Paulo.

Trudgill, P. (1974). Sociolinguistics: An Introduction. Penguim Books, Great Britain.

Weinreich, U. (1953). Languages in Contact. Linguistic Circle of New York, New York.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

Abercrombie, D. (1967). Elements of General Phonetics. Edinburg University Press, Edinburg.

Alston, W. (1972). Filosofia da Linguagem. Zahar, Rio.

Barth, F. (1969). Los Grupos Étnicos e sus Fronteras. Siglo Veinteuno, Buenos Aires.

Barth, F. (1972). "Etnic Processes on the Pathan-Baluch Boundary". J.J. Gumperz and D. Hymes (orgs.) Directions in Sociolinguistics. The Ethnography of Communication. Holt, Rinehart and Winston, New York. pp. 454-464.

Betanini, T. (1981). Espaço e Ciências Sociais. Paz e Terra, Rio.

Bourdieu, P. (1974). A Economia das Trocas Simbólicas. Perspectiva, São Paulo.

Cardoso de Oliveira, R. (1976). Identidade, Etnica e Estrutura social. Pioneira, São Paulo.

Cristófaro, T. (1983). "Os Índios Krenak e a Memória Linguística". Boletim da ABRALIN, Nº 04. pp. 89-96.

Cunha, Manuela Carneiro da (1986). Antropologia do Brasil. Brasiliense, São Paulo.

Godelier, M. (1981). Antropologia. Ática, São Paulo.

Hensey, F. G. (1972). The Sociolinguistics of the Brazilina-Uruguayan Border., Mouton, Paris.

IPA (1949). The Principles of the International Phonetic Association University College of London, London.

Jupiassu, H. (1978). Nascimento e Morte das Ciências Humanas. Francisco Alves, Rio.

Japiassu, H. (1979). Introdução ao Pensamento Epistemológico., 3a. ed. Francisco Alves, Rio.

LEACH, E. (1977). As Idéias de Lèvi-Strauss, Cultrix, São Paulo.

Matta, R. A. da (1981). Relativizando: uma Introdução à Antropologia Social. Vozes, Petrópolis.

Moura, Margarida M. (1978) Os Herdeiros da Terra. Hucitec, São Paulo.

Marcuschi, L. (1975) Linguagem e Classes Sociais. Movimento, Porto Alegre.

Pike, K. L. (1947). Phonemics: A Tecnique for Reducing Languages to Writing: An Arbour. University of Michigan Press, Michigan.

Reis, C. A. da C. (1985). Aspectos Entoacionais do Português de Belo Horizonte. Dissertação de Mestrado. IEL. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Popper, K. (1978). A Lógica das Ciências Sociais. Tempo Brasileiro Rio.

Pretti, D. (1978). Sociolinguística: Os Níveis da Fala. Nacional , São Paulo.

Richardson, R. J. et. alli. (1985). Pesquisa Social: Métodos e Técnicas. Atlas, São Paulo.

Rubin, J. (1968). National bilinguism in Paraguay. Mouton, Paris.

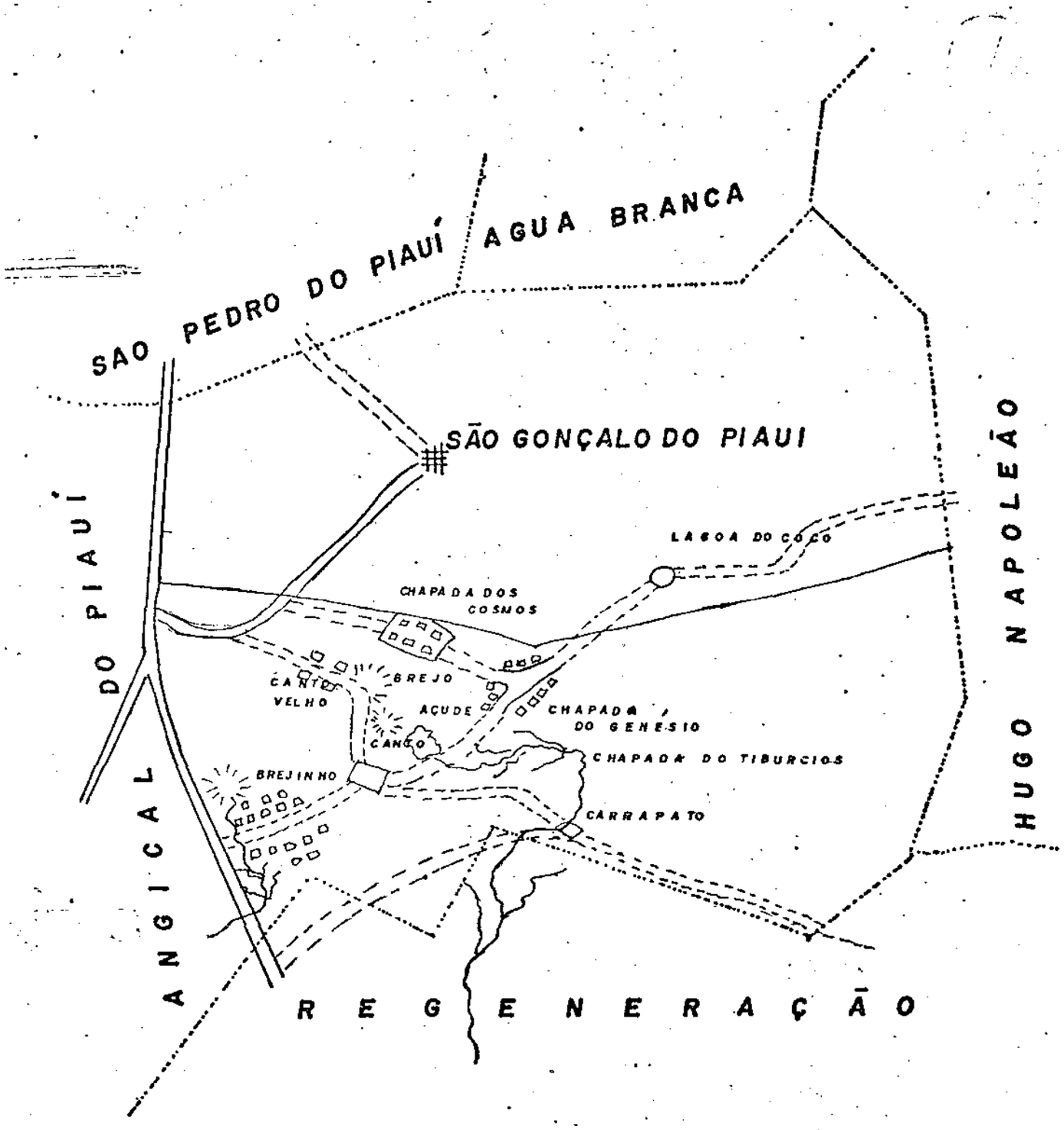
Santos, J. L. dos (1986). O que é Cultura., Brasiliense, São Paulo

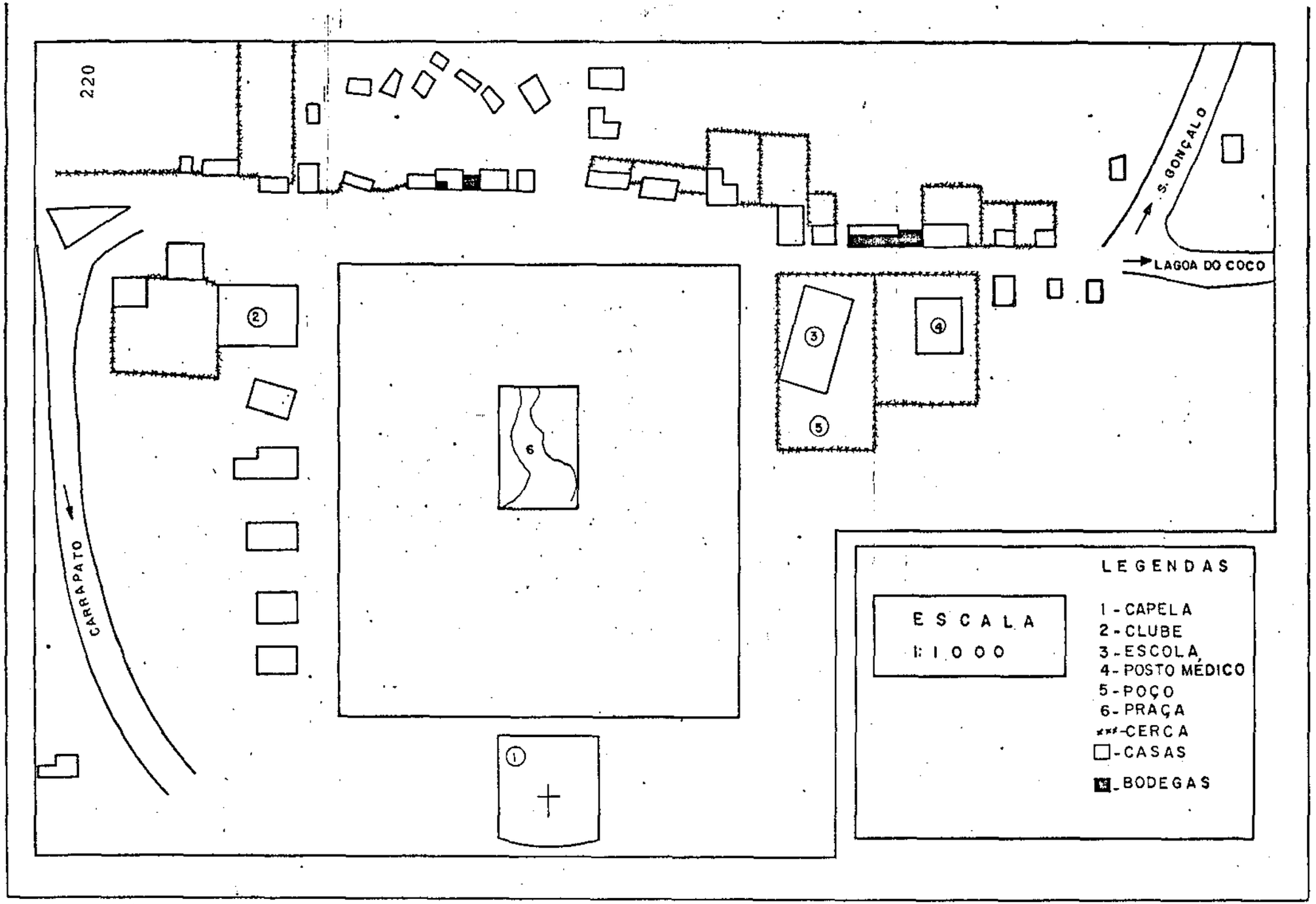
Sapir, E. (1967). Anthropologie.Les Editions Minuit, Paris, 2 vl.

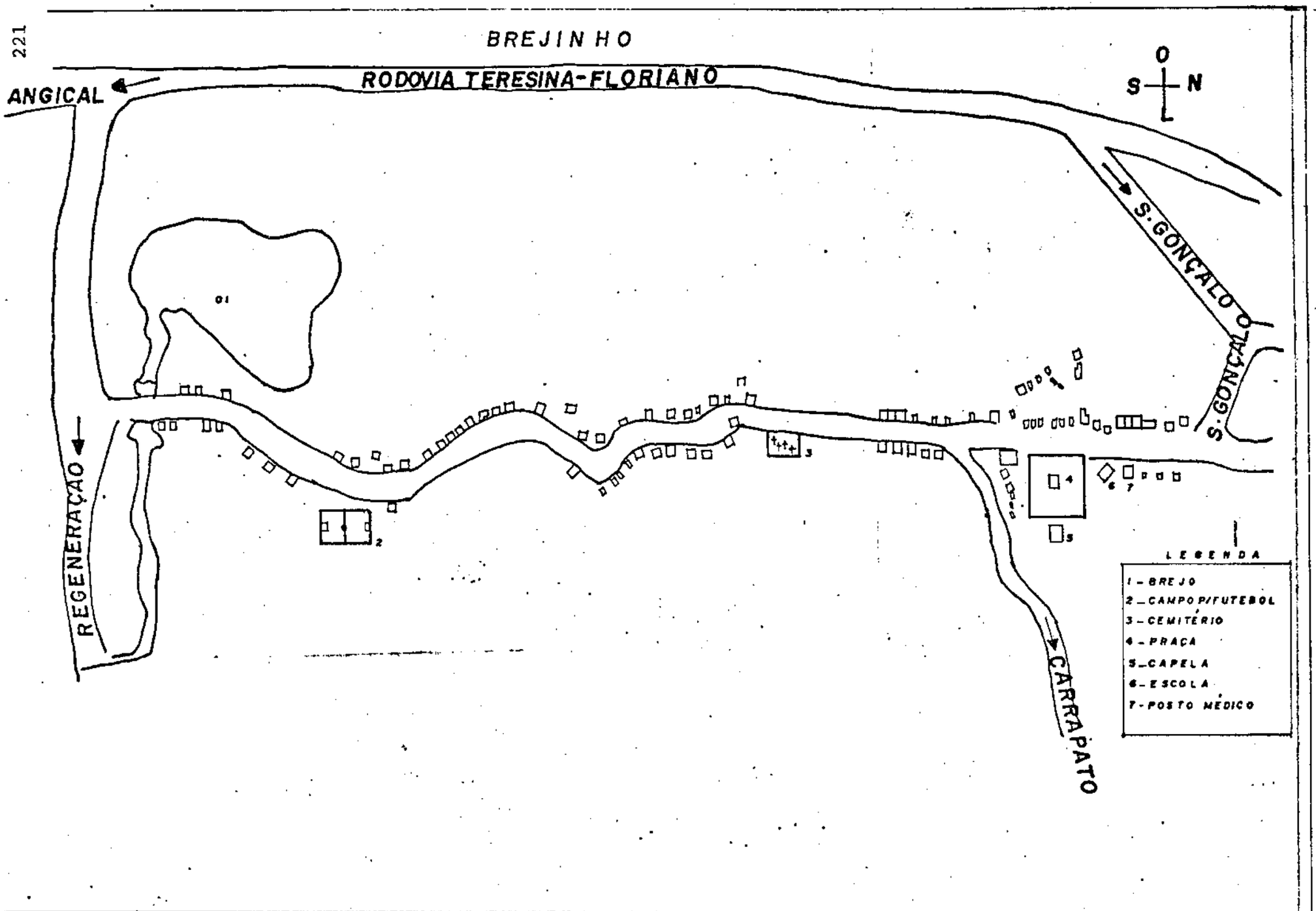
Sapir, E. (1979). Le Language. Introdution à L'etude de la Parole. Payot, Paris.

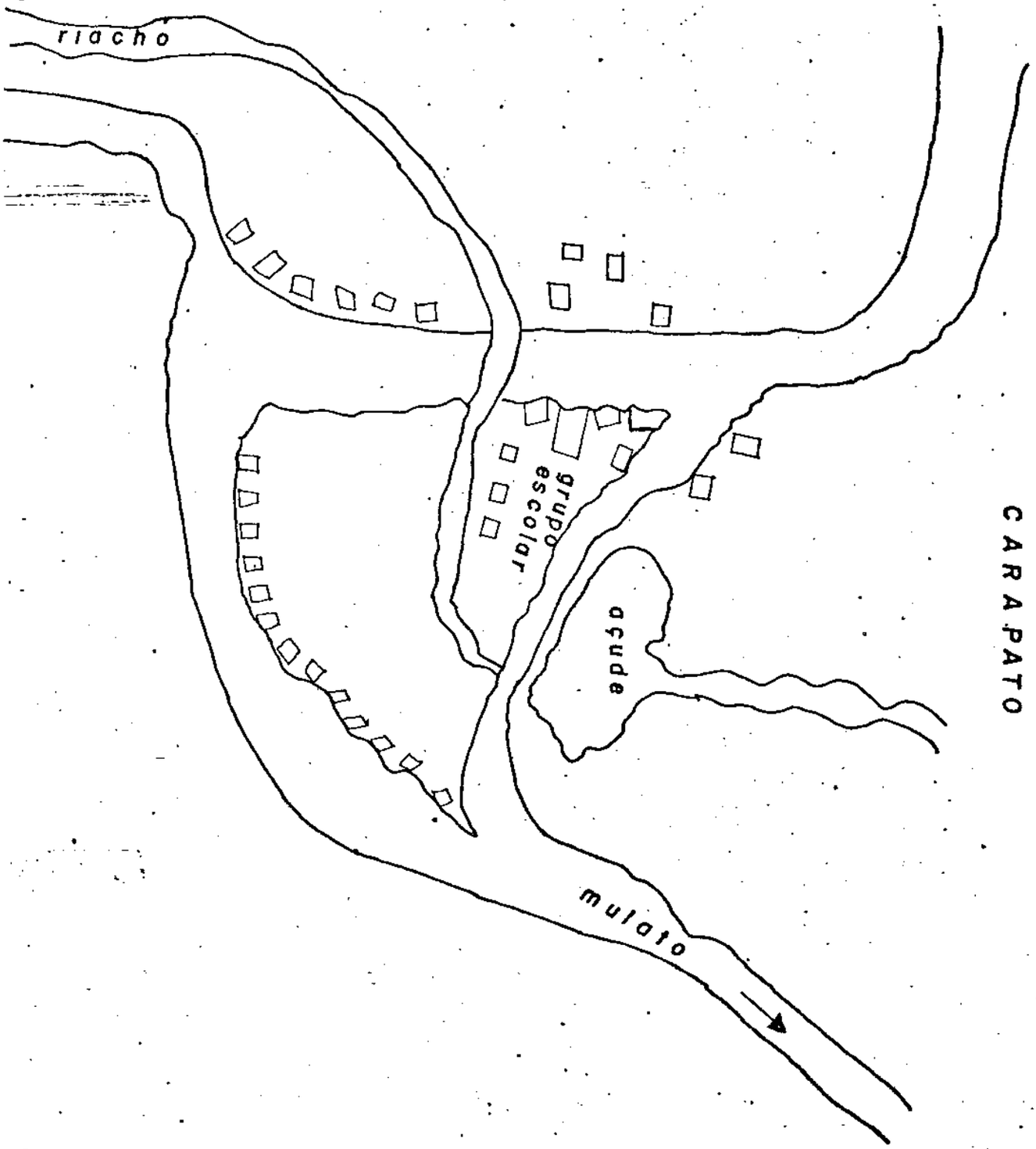
Seeger, A. (1980). "A Identidade Étnica como Processo". Anuário Antropológico/78. Tempo Brasileiro, Rio. pp. 156-175

Wolf, E. R. (1976). Sociedades Camponesas. 2ªa ed., Zahar, Rio.

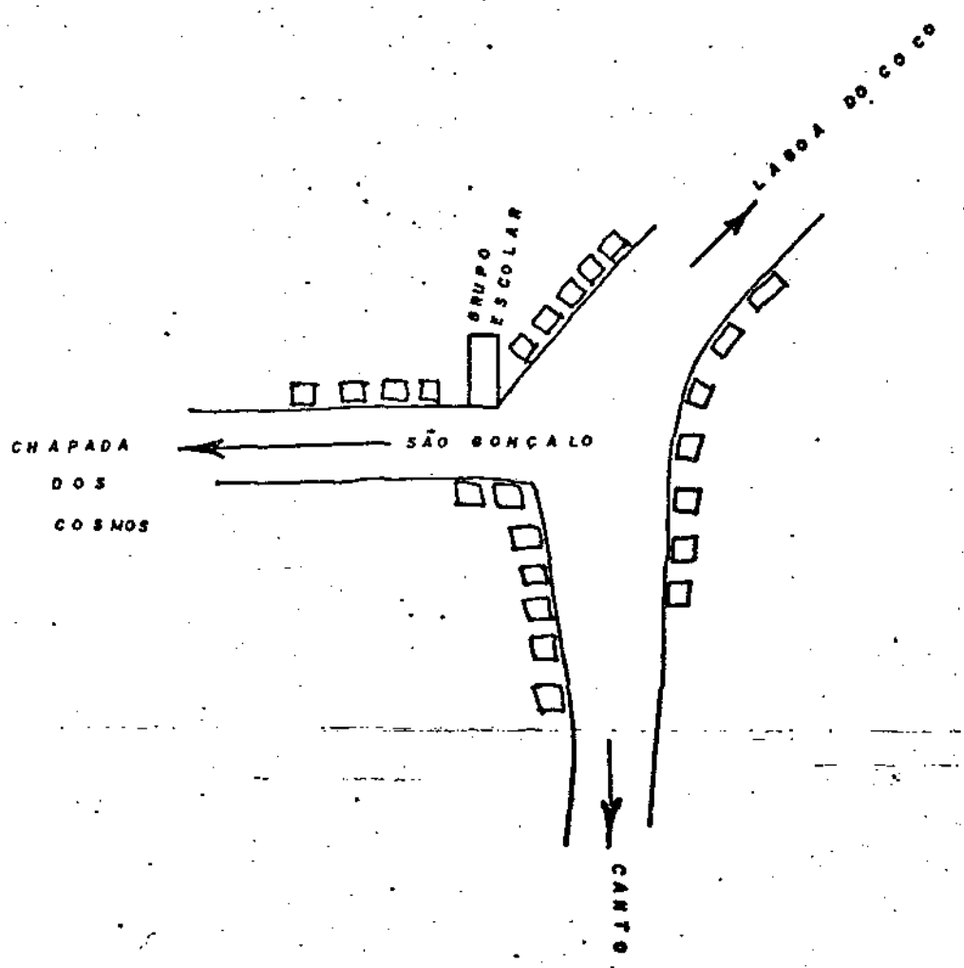

SAO PEDRO DO PIAUÍ
AGUA BRANCA
SÃO GONÇALO DO PIAUI
DO PIAUÍ
HUGO NAPOLEÃO
LAGOA DO COCO
CHAPADA DOS COSMOS
CARRO VELHO
BREJO
AÇUDE
CANCO
CHAPADA DO GENESIO
CHAPADA DO TIBURCIOS
BREJINHO
CARRAPATO
ANGICAL
REGENERAÇÃO


220
S. GONÇALO
LAGOA DO COCO
CARRAPATO
6
LEGENDAS
ESCALA
1:1000
1 - CAPELA
2 - CLUBE
3 - ESCOLA
4 - POSTO MÉDICO
5 - POÇO
6 - PRAÇA
CERCA
CASAS
BODEGAS

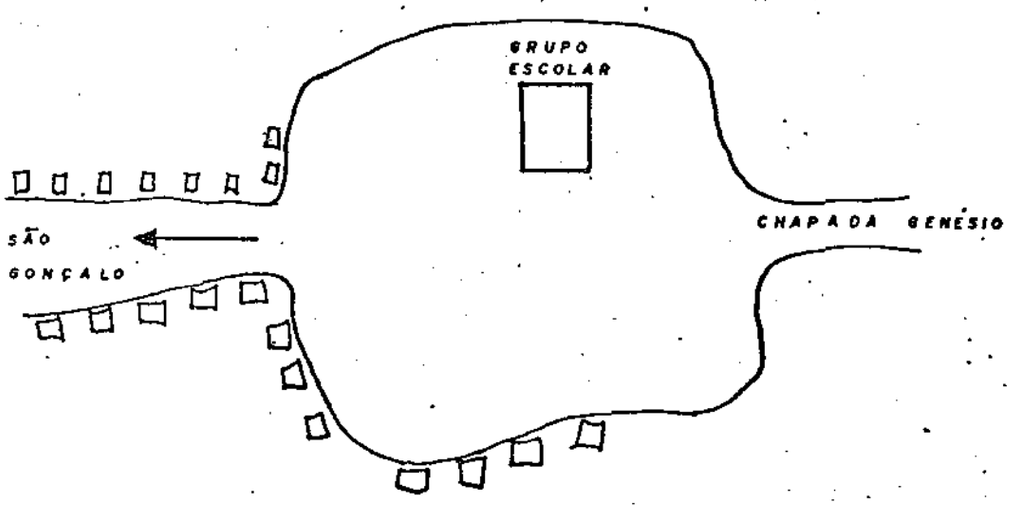

BREJINHO
RODOVIA TERESINA-FLORIANO
ANGICAL
REGENERAÇÃO
S. GONÇALO
S. GONÇALO
CARRAPATO
O
S
N
L
LEGENDA
1 - BREJO
2 - CAMPO P/ FUTEBOL
3 - CEMITÉRIO
4 - PRAÇA
5 - CAPELA
6 - ESCOLA
7 - POSTO MÉDICO


riacho
grupo escolar
açude
mulato
CARAPATO

CHAPADA DO GENÉSIO



CHAPADA DOS COSMOS



Símbolos Fonéticos Usados na Transcrição

Consoantes

Ponto de Articulação / Articulação	bilabial.	lábio dental	dental	alveolar	retroflexa	palatoalveolar	alveopalatal	velar	glotal
Oclusiva	p mb b			t nd d				k ŋg g	ʔ
Fricativa	ɸ β	f v	θ ð	s ɹ z	ʂ ʅ ʐ ʒ	ʃ ʒ	ɕ	x ɣ	h ɦ
Africada						ʧ ʤ			
Nasal	m			n			ɲ	ŋ	
Tap				ɾ					
Lateral				l				ɬ .	
Constritiva		ʋ			ɻ				

Vogais

	anterior ñ arred.	central ñ arred.	Posterior ñ arred.	Posterior arred.
Alta	i ĩ ɪ			u ũ o õ
Meio-alta	e ẽ	ə	ʌ ʌ̃	
Meio-baixa	ɛ ɛ̃	ɜ̃		ɔ ɔ̃
Baixa		a		

Diacríticos

ː	duração longa ([aː])	◡	ditongo ([ei̯])
·	separação de sílaba ([Ka.za])	̯	menor proeminência ([ei̯])
~	nasalização ([õ])	ˀ	travamento ([baʔ])
̥	ensurdecimento ([e̥])	̩	silábica ([n̩])
ʰ	voz sussurrada ([aʰ])	ʷ	labialização ([ŋʷa])
̤	voz murmurada ([b̤a])	ʲ	palatalização ([sʲ])
̰	voz tremulada ([b̰a])	̪	dentalização ([d̪])

Símbolos Utilizados na Descrição dos Sistemas Prosódicos

// // unidade tonal

/ sílaba tônica proeminente

|| limite entre pretônica e tônica na representação pictórica

ˊ acento forte

⌒ sílaba de duração longa

— sílaba de duração média

∪ sílaba de duração breve

◡ sílaba de duração muito breve

. pausa breve

_ pausa normal

_ _ pausa longa

_ _ _ pausa muito longa

ˊ velocidade lenta

ˊˊ velocidade rápida

ˊˊˊ velocidade muito rápida

Tons nivelados:

|| ¯ alto

|| – meio-alto

|| — médio

|| – meio-baixo

|| _ baixo

Tons de contorno simples:

|| \ || _ descendente

|| / || ¯ ascendente

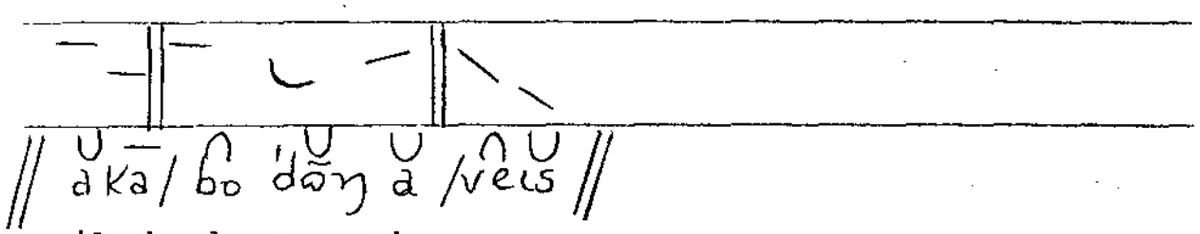
Tons de contorno complexo

|| ⌒ ascendente-descendente

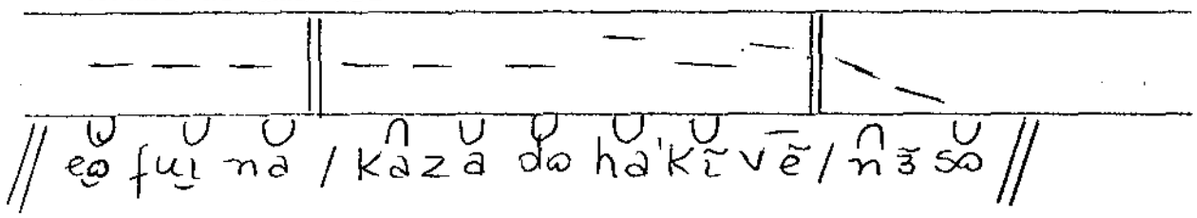
|| ◡ descendente-ascendente

CORPUS LINGUÍSTICO

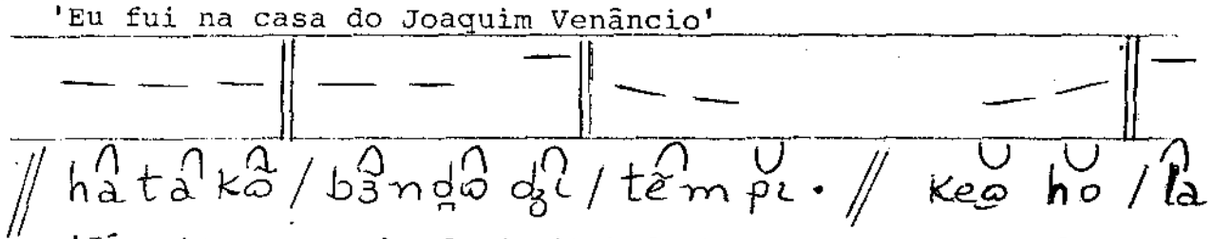
Falar Genérico dos Habitantes do Canto



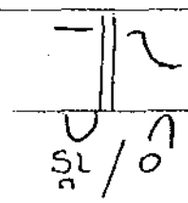
'Acaba de uma vez'



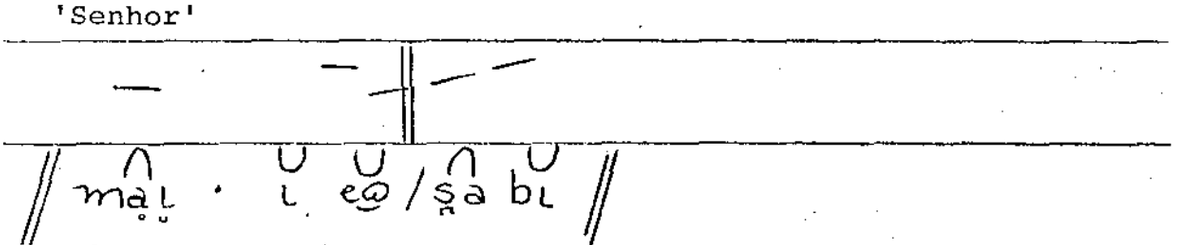
'Eu fui na casa do Joaquim Venâncio'



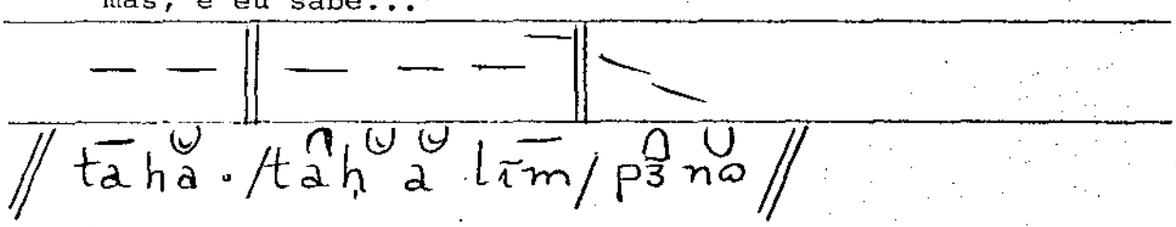
'Já estou com um bando (muito) de tempo, que eu vou lá'



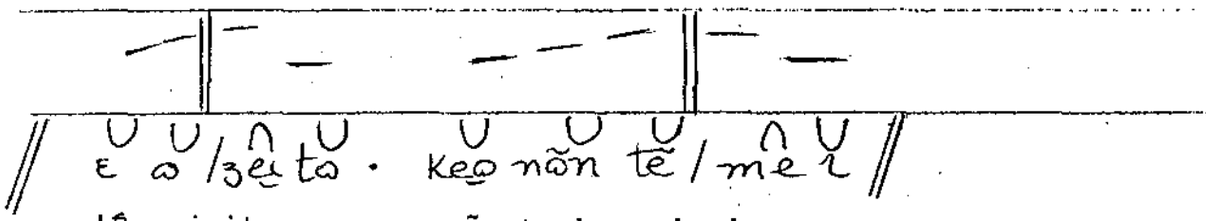
'Senhor'



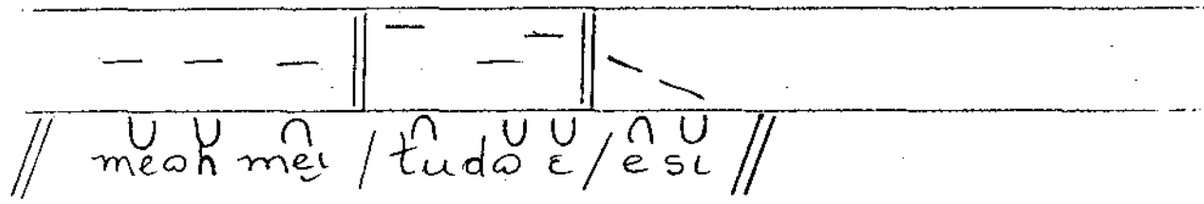
'mas, e eu sabe...'



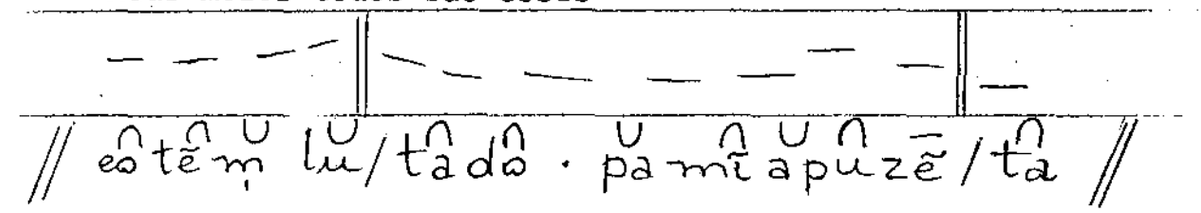
'Estava, estava limpando'



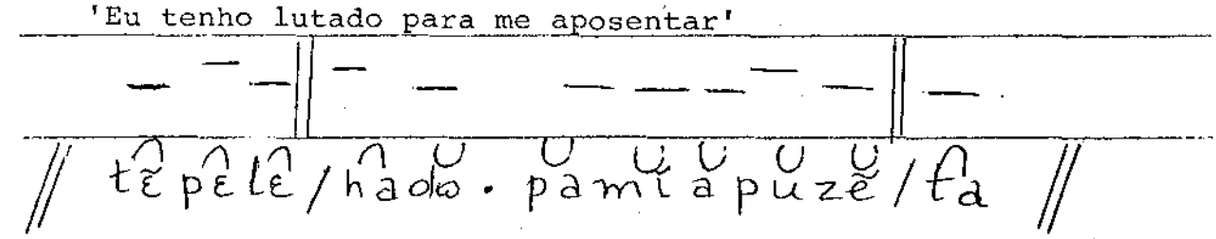
'É o jeito, que eu não tenho meios'



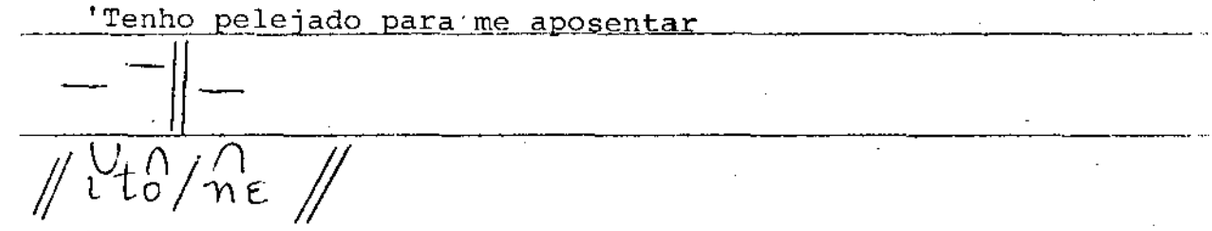
'Meus meios todos são esses'



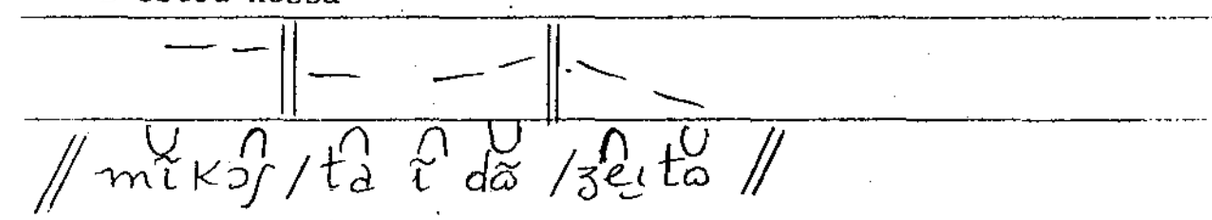
'Eu tenho lutado para me aposentar'



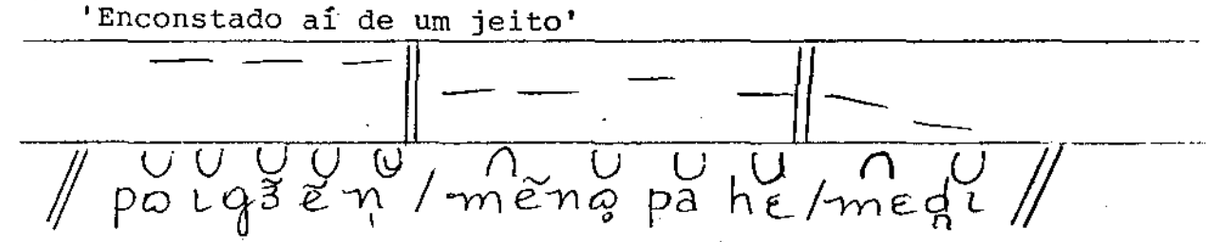
'Tenho pelejado para me aposentar



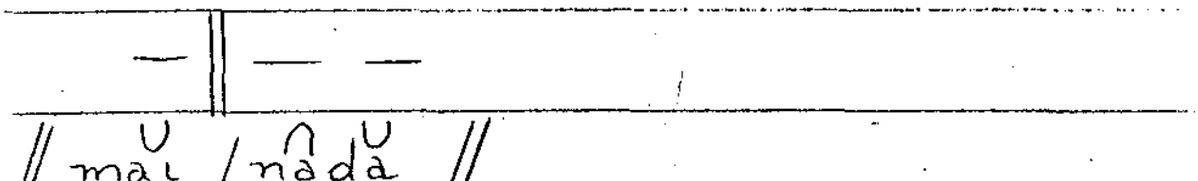
'E estou nessa'



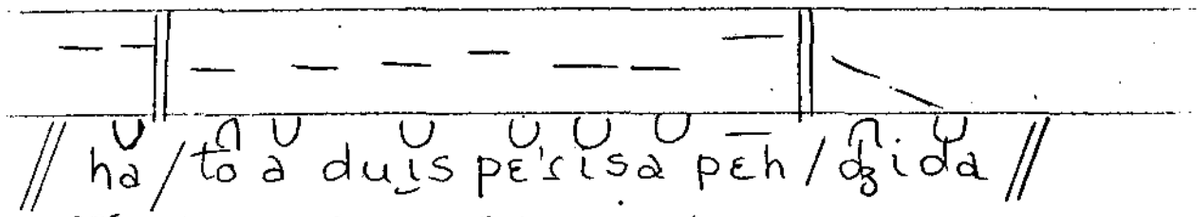
'Enconstado aí de um jeito'



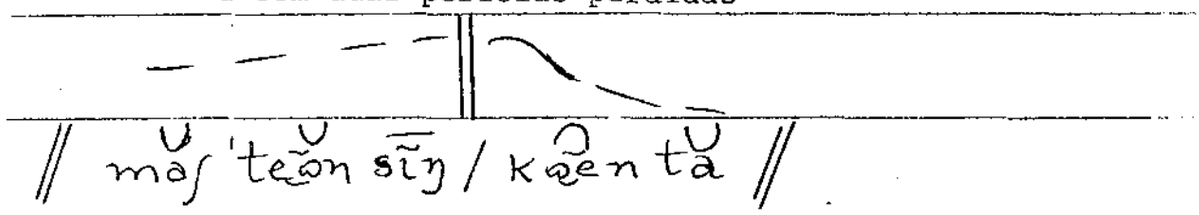
'Para ir ganhando ao menos para remédios'



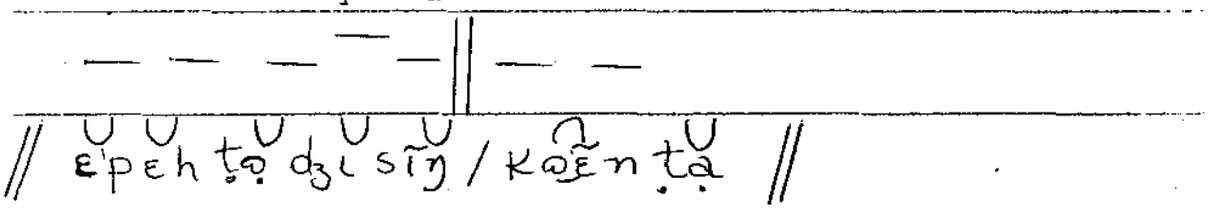
'Mais nada'



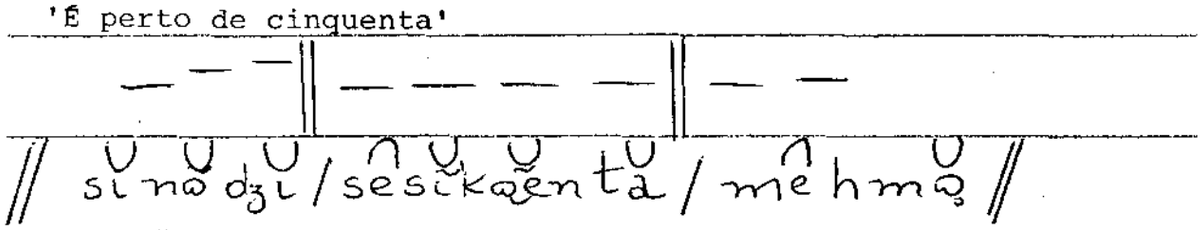
'Já estou com duas perícias perdidas'



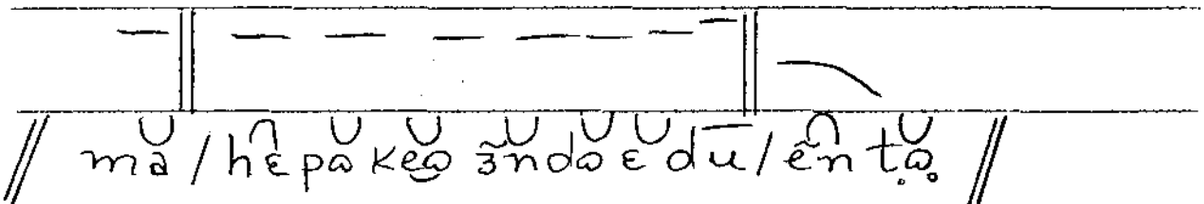
'Mas tenho cinquenta'



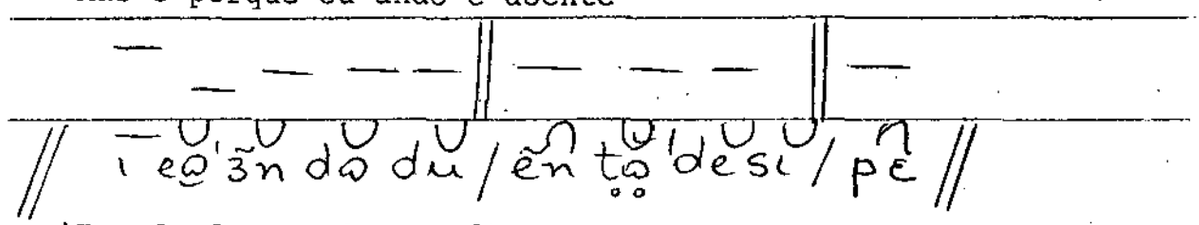
'É perto de cinquenta'



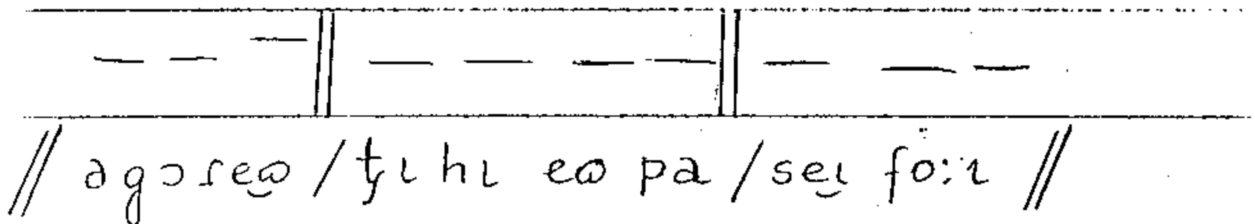
'Se não for cinquenta mesmo...'



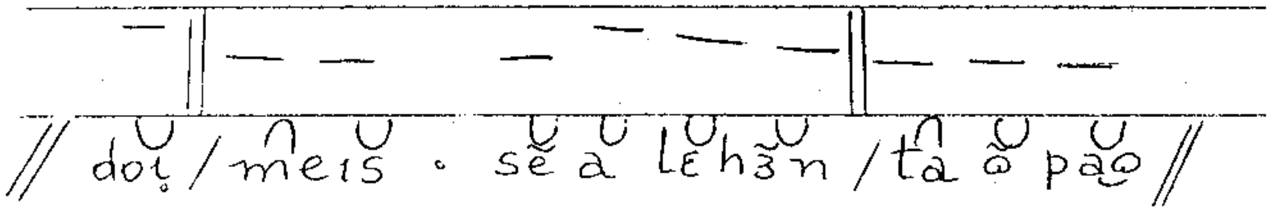
'Mas é porque eu ando é doente'



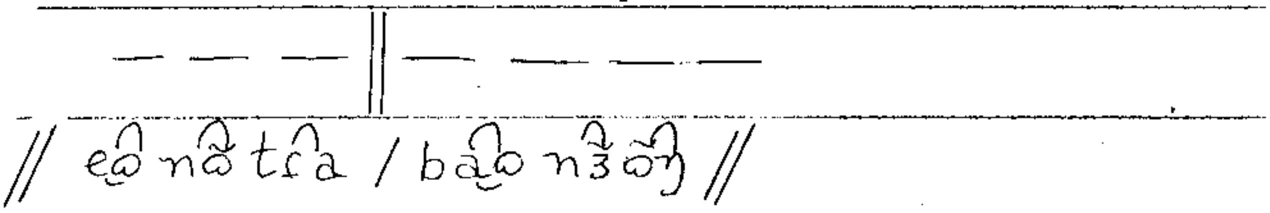
'E ando doente desse pé'



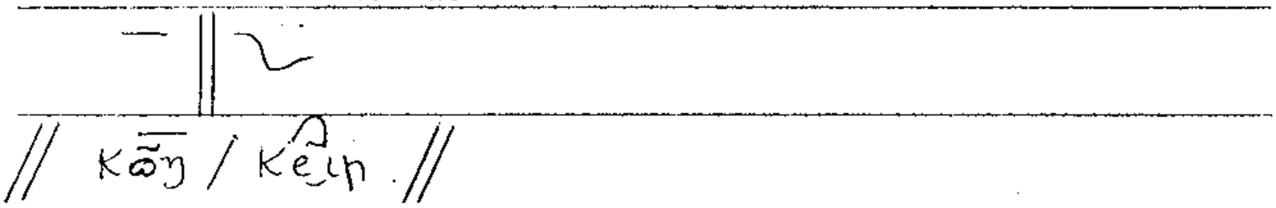
'Agora estive eu passei foi...'



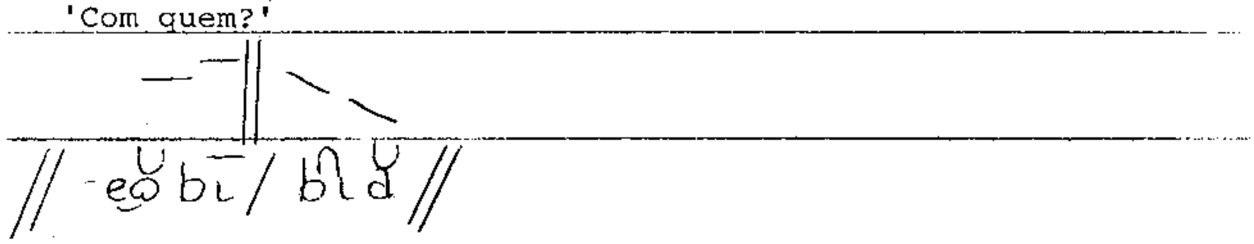
'Dois meses sem levantar um pau'



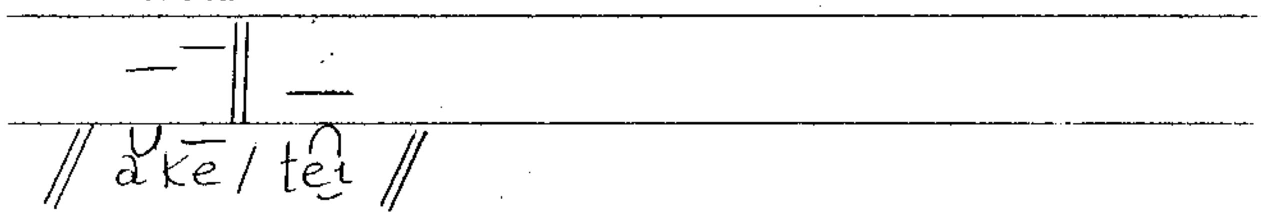
'Eu não trabalho não'



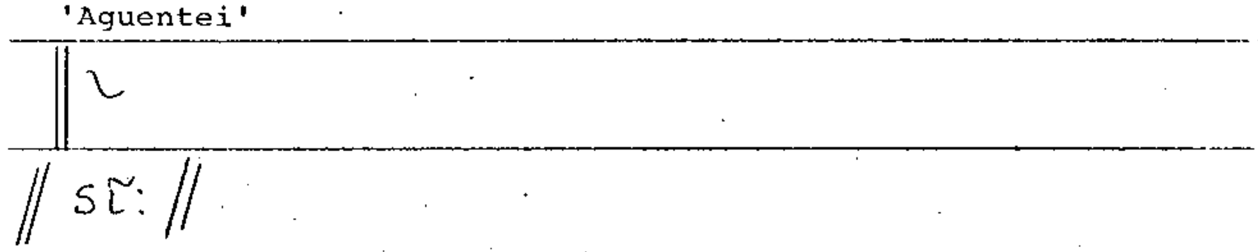
'Com quem?'



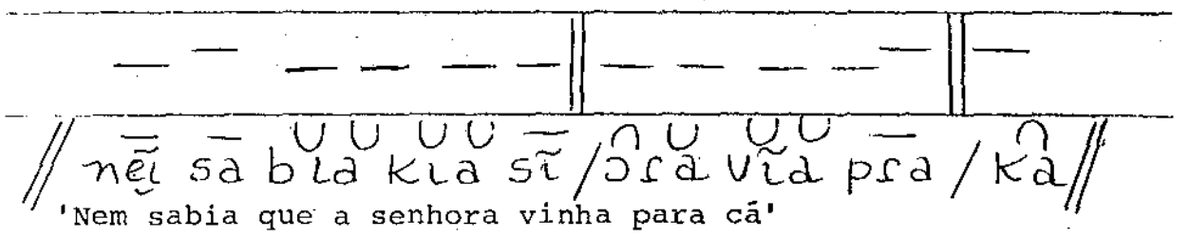
'Eu sabia'



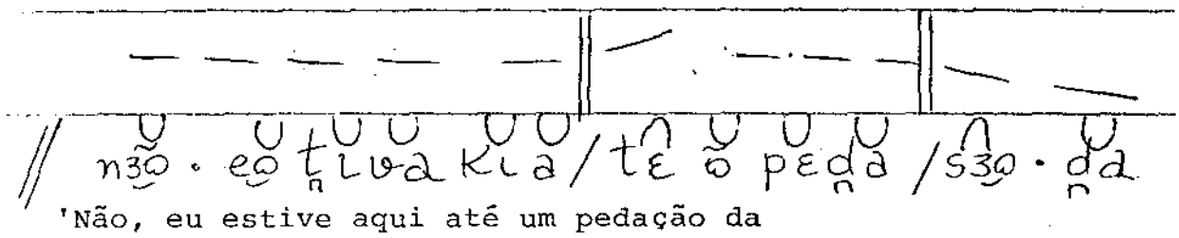
'Aguentei'



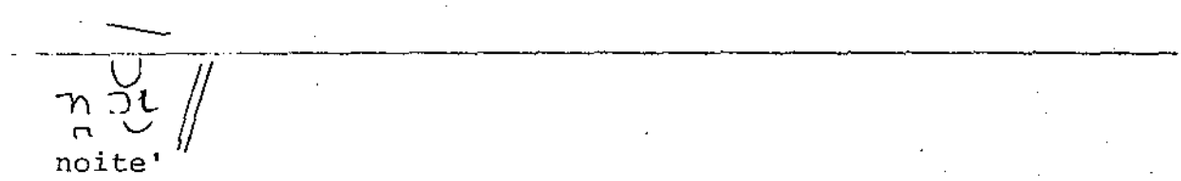
'Sim'



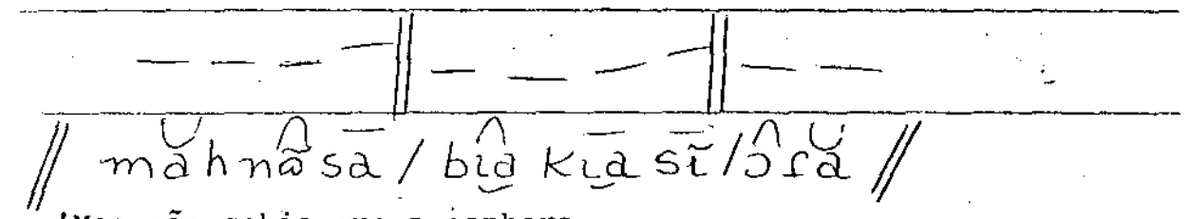
'Nem sabia que a senhora vinha para cá'



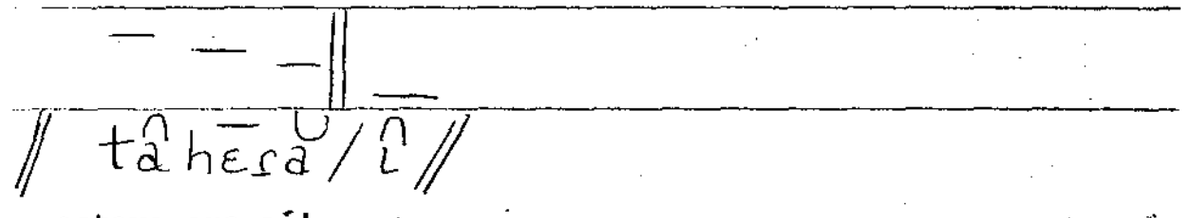
'Não, eu estive aqui até um pedação da



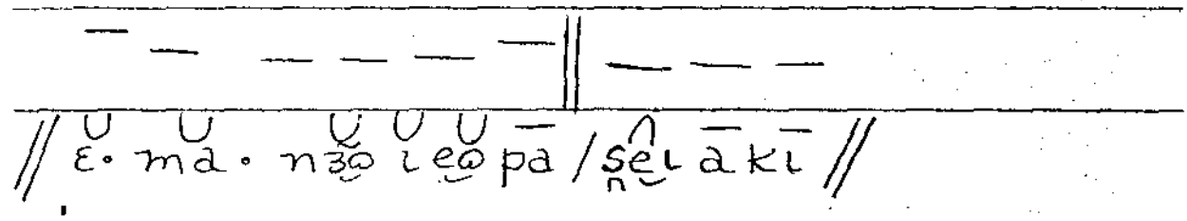
noite'

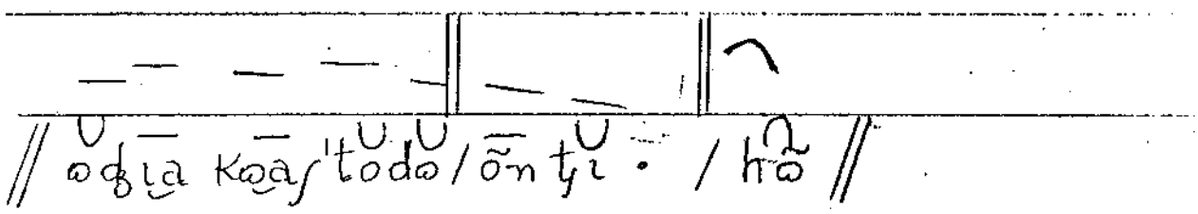


'Mas não sabia que a senhora

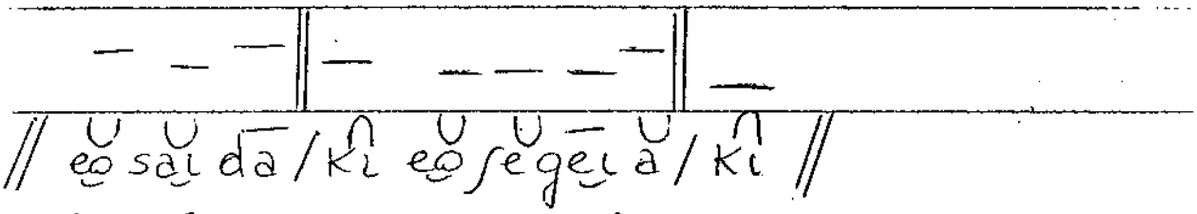


estava era aí'

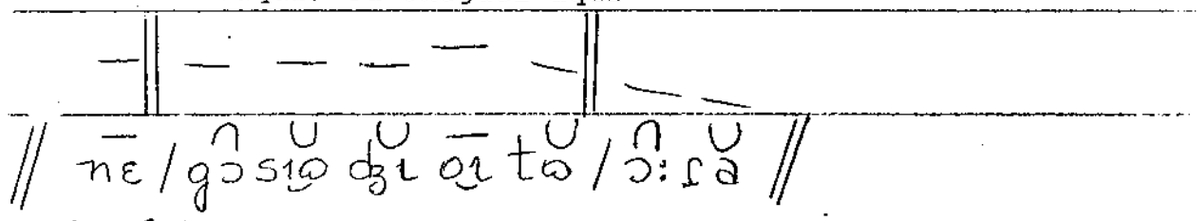




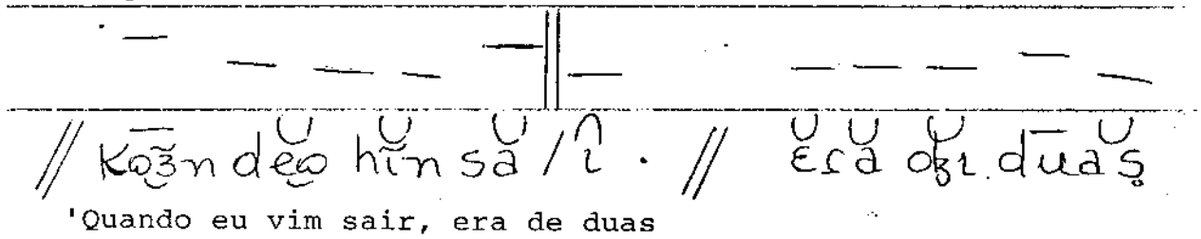
'O dia quase todo ontem, hum'



'Eu saí daqui; eu cheguei aquí'

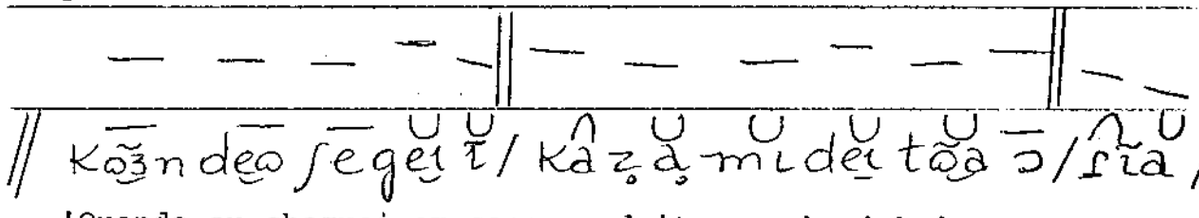


'Negócio de oito horas'



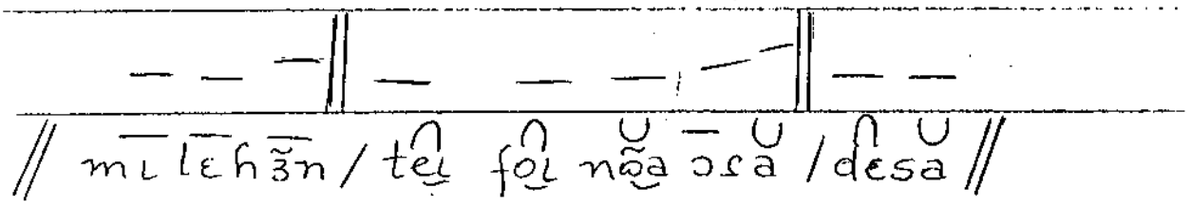
'Quando eu vim sair, era de duas

para as três'

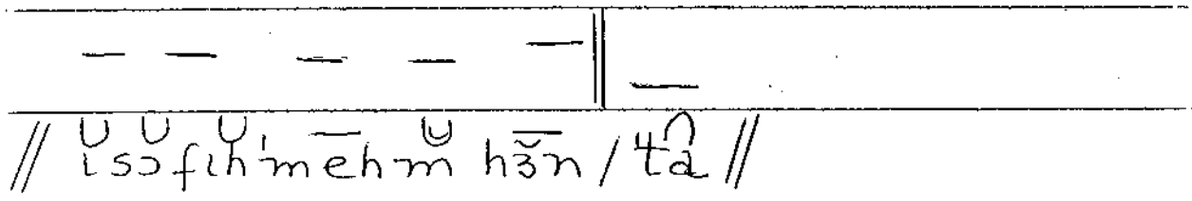


'Quando eu cheguei em casa me deito uma horinha'

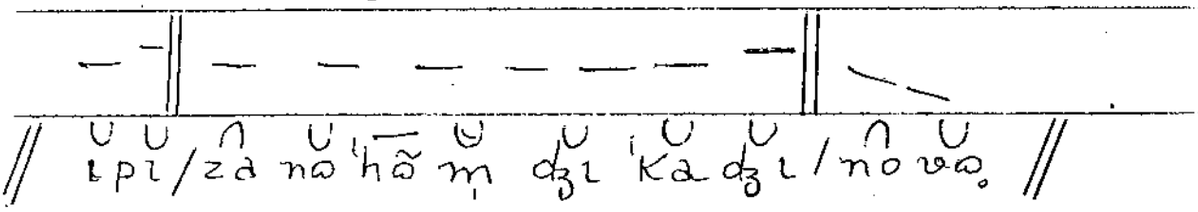
'Quando eu estava...'



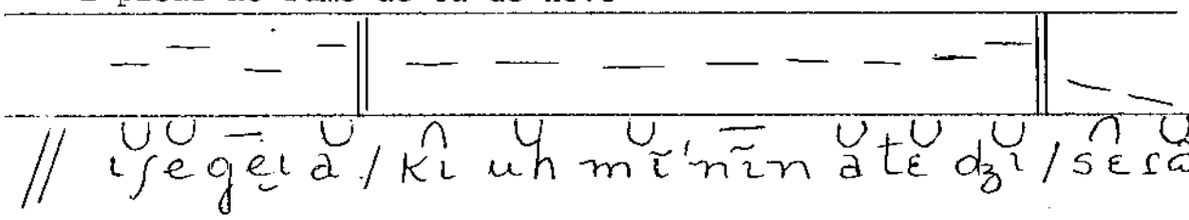
'Me levantei foi numa hora dessa'



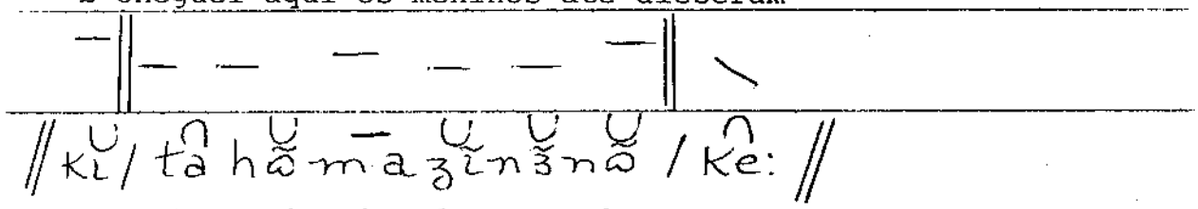
'E só fiz mesmo jantar'



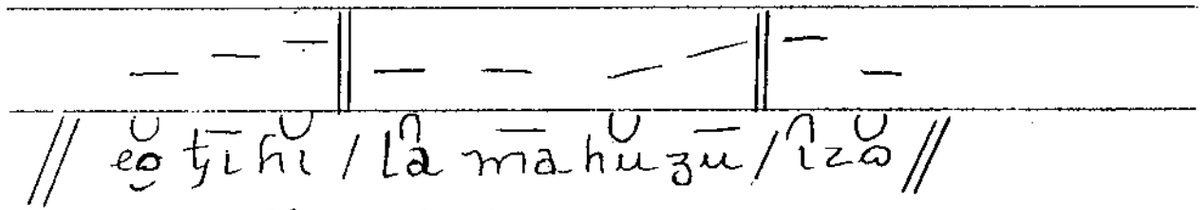
'E pisar no rumo de cá de novo'



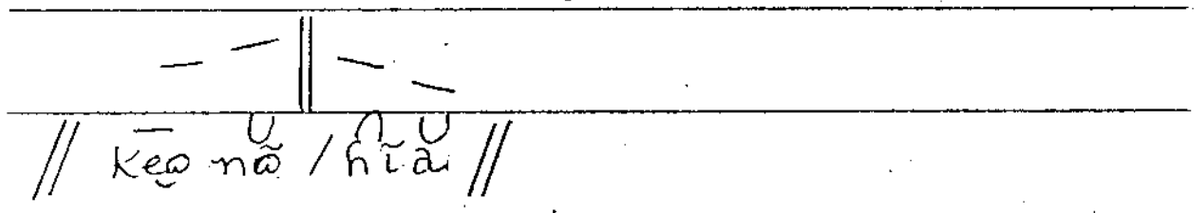
'E cheguei aqui os meninos até disseram



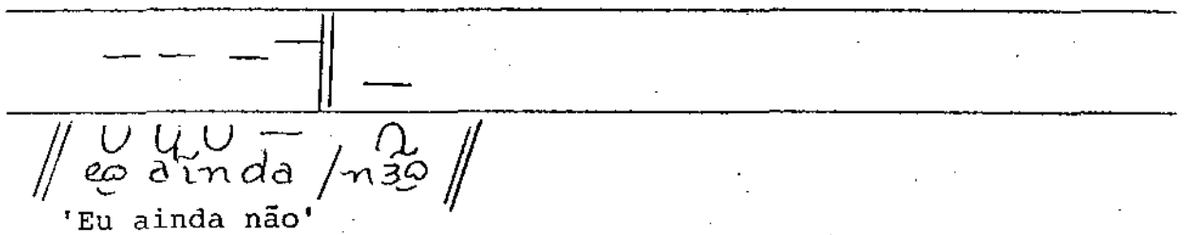
que estavam imaginando que...'



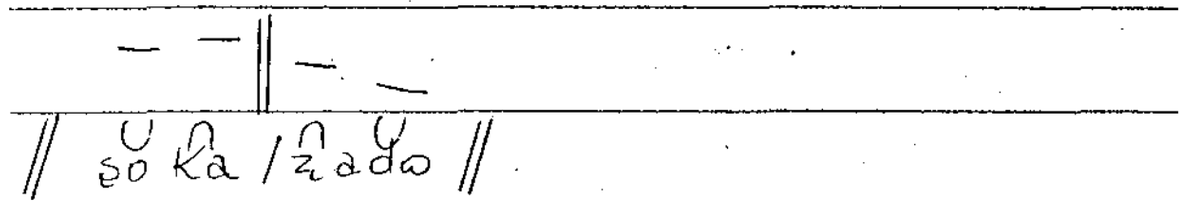
'Eu estive lá mais (com) o juiz'



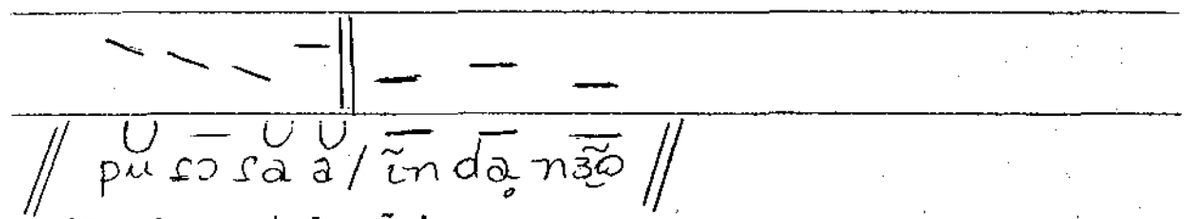
'Que eu não vinha'



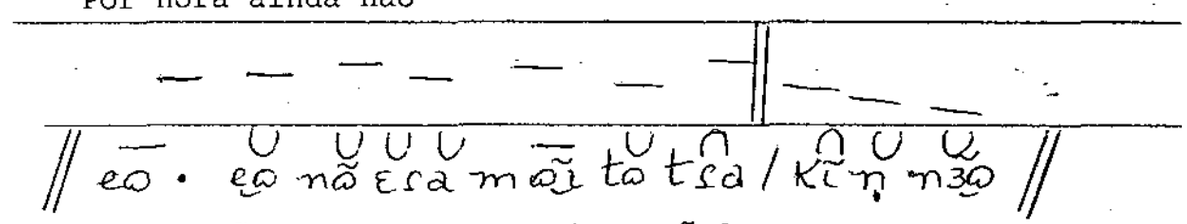
'Eu ainda não'



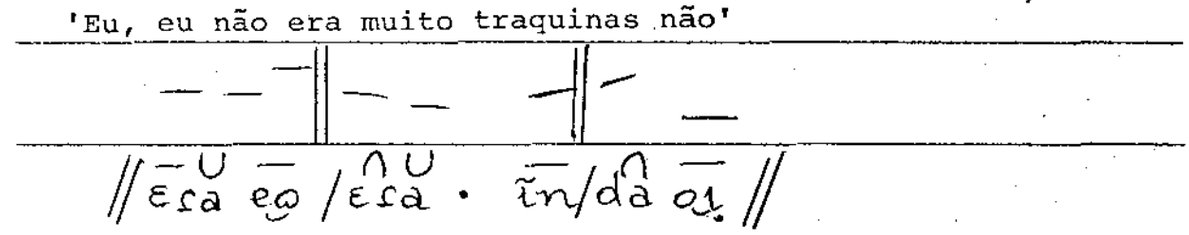
'Sou casado'



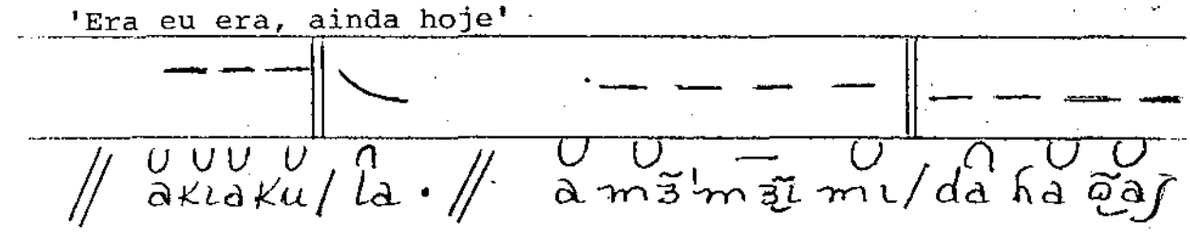
'Por hora ainda não'



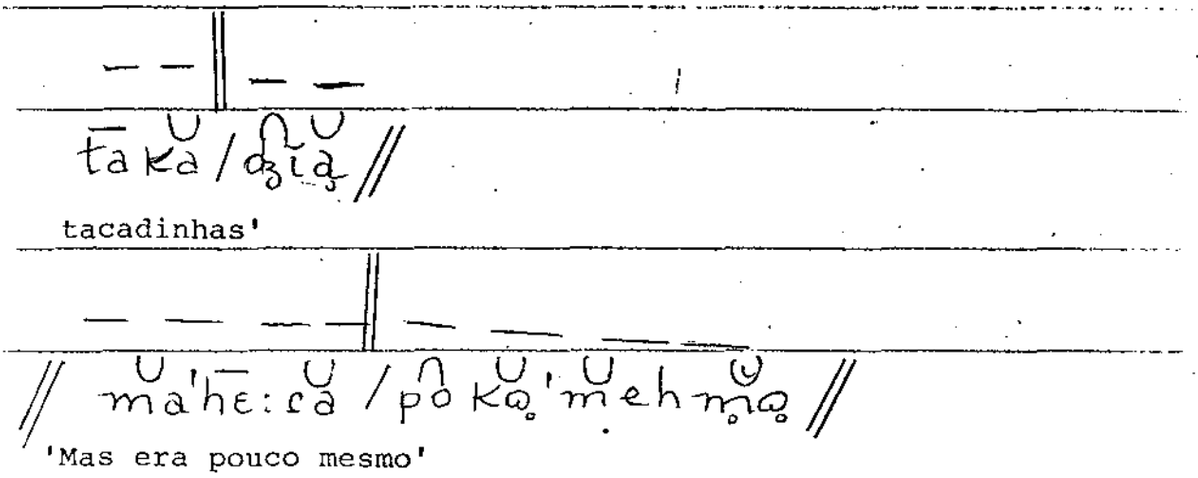
'Eu, eu não era muito traquinas não'



'Era eu era, ainda hoje'

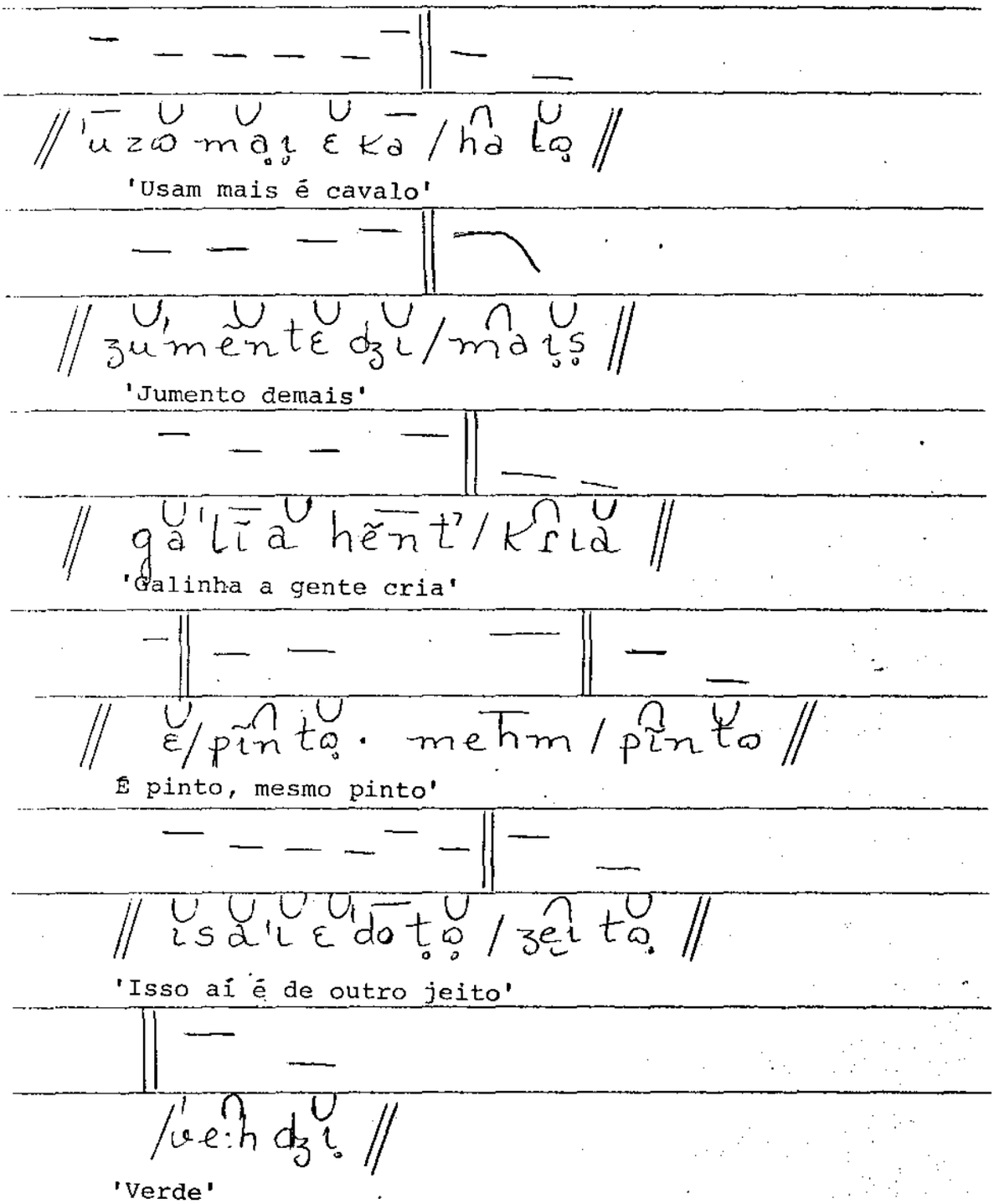


'Aqui acolá, a mamãe me dava umas



tacadinhas'

'Mas era pouco mesmo'



'Usam mais é cavalo'

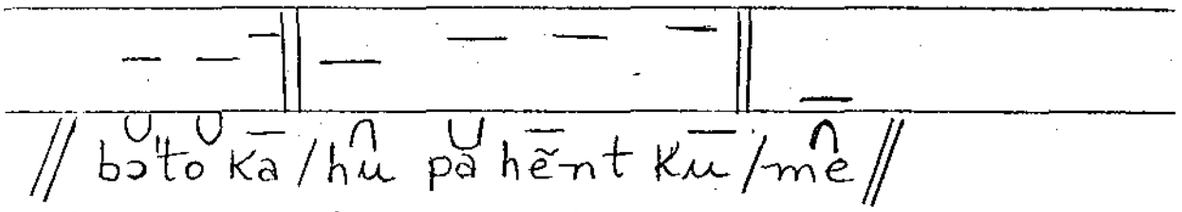
'Jumento demais'

'Galinha a gente cria'

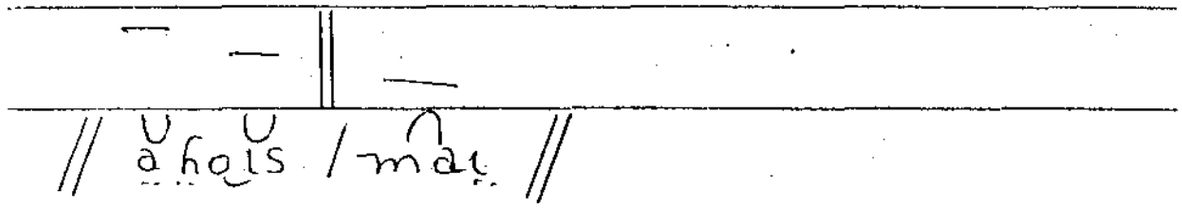
'É pinto, mesmo pinto'

'Isso aí é de outro jeito'

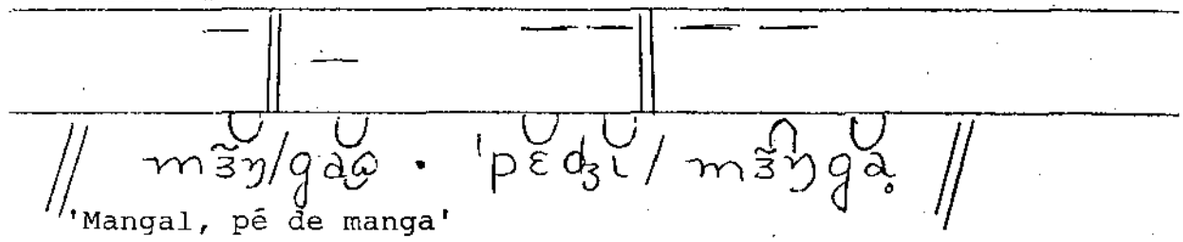
'Verde'



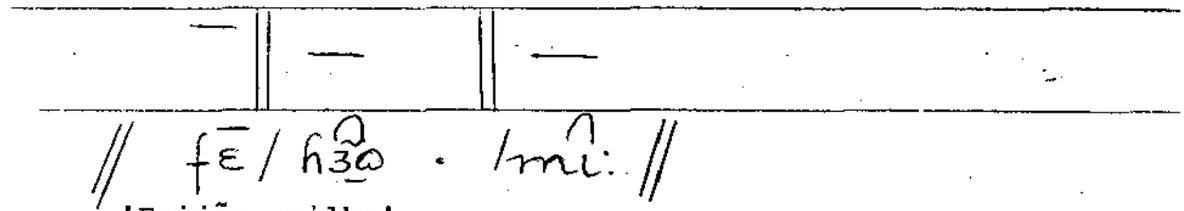
'Botou caju prá gente comer'



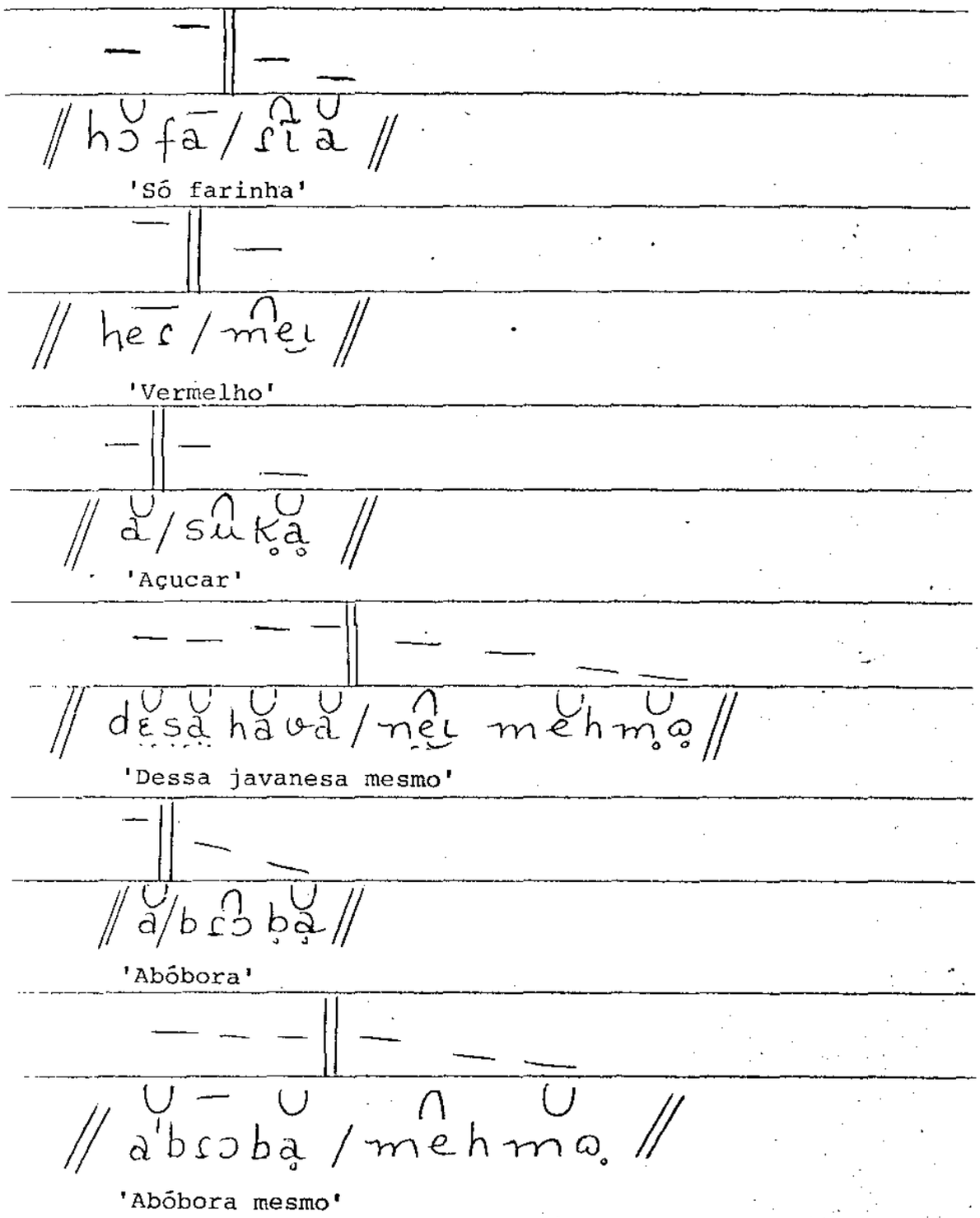
'Arroz mais'



'Mangal, pé de manga'



'Feijão, milho'



'Só farinha'

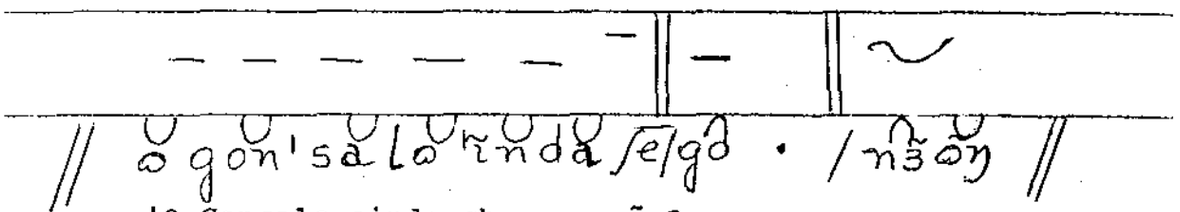
'Vermelho'

'Açucar'

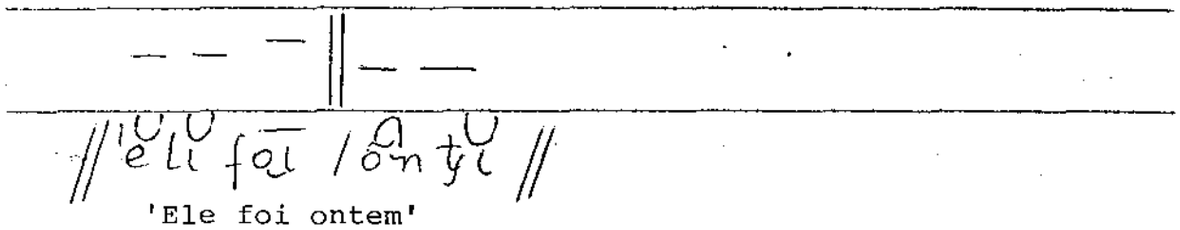
'Dessa javanesa mesmo'

'Abóbora'

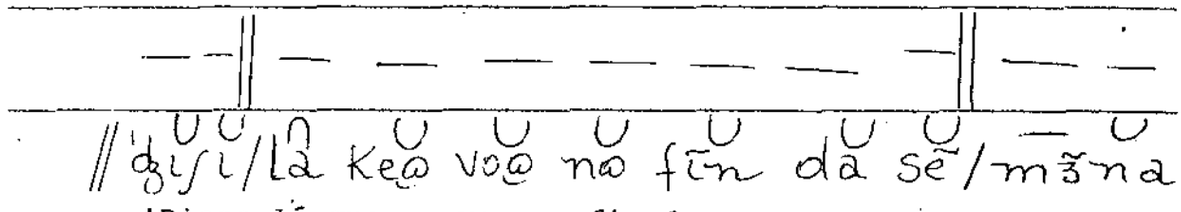
'Abóbora mesmo'



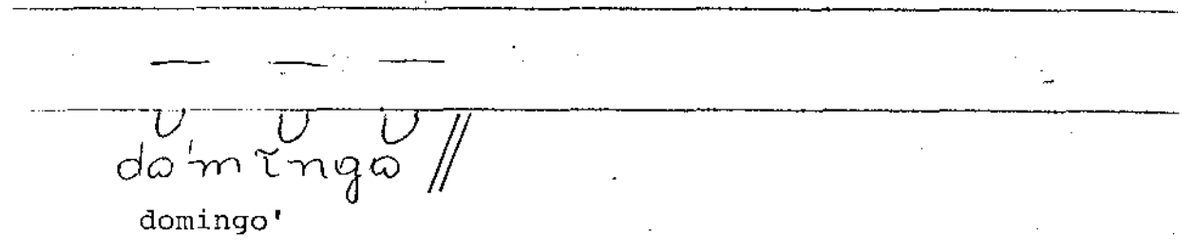
'O Gonçalo ainda chegou, não?



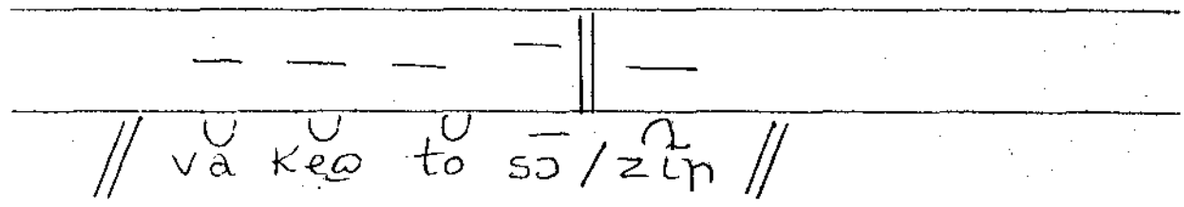
'Ele foi ontem'



'Disse lá que eu vou no fim de semana

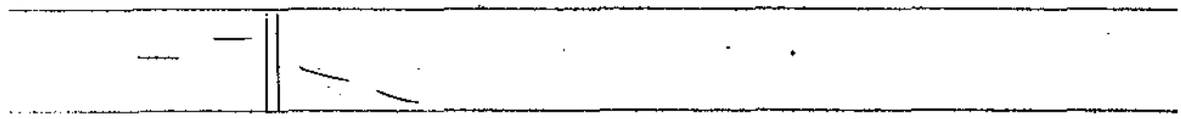


domingo'



'Vá que estou sozinho'

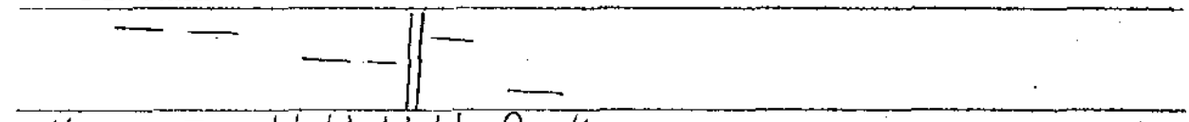
'Cabelo'



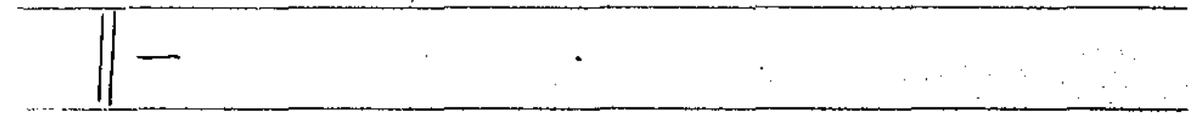
'Sobrancelhas'

'A testa'

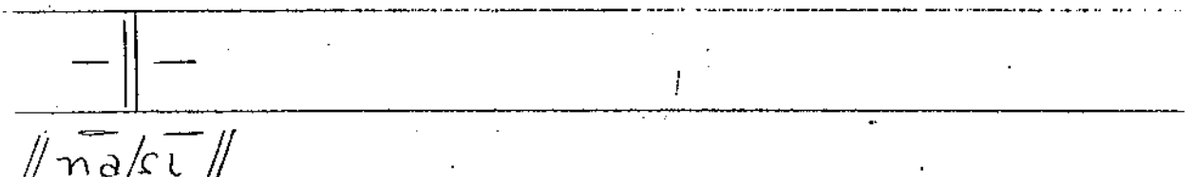
'Pestana'



'Aí, aí é o olho'



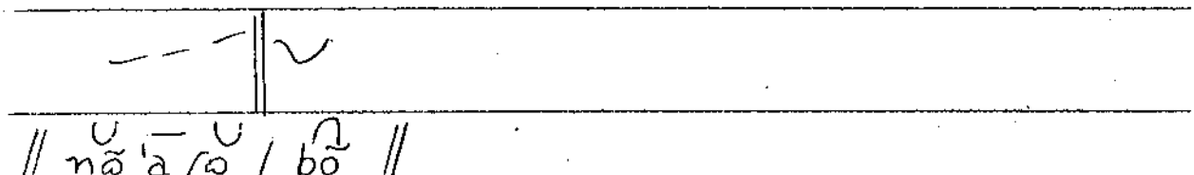
'Dois'



— || —

// na/ɾi //

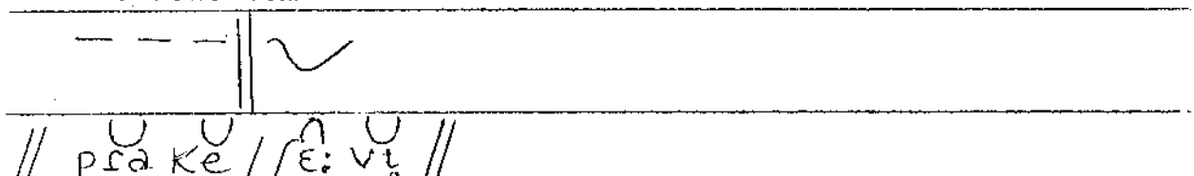
'Nariz'



— — — || ⌣

// nɑ̃ 'a ʃɔ̃ / bɔ̃ //

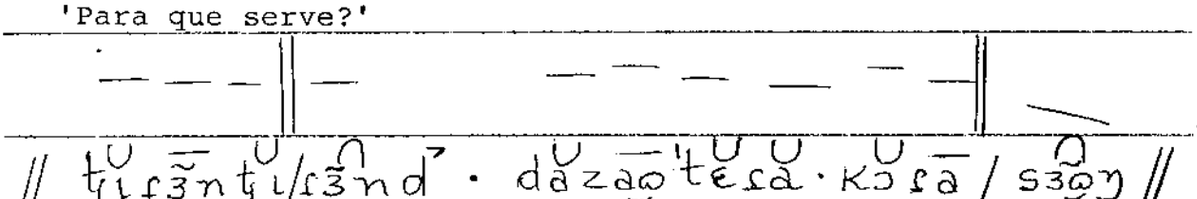
'Não acho bom?'



— — — || ⌣

// pɾa ke / ʃɛ: vi̥ //

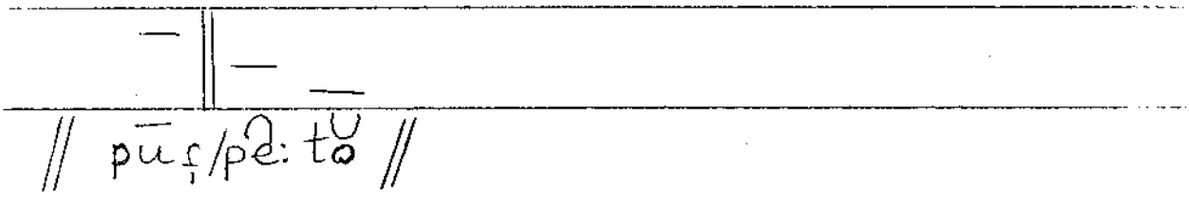
'Para que serve?'



— — — || — — — — — — — || —

// tʃiɾɜ̃n tʃi/ɾɜ̃n d̥ · daza͜ɔ̃ 'tɛɾa · kɔɾa / sɜ͜ɔ̃ŋ //

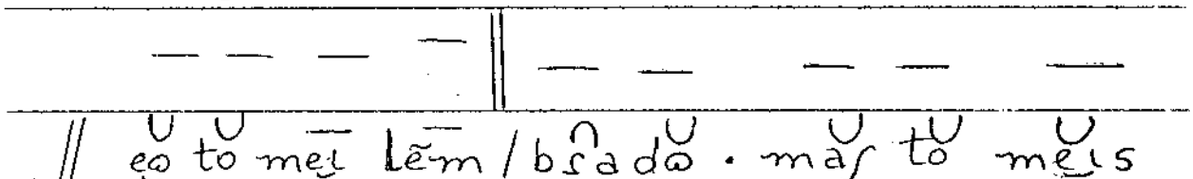
'Tirando, das artérias, coração'



— || — —

// pu̅ɾ̥/pe: tɔ̃ //

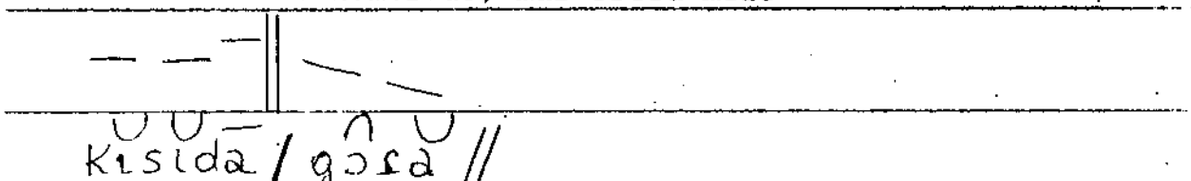
'Para os peitos'



— — — — || — — — — —

// e͜ɔ̃ to me͜i lɛ̃m / bɾa dɔ̃ · maʃ tɔ̃ me͜is

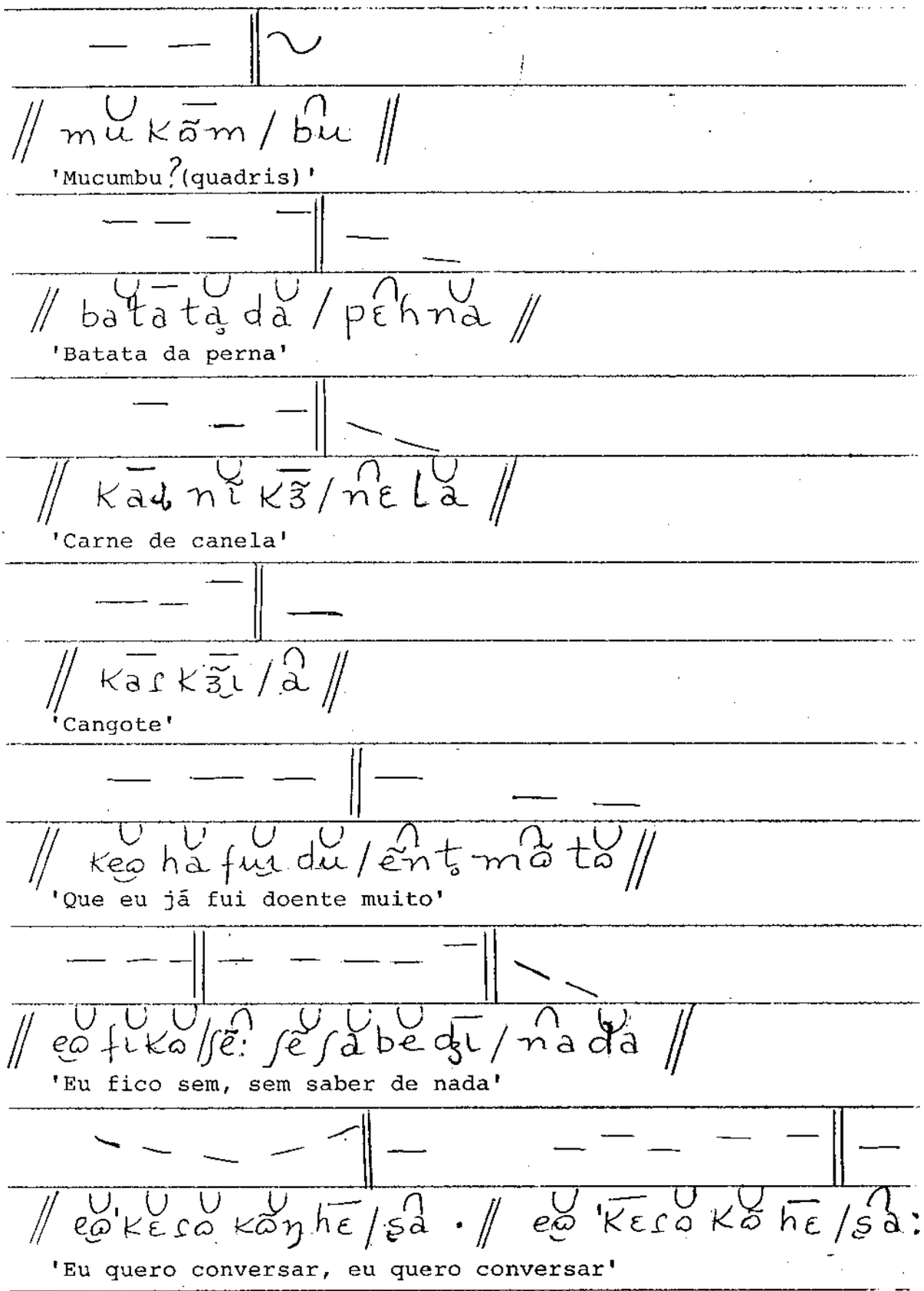
'Eu estou meio lembrado, mas estou meio



— — — || — —

kisida / gɔɾa //

esquecido agora'



'Mucumbu?(quadris)'

'Batata da perna'

'Carne de canela'

'Cangote'

'Que eu já fui doente muito'

'Eu fico sem, sem saber de nada'

'Eu quero conversar, eu quero conversar'

// ɛ a pu lu / ma dʊ //
'É aprumado'

// ã nʊ̃ / ʃe: · eʊ fikʊ / kɛtʊ //
'Eu não sei, eu fico quieto'

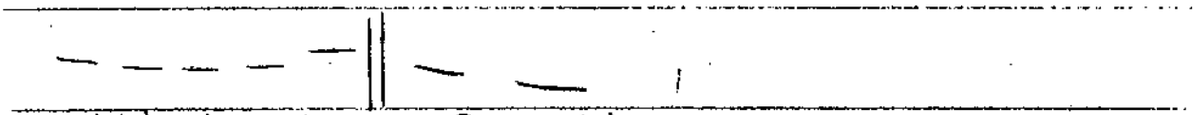
// eʊ ma'hĩnʊ ʊ / ke: //
'Eu imagino o que?

// 'gɔʃ dʒi gʊa h'da tɛ / ʃɐ̃ʊ̃ · a 'todʊ / mʊ̃n dʊ //
'Gosto de guardar atenção, a todo mundo'

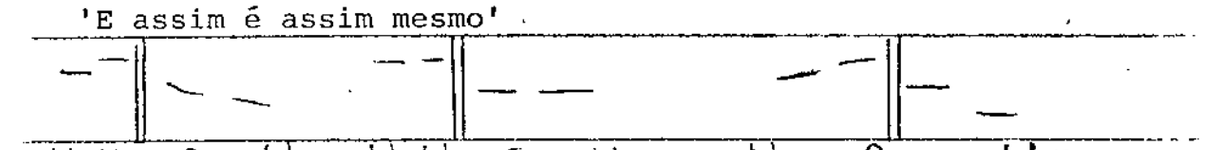
// maj/zɛ · ɛsa y / tɔɾia · // dʒi eʊ dʒizey / tɔ
'Mas é, essa história, de eu dizer histó-

ɾa //
ria'

// eʊ nɐ̃ʊ̃ / ʃe: is tɔɾa dʒi na / dʒĩa //
'Eu não sei história de nadinha'



'E assim é assim mesmo'



'E assim vem a diferença nas famílias'

//sɔ̃ŋ bɾɜ̃/seɐ//

'Sobrancelhas'

//pɛʃ/tɜ̃nɐ//

'Pestana'

//pɾetɐ//

'Preta'

//ɐ/lĩŋgɐɐ//

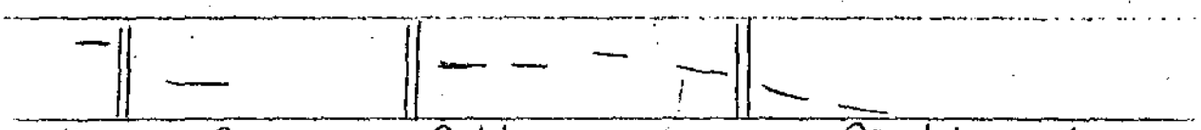
'A língua'

//nɐ/bɔkɐ//

'Na boca'

/gɾɜ̃ŋdʾ//

'Grande'

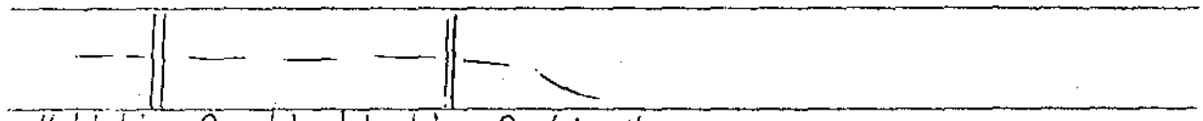


'É grande. Ele é grande mesmo'

'Goela'

'Os peitos'

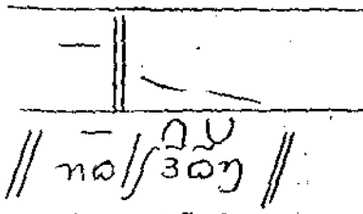
'No umbigo'



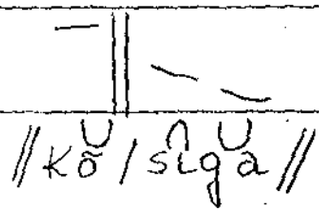
'O umbigo da senhora'

'As canelas (pernas)'

'O piador (calcanhar)'

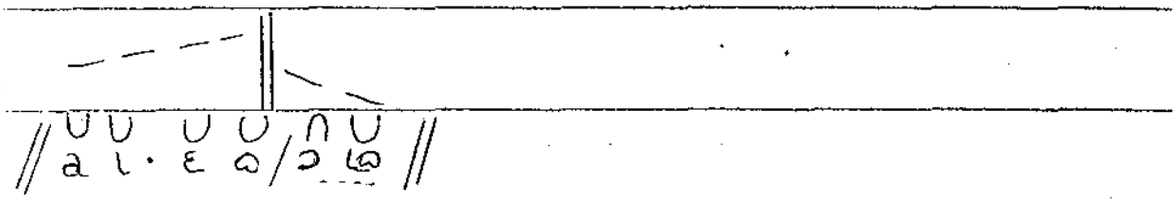


'No chão'

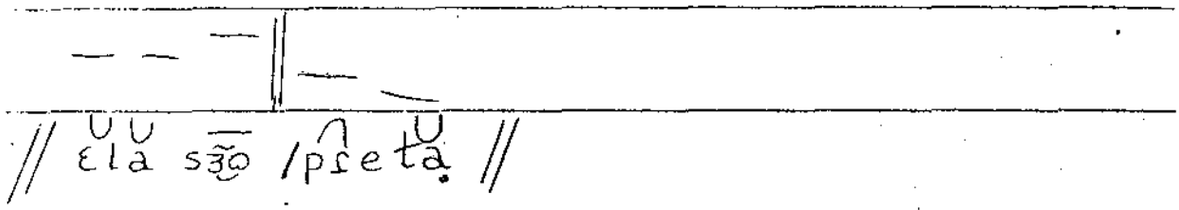


'Consigo'

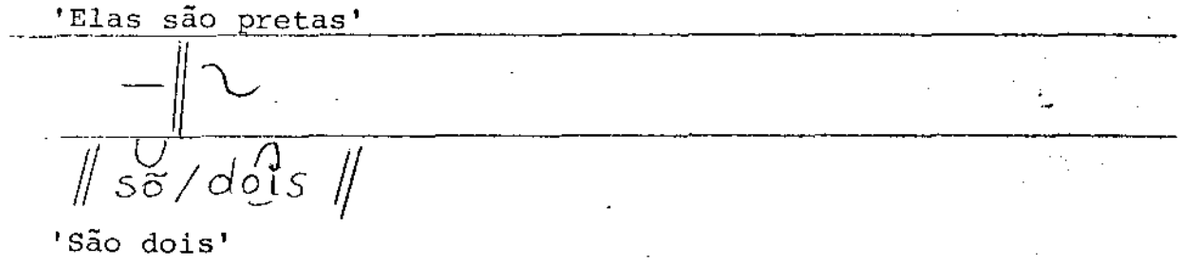
'Aí, aí é o olho?'



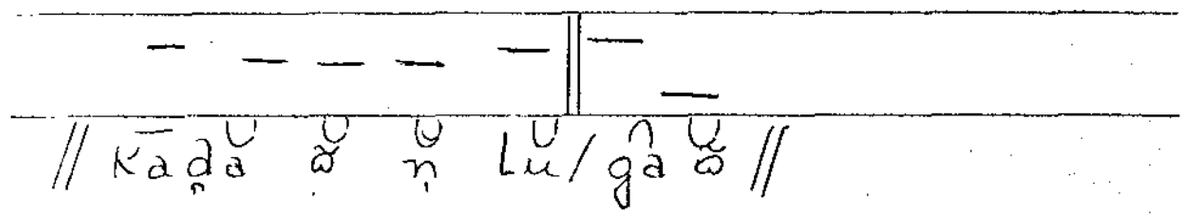
'Aí, aí é o olho'



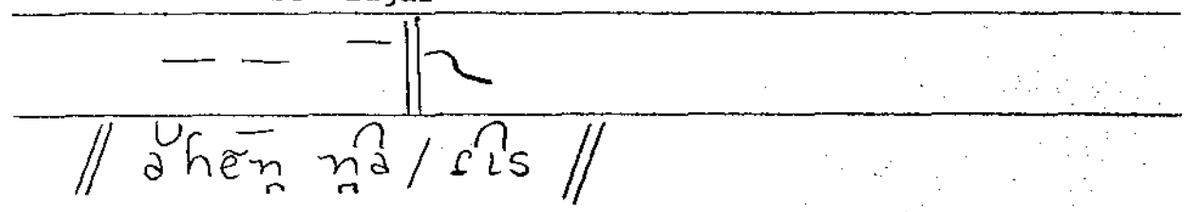
'Elas são pretas'



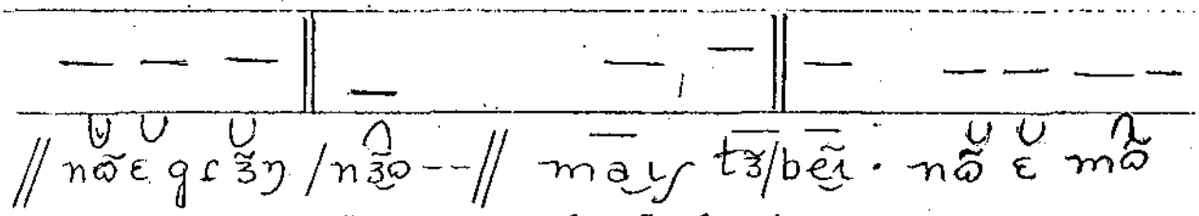
'São dois'



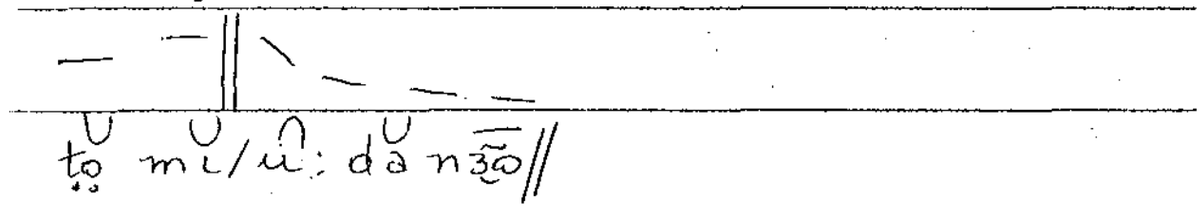
'Cada um em seu lugar'



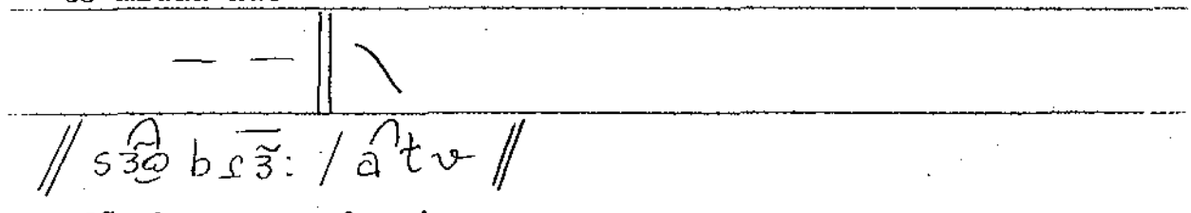
'A venta nariz'



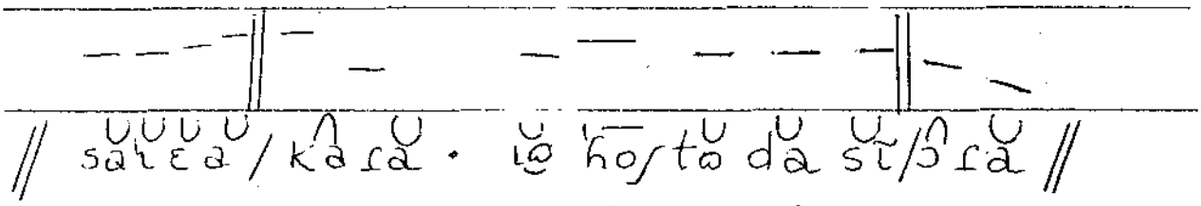
'Não é grande não, mas também não é mui-



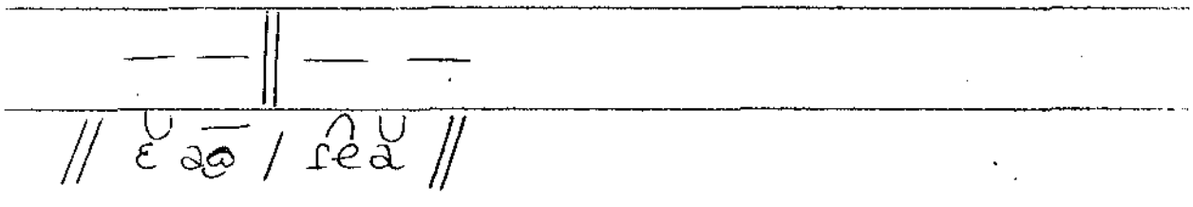
to miuda não'



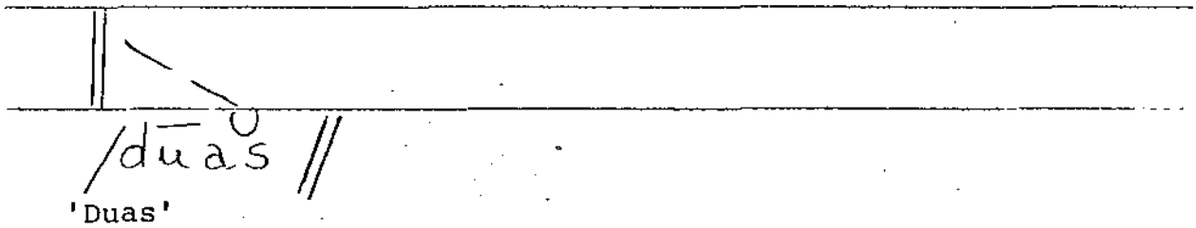
'São brancos, alvos'



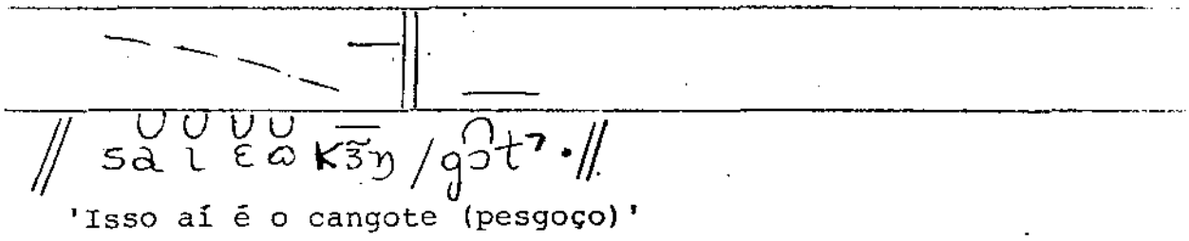
'Isso aí é a cara, é o rosto da senhora'



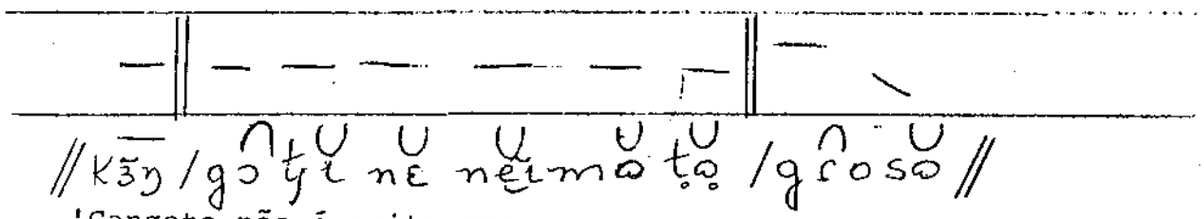
'É a orelha'



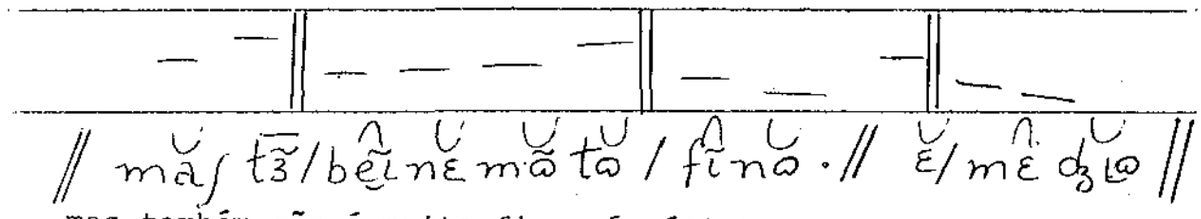
'Duas'



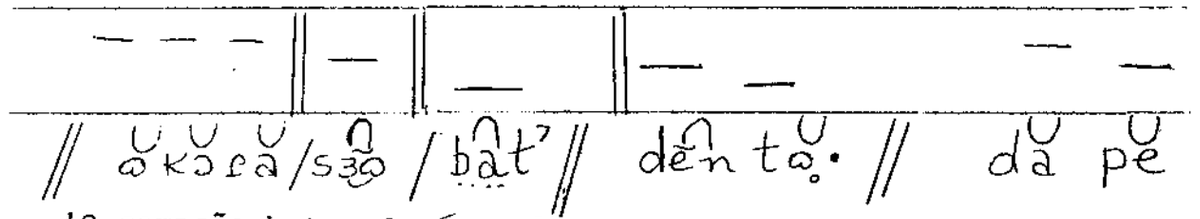
'Isso aí é o cangote (pesgoço)'



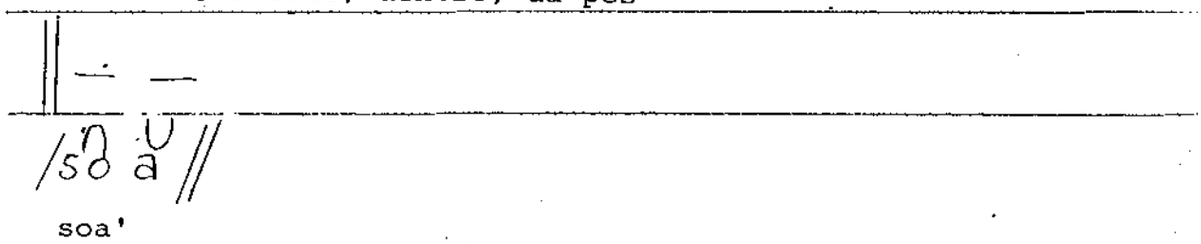
'Cangote não é muito grosso



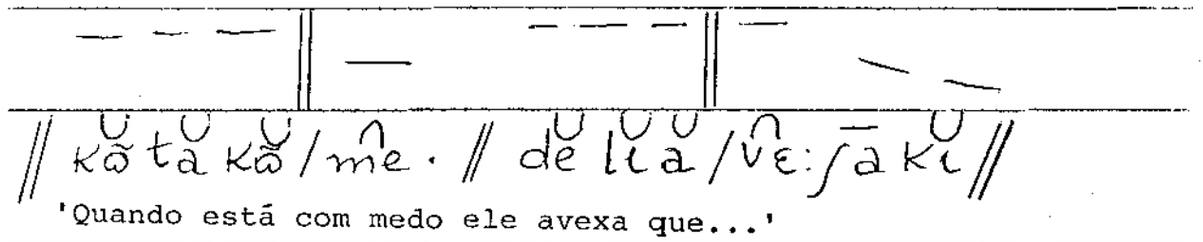
mas também não é muito fino. É médio'



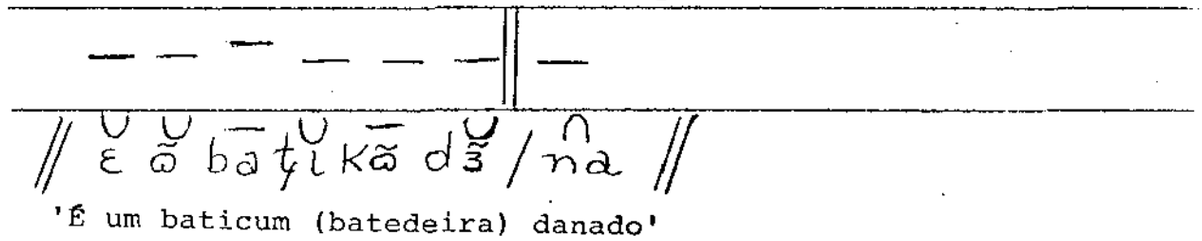
'O coração bate, dentro, da pes-



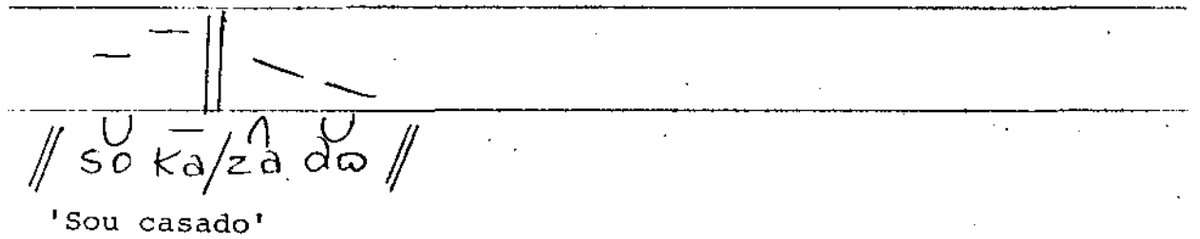
soa'



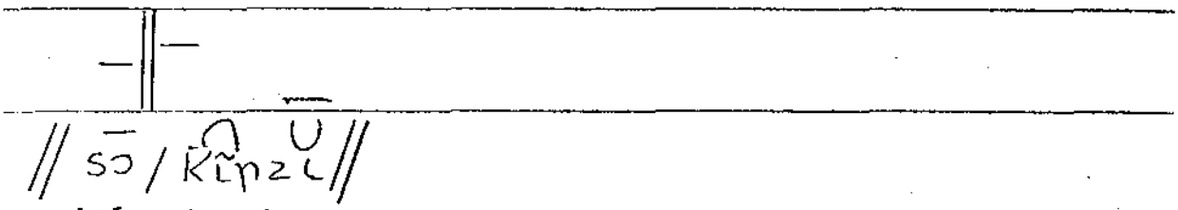
'Quando está com medo ele avexa que...'



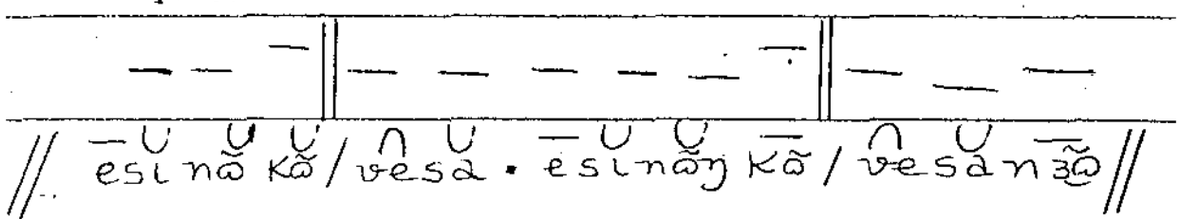
'É um baticum (batedeira) danado'



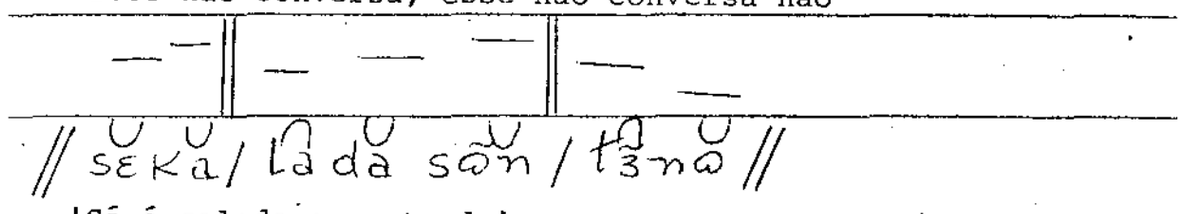
'Sou casado'



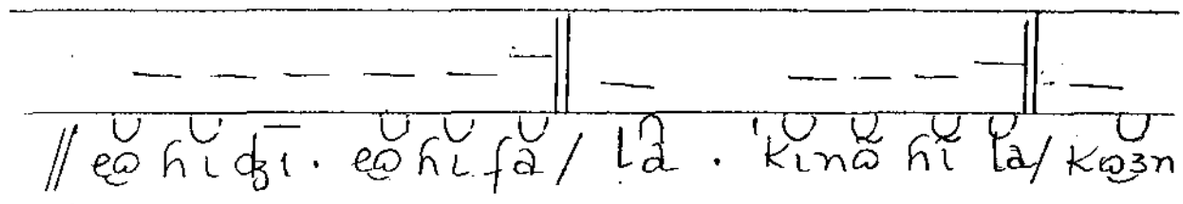
'Só quinze'



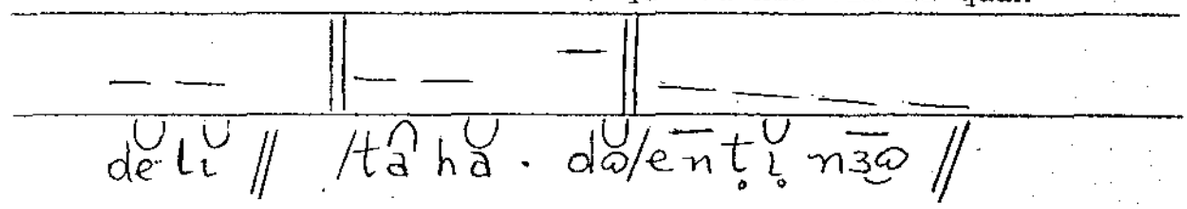
'Esse não conversa, esse não conversa não'



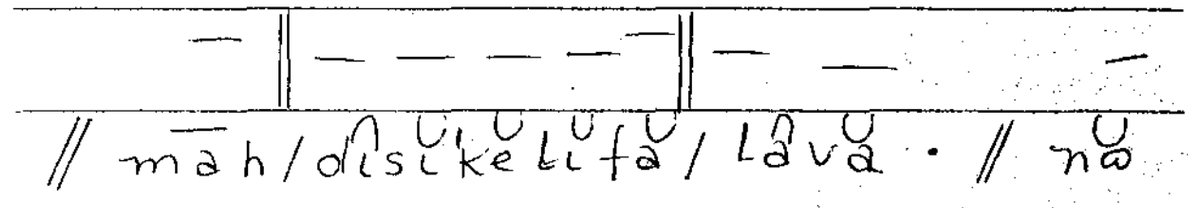
'Só é calado assuntando'



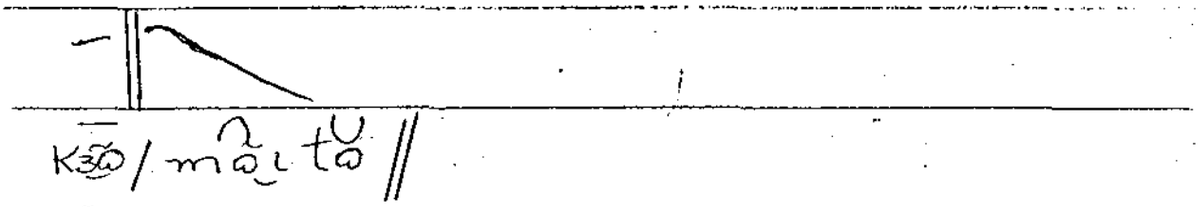
'Eu ouvi di... eu ouvi falar, que eu não vim lá quan-



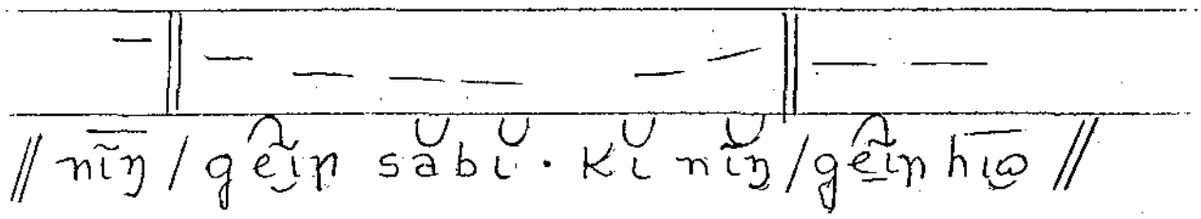
do ele, estava, doente não'



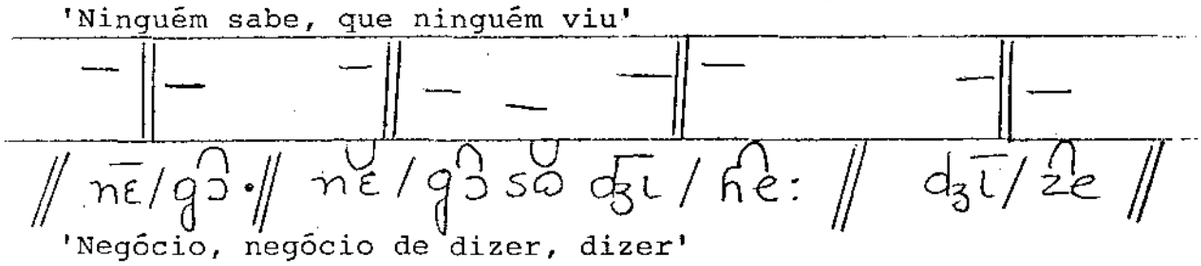
'Mas dizem que ele falava no



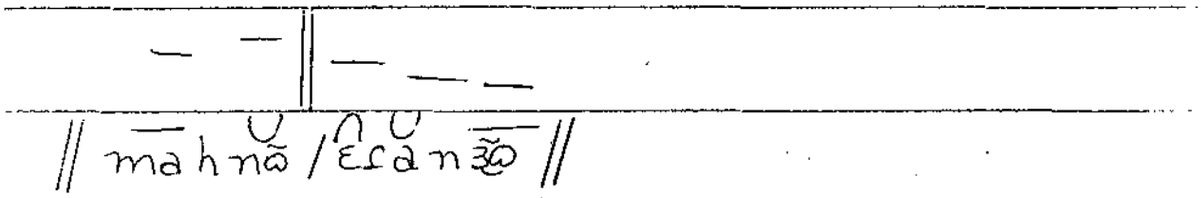
Cão muito'



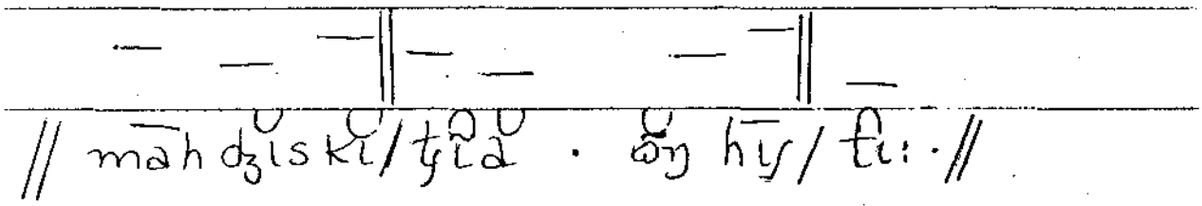
'Ninguém sabe, que ninguém viu'



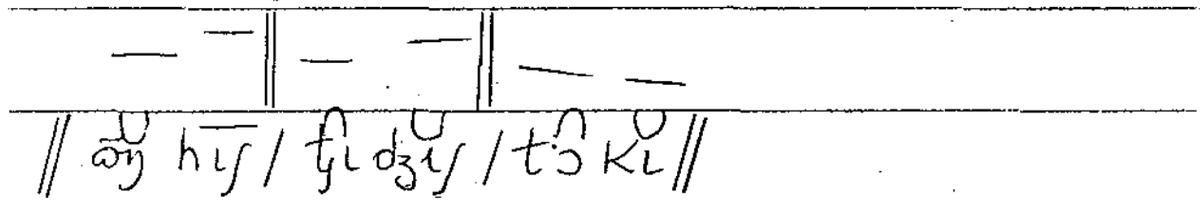
'Negócio, negócio de dizer, dizer'



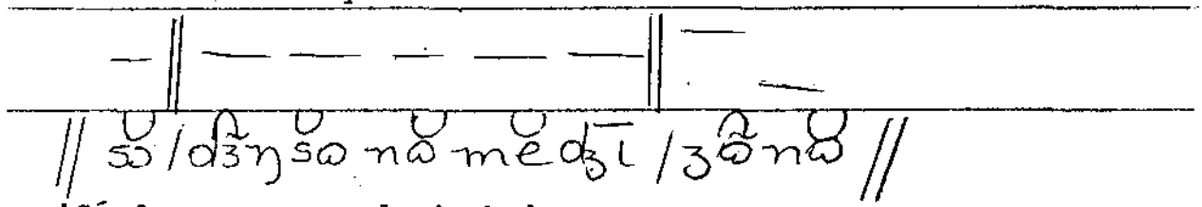
'Mas não era não'



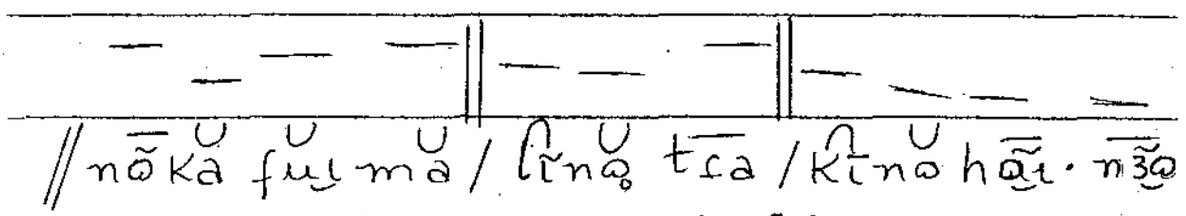
'Mas dizem que tinha, um vestido



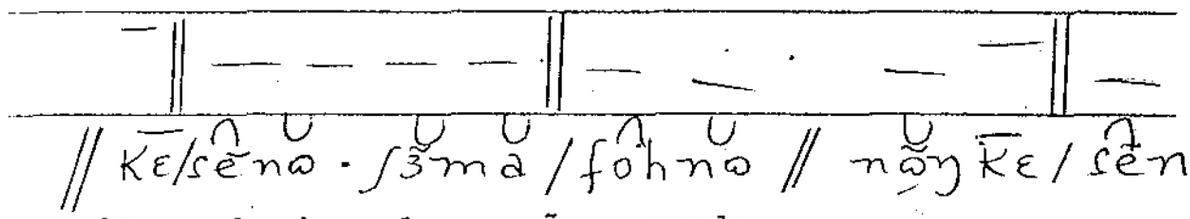
um vestido estoque'



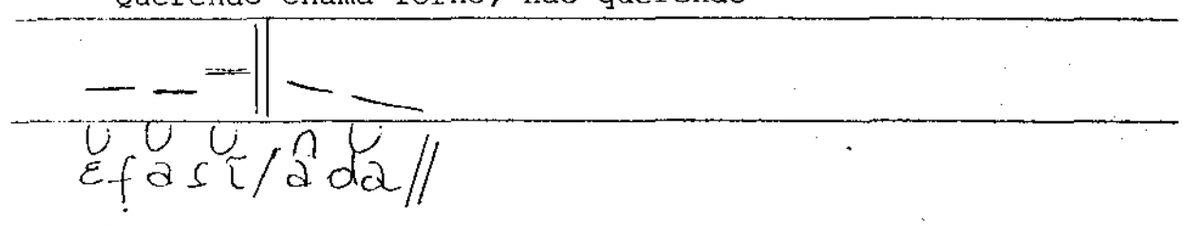
'Só danço no mes de junho'



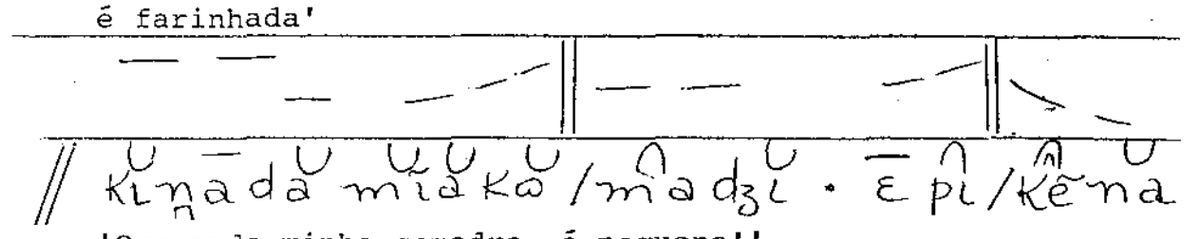
'Nunca fui malino, traquinas, ruim não'



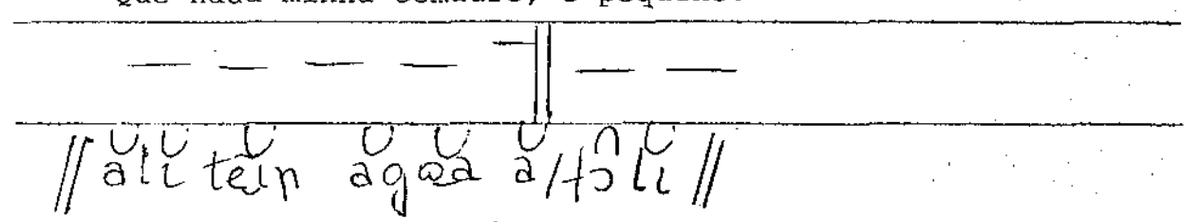
'Querendo chama forno, não querendo



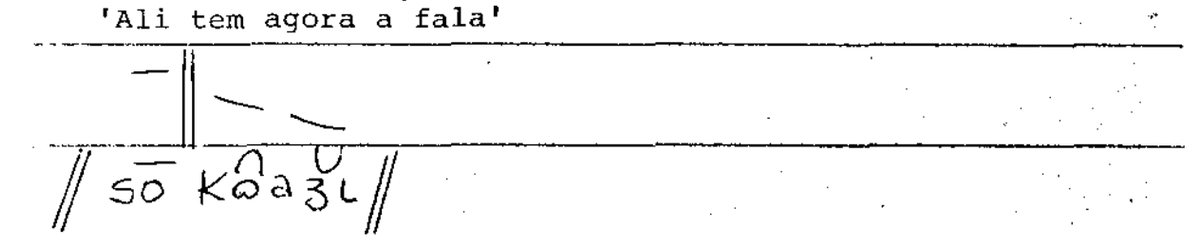
é farinhada'



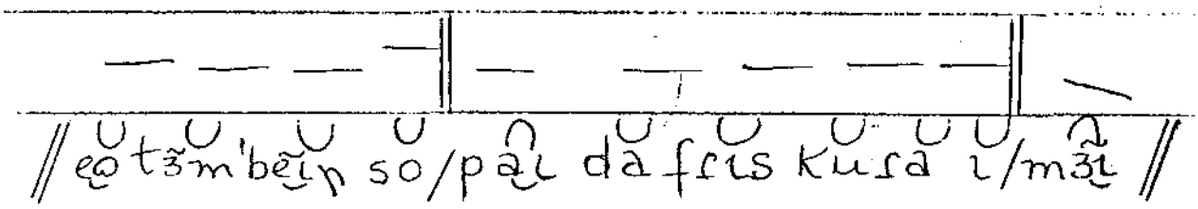
'Que nada minha comadre, é pequeno!'



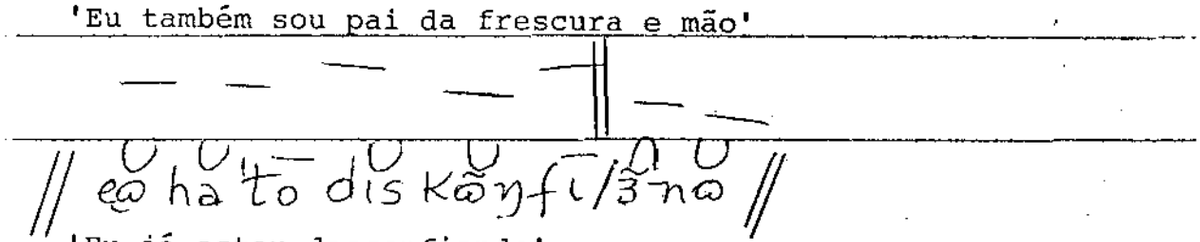
'Ali tem agora a fala'



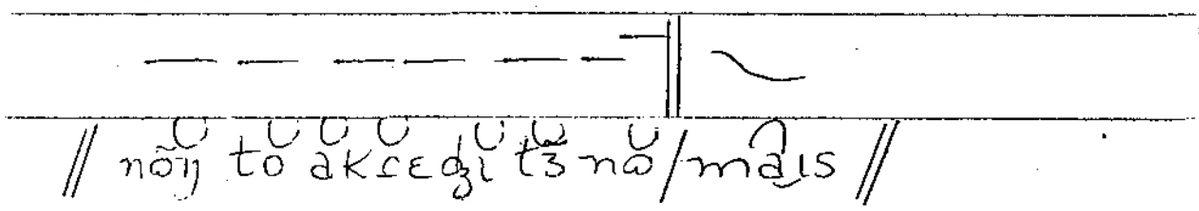
'Sou quase'



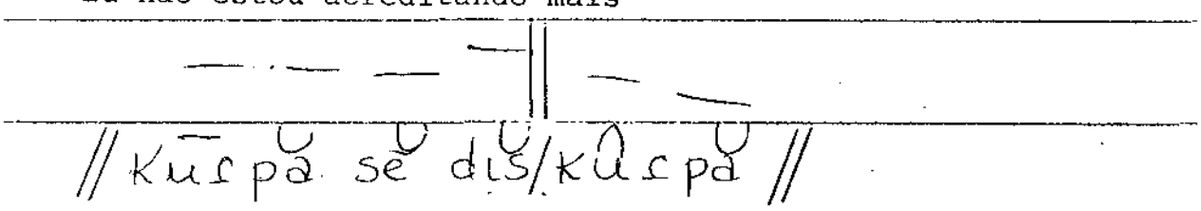
'Eu também sou pai da frescura e mão'



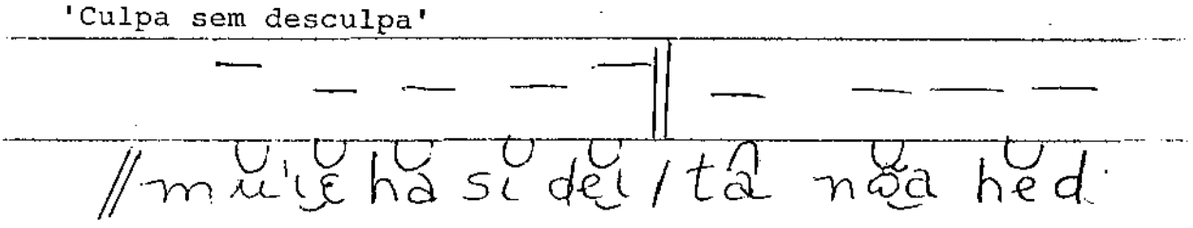
'Eu já estou desconfiando'



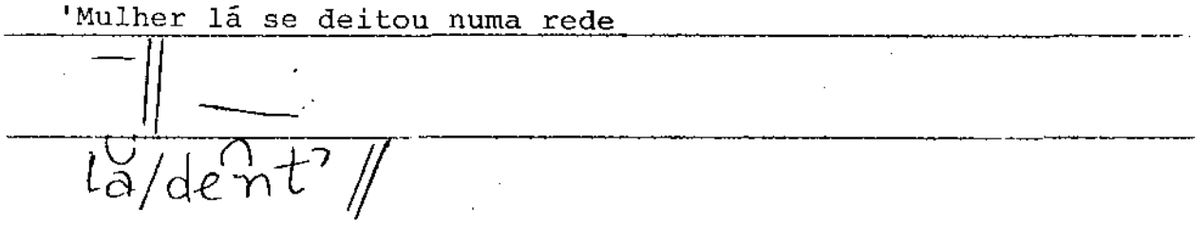
'Eu não estou acreditando mais'



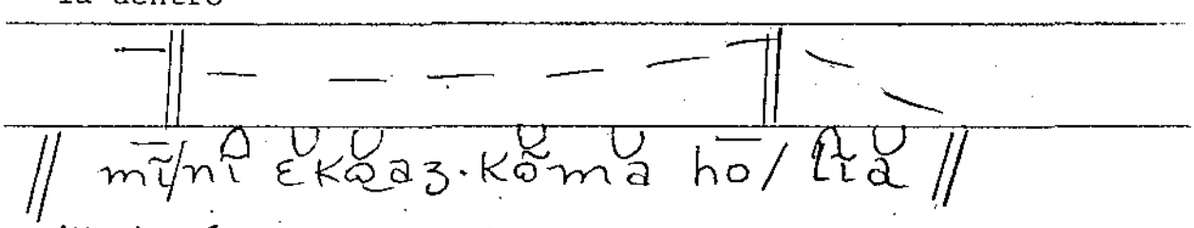
'Culpa sem desculpa'



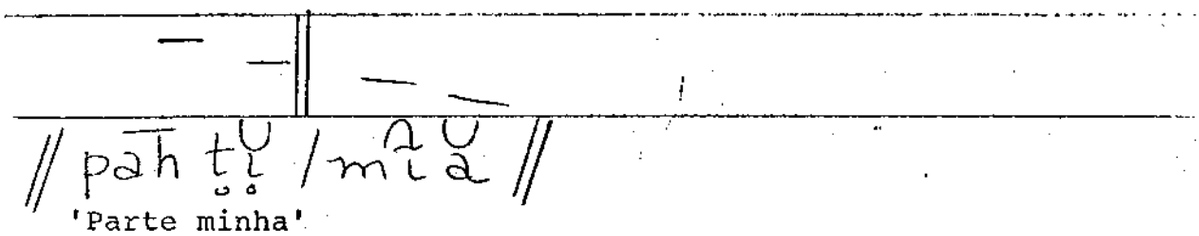
'Mulher lá se deitou numa rede



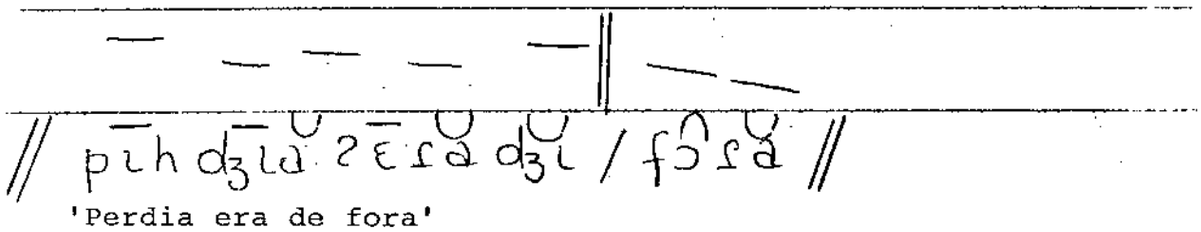
lá dentro'



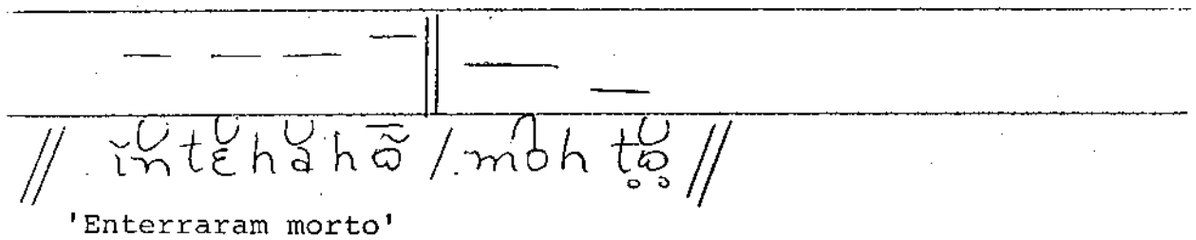
'Menino é quase como rolinha (rola, pequena pomba)'



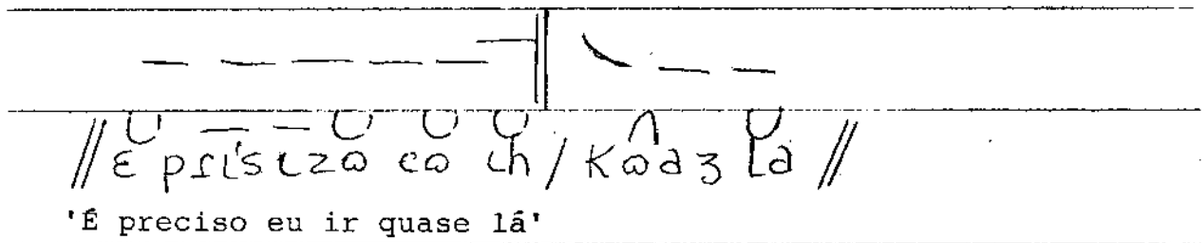
'Parte minha'



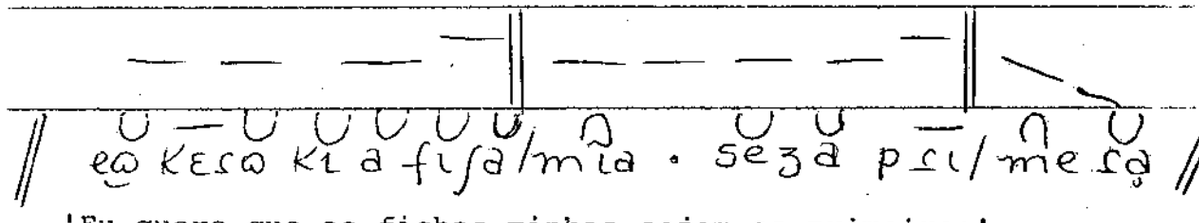
'Perdia era de fora'



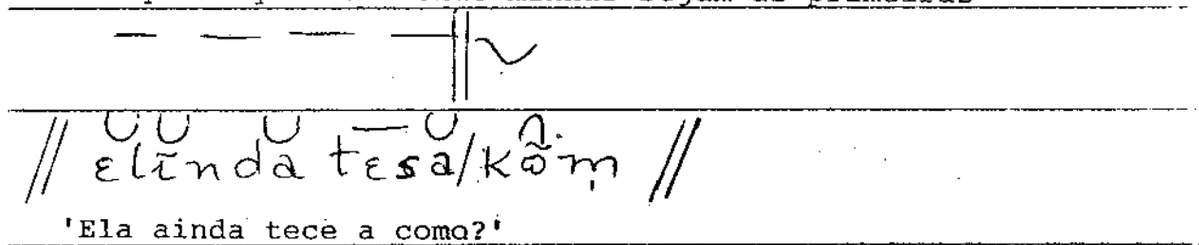
'Enterraram morto'



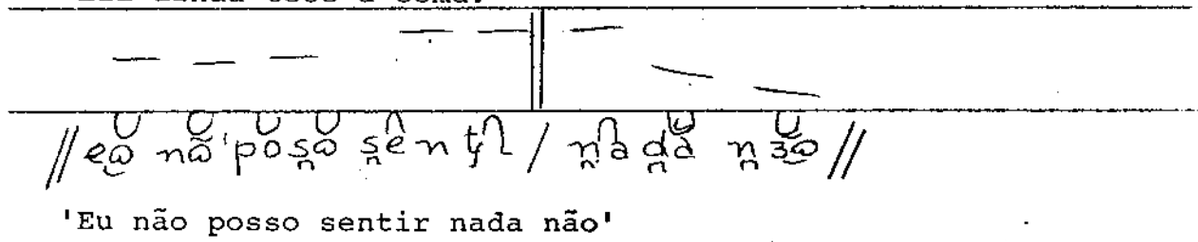
'É preciso eu ir quase lá'



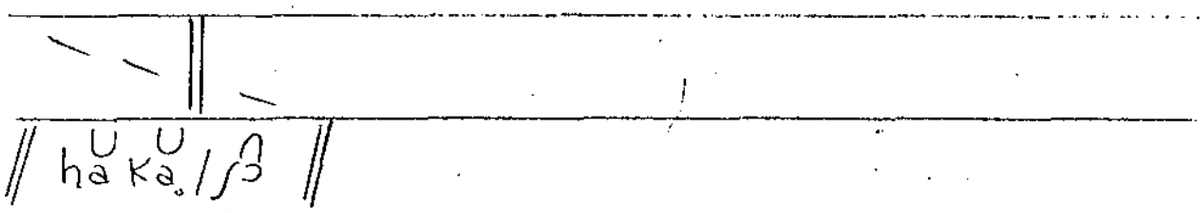
'Eu quero que as fichas minhas sejam as primeiras'



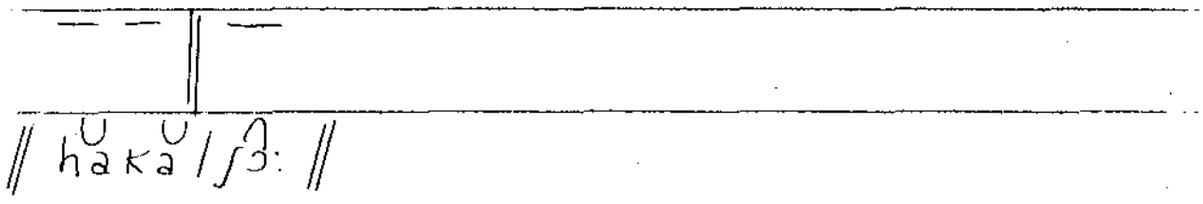
'Ela ainda tece a como?'



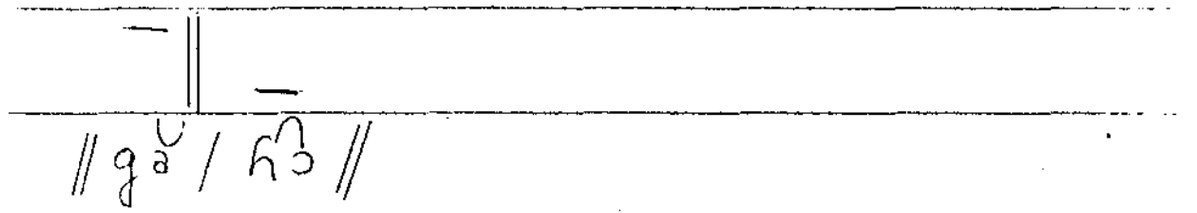
'Eu não posso sentir nada não'



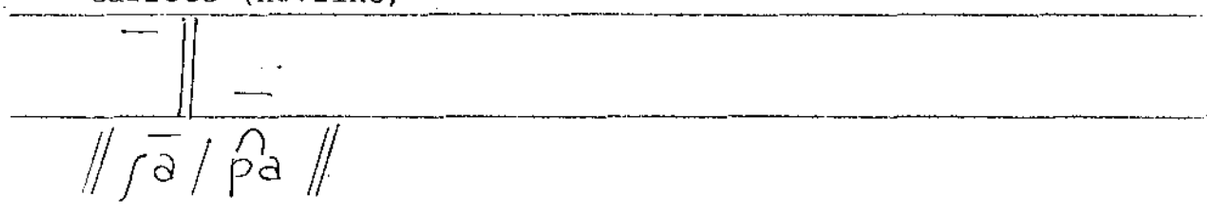
'Vaca chó (grande)'



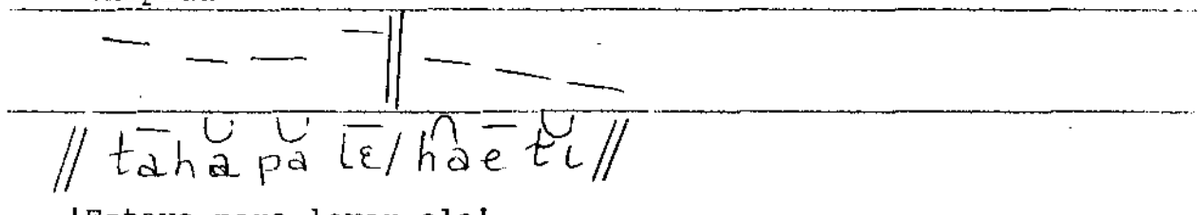
'Vaca chó'



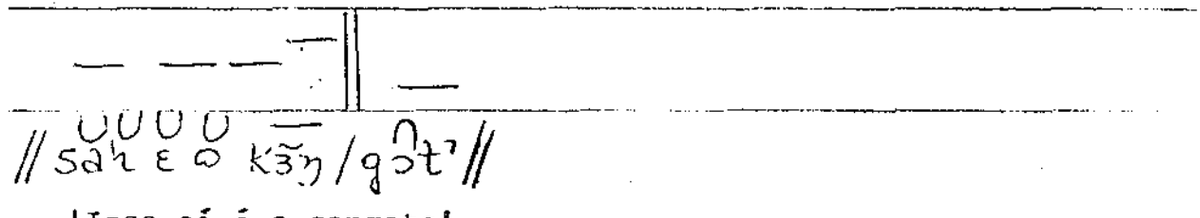
'Garrote (novilho)'



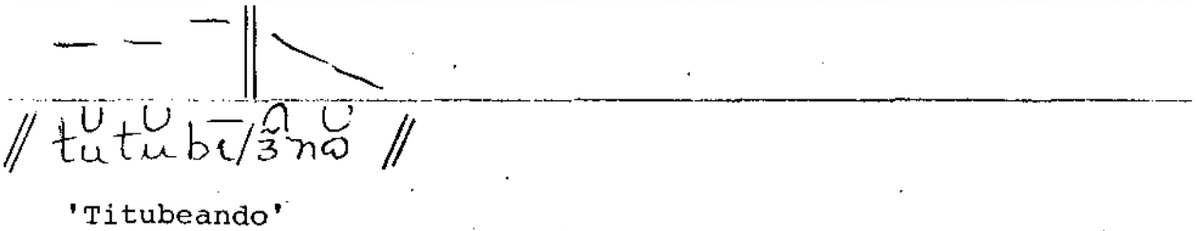
'Chapada'



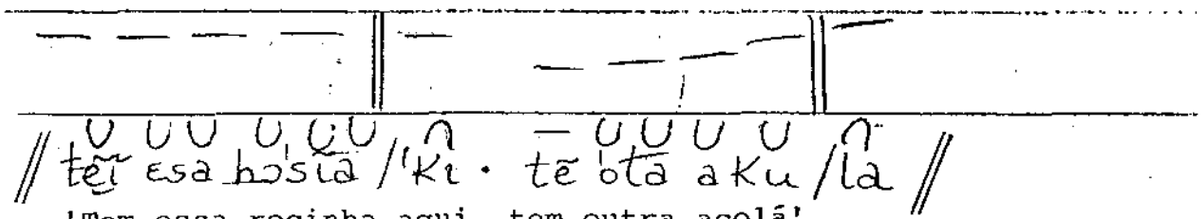
'Estava para levar ele'



'Isso aí é o cangote'

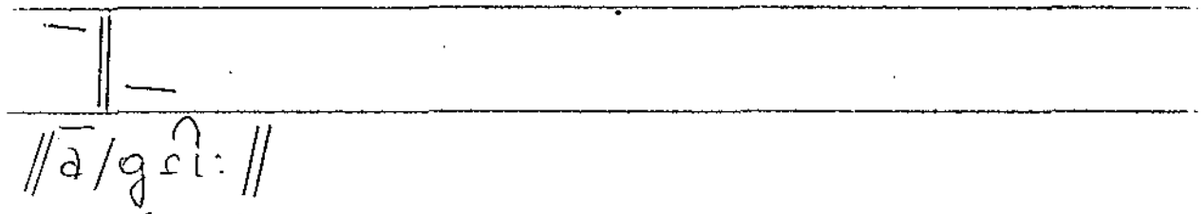


'Titubeando'

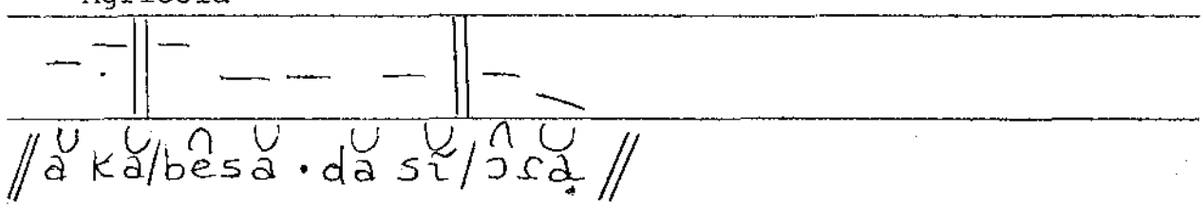


'Tem essa rocinha aqui, tem outra acolá'

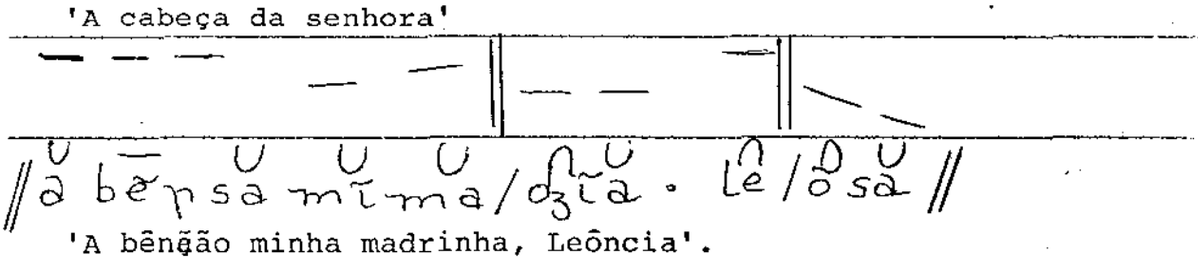
'É médio mesmo'



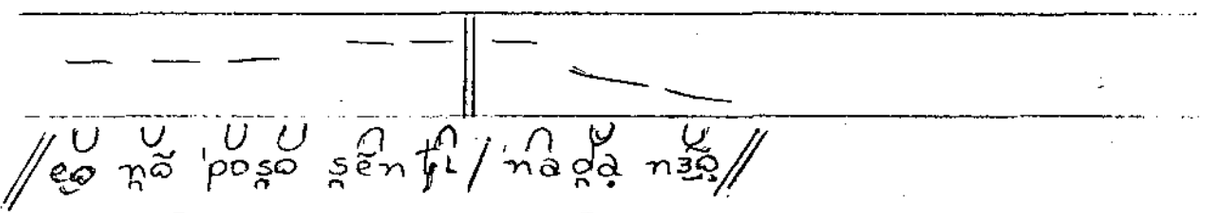
'Agrícola'



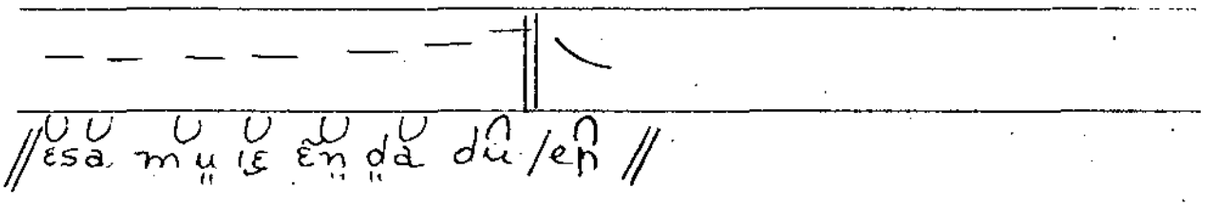
'A cabeça da senhora'



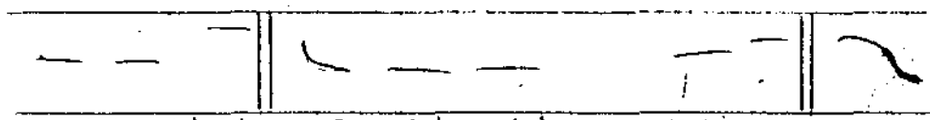
'A bênção minha madrinha, Leôncia'.



'Eu não posso sentir nada não'



'Essa mulher anda doente'



// nɔi sta / ka ha mah mals / lõzL //

'Nós se casa mais longe'

[ă'bɾɔ̂b'], [ɜ̃̆'zɔ̂t] , ['hɛ̃̂dă] ~ [ɦẽnd̥]

'abóbora' 'azul' 'arrenda (3ª pessoa)'

[ā sɪʃ'ʈɪ̂:] ~ [ā ʃɪʃ'ʈɪ̂:] , ['bɾûə̆a] , ['bɔ̃̂bă]

'assistir' 'blusa' 'bomba'

[kā'sâsă] ~ [kā'sâʃă] ~ [kā'ʃâ:ʃ] ~ [kā'ʃâsḁ]

'cabaça'

[kā'ɦâ:]

'cajá'

['kâo̯sḁ] ~ [kâo̯ s̪ă] ~ ['kâo̯θḁ]

'calça'

[kɜ̃̄'mɪ̂:θ] ~ [kɜ̃̄'mɪ̂:s] ~ [kɜ̃̄'mɪ̂:zə̆]

'camisa'

[kɪ̃̂'se̯ɪ] , [kă'hâ:] , [kă'ɦâ:]

'cansei' 'casar' 'cavar'

[ʃe:] ~ [ʃeɪ̯] , ['kɪ̂mɒ̆] ~ ['kɪ̃m̩̆]

'cheio' 'como (3ª pessoa)'

['dẽ̂nɒ̆] ~ ['dɜ̃̂nɒ̆] , [de:ʃ] , ['dẽ̂nt̬ʃɪ̥]

'dando' 'deixe' 'dente'

['dɔ̂ɪ̥̆] , ['nd̂ɔɪ̥̆] , [mbẽ̆nɪ'zɑ̂:dɒ̆]

'dois' 'esterelizado'

['fɑ̂:sɒ̥̆] ~ ['fɑ̂:ʃɒ̆] , [fɑ̂'ʃɪ̃̂ɑ̆] ~ [vɑ̂'ʃɪ̃̂ɑ̆] ~ [hɑ̆'ʃɪ̃̂ɑ̆]

'faço' 'farinha'

[fɛ̂'hɜ̃̆ɒ̆] , ['fʃɛ̂vɪ̆] , ['gɑ̂ɒ̆fɒ̆] , [gɑ̄'hɔ̂:t] ~ [gɑ̄'hɔ̂:]

'feijão' 'ferve' 'garfo' 'garrote (novilho)'

[ŋ̍gɔ̂ɛ̯lɑ̥̆] ~ ['gɔ̂ɛ̯lɑ̆] , ['lê:tɪ̆] ~ ['lêɪ̯tɪ̆]

'goela' 'leite'

['lɔ̂hɖɪ̆] , [mɜ̃ɒ̆] ~ [ʔmɜ̃ɒ̆]

'lord (anglicismo)' 'mão'

[pa lɪ'to:] ~ [pɜ̃'to:] [pɛʃ'tɜ̃ ɲa] ~ [pɛʃ'tɜ̃ ɲa]

'paletó' 'pestana'

[pa ɦu'a:] ~ [pa̯ɷ vɔ'a:], ['pɾe θɷ] ~ ['pɾe t̪ɷ] ~ ['pɾe fɪ]

'povoado' 'pret o'

[kɔ̃ si:ga], ['o:tɤ], [u've:a], [u'ɦe:a], ['ɦa:sa]

'consiga' 'outra' 'ovelha' 'raça'

[ɦa:d̥ɪ̥] ~ [ɦa:d̥], [ɦa:tɷ], ['ɾa tɷ̥],

'rádio' 'rato'

[ɦe:d̥ɪ̥] ~ [ɦe:d], ['ɦoʃ tɷ] ~ ['ɾoʃ tɷ̥]

'rede' 'rosto'

[ʂa'pa tɷ] ~ [ʃa'pa:], [sɛh'tɜ̃ɷ],

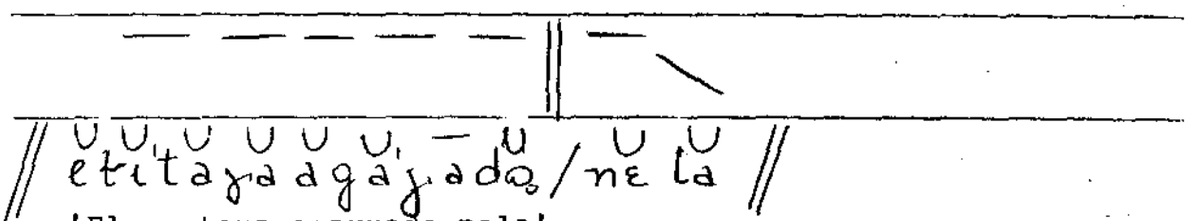
'sapato 'sertão'

['te̯ɷ mɷ̥] ~ [tẽ:mɷ̥], ['tɛʃ ta], [tu'a da]

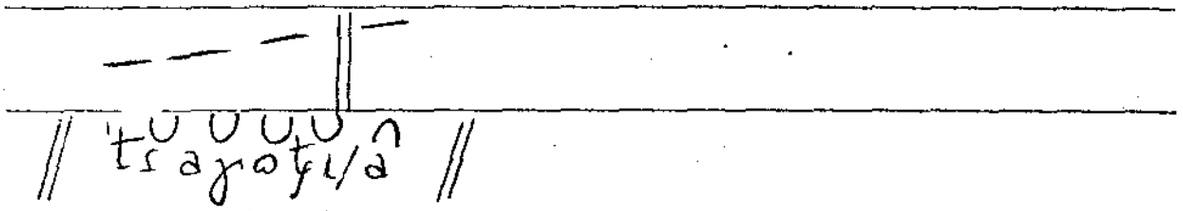
'temor' 'testa' 'toada'

[to:'ma:] ~ [tɔo'ma:], [õm'bu], ['hỹto]

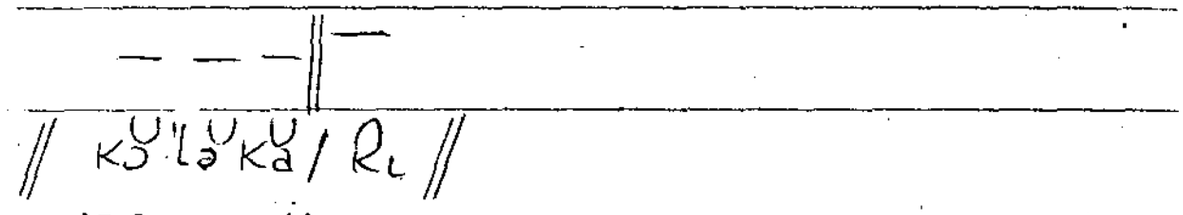
'tomar' 'umbu' 'visto'



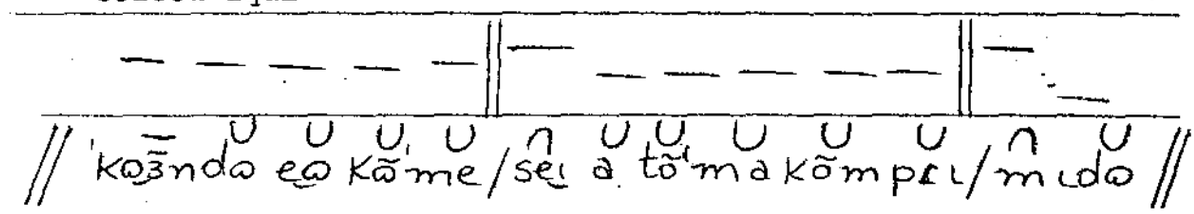
'Ele estava agarrado nela'



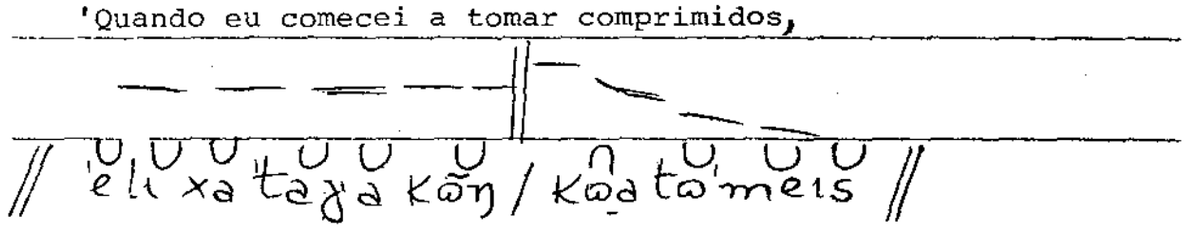
'Traz o tear'



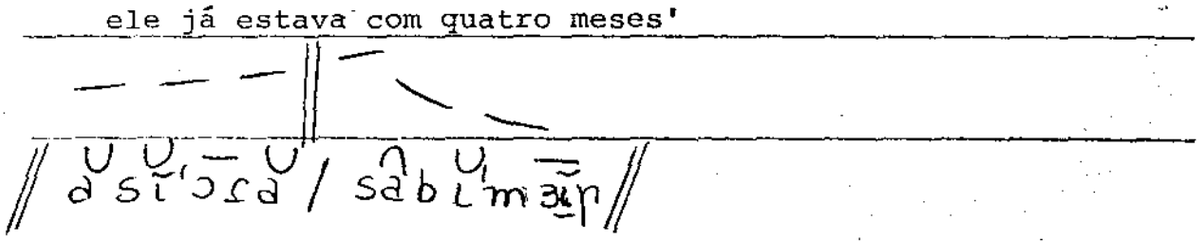
'Coloca aqui'



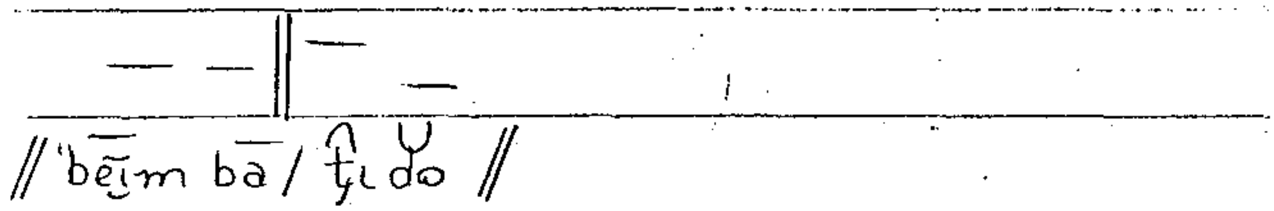
'Quando eu comecei a tomar comprimidos,



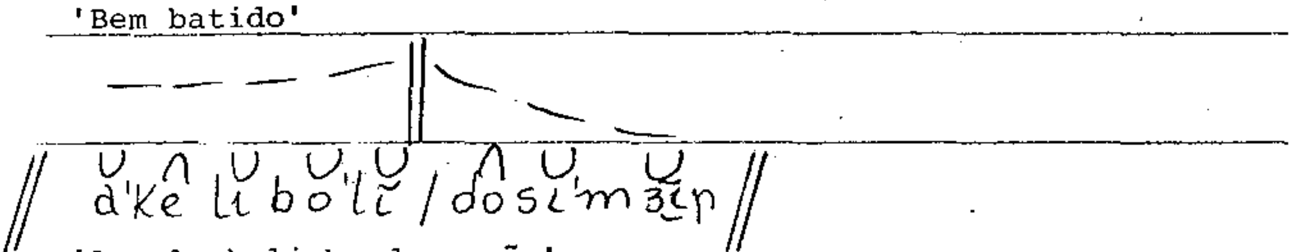
ele já estava com quatro meses'



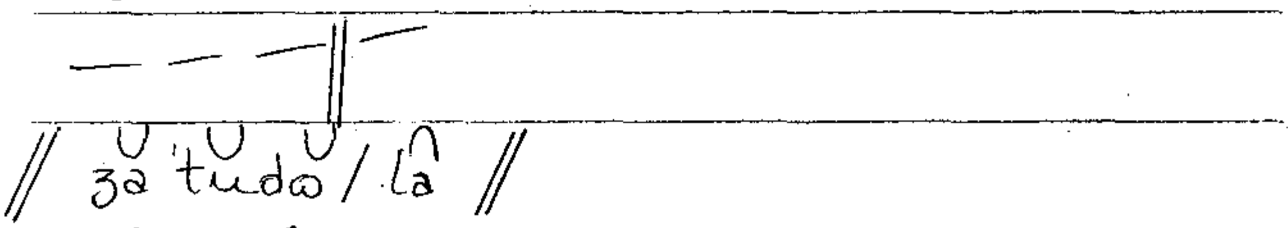
'A senhora sabia mãe'



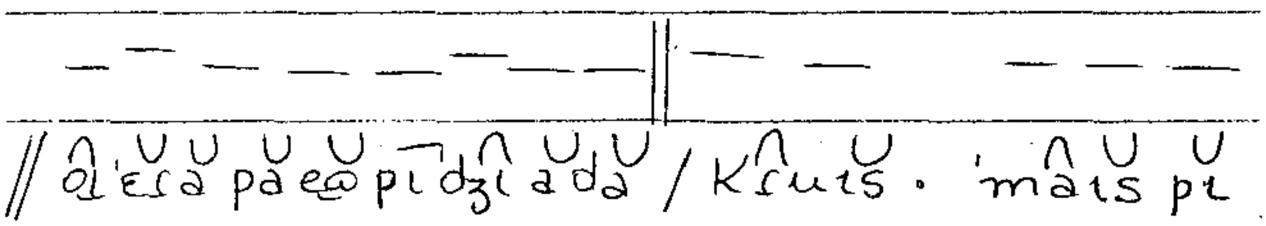
'Bem batido'



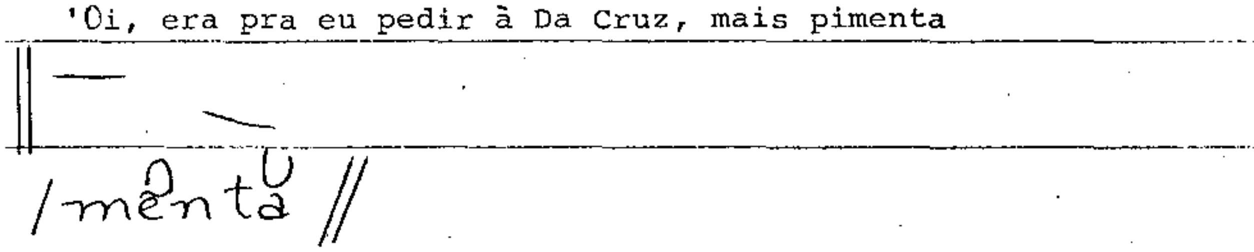
'Aquele bolinho doce mãe'

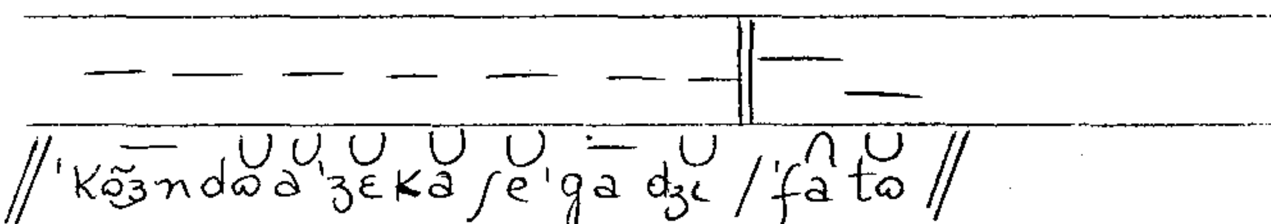


'Já tudo lá'

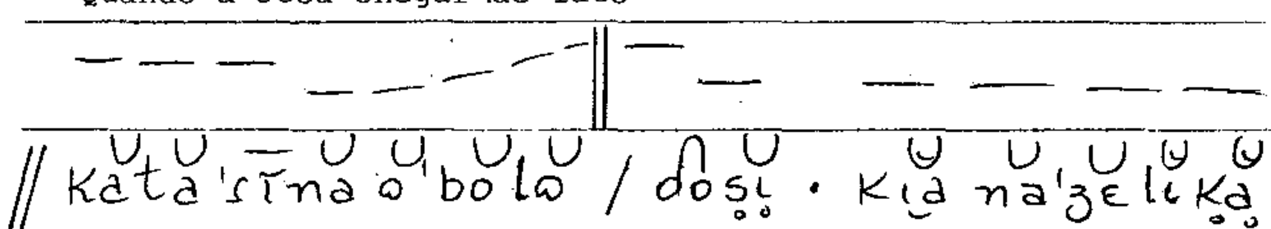


'Oi, era pra eu pedir à Da Cruz, mais pimenta

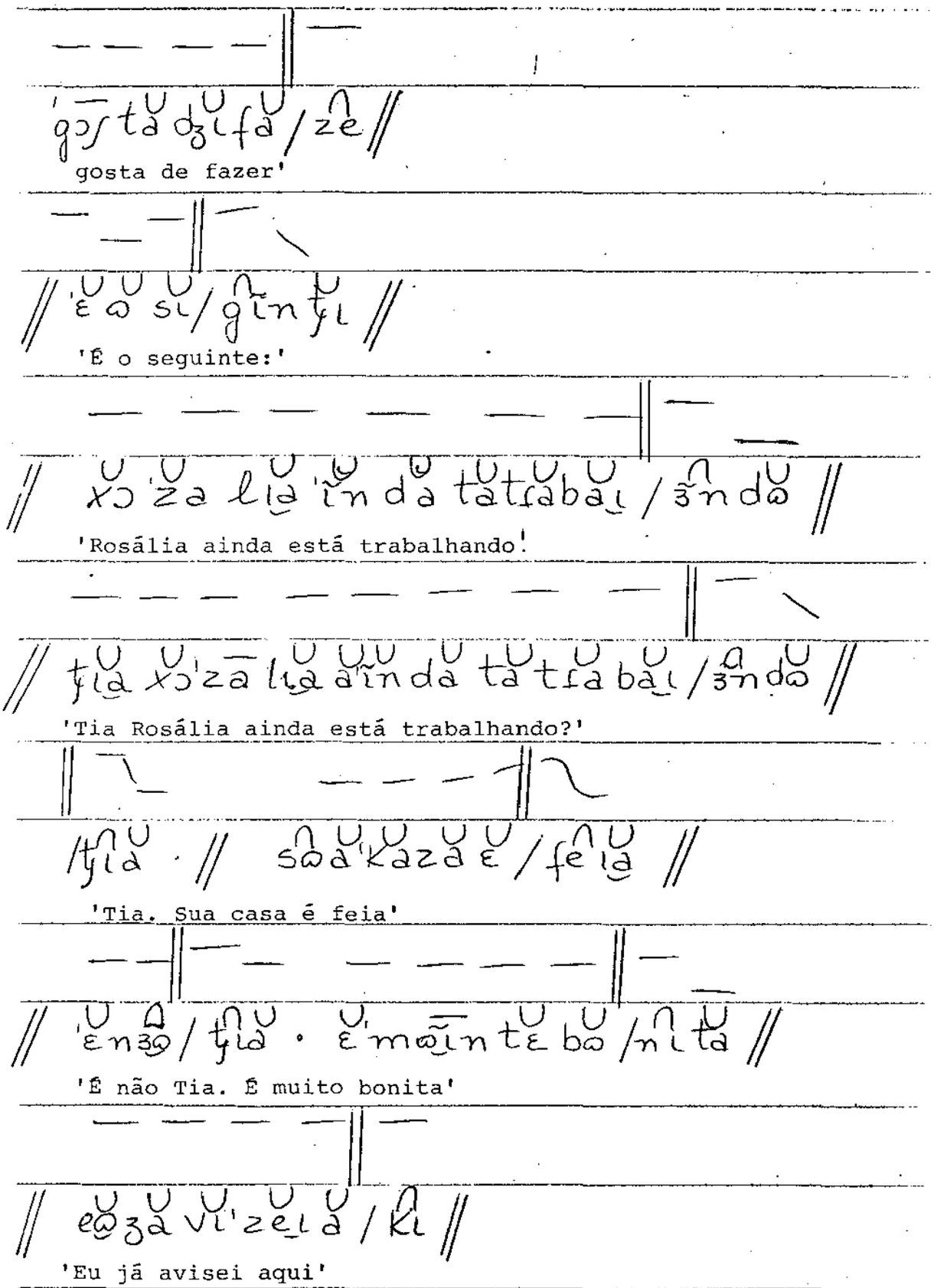




'Quando a Jeca chegar de fato'



'Catarina, o bolo doce, que a Ana Angélica



gosta de fazer'

'É o seguinte:'

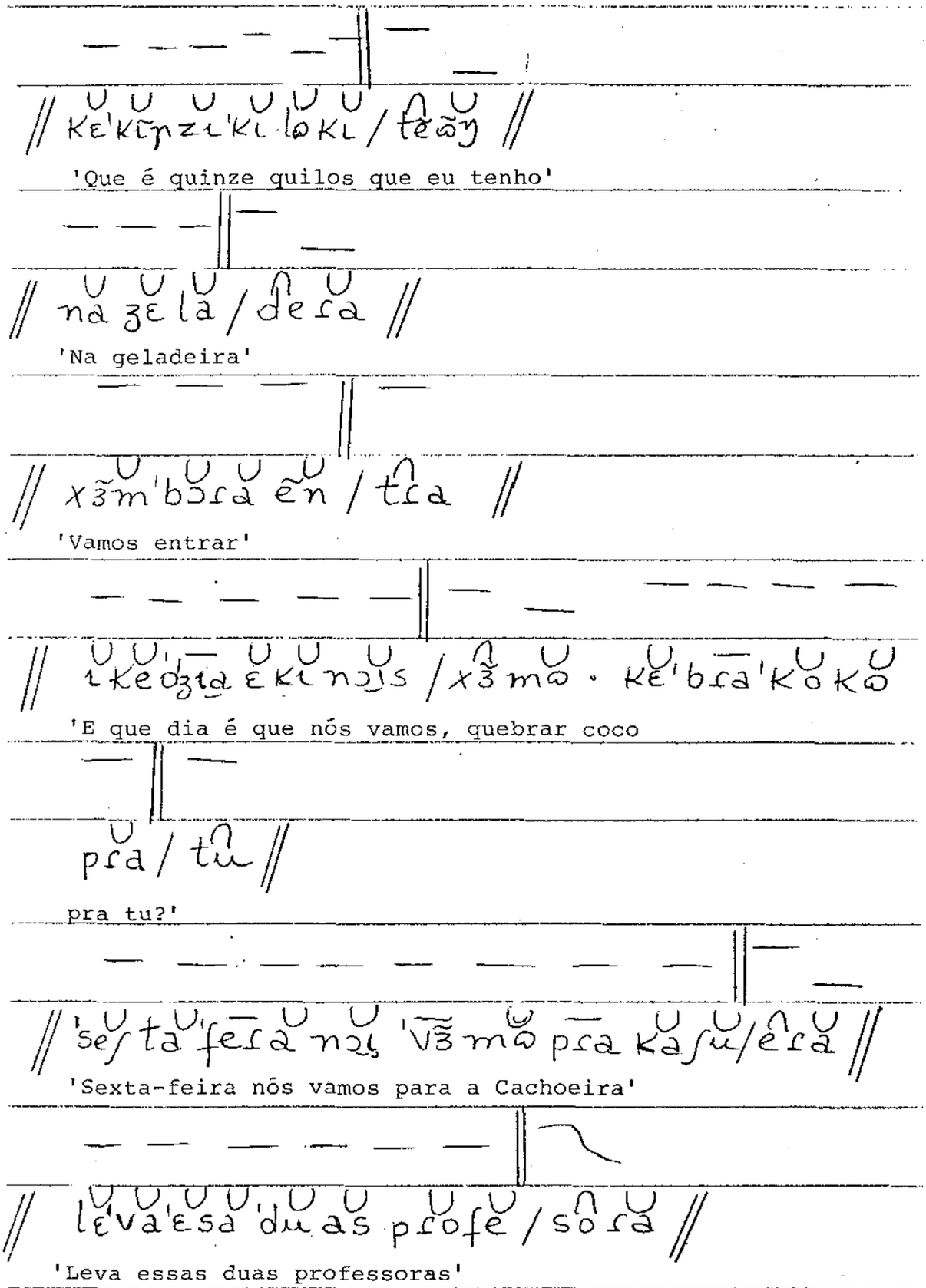
'Rosália ainda está trabalhando!

'Tia Rosália ainda está trabalhando?'

'Tia. Sua casa é feia'

'É não Tia. É muito bonita'

'Eu já avisei aqui'



'Que é quinze quilos que eu tenho'

'Na geladeira'

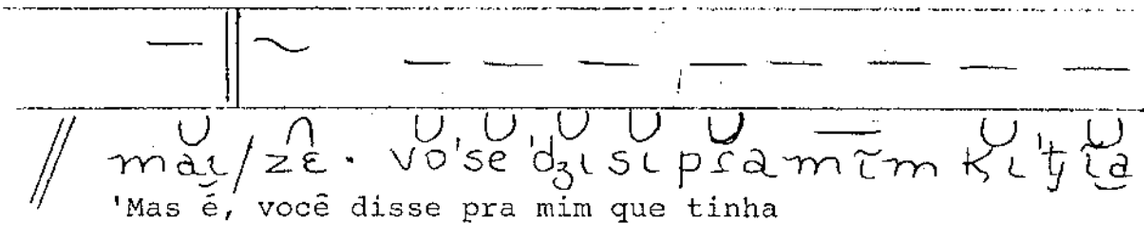
'Vamos entrar'

'E que dia é que nós vamos, quebrar coco

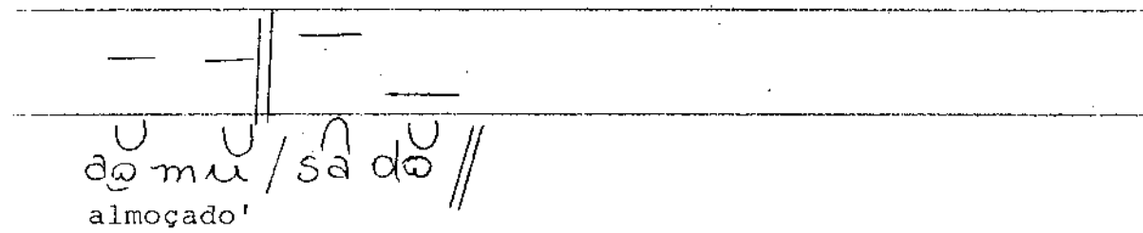
pra tu?'

'Sexta-feira nós vamos para a Cachoeira'

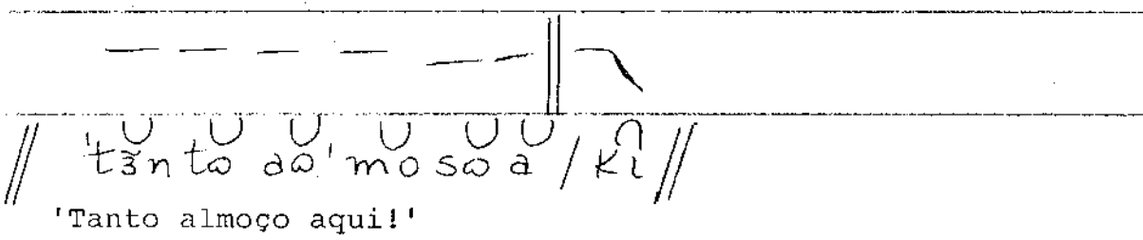
'Leva essas duas professoras'



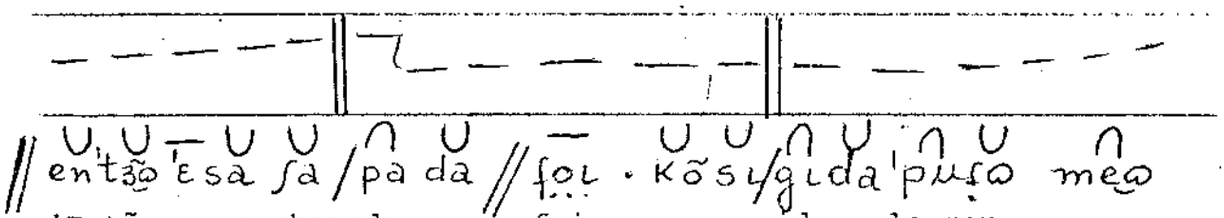
'Mas é, você disse pra mim que tinha



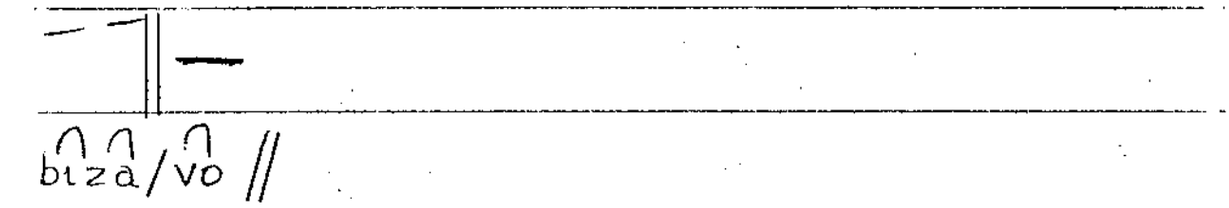
almoçado'



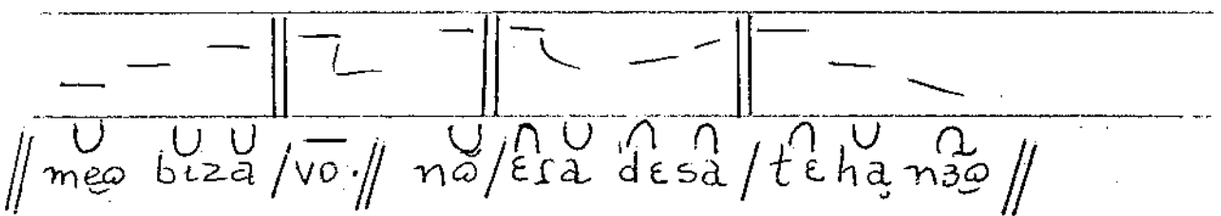
'Tanto almoço aqui!'



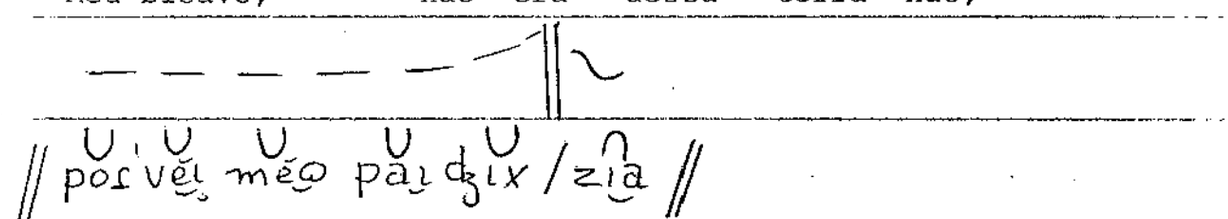
'Então essa chapada, foi conseguida pelo meu



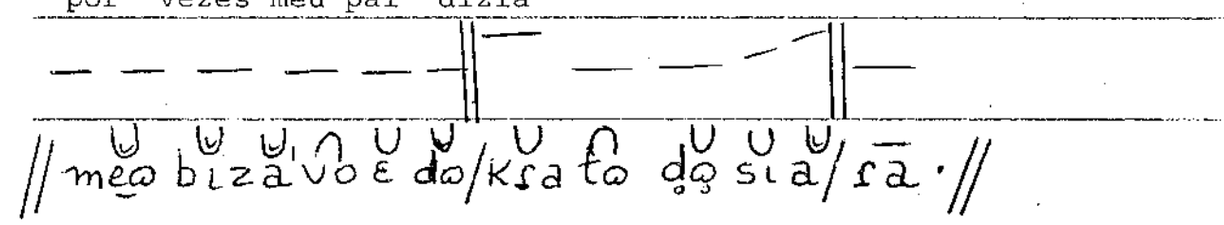
bisavô'



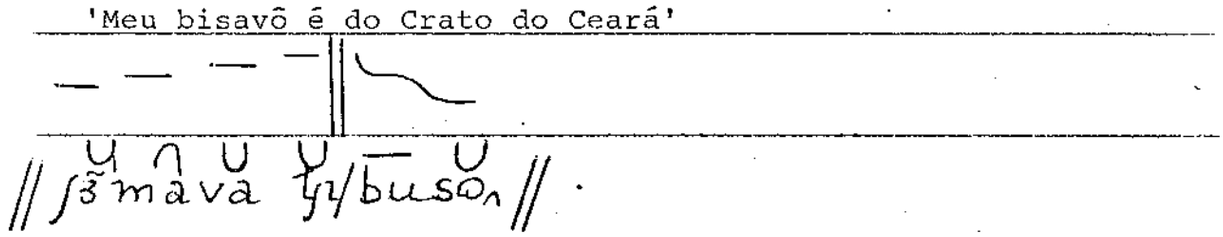
'Meu bisavô, não era dessa terra não,



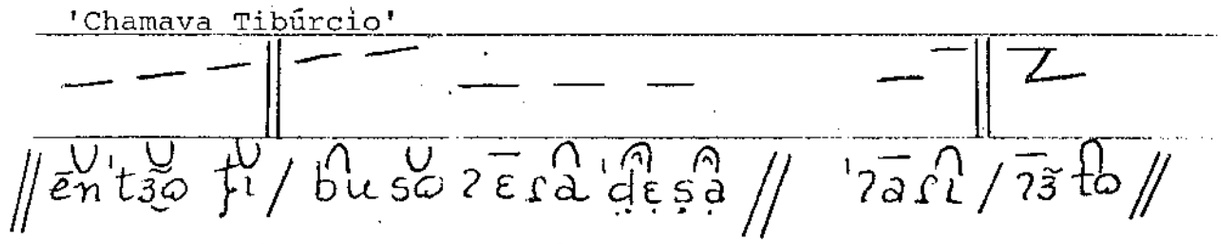
por vezes meu pai dizia'



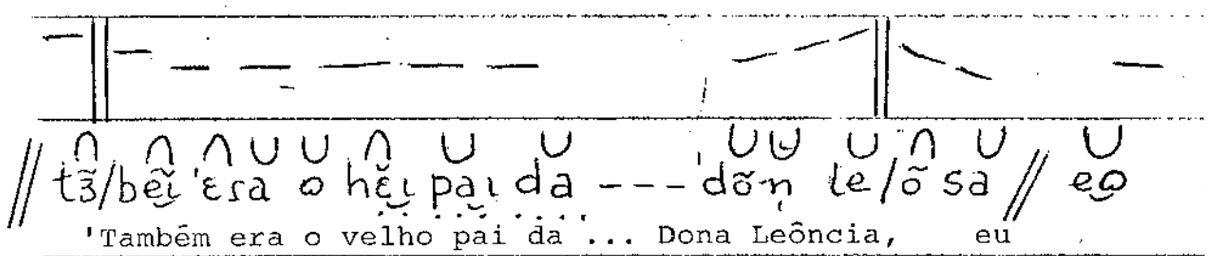
'Meu bisavô é do Crato do Ceará'



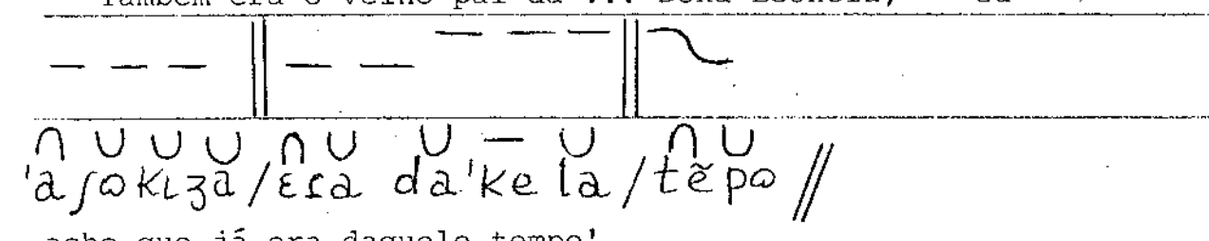
'Chamava Tibúrcio'



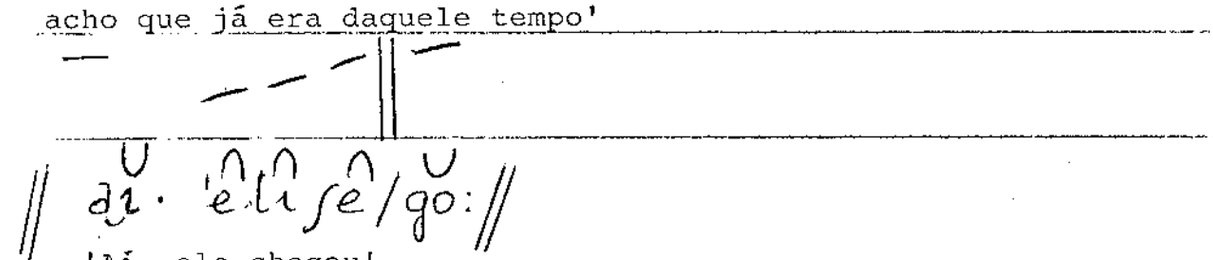
' Então Tibúrcio era dessa área Canto'



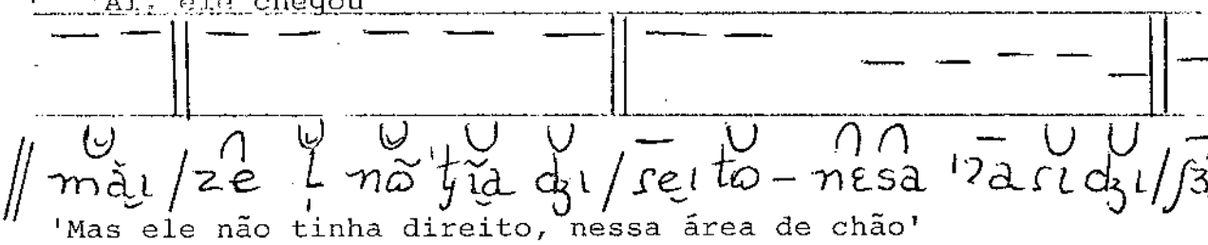
'Também era o velho pai da ... Dona Leôncia, eu



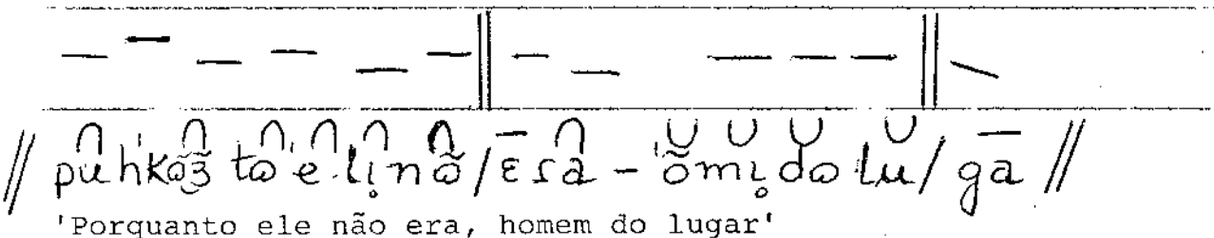
acho que já era daquele tempo'



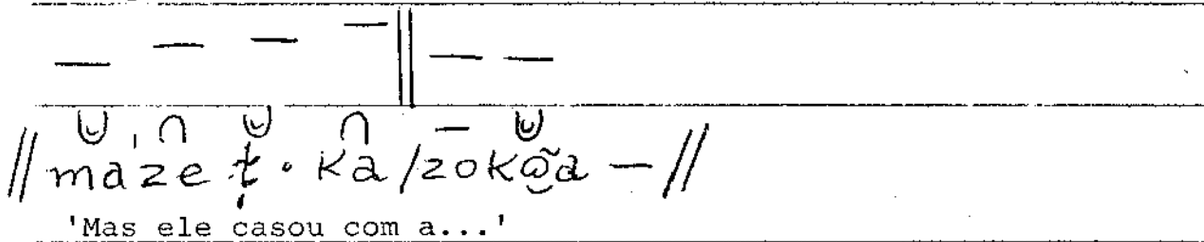
'Aí, ele chegou'



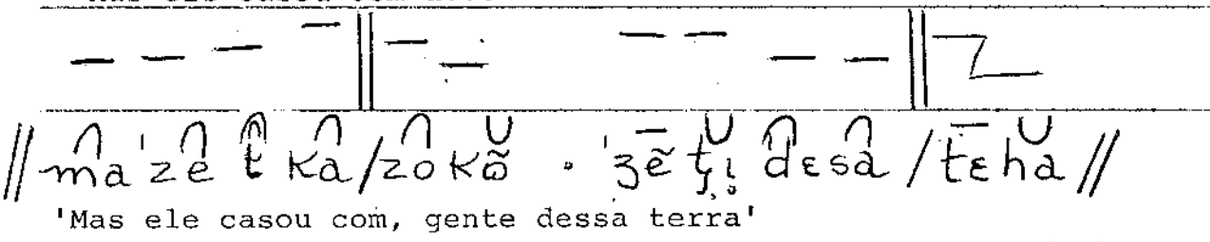
'Mas ele não tinha direito, nessa área de chão'



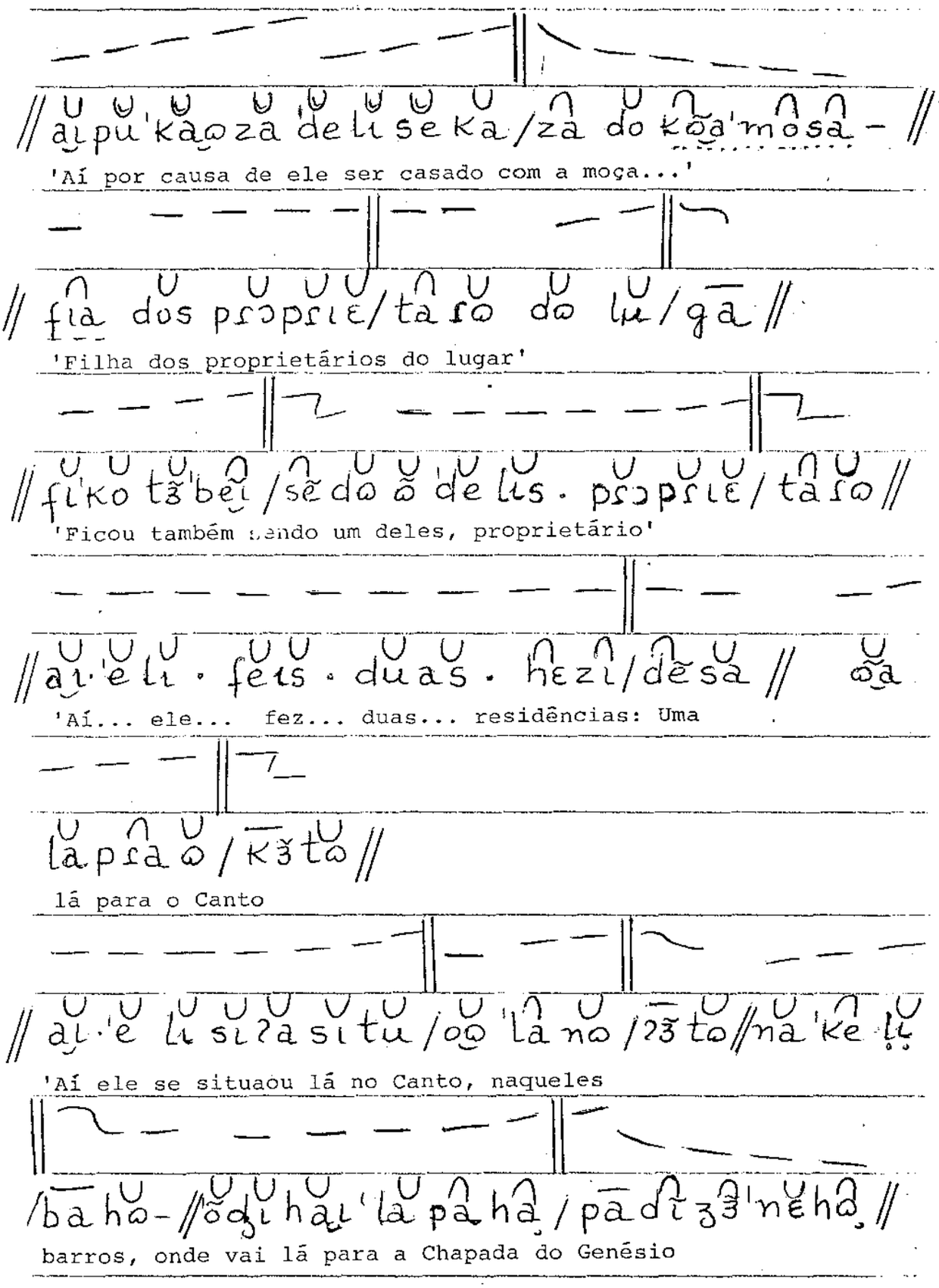
'Porquanto ele não era, homem do lugar'



'Mas ele casou com a...'



'Mas ele casou com, gente dessa terra'



'Aí por causa de ele ser casado com a moça...'

'Filha dos proprietários do lugar'

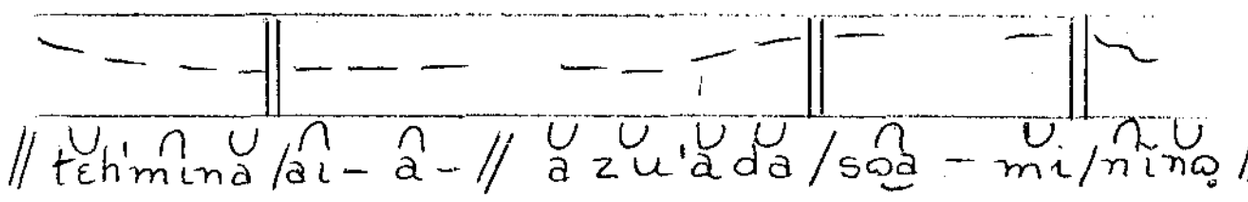
'Ficou também sendo um deles, proprietário'

'Aí... ele... fez... duas... residências: Uma

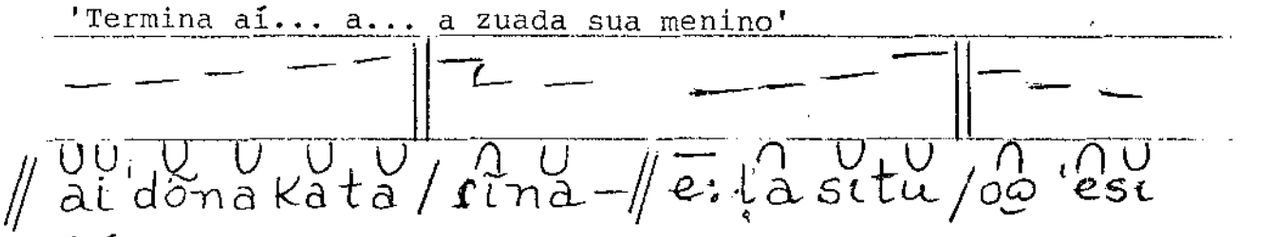
lá para o Canto

'Aí ele se situaou lá no Canto, naqueles

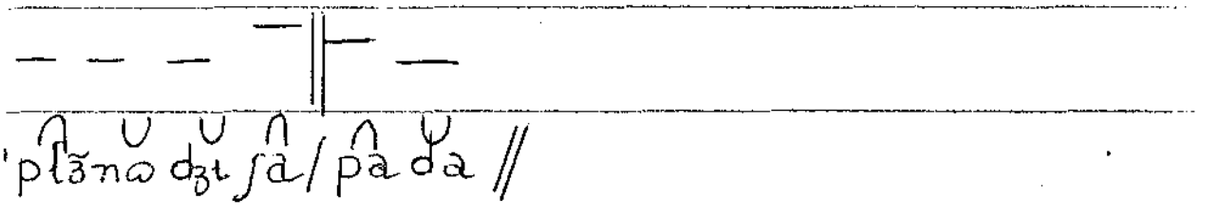
barros, onde vai lá para a Chapada do Genésio



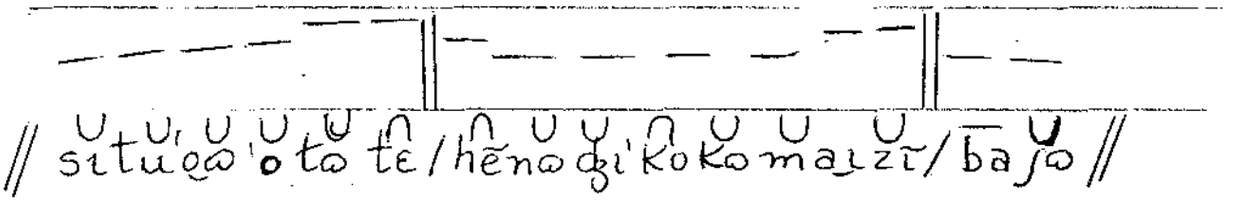
'Termina aí... a... a zuada sua menino'



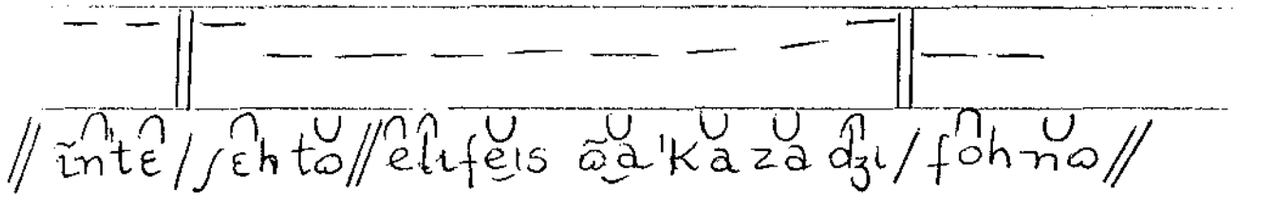
'Aí, Dona Catarina: ele situou esse



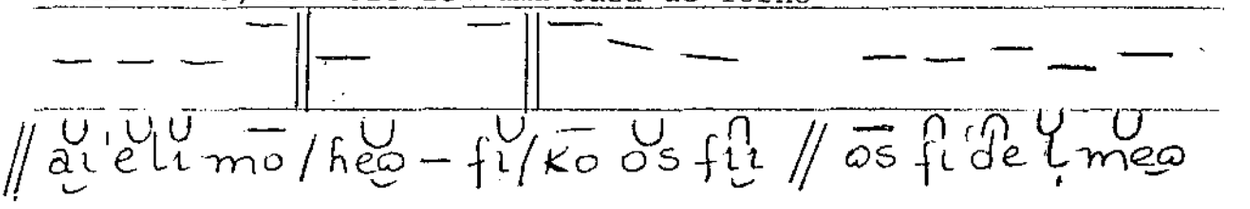
plano de chapada'



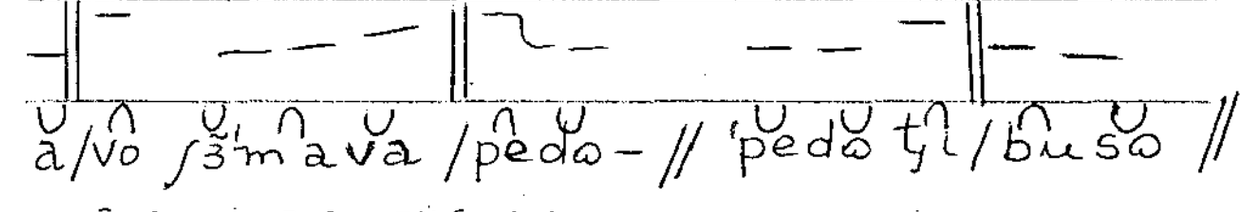
'Situou outro terreno de coco mais embaixo'



'Até certo, ele ele fez uma casa de forno'



Aí ele morreu, ficou os filhos. Os filhos dele meu



avô chamava Pedro Tibúrcio'

// pedo tʃi/bu so fi'komɔ'rɛ̃do 'la nos/ba ho — //

Pedro, Pedro Tibúrcio só ficou morando lá nos barros'

// na primera mɔ'rada / deli — ai 'e li ka/zoo — //

'Na primeira morada dele, aí ele casou

// vei i boto: a/ki //esi plɜ̃no dʒi ʃa/pada — //

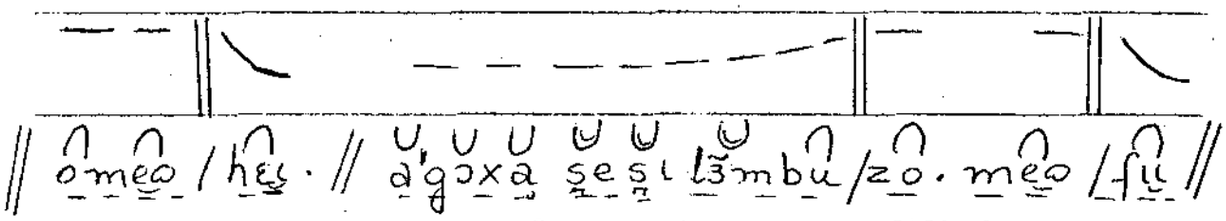
veio e botou, aqui, esse plano de chapada'

// ʃɜ̃'ma va kɜ̃/milo da 'fɛ dʒi ʒɛ/zuis //

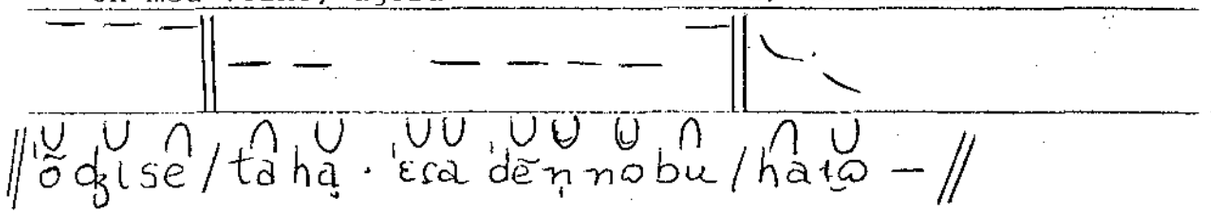
'Chamava Camilo da Fé de Jesus'

// levɜ̃/to ɑ̃a 'kaza dʒiavia/meto //

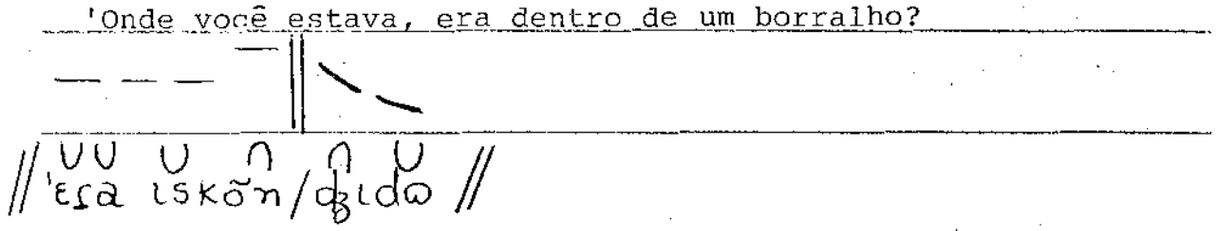
'Levantou uma casa de aviamento'



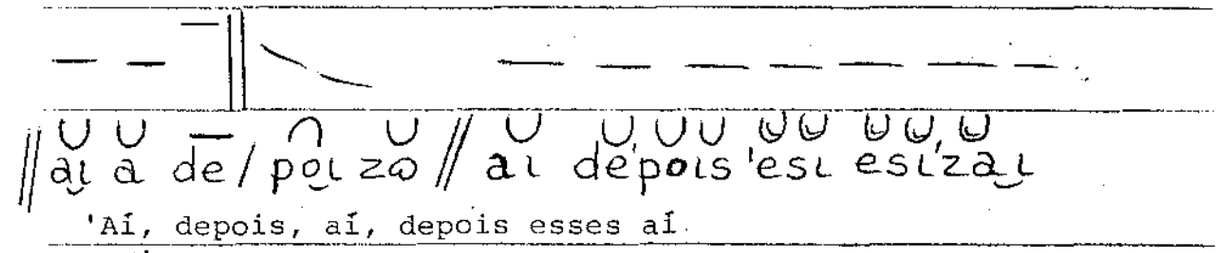
'Oh meu velho, agora você se lambuzou, meu filho'



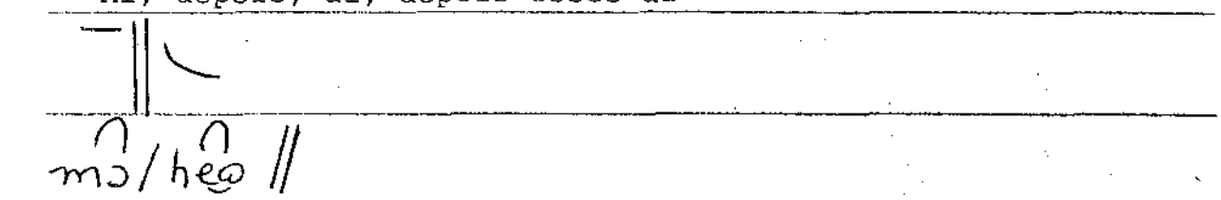
'Onde você estava, era dentro de um borralho?



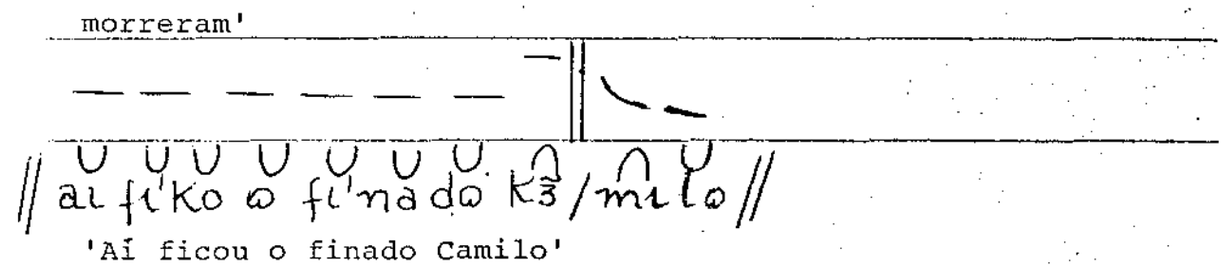
'Era escondido'



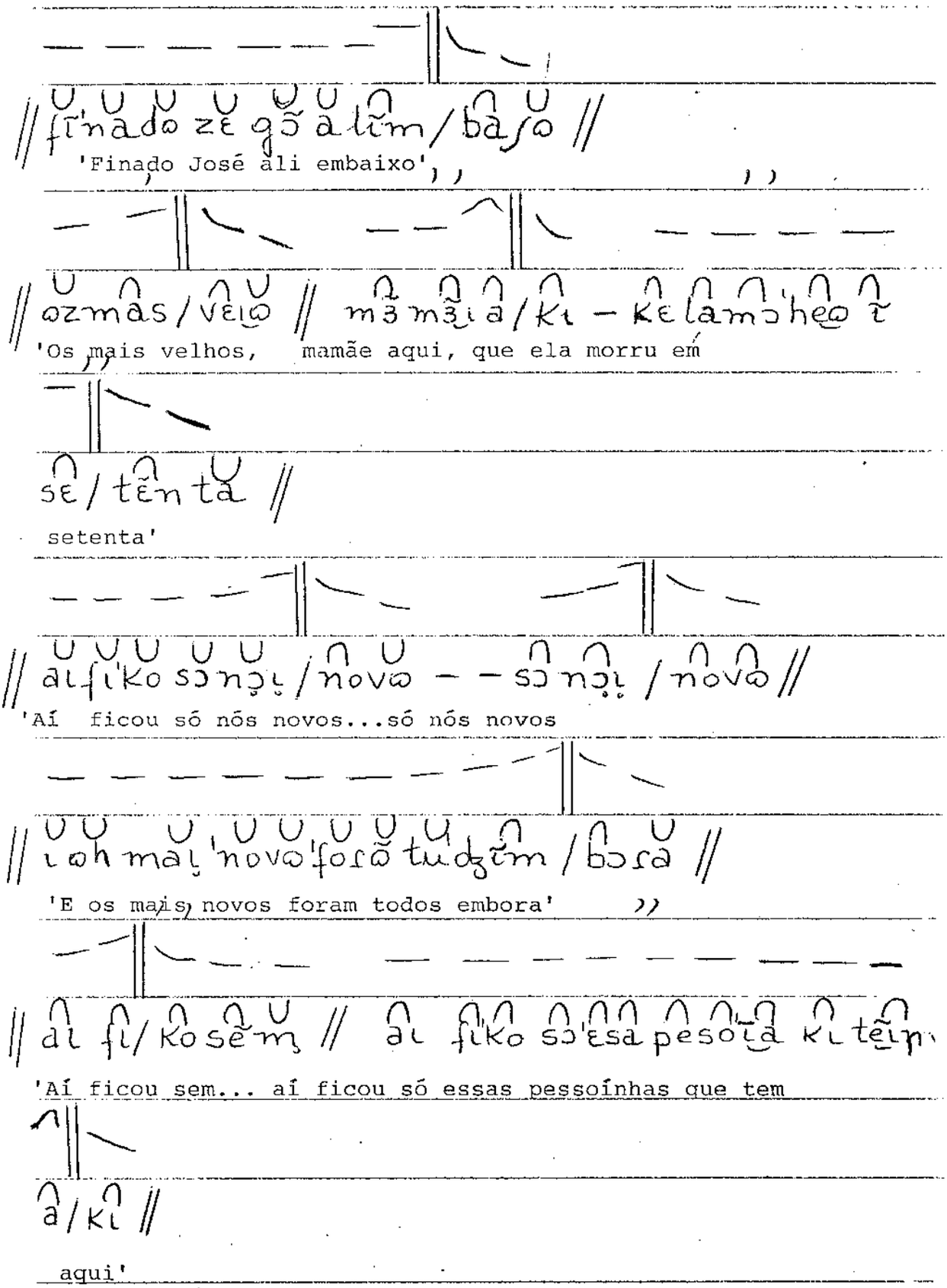
'Aí, depois, aí, depois esses aí



morreram'



'Aí ficou o finado Camilo'



'Finado José ali embaixo'

'Os mais velhos, mamãe aqui, que ela morru em

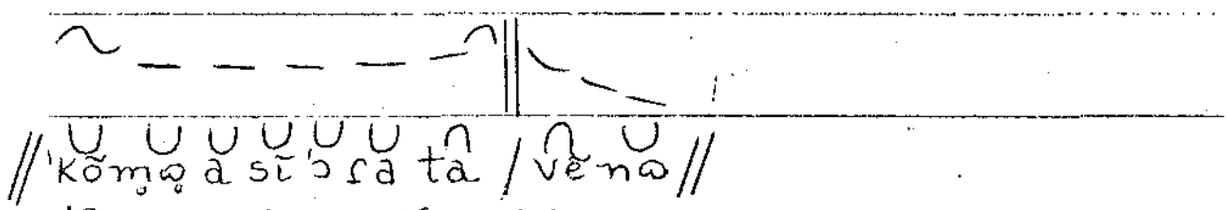
setenta'

'Aí ficou só nós novos...só nós novos

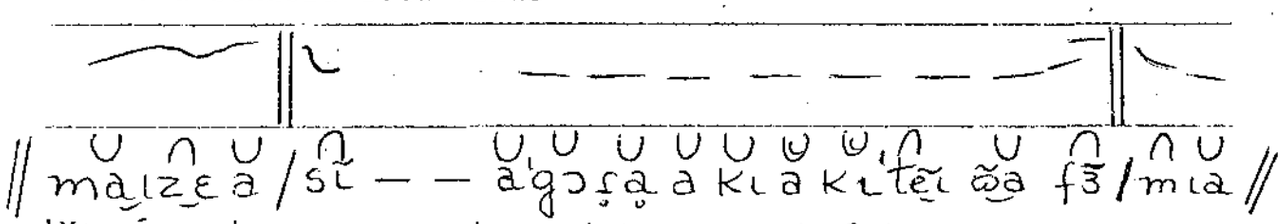
'E os mais novos foram todos embora'

'Aí ficou sem... aí ficou só essas pessoínhas que tem

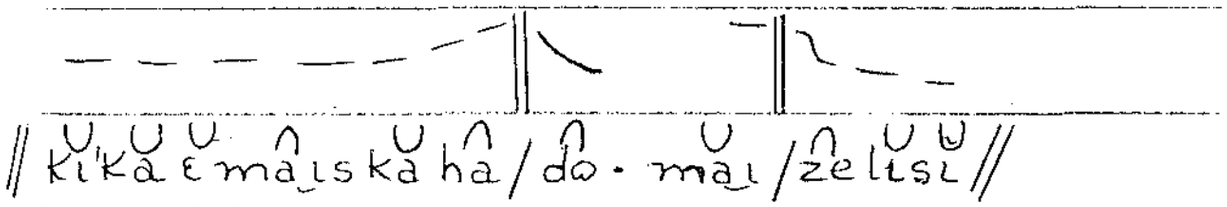
aqui'



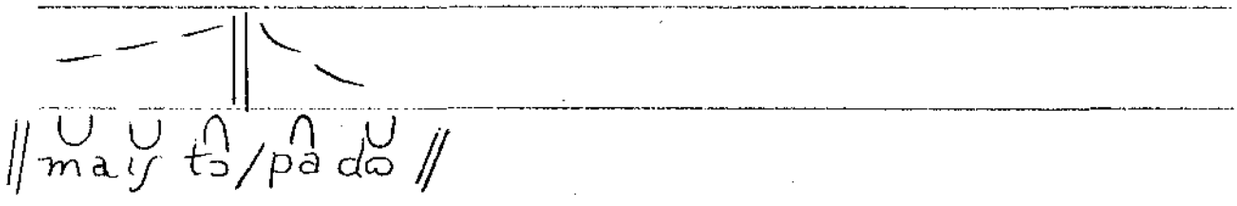
'Como a senhora está vendo'



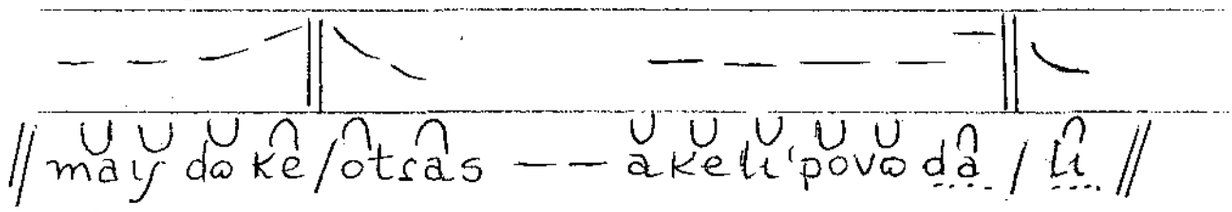
'Mas é assim; agora aqui, aqui tem umas famílias'



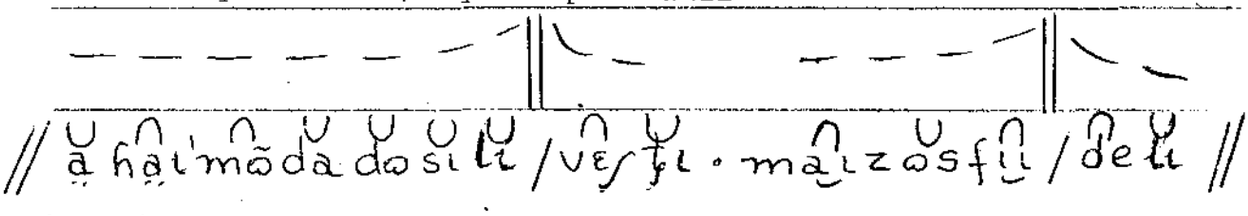
'Aqui, cá é mais casador, mais eles



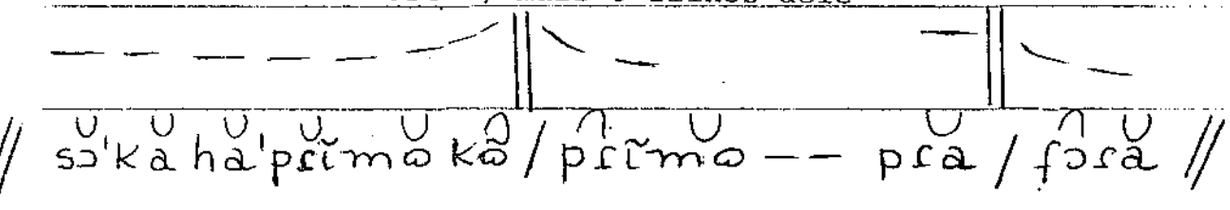
mais topado'



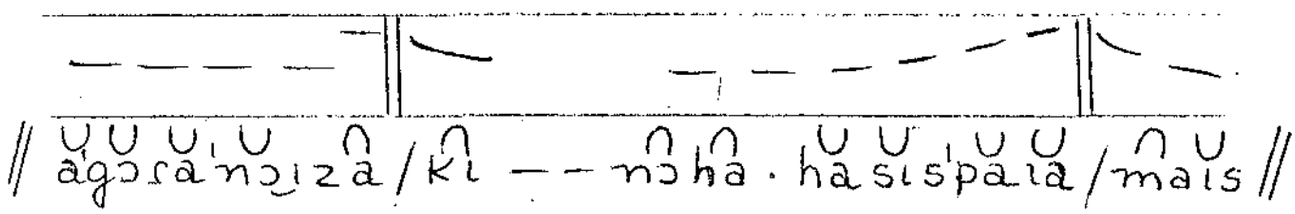
mais do que outras; aquele povo dali'



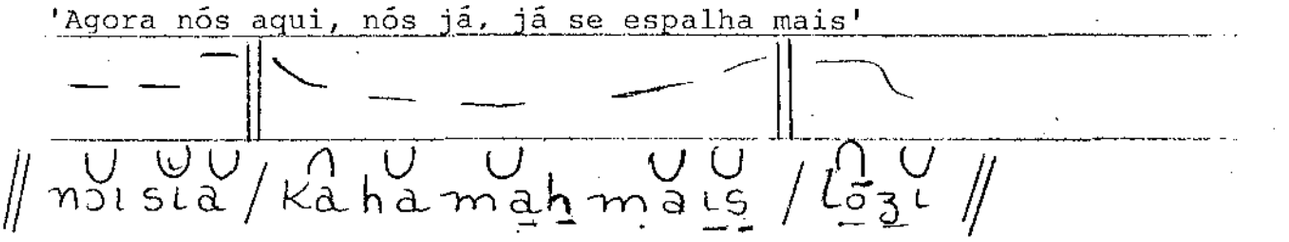
'A Raimunda do Silvestre, mais o filhos dele'



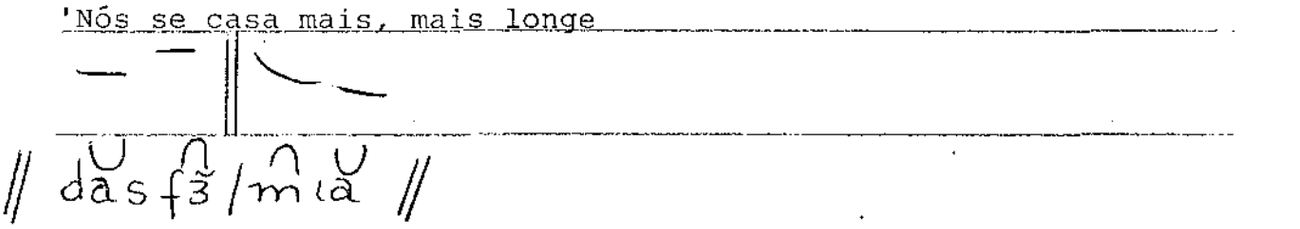
'Só casa primo com primo; prá fora'



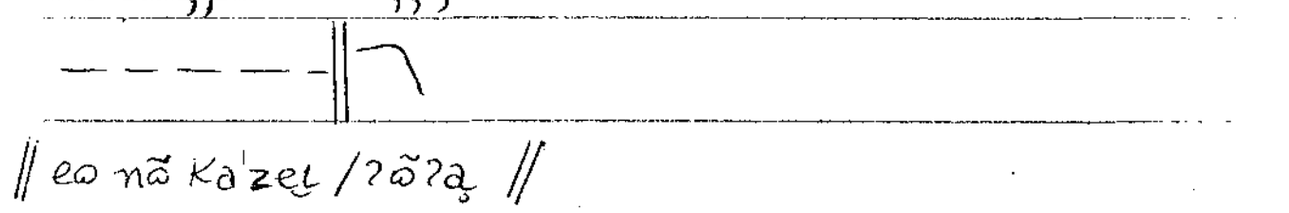
'Agora nós aqui, nós já, já se espalha mais'



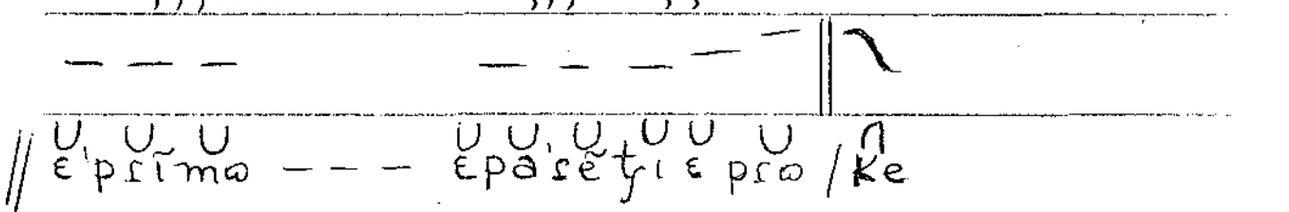
'Nós se casa mais, mais longe



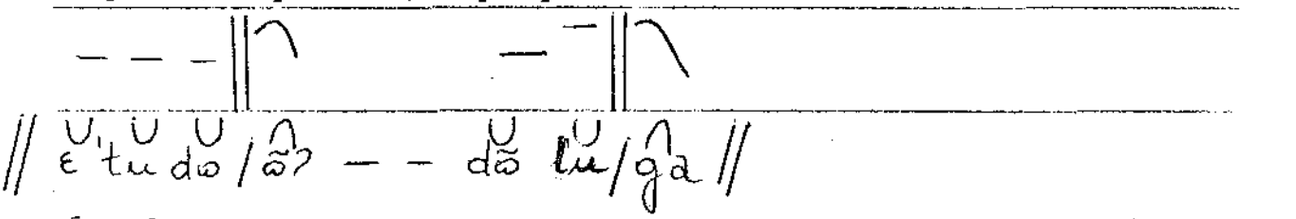
das famílias'



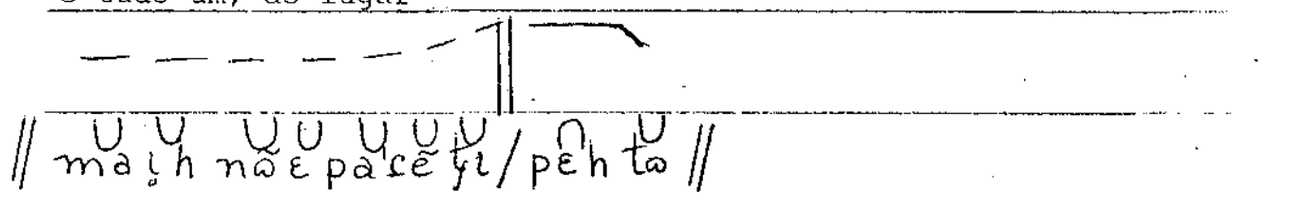
'Eu não, casei como?'



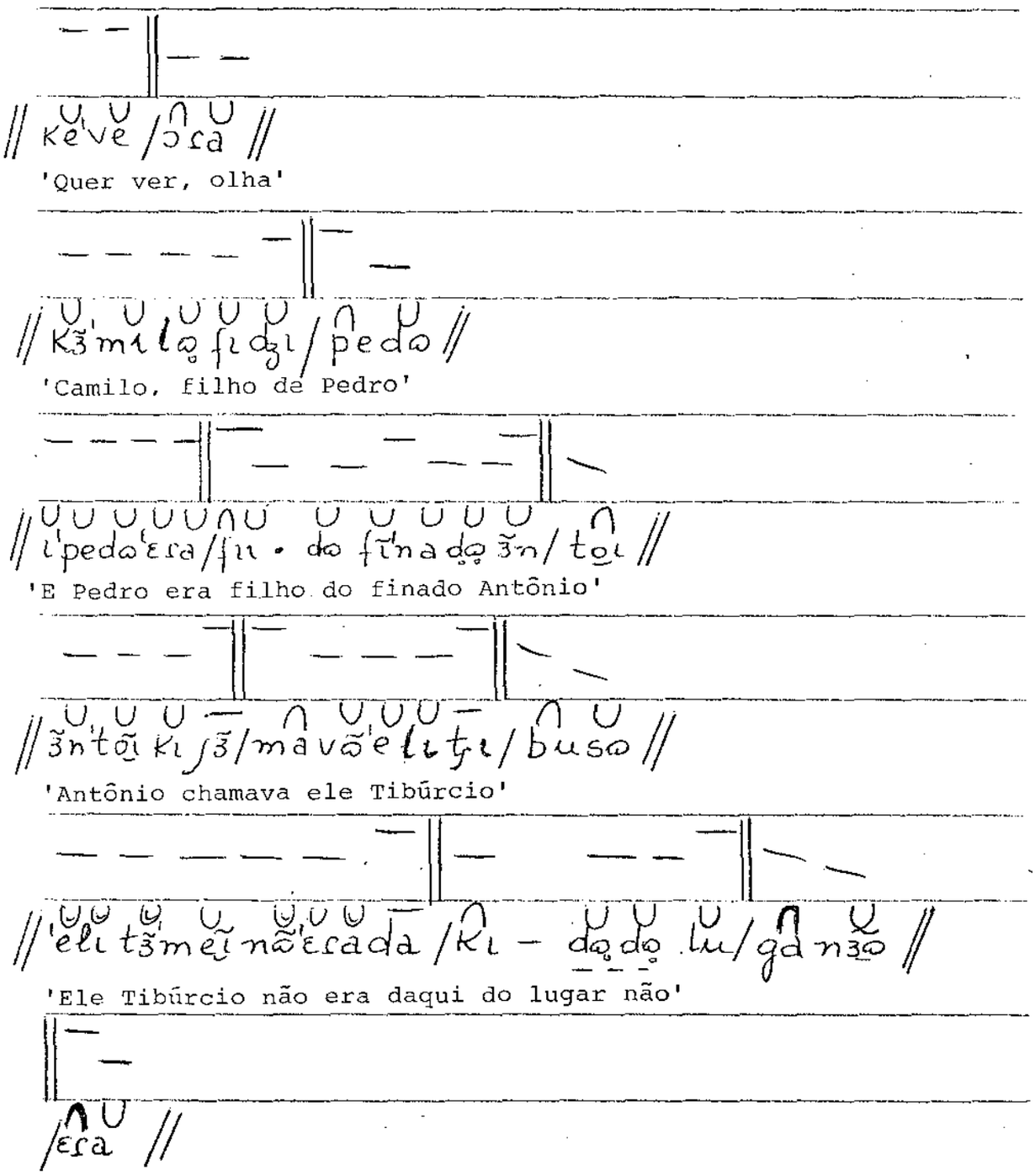
'É primo; é parente, é porque



é tudo um; do lugar'



'Mas não é parente perto



'Quer ver, olha'

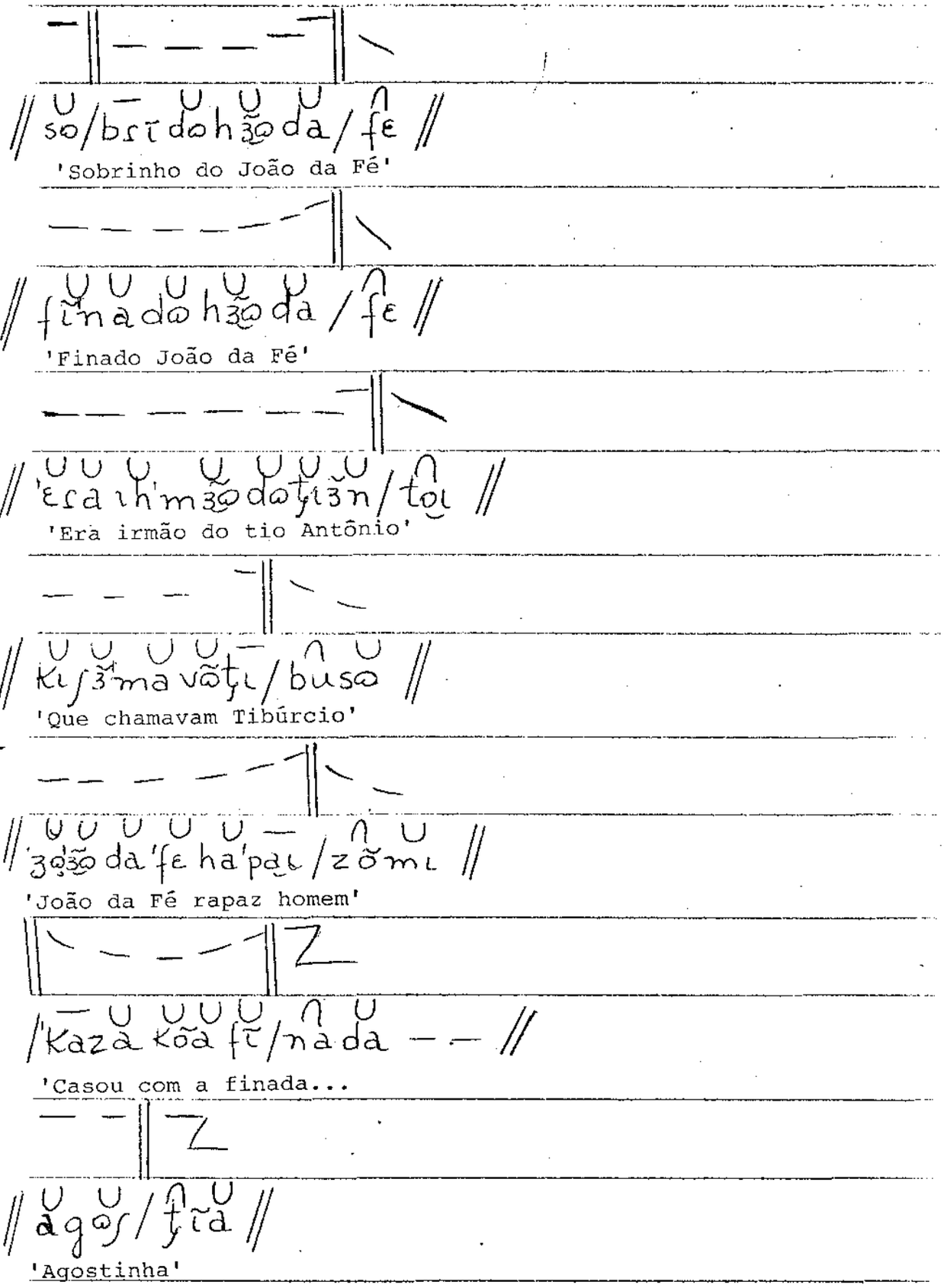
'Camilo, filho de Pedro'

'E Pedro era filho do finado Antônio'

'Antônio chamava ele Tibúrcio'

'Ele Tibúrcio não era daqui do lugar não'

'Era'



'Sobrinho do João da Fé'

'Finado João da Fé'

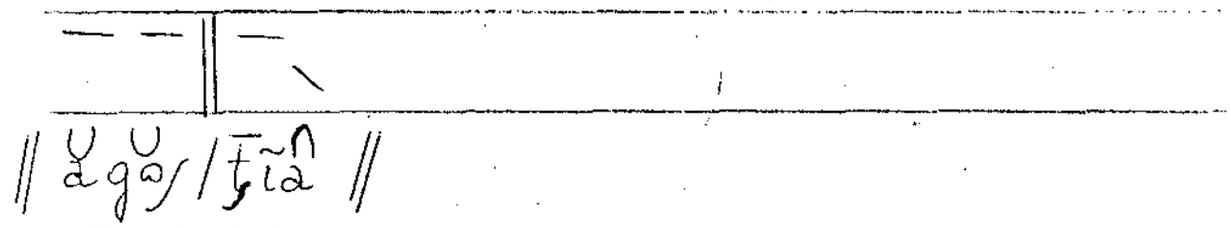
'Era irmão do tio Antônio'

'Que chamavam Tibúrcio'

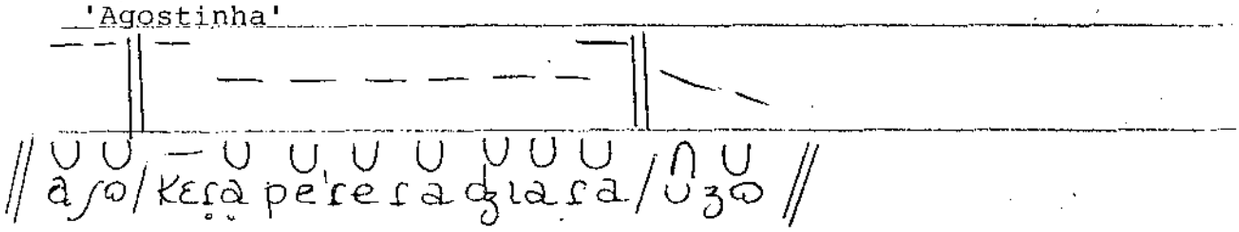
'João da Fé rapaz homem'

'Casou com a finada...

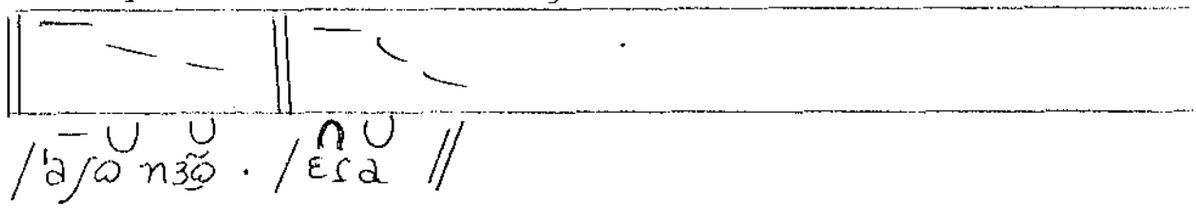
'Agostinha'



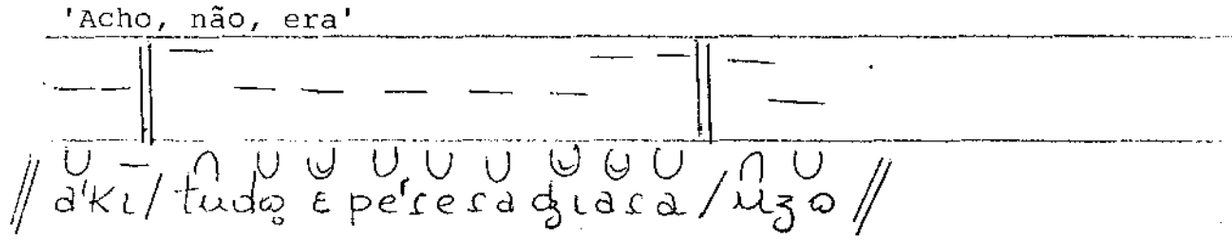
'Agostinha'



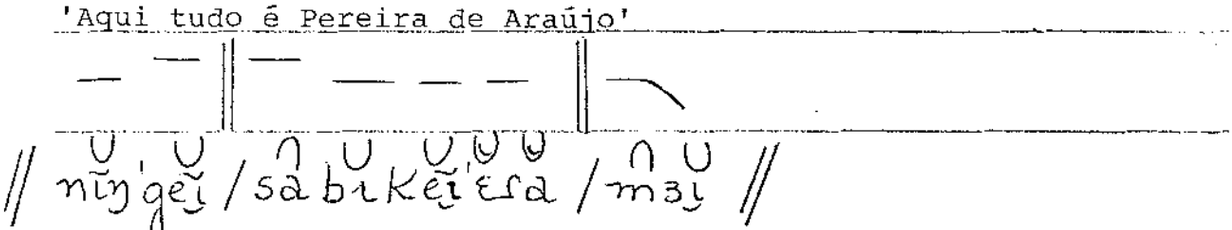
'Acho que era Pereira de Araújo'



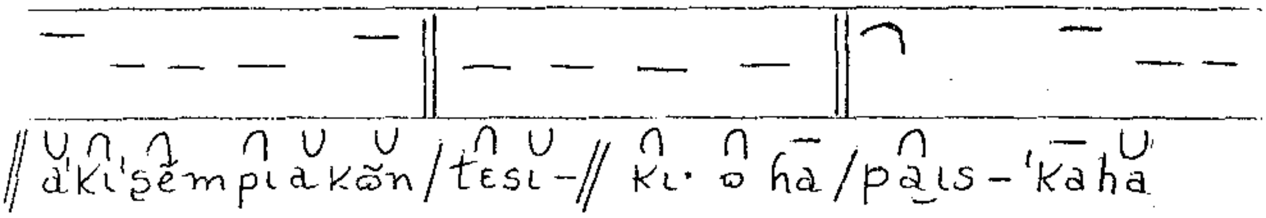
'Acho, não, era'



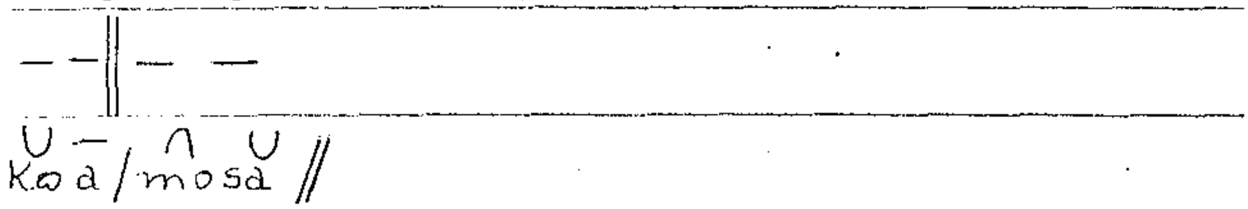
'Aqui tudo é Pereira de Araújo'



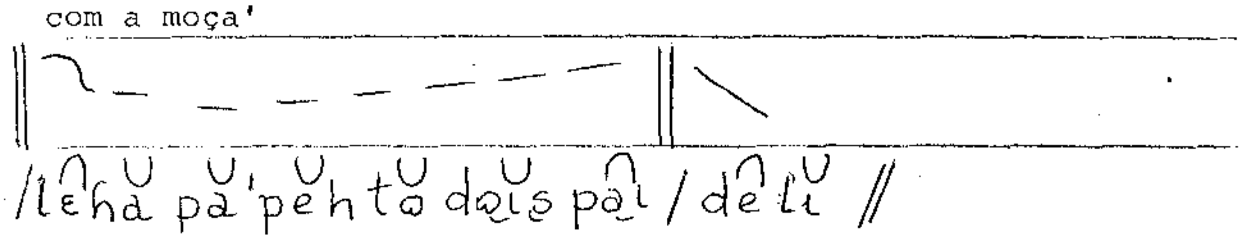
'Ninguém sabe quem era a mãe'



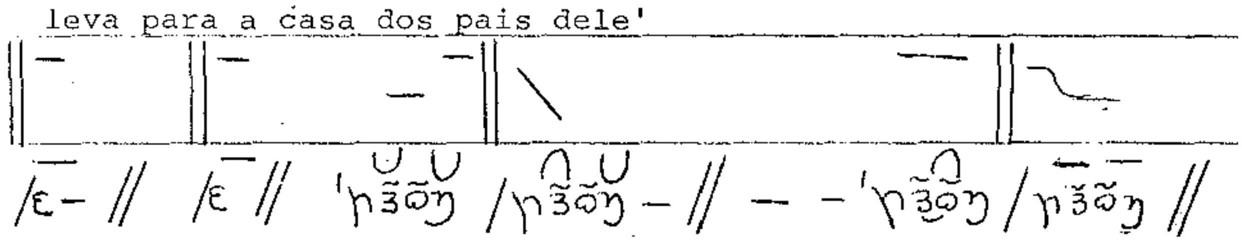
'Aqui sempre acontece, que, o rapaz casa



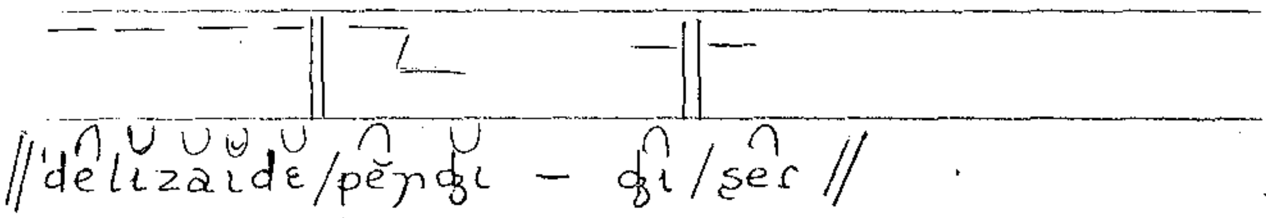
com a moça'



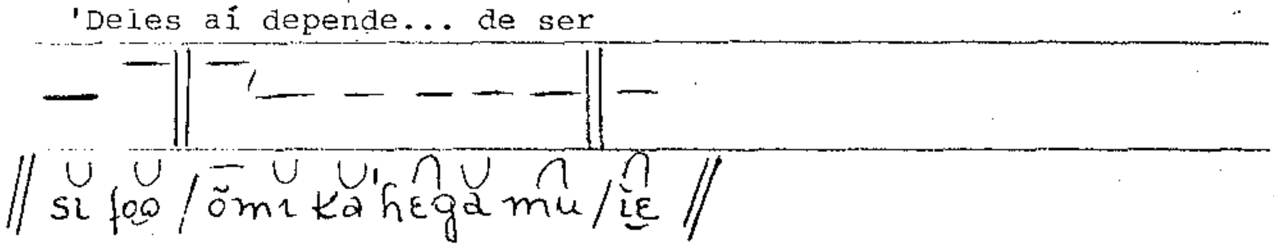
leva para a casa dos pais dele'



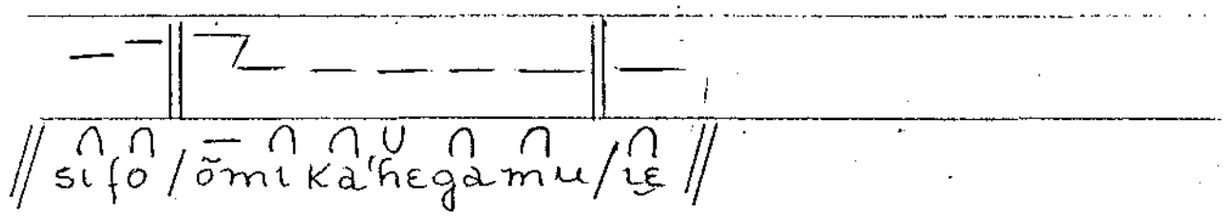
'É ... É... não, não.   não, não.



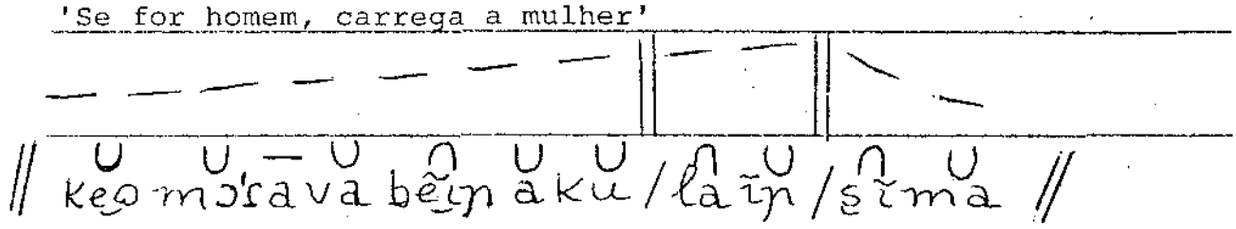
'Deles aí depende... de ser



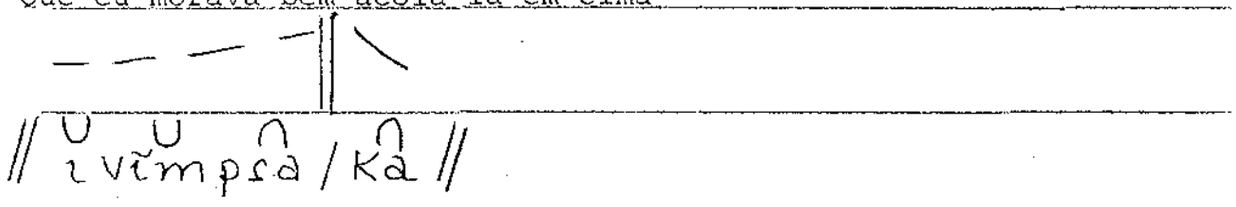
'Se for homem, carrega a mulher



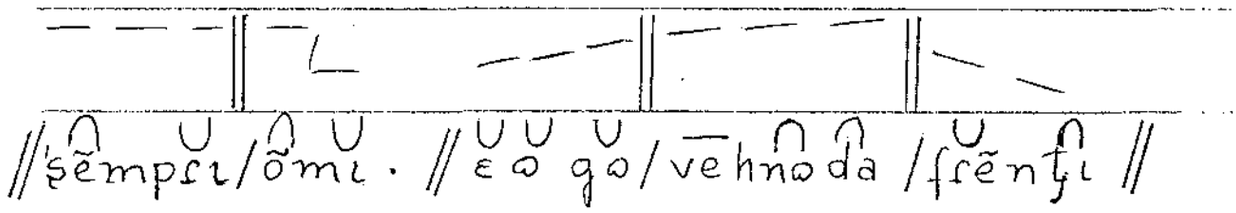
'Se for homem, carrega a mulher'



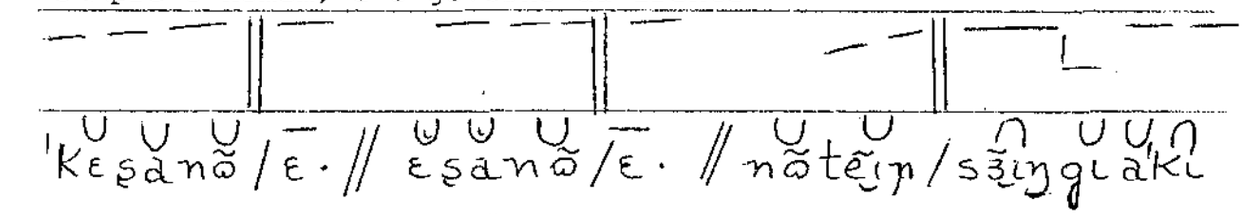
'Que eu morava bem acolá lá em cima



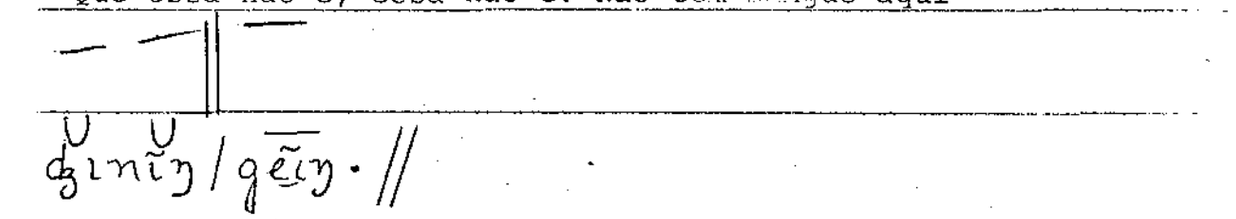
e vim para cá'



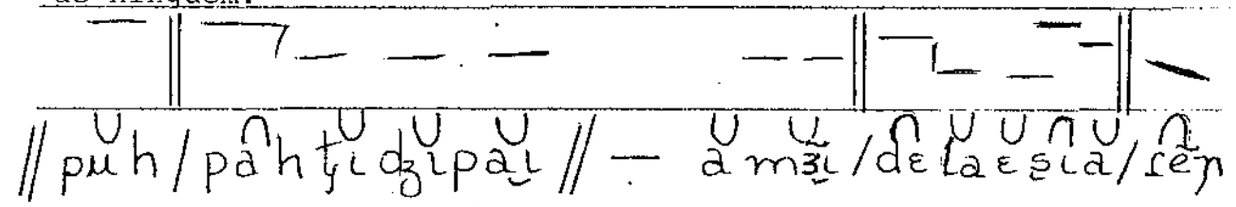
'Sempre o homem, é o governo da frente'



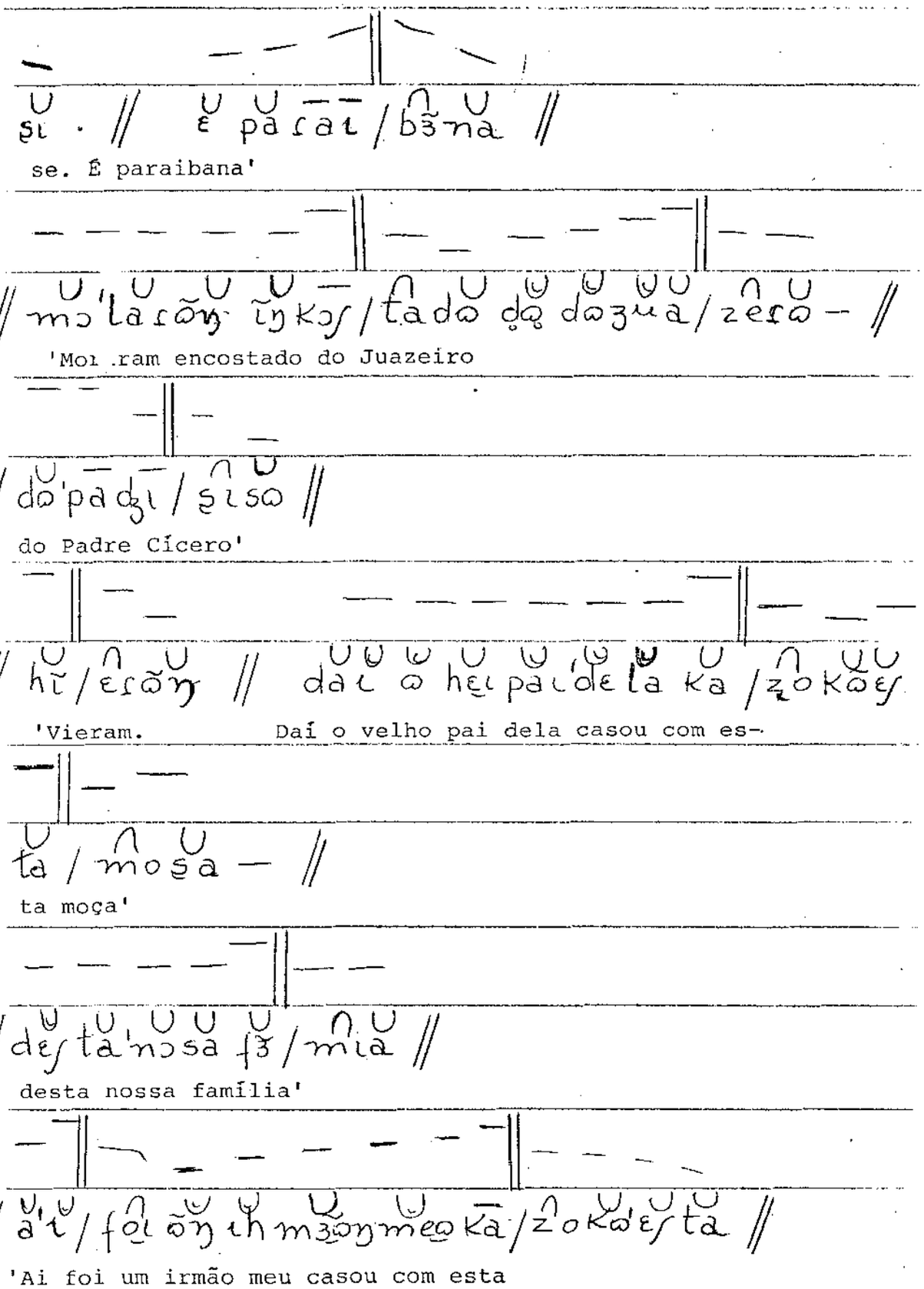
'Que essa não é, essa não é. Não tem sangue aqui



de ninguém.'



'Por parte de pai. A mãe dela era cearen-



se. É paraibana'

'Mo1 .ram encostado do Juazeiro

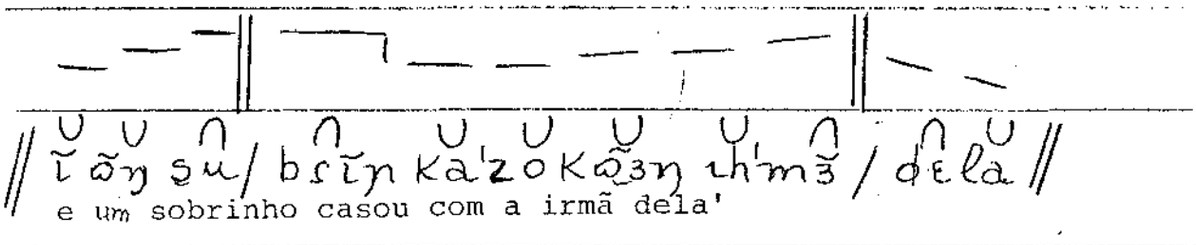
do Padre Cícero'

'Vieram. Daí o velho pai dela casou com es-

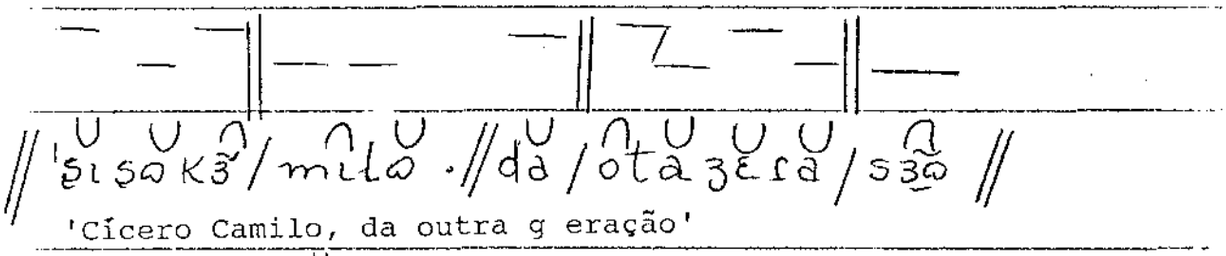
ta moça'

desta nossa família'

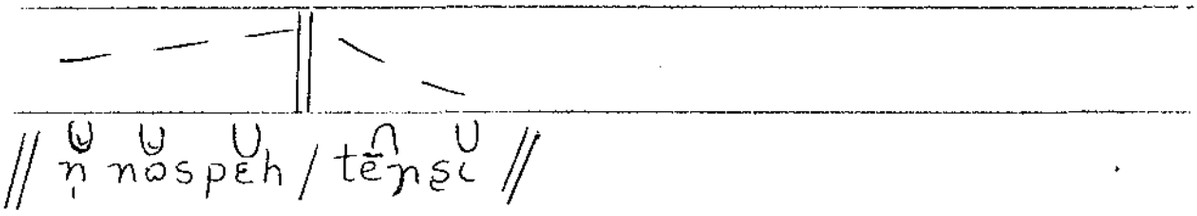
'Ai foi um irmão meu casou com esta



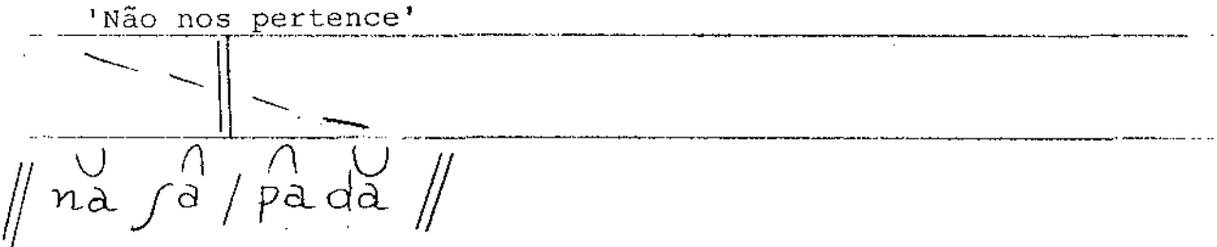
e um sobrinho casou com a irmã dela'



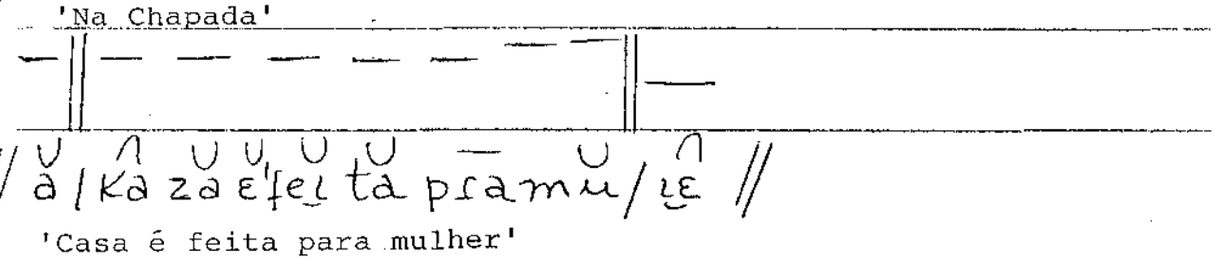
'Cícero Camilo, da outra g eração'



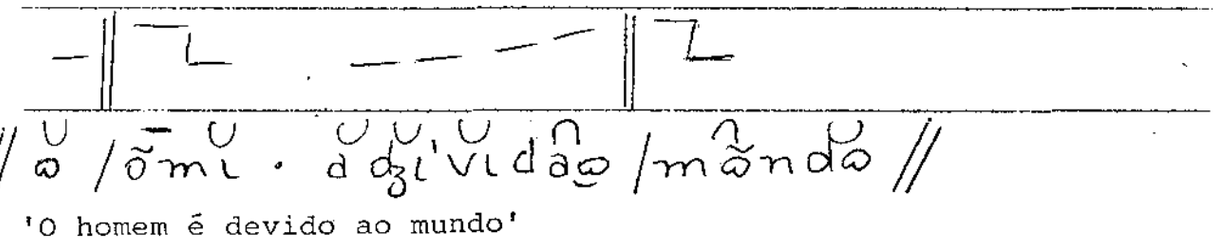
'Não nos pertence'



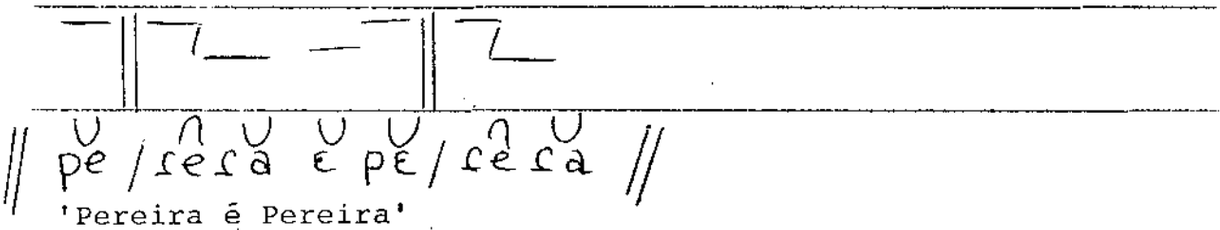
'Na Chapada'



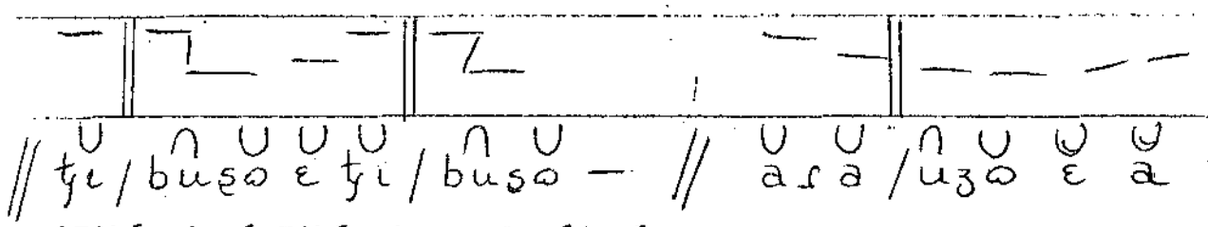
'Casa é feita para mulher'



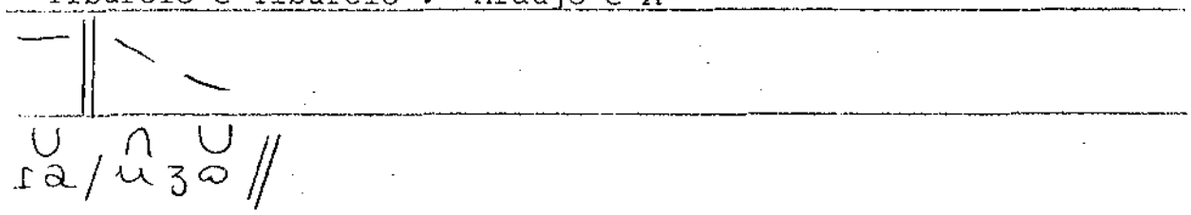
'O homem é devido ao mundo'



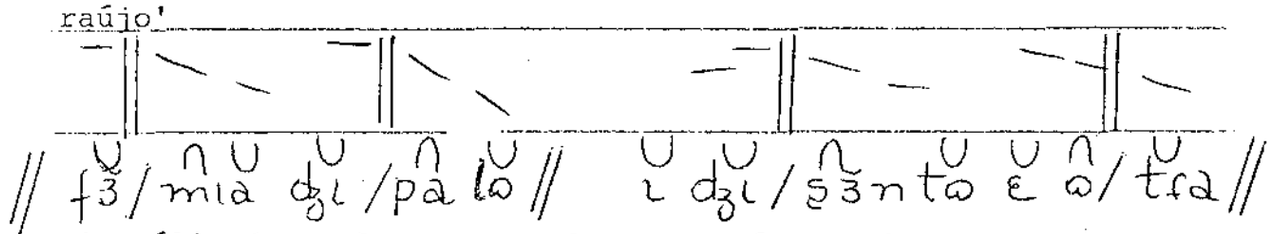
'Pereira é Pereira'



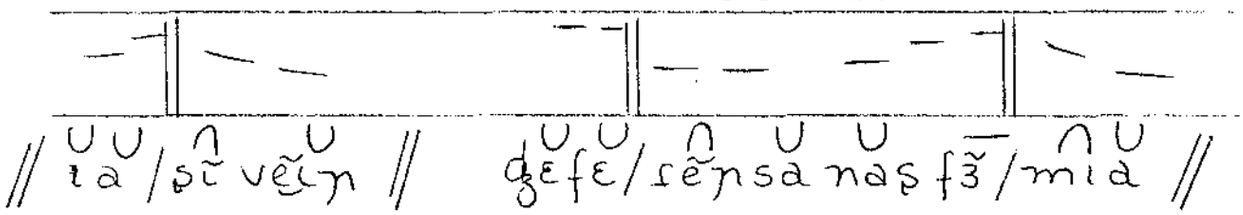
'Tibúrcio é Tibúrcio . Araújo é A-



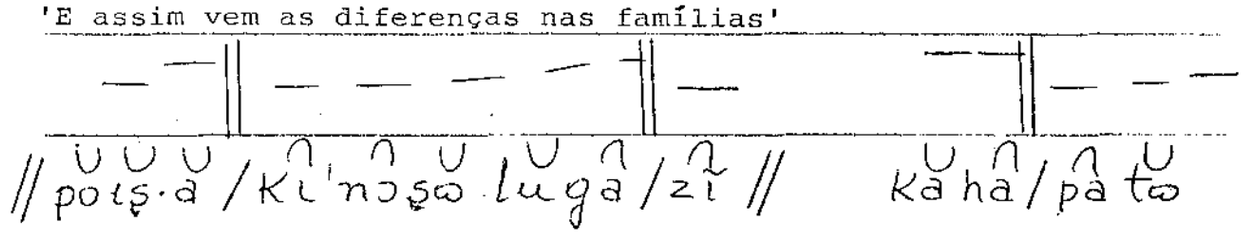
raújo'



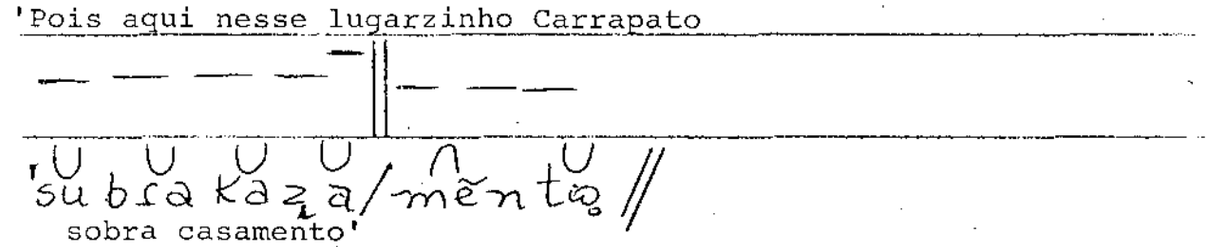
'Família de Paulo e de Santos é outra'



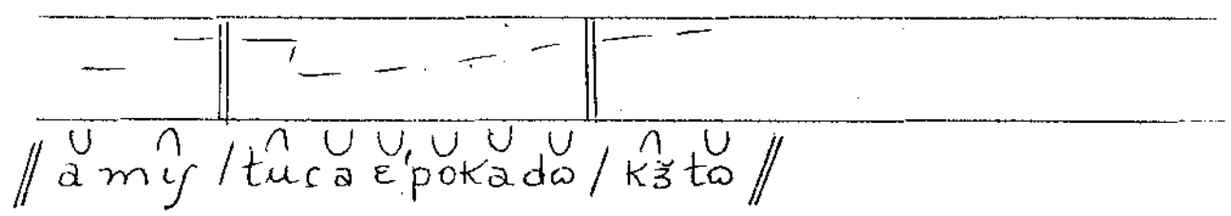
'E assim vem as diferenças nas famílias'



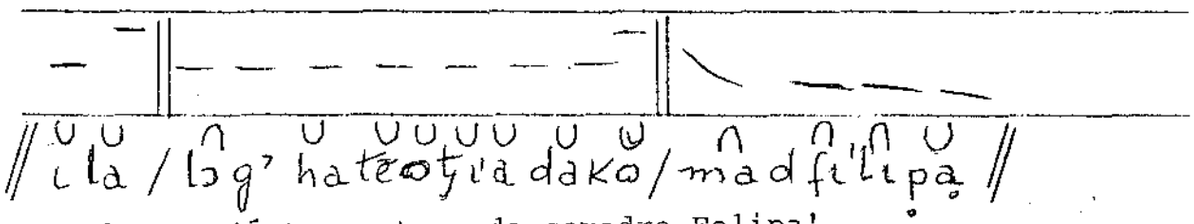
'Pois aqui nesse lugarzinho Carrapato



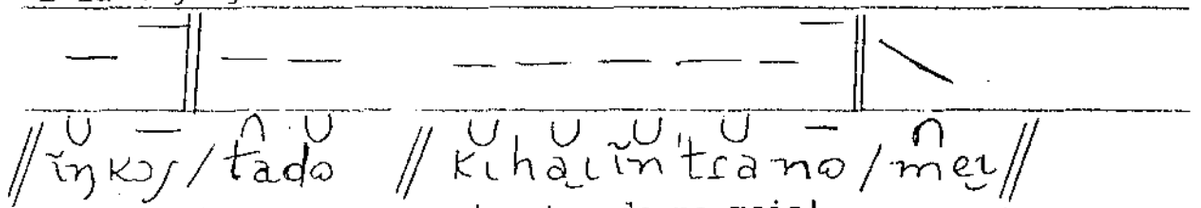
sobra casamento'



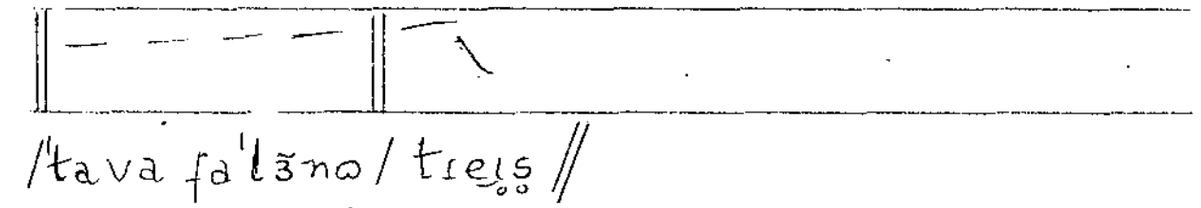
' A mistura é pouca do Canto'



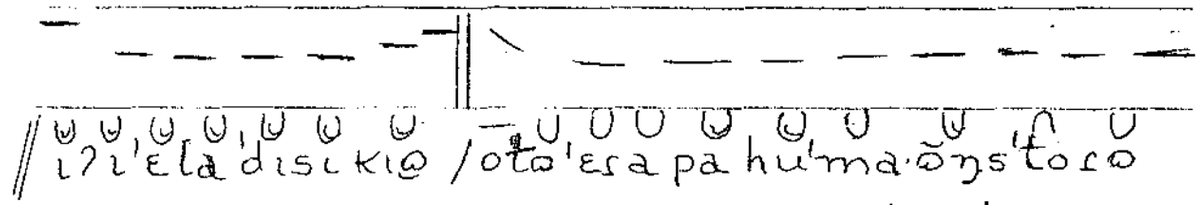
'E lá logo já tem o tear da comadre Felipa'



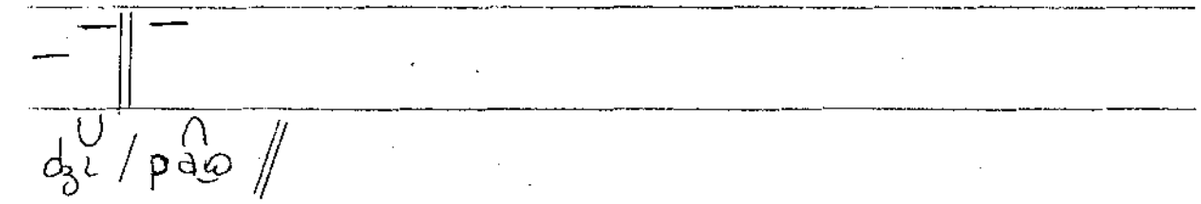
'Encostado que vai entrando no meio'



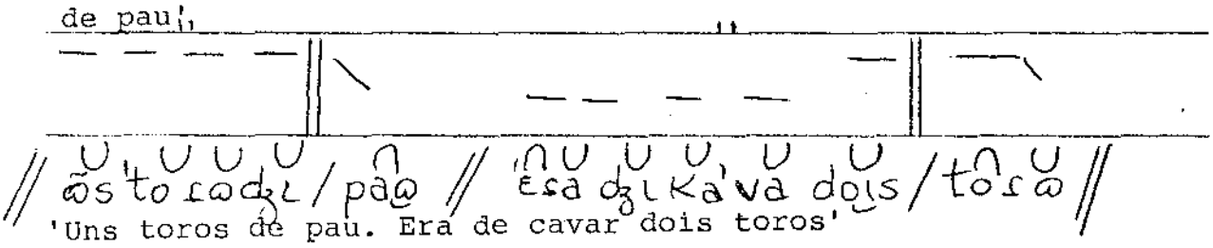
'Tava falando três'



'E ela disse que o outro era para arrumar uns toros'



de pau'



'Uns toros de pau. Era de cavar dois toros'

// foi'ɛla bo/to foi. //

'Foi ela botou foi...'

// 'ɛla dʒisi ki fa/lo kõŋ os dʒi/fɔra //

'Ela disse que falou com os de fora'

// dai a 'poko fi'karõŋ foi / tudo . sɔ foi 'hĩndo

'Daí a pouco ficaram foi tudo, só foi rindo'

prao /oto //

para os outros'

// ai poɾ'fĩŋ nãŋ nãŋ da /kõnta . ai 'ɛla dʒi

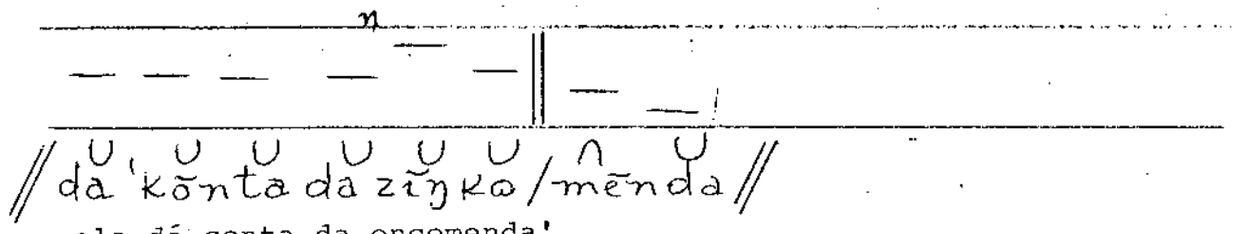
'Aí por fim não não dá conta, aí ela disse

si / ki //

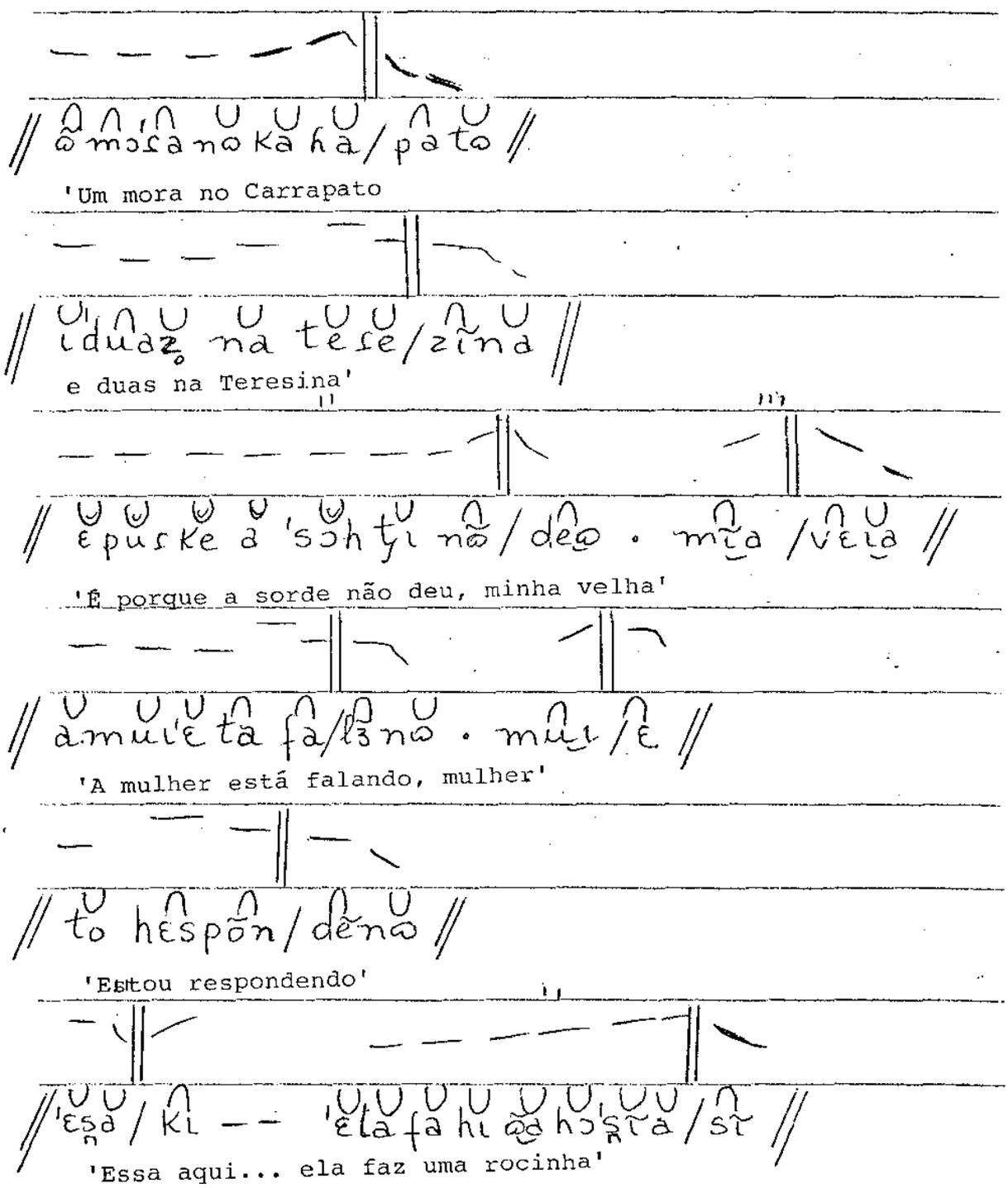
que

// bɔ'tɜ̃nɔh /dɛla // dʒisikinẽiŋ ki'seʒa sɔ/zia //

botando os dela, disse que nem que seja s inha



ela dá conta da encomenda'



'Um mora no Carrapato

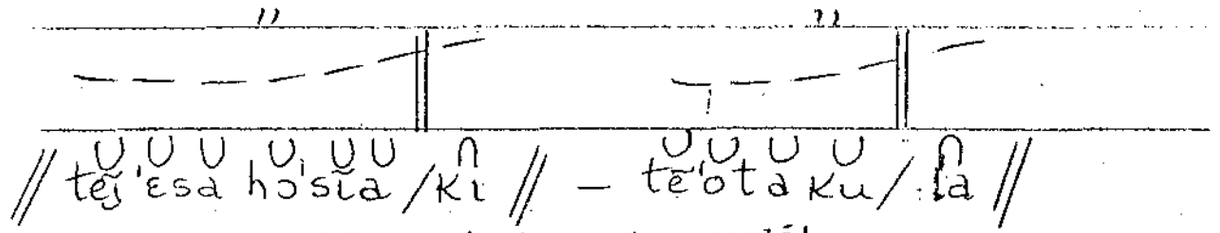
e duas na Teresina'

'É porque a sorde não deu, minha velha'

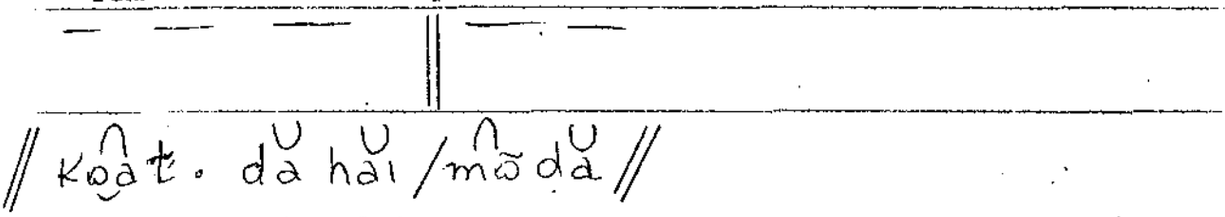
'A mulher está falando, mulher'

'Estou respondendo'

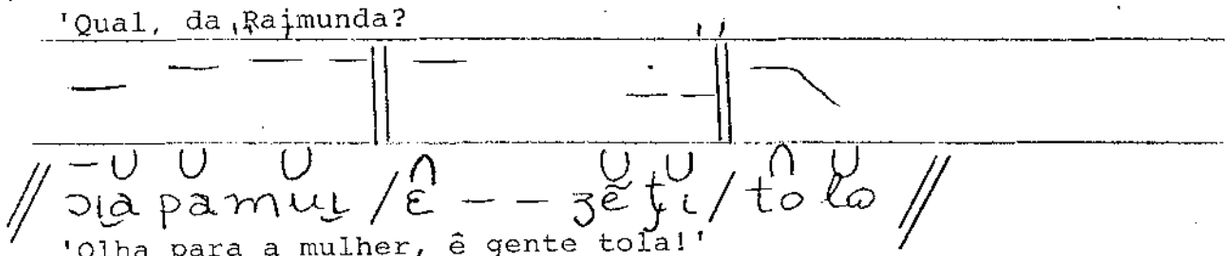
'Essa aqui... ela faz uma rocinha'



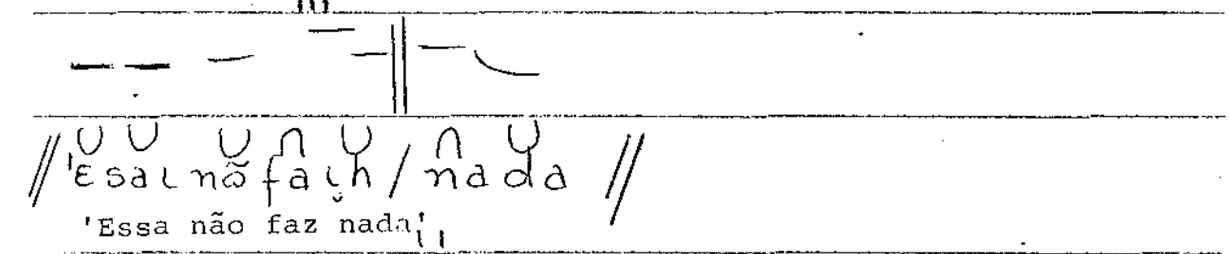
'Tem essa rocinha aqui, tem outra acolá'



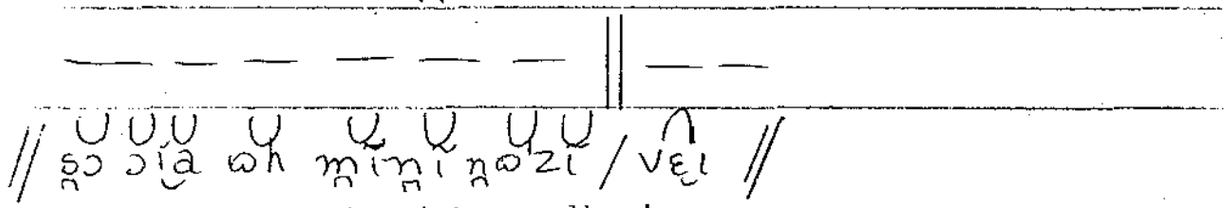
'Qual, da Raimunda?



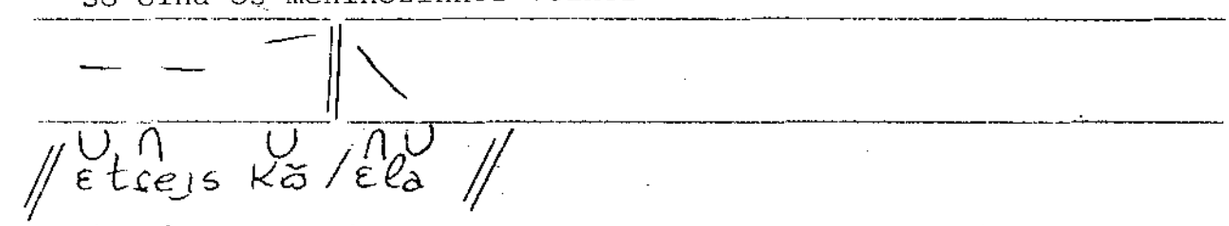
'Olha para a mulher, ê gente tola!'



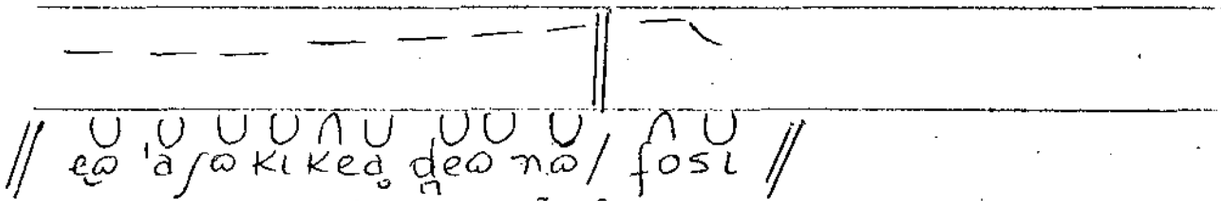
'Essa não faz nada'



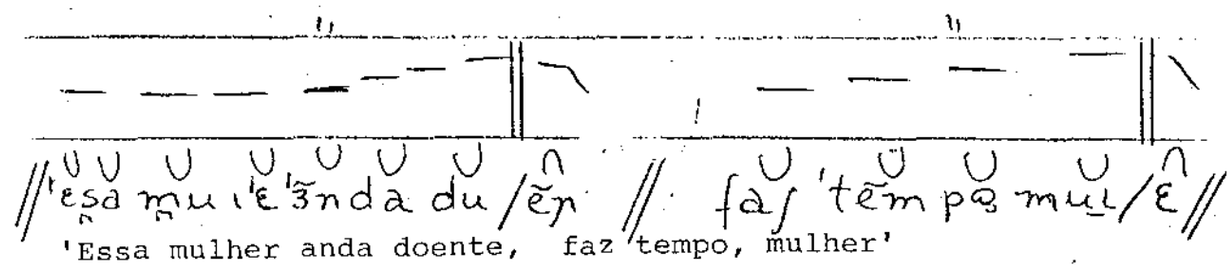
'Só olha os meninozinhos velhos'



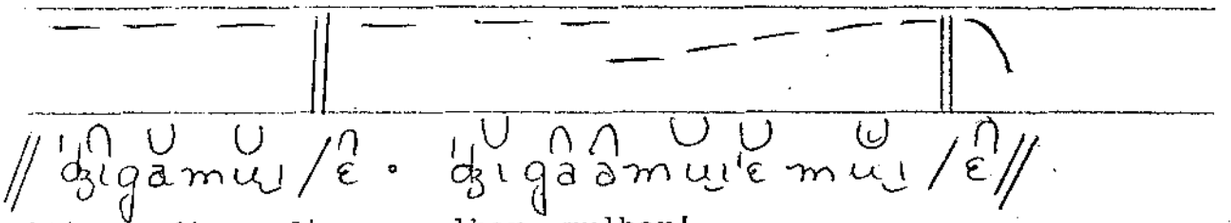
'É três com ela'



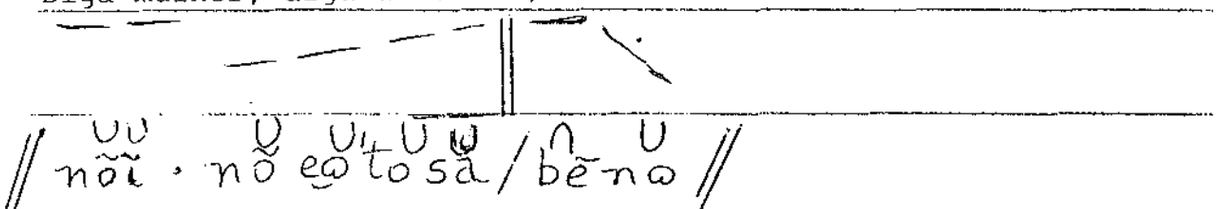
'Eu acho que queira Deus não fosse



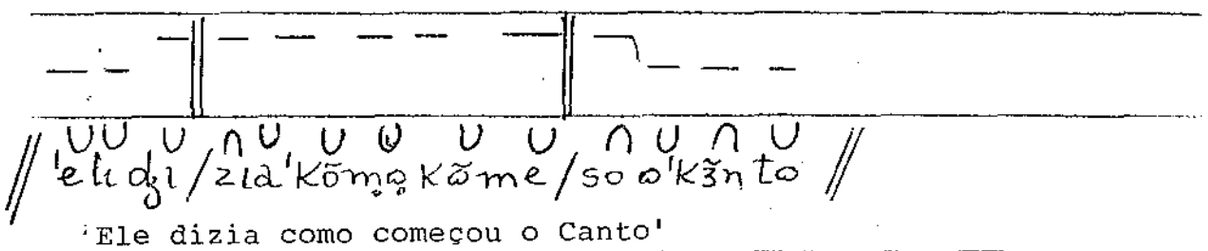
'Essa mulher anda doente, faz tempo, mulher'



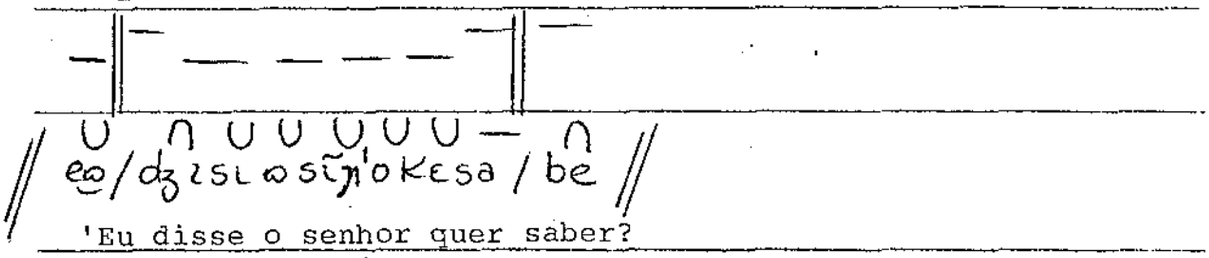
'Diga mulher, diga a mulher, mulher'



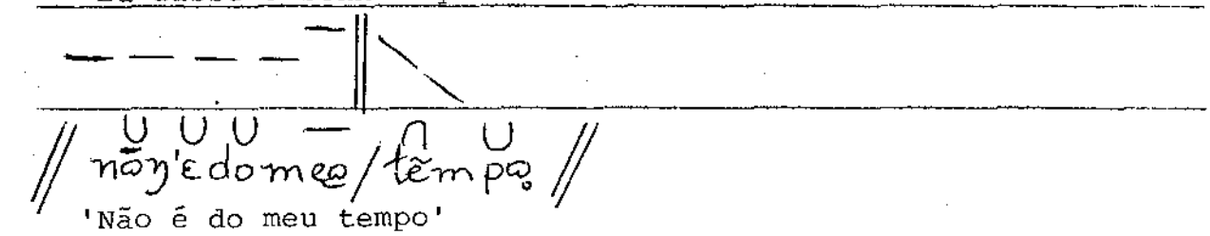
'Não, não estou sabendo'



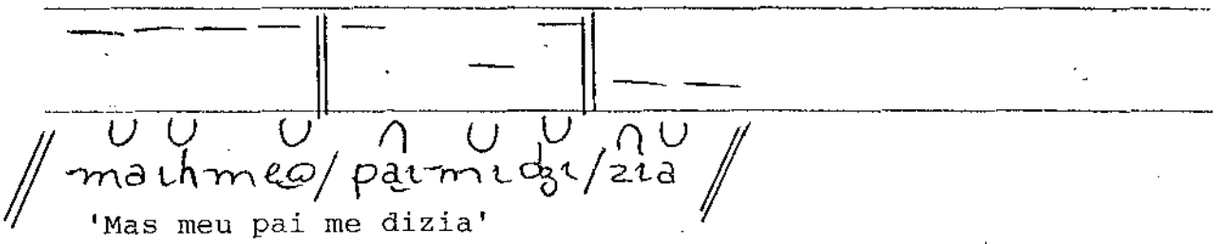
'Ele dizia como começou o Canto'



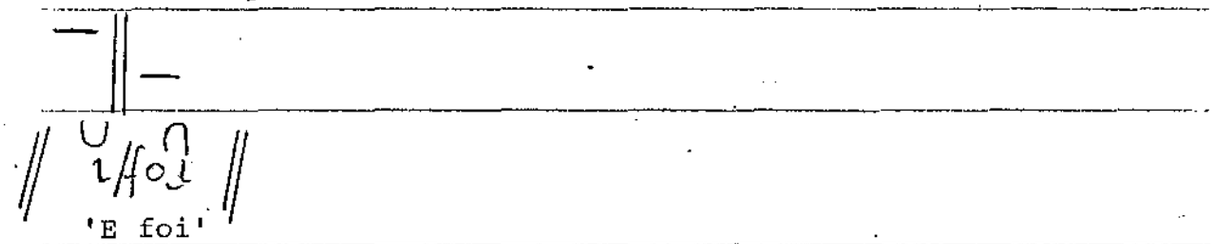
'Eu disse o senhor quer saber?



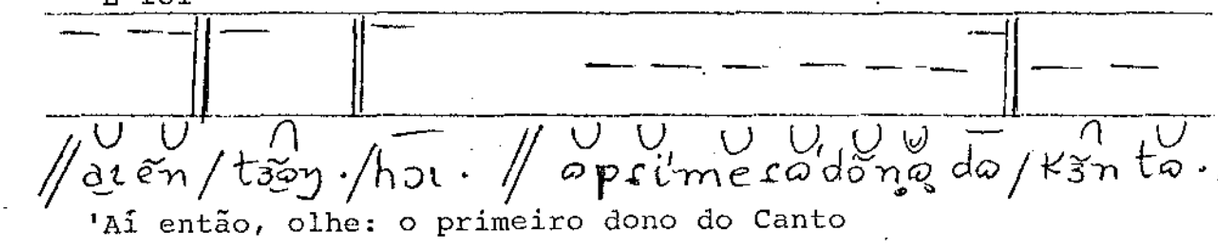
'Não é do meu tempo'



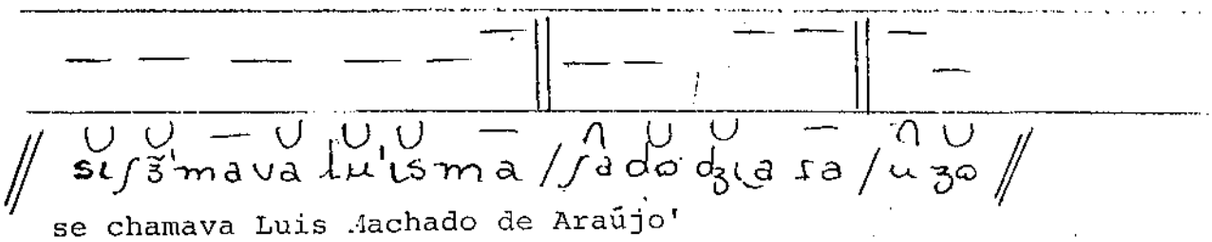
'Mas meu pai me dizia'



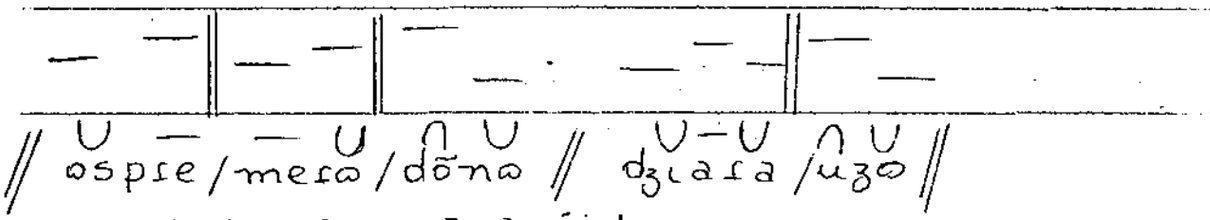
'E foi'



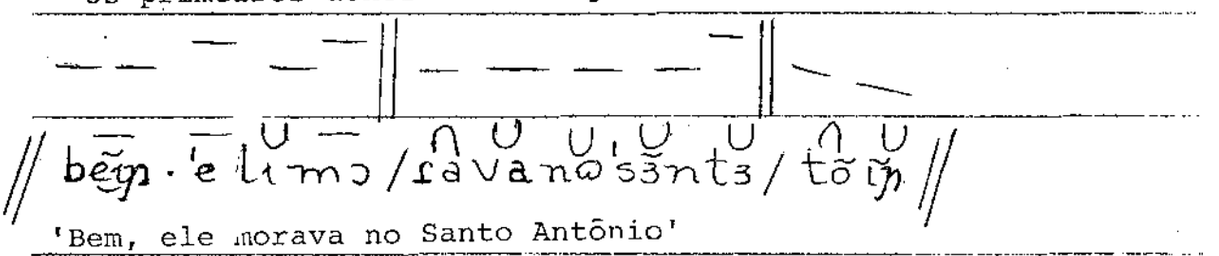
'Aí então, olhe: o primeiro dono do Canto



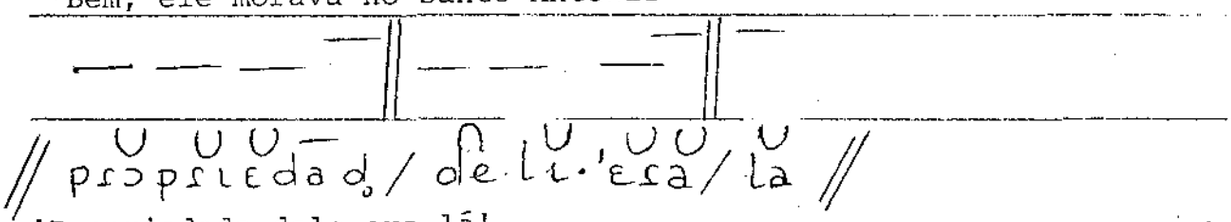
se chamava Luis Machado de Araújo'



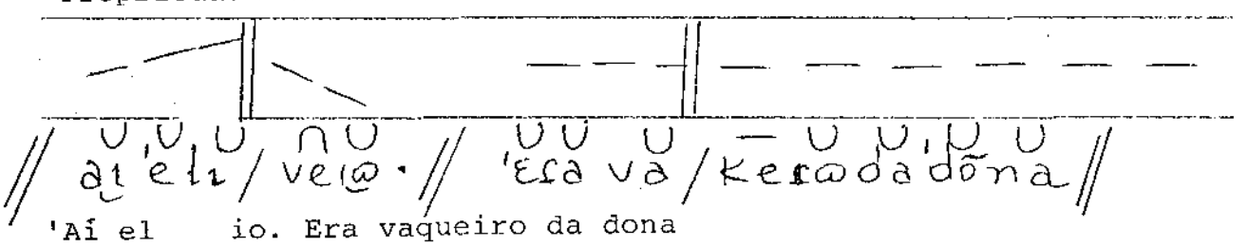
'Os primeiros donos. De Araújo'



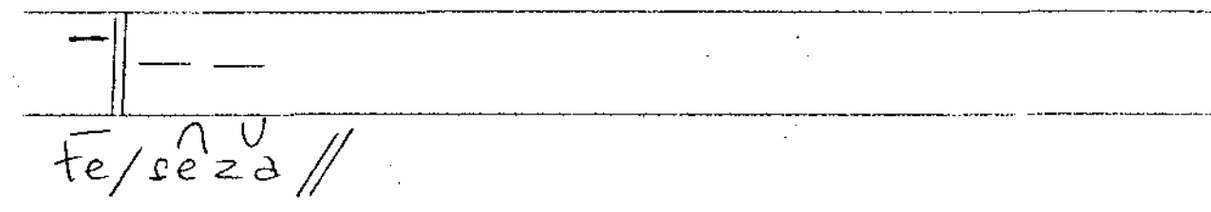
'Bem, ele morava no Santo Antônio'



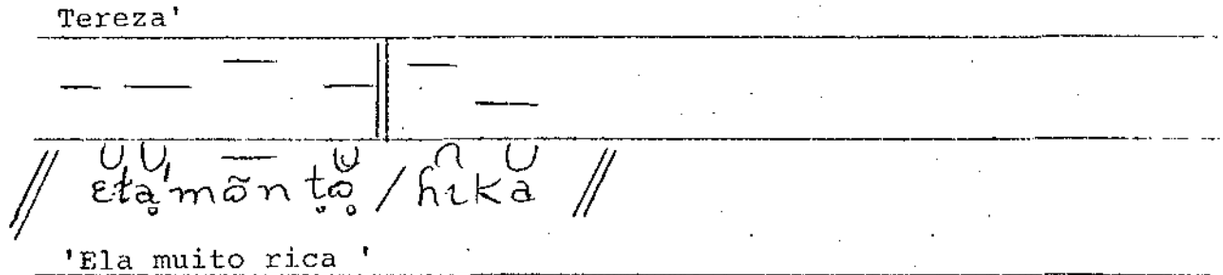
'Propriedade dele era lá'



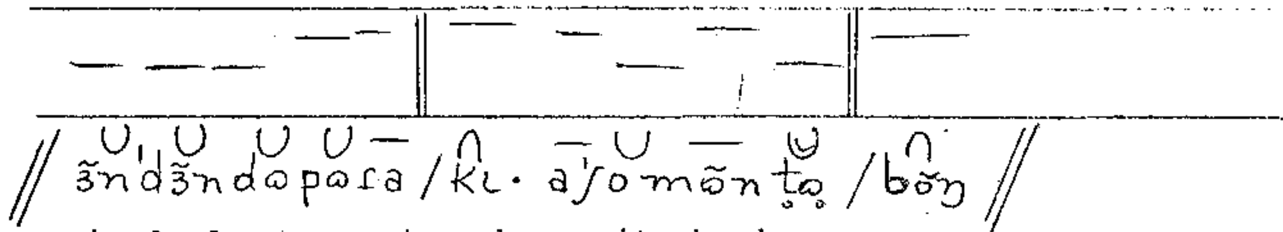
'Aí el io. Era vaqueiro da dona



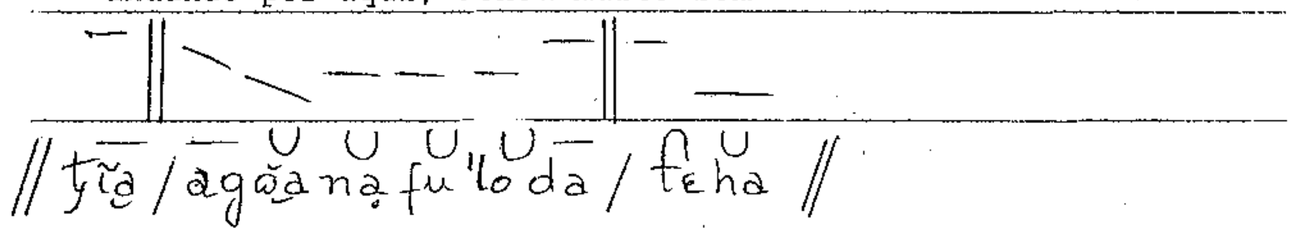
Tereza'



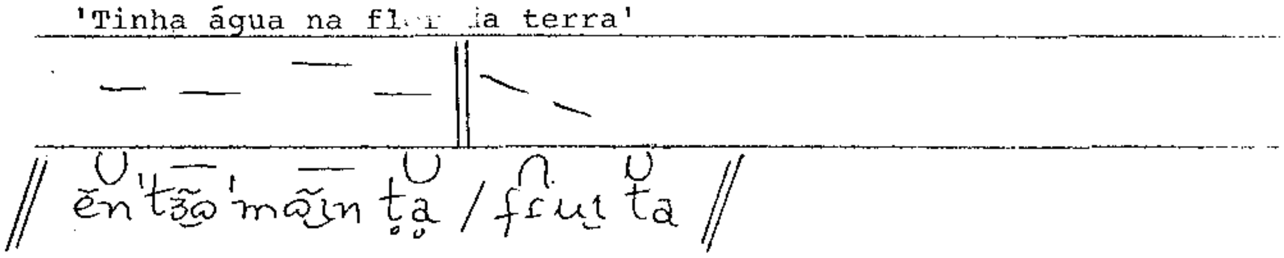
'Ela muito rica '



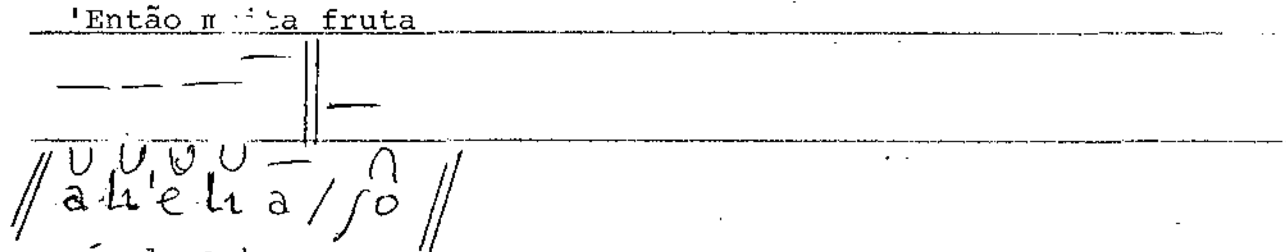
'andando por aqui, achou muito bom'



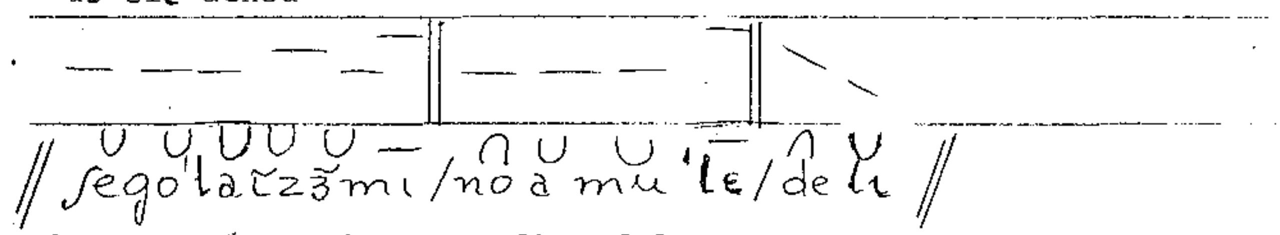
'Tinha água na flor da terra'



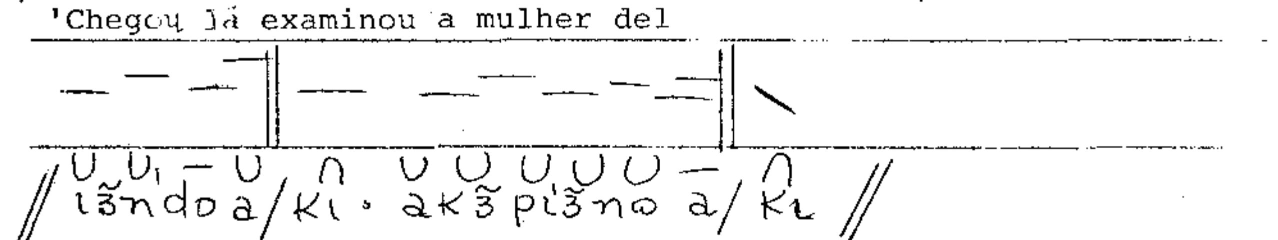
'Então muita fruta



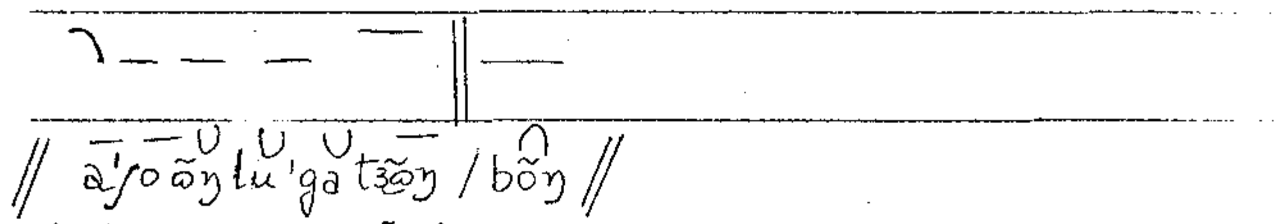
aí ele achou



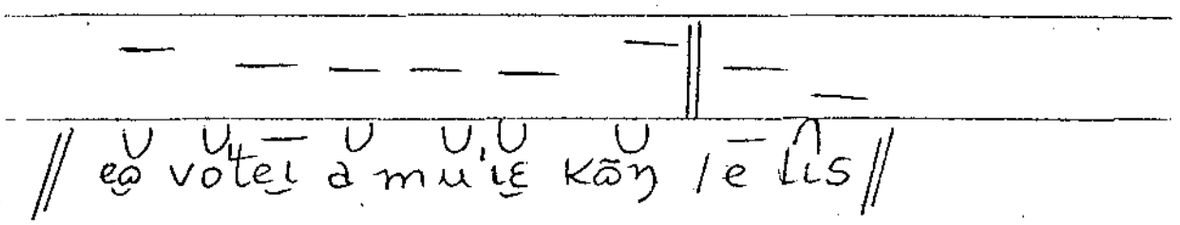
'Chegou já examinou a mulher del



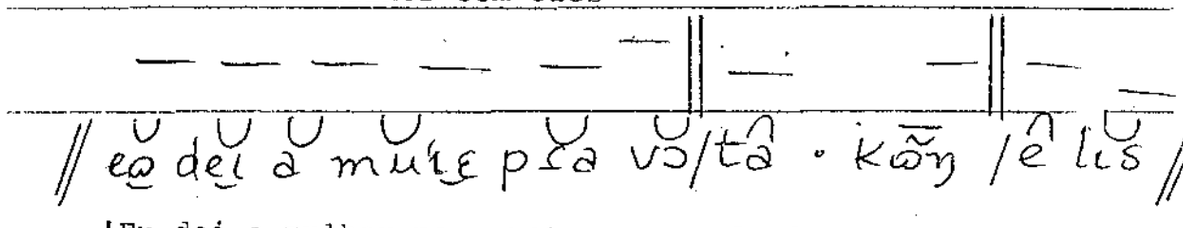
e andou aqui, campeando aqui



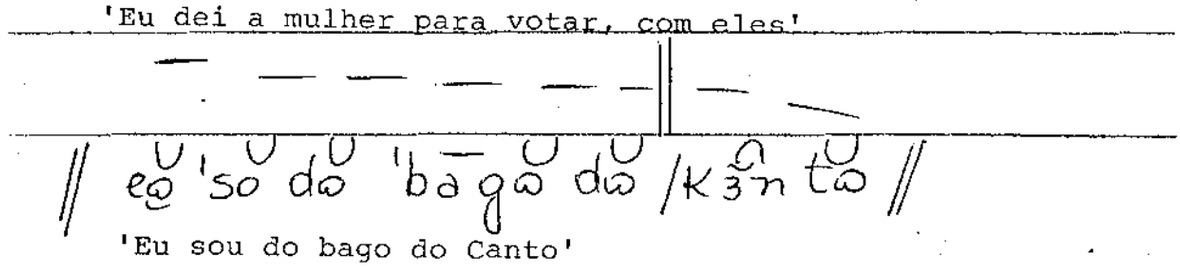
'achou um lugar tão bom



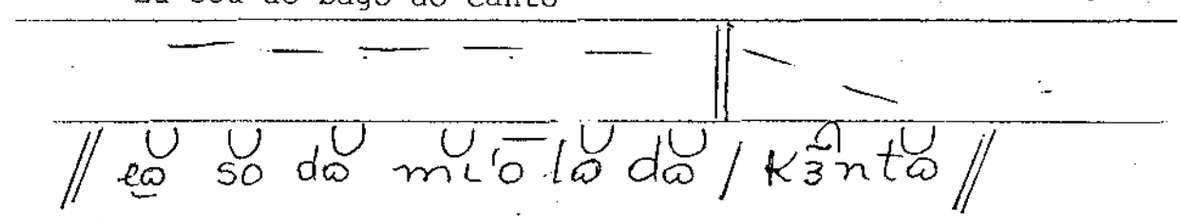
'Eu votei a mulher com eles



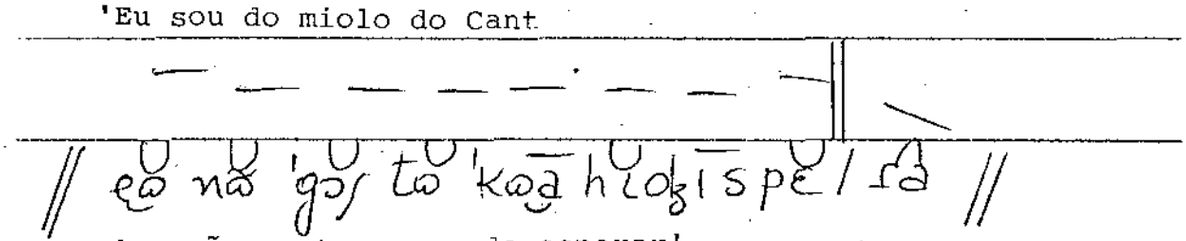
'Eu dei a mulher para votar, com eles'



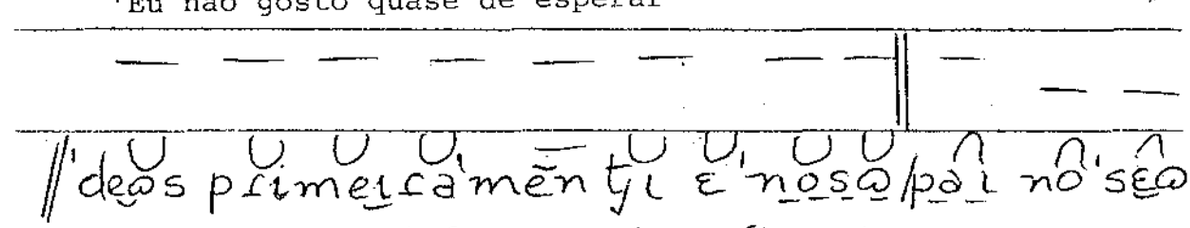
'Eu sou do bago do Canto'



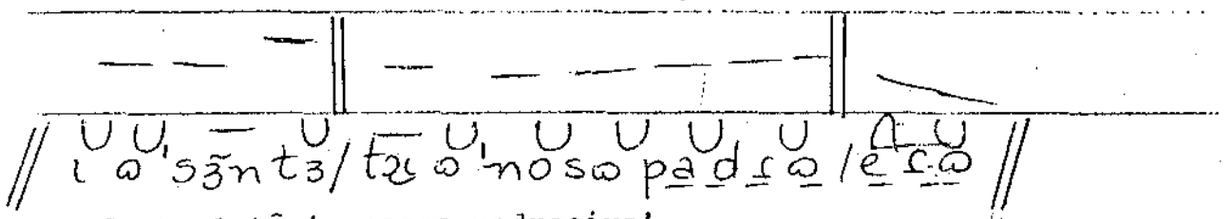
'Eu sou do miolo do Cant



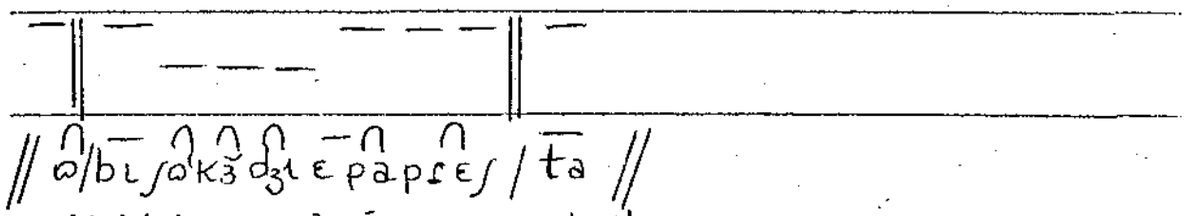
'Eu não gosto quase de esperar'



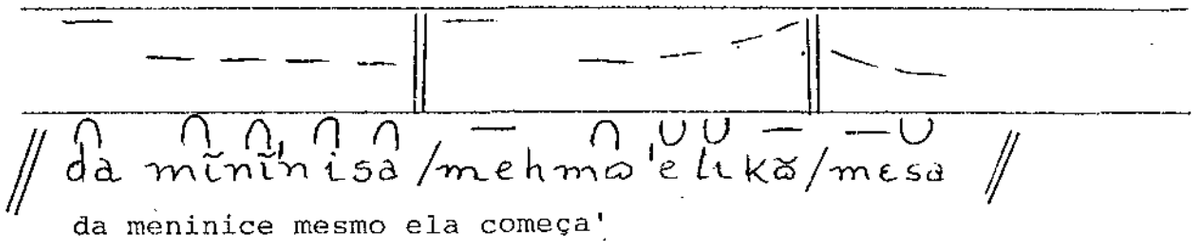
'Deus primeiramente é nosso pai no céu



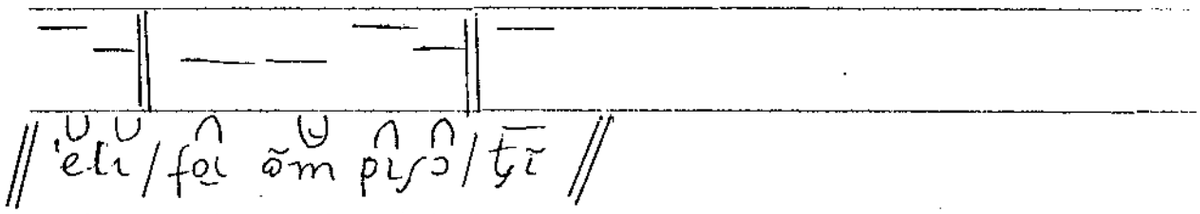
e Santo Antônio nosso padroeiro'



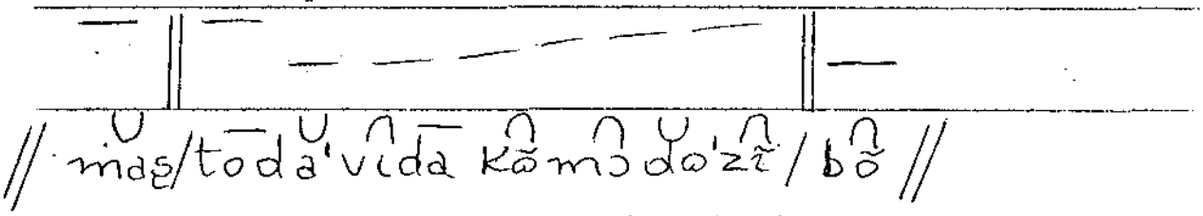
'O bicho quando é para prestar'



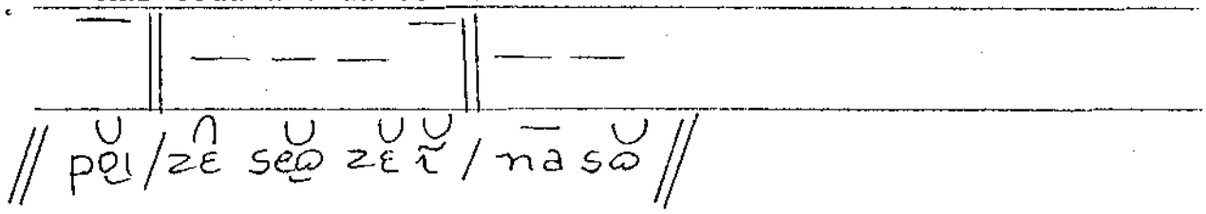
da meninice mesmo ela começa'



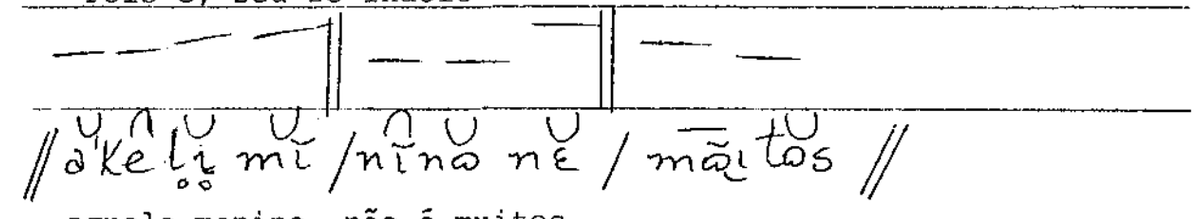
'Ele foi um pixotinho'



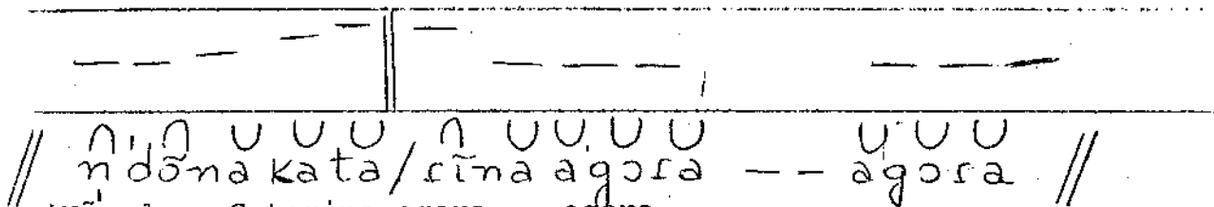
'Mas toda a vida com um modozinho bom'



'Pois é, seu Zé Inácio

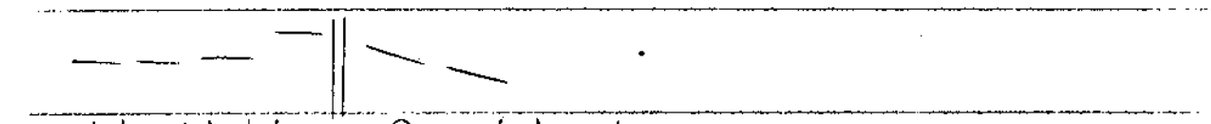


aquele menino, não é muitos

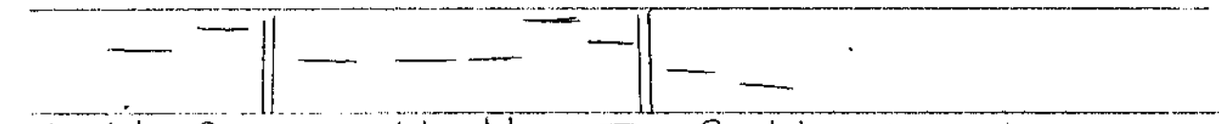


'Não dona Catarina agora... agora

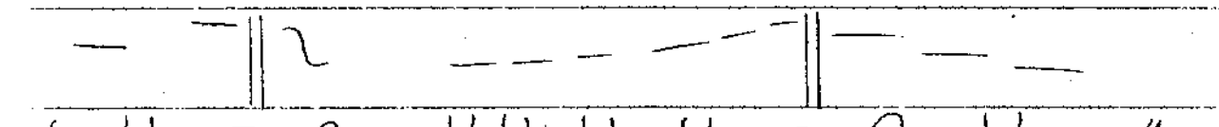
sentindo



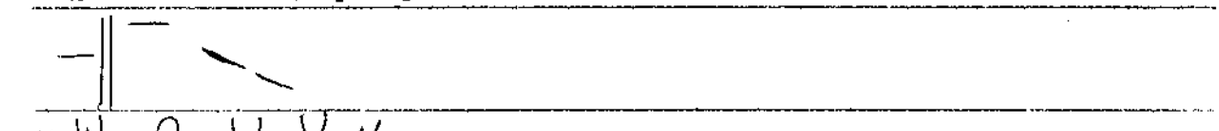
eu não estou sadio não.'



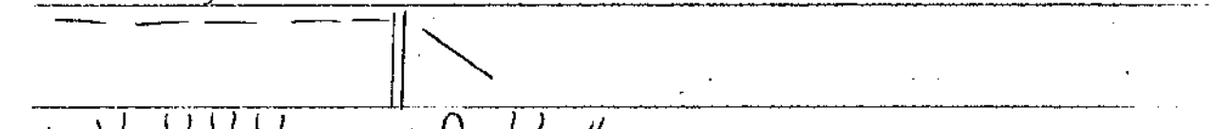
'Eu pensei que não escapava'



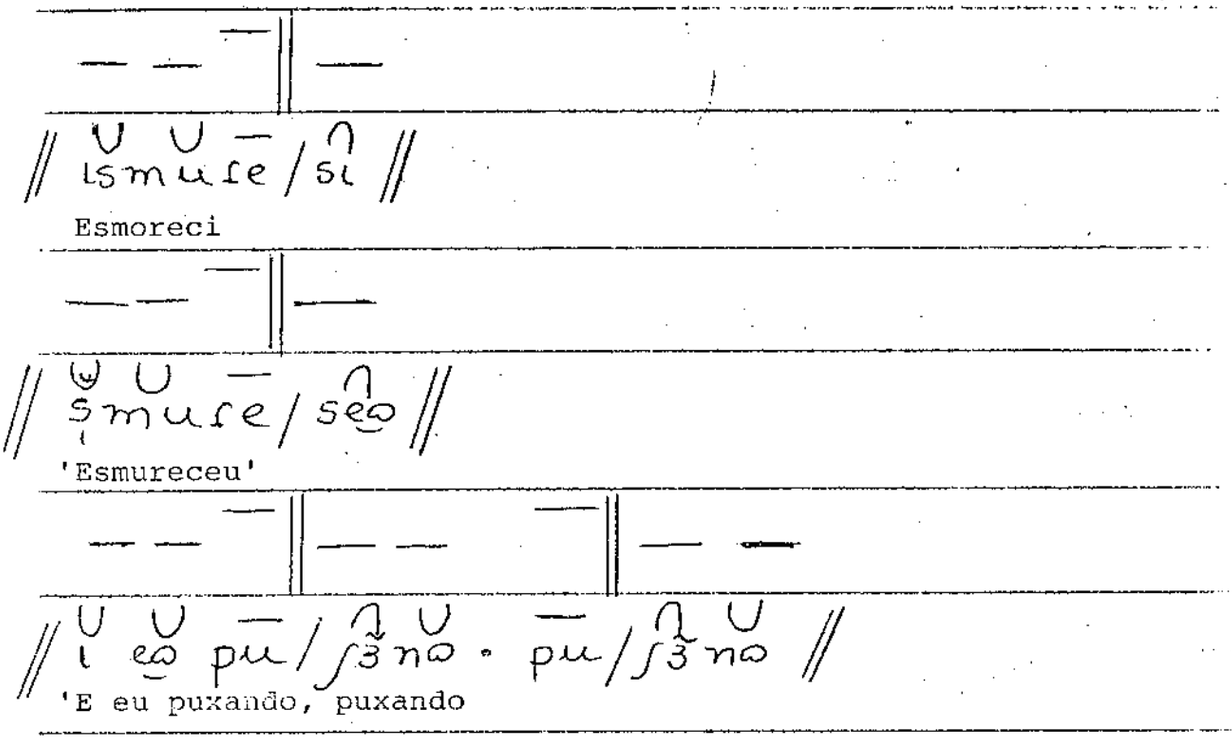
'Que eu senti, que podia ser problemá .do



'Estômago'



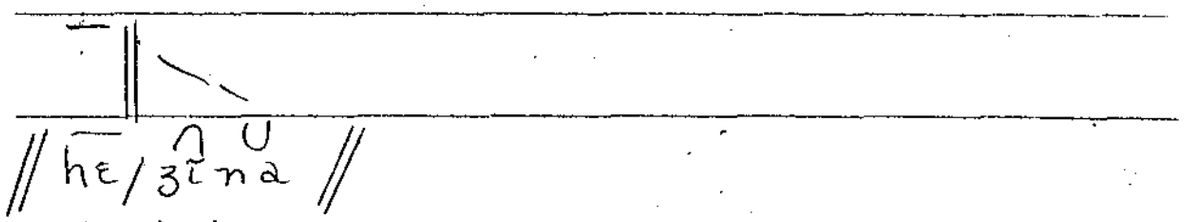
'Eu saí para o Mulato'



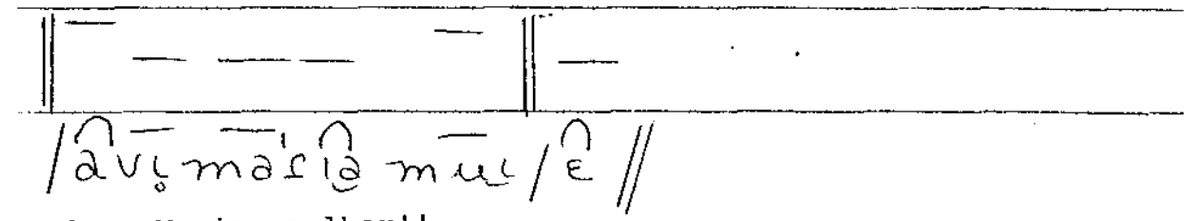
Esmoreci

'Esmureceu'

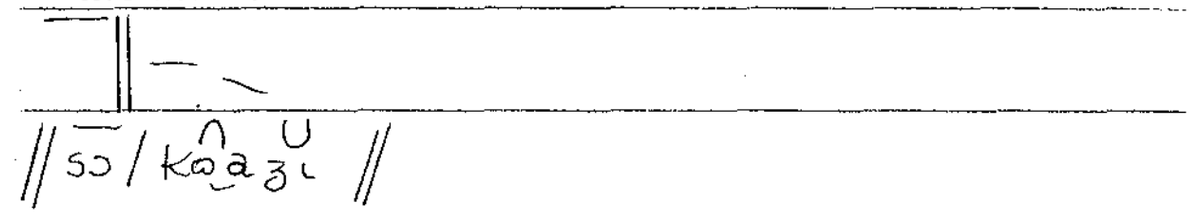
'E eu puxando, puxando



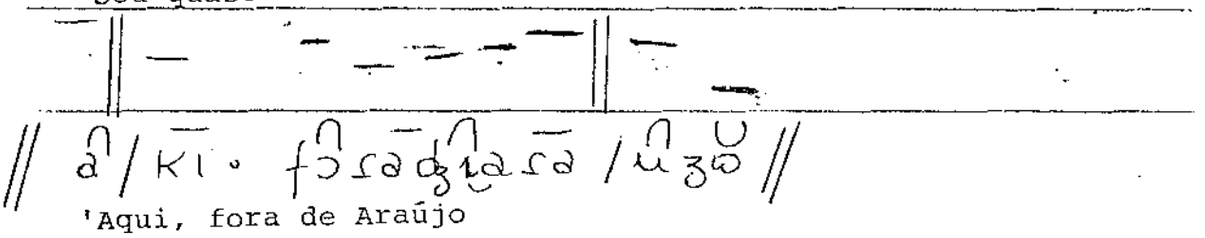
'Regina'



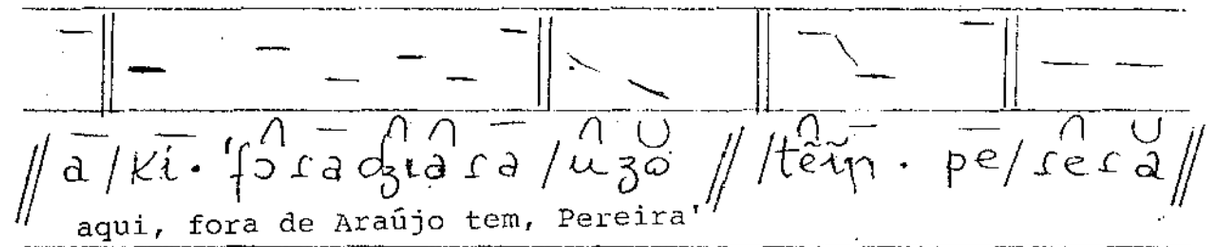
'Ave Maria, mulher!'



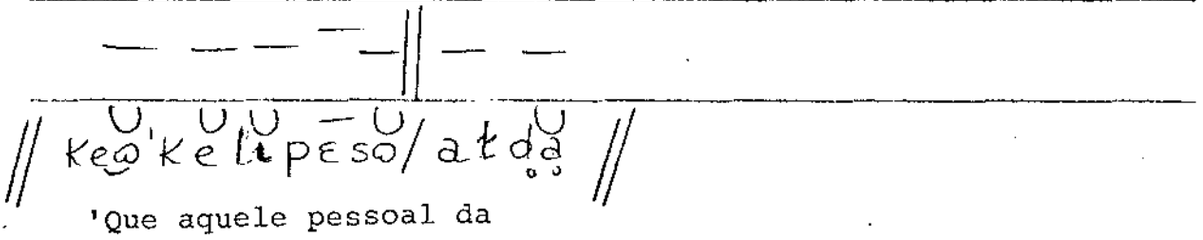
'Sou quase'



'Aqui, fora de Araújo



aqui, fora de Araújo tem, Pereira'



'Que aquele pessoal da

/mɔɾa //

mora

// a'ki'nɛsɪʂ/ tɾada . ta / hẽnʊ //

aqui nessa estrada. Está vendo?

/sĩɲ //

sim.

// dʒibẽɲ da'li dʊ /'gɾupʊ . pɾa /sĩma //

'De bem dali do Grupo, para cima

// ɛpe/ɾeɾa //

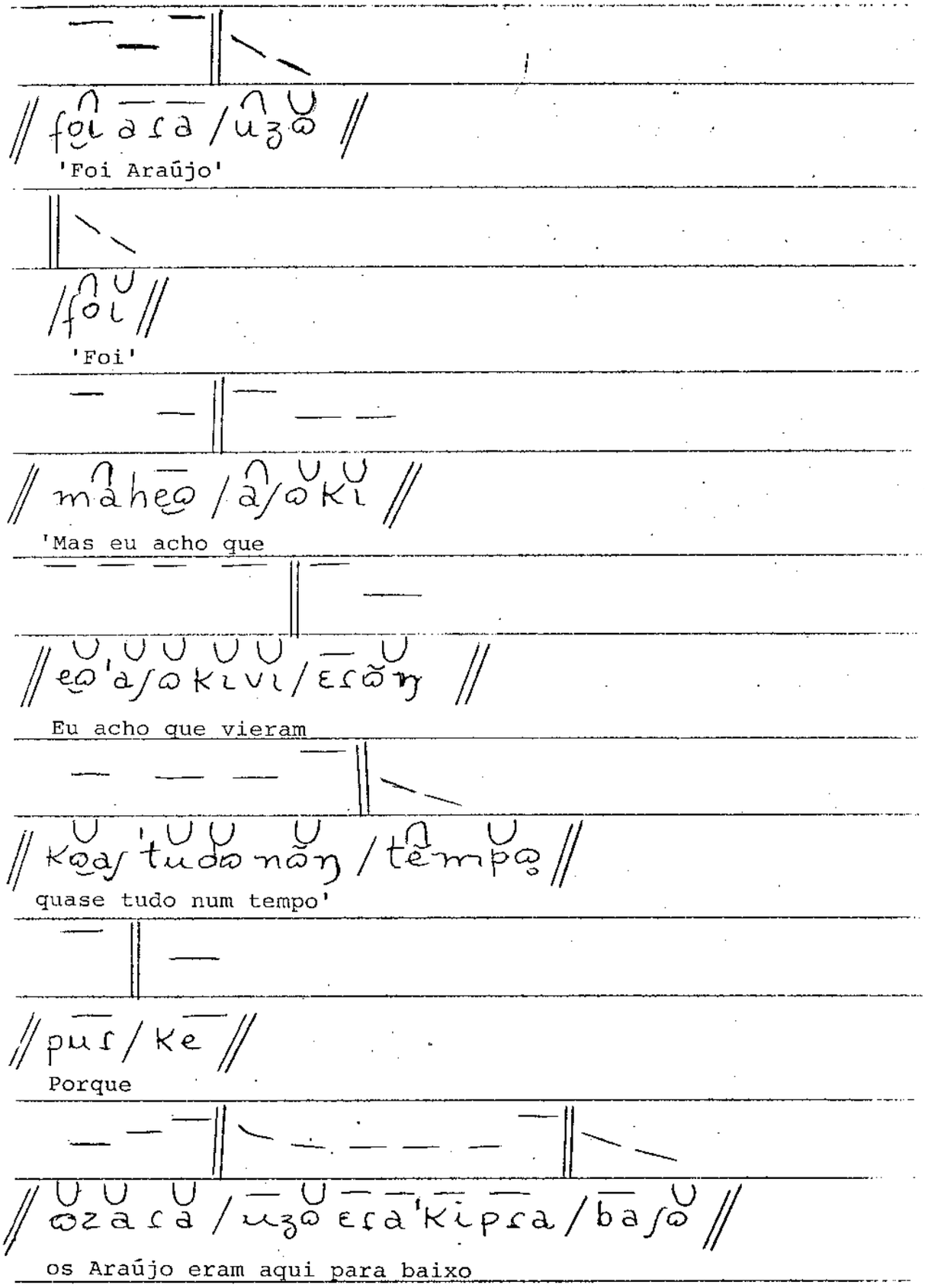
é Pereira'

// ɛ a'mehmą /mɜ̃ɪ //

'É a mesma mãe'

// ta/ hẽnʊ //

'Está vendo?



'Foi Araújo'

'Foi'

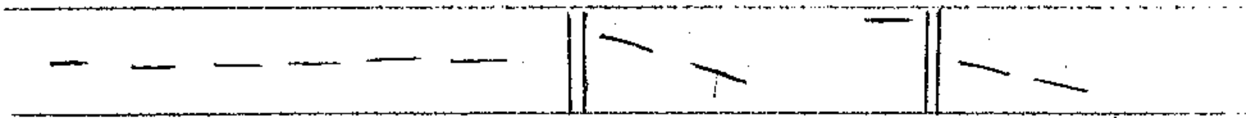
'Mas eu acho que

Eu acho que vieram

quase tudo num tempo'

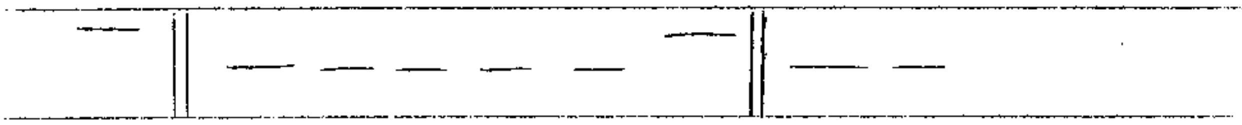
Porque

os Araújo eram aqui para baixo



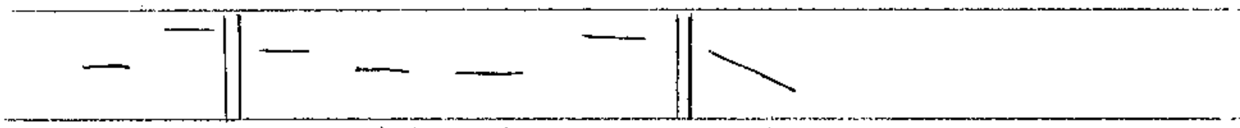
// i. wõmɐ̃nɛo bɛhnah / dʒĩno . ĩɲ / sĩma. //

'E o Manoel Barnardino, em cima'



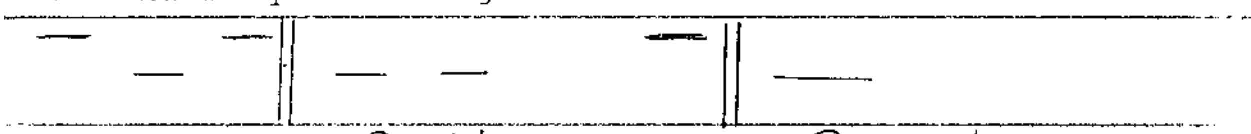
// mui / ɛ sõ da'fɐ̃mia doh / gõmi //

'Mulher, sou da família dos Gomes'



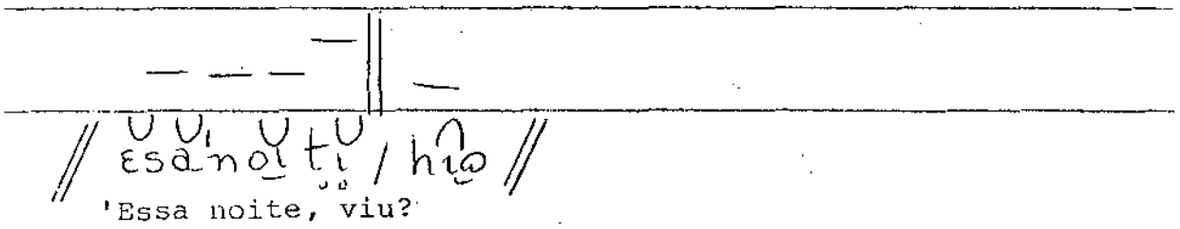
// 'vĩmɔ / ʃa'kinõh brɛ / ʒĩɲ //

'Vim morar aqui nos Brejinhos

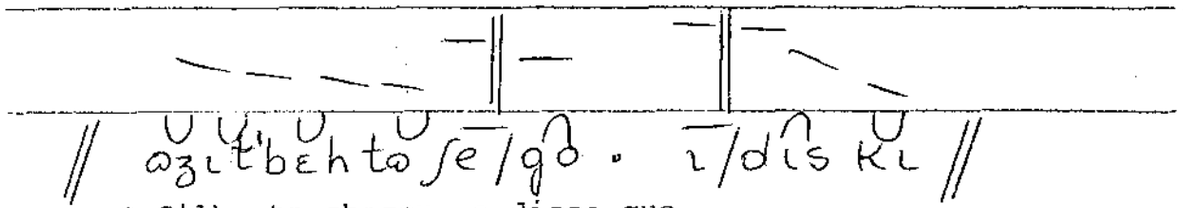


// 'tẽãŋih / 'mɐ̃ãŋ . tɐ̃m / bẽiɲ //

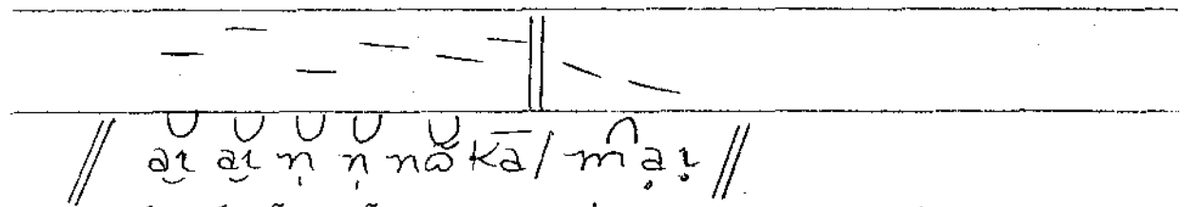
'tenho um irmão, também



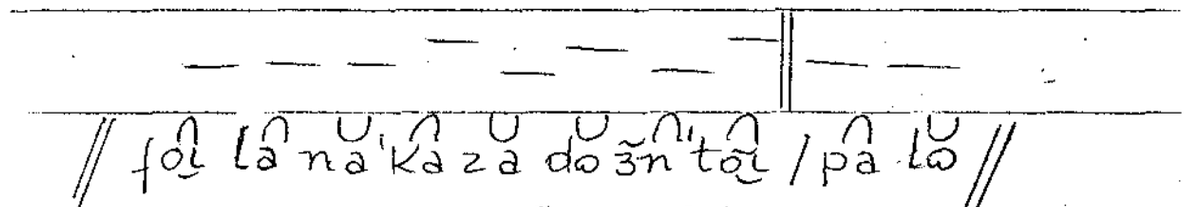
'Essa noite, viu?



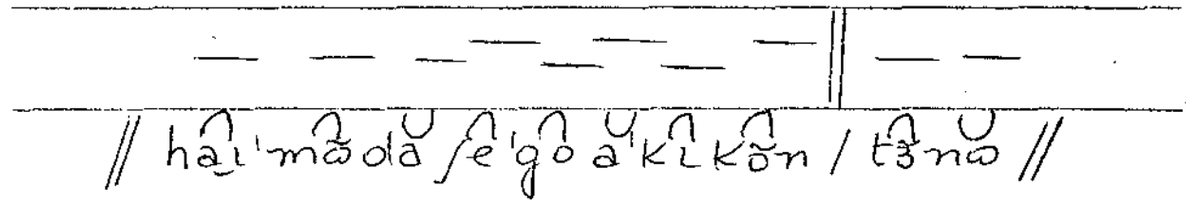
O Gilberto chegou, e disse que



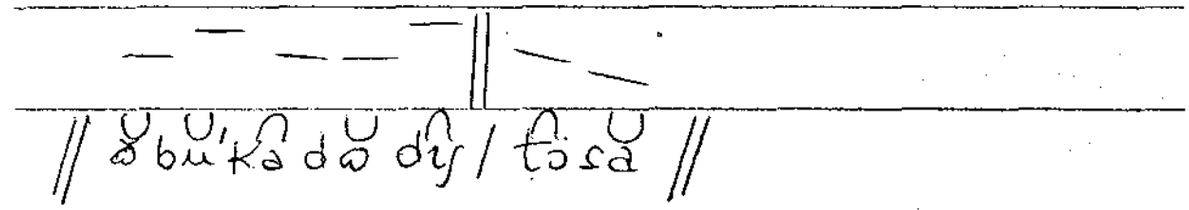
aí, aí não, não, nunca mais.



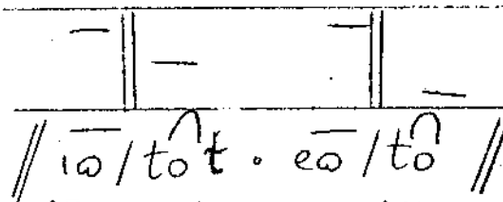
'foi lá na casa do Antônio Paulo'



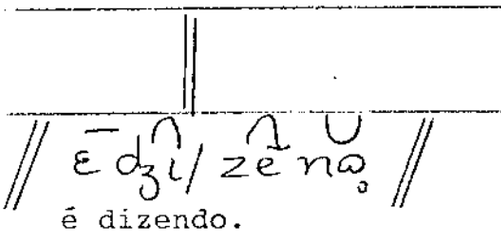
'Raimunda chegou aqui contando'



um bocado de estórias'



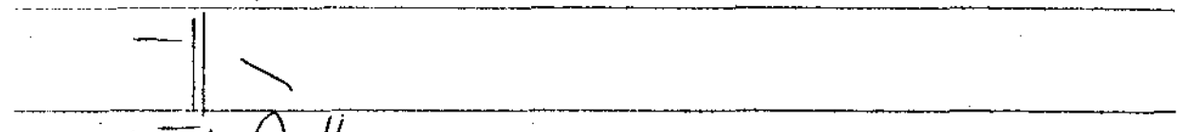
'E eu estou, eu estou



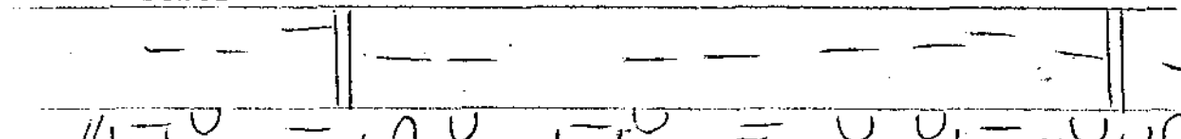
é dizendo.

'Cadê moça branca?'

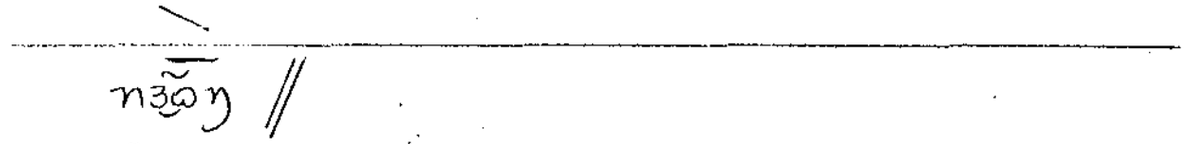
'Você tem, minha filha, um gole dágua para a gente?



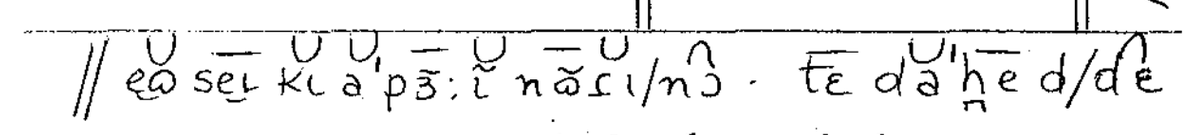
'Beber'



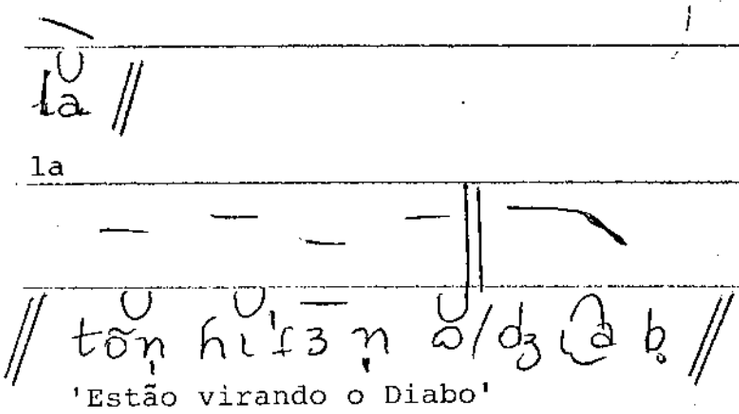
'Ave Maria! Ela não é para se levantar'



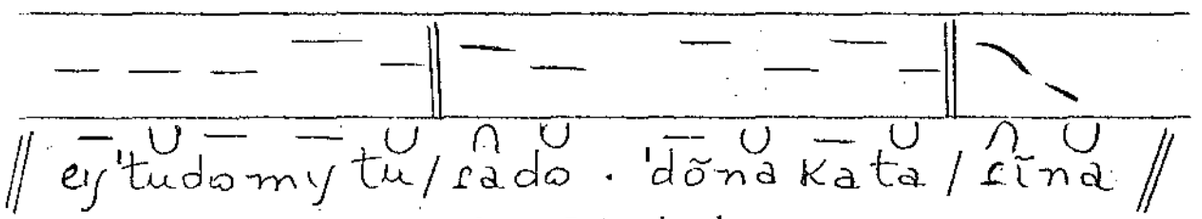
não



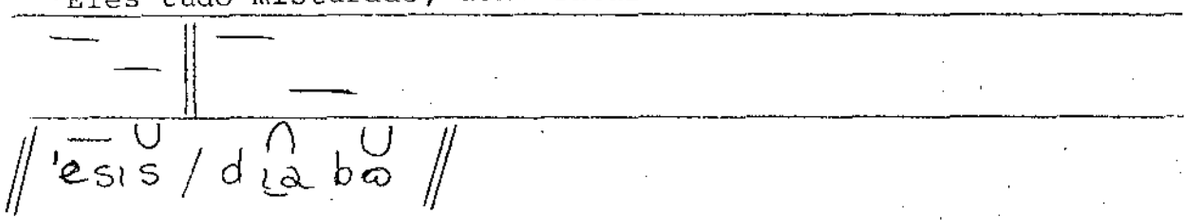
'Eu sei que apanho o urinol até na rede de-



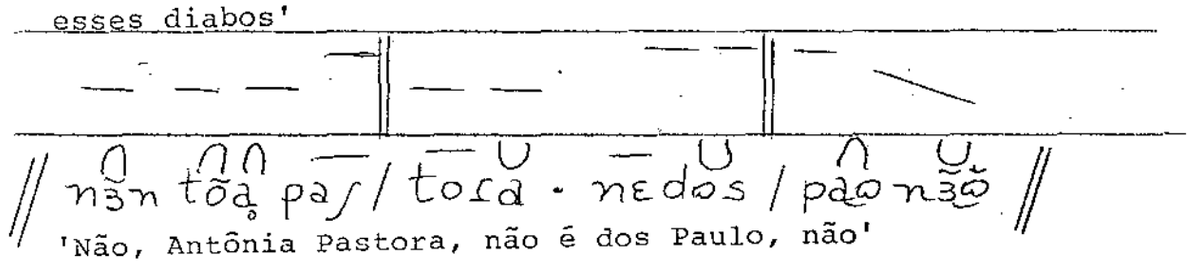
'Estão virando o Diabo'



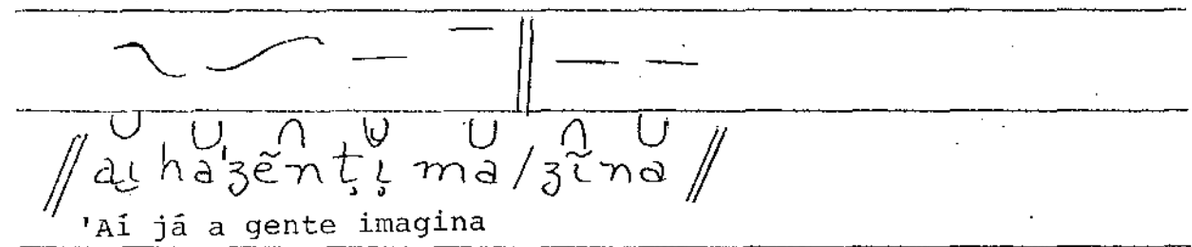
'Eles tudo misturado, dona Catarina'



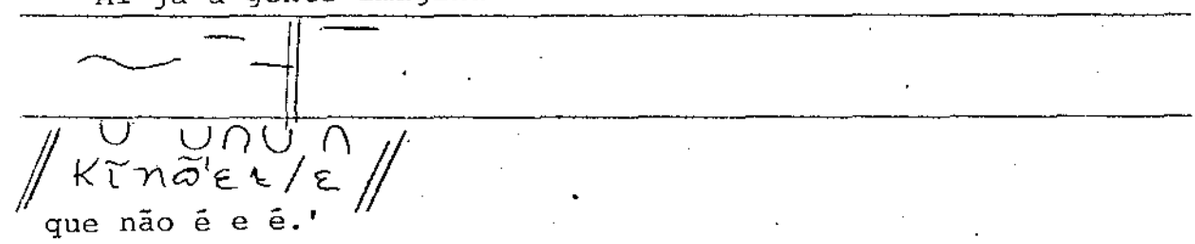
esses diabos'



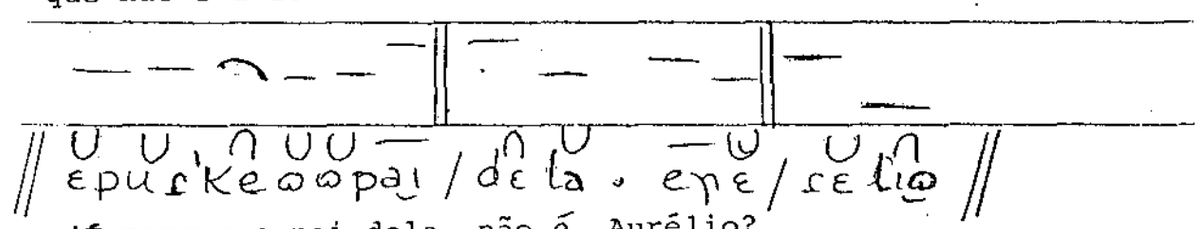
'Não, Antônia Pastora, não é dos Paulo, não'



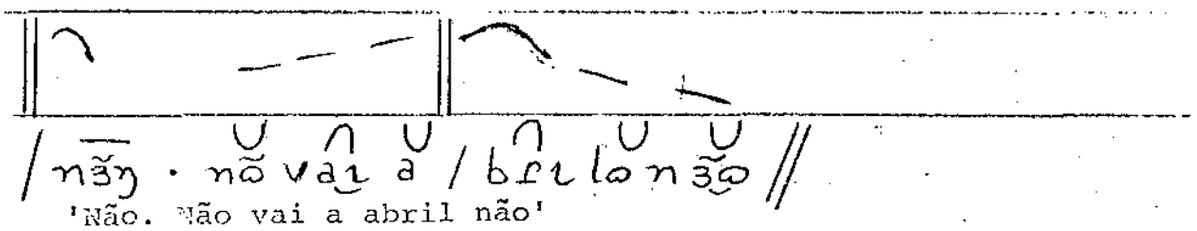
'Aí já a gente imagina



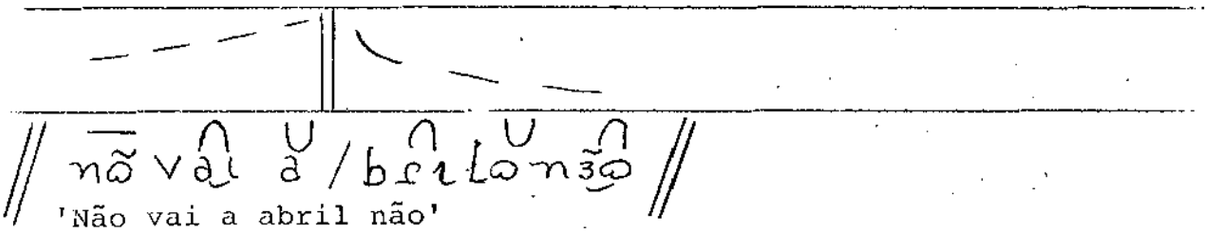
que não é e é.'



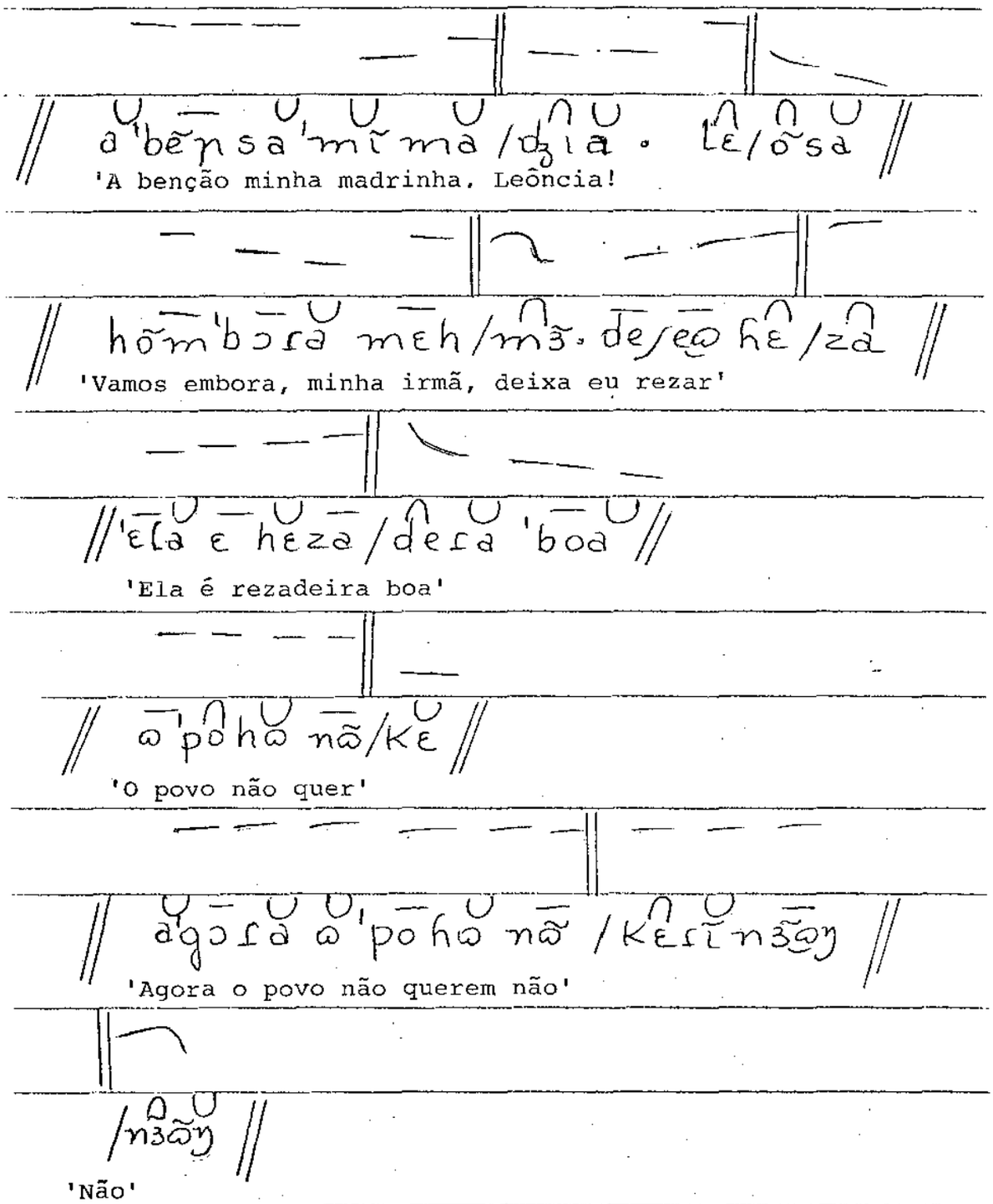
'É porque o pai dela, não é, Aurélio?



'Não. Não vai a abril não'



'Não vai a abril não'



'A benção minha madrinha, Leôncia!

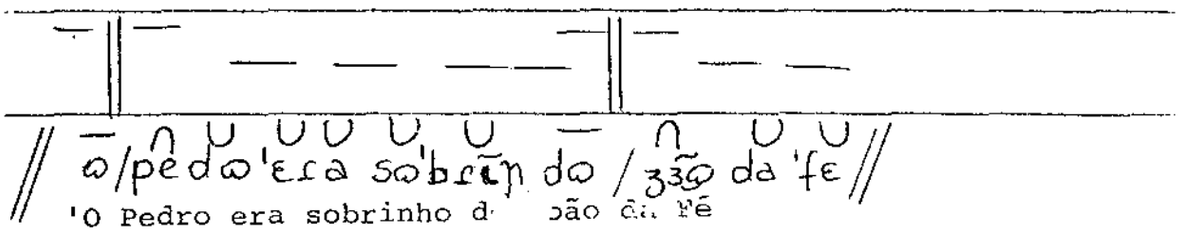
'Vamos embora, minha irmã, deixa eu rezar'

'Ela é rezadeira boa'

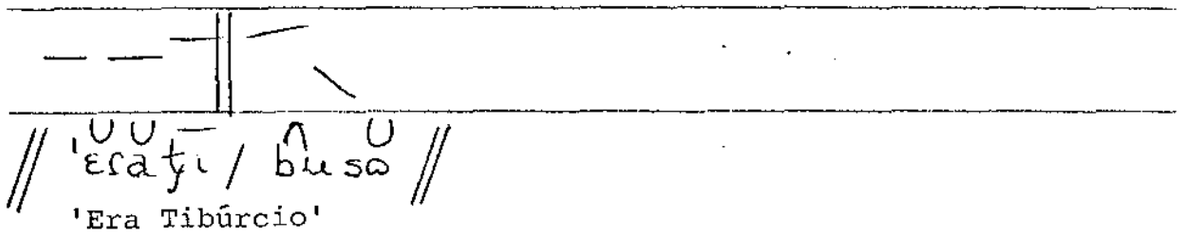
'O povo não quer'

'Agora o povo não querem não'

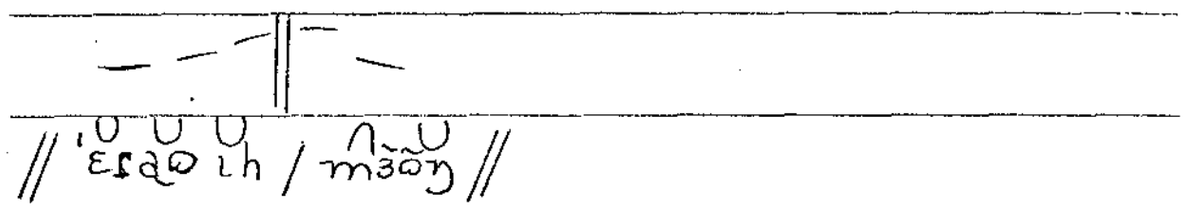
'Não'



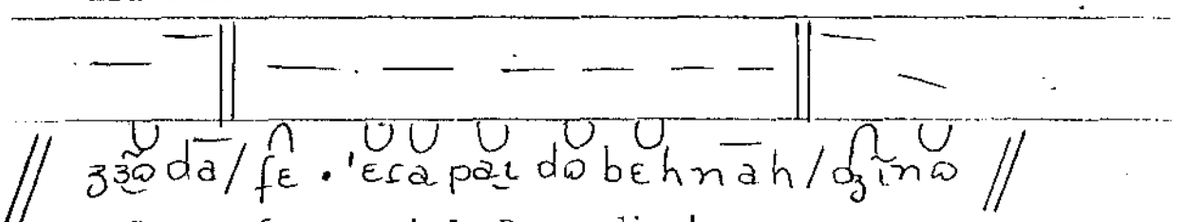
'O Pedro era sobrinho d[illegible] ão [illegible] Fé



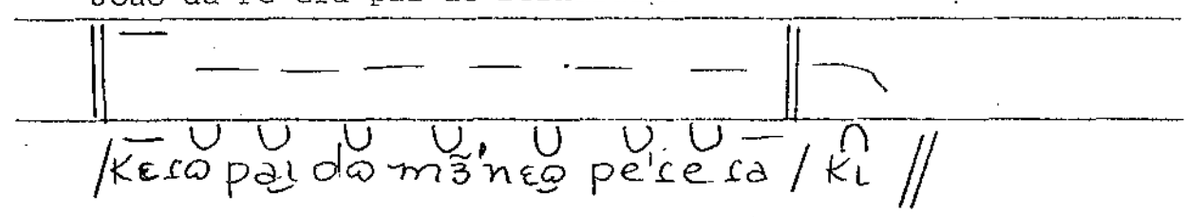
'Era Tibúrcio'



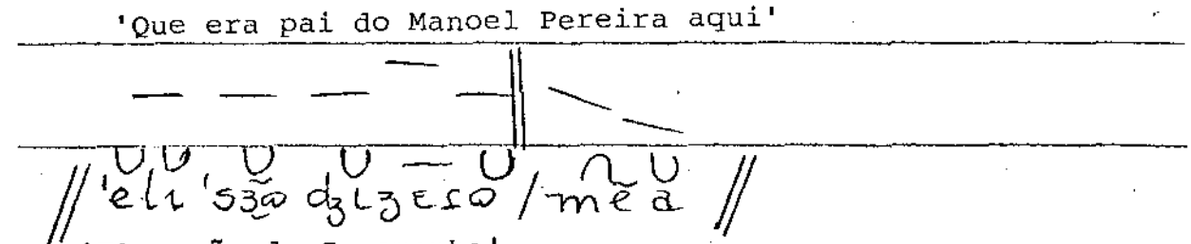
'Era o irmão'



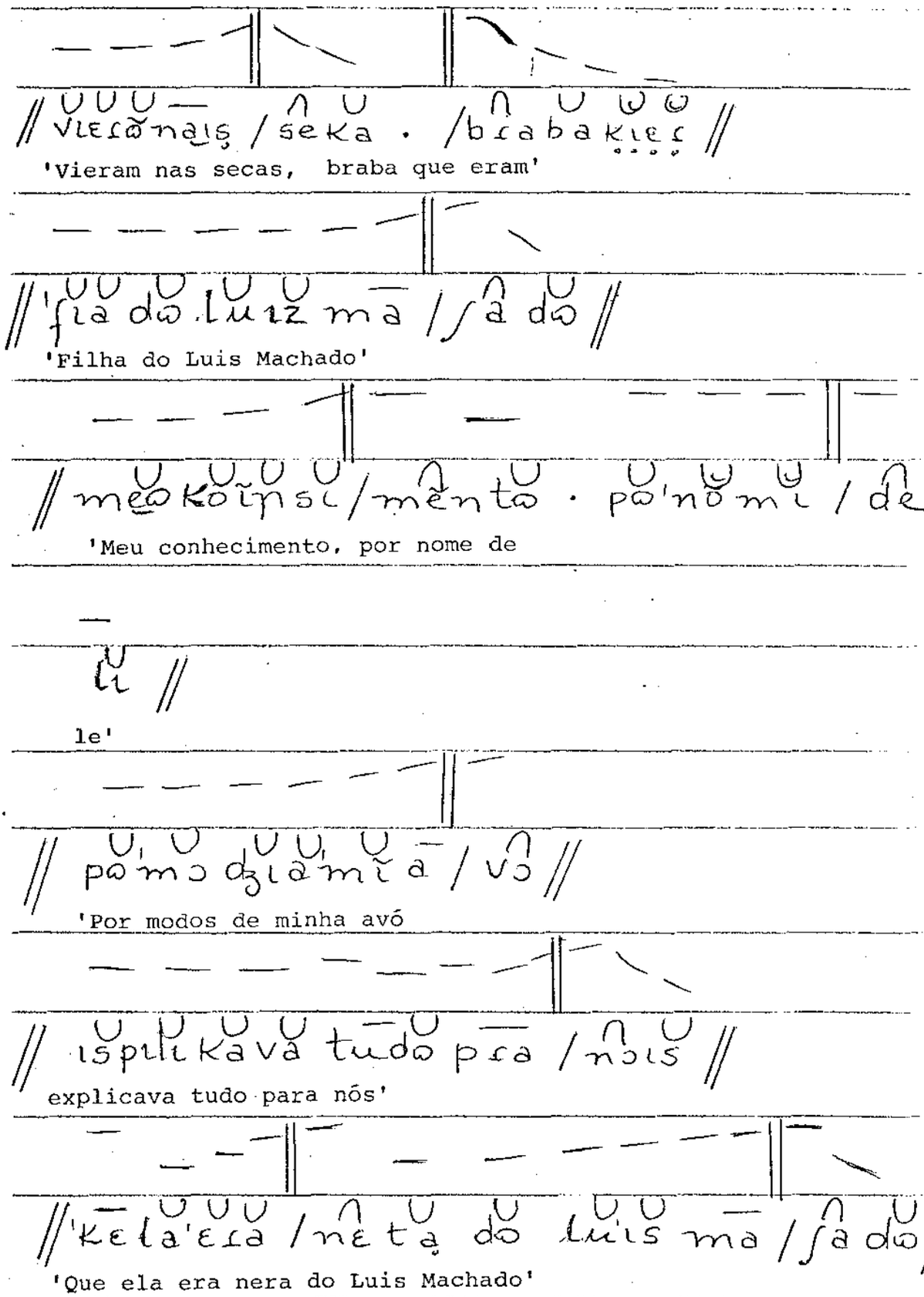
'João da Fé era pai do Bernardino'



'Que era pai do Manoel Pereira aqui'



'Eles são de Jeromenha'



'Vieram nas secas, braba que eram'

'Filha do Luis Machado'

a

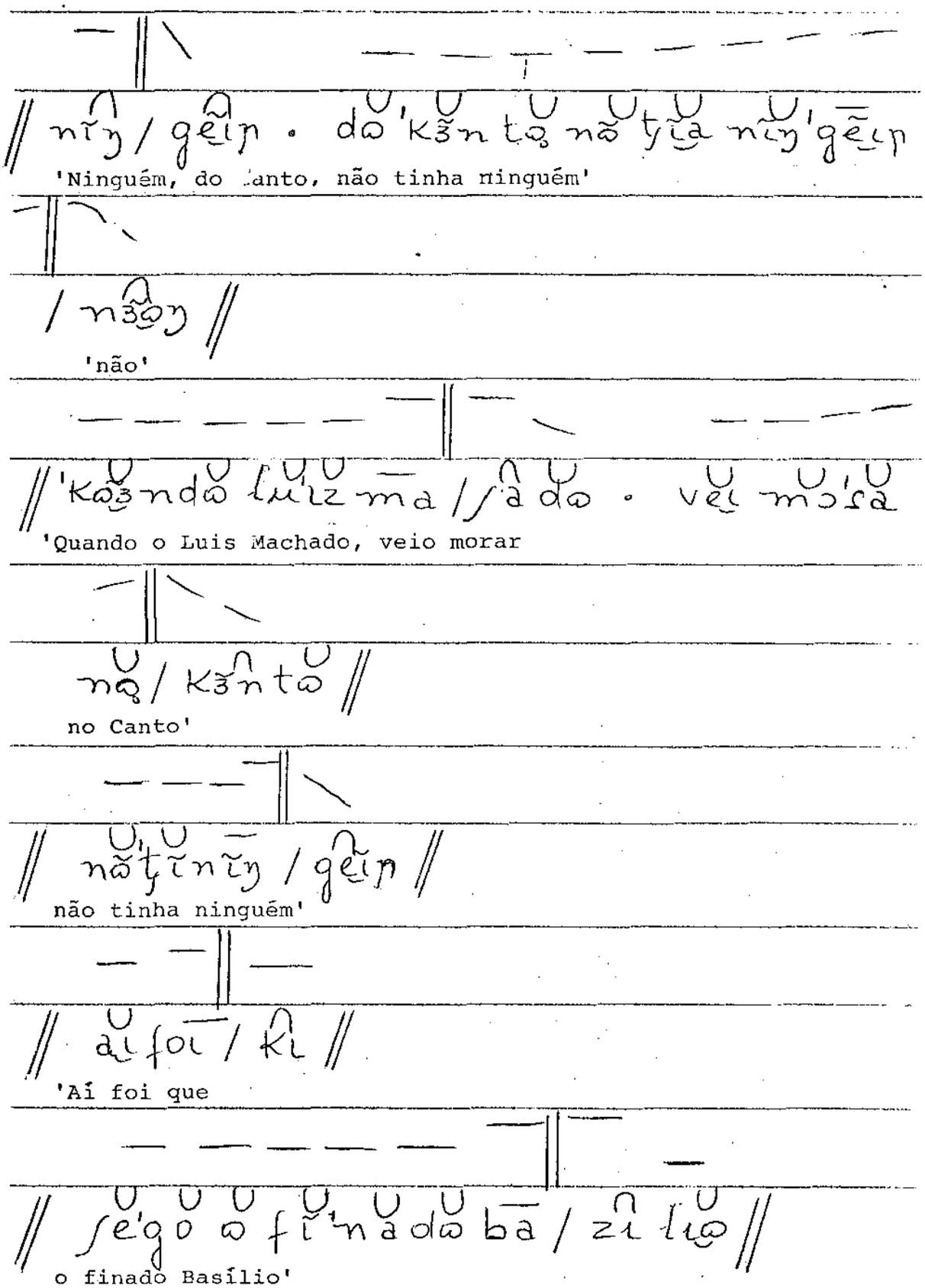
'Meu conhecimento, por nome de

le'

'Por modos de minha avó

explicava tudo para nós'

'Que ela era nera do Luis Machado'



'Ninguém, do canto, não tinha ninguém'

'não'

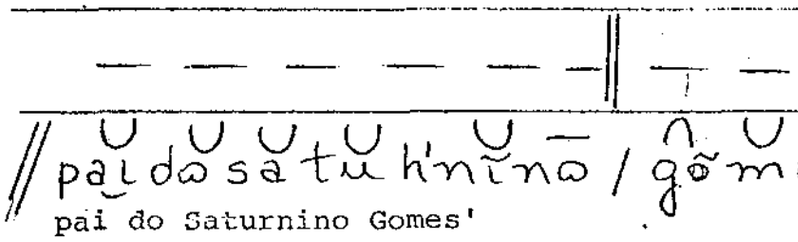
'Quando o Luis Machado, veio morar

no Canto'

não tinha ninguém'

'Aí foi que

o finado Basílio'



pai do Saturnino Gomes'